

JURANI O. CLEMENTINO

MEU VIZINHO

Babinaki

 eduepb

Babinaki 25.9.20



Universidade Estadual da Paraíba
Prof^a. Célia Regina Diniz | *Reitora*
Prof^a. Ivonildes da Silva Fonseca | *Vice-Reitora*



Editora da Universidade Estadual da Paraíba
Cidoval Morais de Sousa | *Diretor*

Conselho Editorial

Alessandra Ximenes da Silva (UEPB)
Alberto Soares de Melo (UEPB)
Antonio Roberto Faustino da Costa (UEPB)
José Etham de Lucena Barbosa (UEPB)
José Luciano Albino Barbosa (UEPB)
Melânia Nóbrega Pereira de Farias (UEPB)
Patrícia Cristina de Aragão (UEPB)



Editora indexada no SciELO desde 2012



Editora filiada a ABEU

EDITORA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
Rua Baraúnas, 351 - Bairro Universitário - Campina Grande-PB - CEP 58429-500
Fone: (83) 3315-3381 - <http://eduepb.uepb.edu.br> - email: eduepb@uepb.edu.br

Jurani O. Clementino

MEU VIZINHO

Babinski!



Campina Grande - PB
2025



Editora da Universidade Estadual da Paraíba

Cidoval Morais de Sousa (*Diretor*)

Expediente EDUEPB

Design Gráfico e Editoração

Erick Ferreira Cabral
Jefferson Ricardo Lima A. Nunes
Leonardo Ramos Araujo

Revisão Linguística e Normalização

Antonio de Brito Freire
Elizete Amaral de Medeiros

Assessoria Editorial

Eli Brandão da Silva

Assessoria Técnica

Thaise Cabral Arruda

Divulgação

Danielle Correia Gomes

Comunicação

Efigênio Moura

Depósito legal na Câmara Brasileira do Livro - CDL

C626m Clementino, Jurani O.

Meu vizinho Babinski [recurso eletrônico] / Jurani O. Clementino ; prefácio de Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio. – Campina Grande : EDUEPB, 2025.
320 p. : il. color. ; 15 x 22 cm.

ISBN: 978-65-5221-090-6 (Impresso)
ISBN: 978-65-5221-091-3 (14.970 KB - PDF)
ISBN: 978-65-5221-089-0 (27.865 KB - Epub)

1. Biografia - Maciej Antoni Babinski. 2. Trajetória de Vida - Maciej Antoni Babinski. 3. Maciej Antoni Babinski - Artista Plástico. I. Título.

21. ed. CDD 927

Ficha catalográfica elaborada por Fernanda Mirelle de Almeida Silva – CRB-15/483

Copyright © EDUEPB

A reprodução não-autorizada desta publicação, por qualquer meio, seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

SUMÁRIO

PREFÁCIO

**O POLONÊS ERRANTE E O SERTÃO QUE ACOLHEU
SUA ALMA, 9**

INTRODUÇÃO, 12

**PRÓLOGO – “DE ONDE VOCÊ CONHECE O
BABINSKI?”, 17**

O POLONÊS DE VÁRZEA ALEGRE, 20

BABINSKI ESTAVA GAIATO, 24

**“DIZEM QUE NO BRASIL AS PESSOAS SÃO
HIPERSEXUALIZADAS”, 34**

BABINSKI E A UNB, 46

“SÃO PAULO FOI UMA MÃE PARA MIM”, 54

BABINSKI, O PINTOR DE UBERLÂNDIA, 64

“VOCÊ QUER SE CASAR COMIGO?”, 78

BRASÍLIA, UM GOL VERDE, VÁRZEA ALEGRE..., 84

O EX-VOTO, 94

BLOCO DE IMAGENS - I, 99

**SEGUNDO ENCONTRO COM BABINSKI, NOVEMBRO
DE 2024, 108**

LÍDIA, 112

O CASAMENTO RELIGIOSO, 120

A FESTA NO SÍTIO, 125

A CASA NO SÍTIO EXU E O AÇUDE DAS CARAÍBAS, 130

OS TELEVIZINHOS, 143
A NATUREZA INSPIRADORA, 147
“QUERIDA, EU VOU MORRER!”, 152
TÍTULOS E HONRARIAS VARZEALEGRENSES, 159
BABINSKI É HOMENAGEADO NA AVENIDA, 165
BLOCO DE IMAGENS - II, 170
O MELHOR AMIGO, 181
A DESCOBERTA DO CÂNCER, 185
RETRATOS E AUTORRETRATOS, 193
AFINAL DE CONTAS, QUEM NÃO GOSTARIA DE SER
RETRATADO POR ELE?, 199
FUTEBOL ARTE, 206
“BABINSKI NÃO É BURRO”, 210
ESPAÇO DE LIBERDADE, 219
COMPLETAMENTE CHAPADO, 224
O ÚLTIMO DOS MODERNISTAS, 230
BLOCO DE IMAGENS - III, 237
O CEARÁ DE BABINSKI, 249
AMIZADE, 258
“VOCÊS QUEREM QUE EU MORRA!”, 268
BABINSKI POR ELE MESMO: A ESTÉTICA DO
SOMBRIO, AS PAISAGENS E O ONÍRICO, 273
PARA ENTENDER BABINSKI, 282
BLOCO DE IMAGENS - IV, 291
AGRADECIMENTOS, 299
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS, 300
EXPOSIÇÕES: INDIVIDUAIS E COLETIVAS, 305

*Para Pedro Arruda.
Que você, assim como Babinski, tenha encontrado o seu
espaço de liberdade.*

A você, Lídia, o meu muito, muito, muito obrigado.

“Nenhum biografado existiu no vácuo, em um vazio histórico, desarticulado de tudo e de todos. Porém, na narrativa de uma vida, o contexto não pode se sobrepor ao personagem, sufocando-o, fazendo-o desaparecer em um tsunami de informações circunstanciais”.¹

“No caso de Maciej, vida e obra se confundem com a história do século XX, com as guerras, a intolerância, os exílios, os medos e as transgressões”.²

“Para mim, o Brasil continua sendo a vida que eu escolhi, eu não fui vítima de nada. Não tenho vergonha de nenhuma das minhas ações aqui, porque eu fiz todas as minhas escolhas com a cabeça erguida, não com o rabo entre as pernas. E acredito que muitos brasileiros vão entender o que eu estou falando”.³

1 Lira Neto (2022, pp. 68-69).

2 Carvalho, G. de. (2005, p. 73).

3 Gisel, A. (2006, p. 61).

PREFÁCIO

O POLONÊS ERRANTE E O SERTÃO QUE ACOLHEU SUA ALMA

Por Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio⁴

MACIEJ ANTONI BABINSKI. O NOME SOA EXÓTICO, DISTANTE, quase irreal. Mas por trás dessa sonoridade europeia, esconde-se uma história de vida tão rica e multifacetada quanto as cores que habitam suas telas. E para narrar essa saga, ninguém mais apropriado que Jurani Clementino, jornalista, cronista, e mais importante: um filho legítimo do sertão, um contador de histórias que carrega em suas veias a mesma paixão pela terra e pelas gentes que moveu Babinski a cruzar oceanos e fincar raízes em Várzea Alegre, Ceará.

Este livro não se propõe a ser apenas mais uma biografia. Pelo seu caráter, diríamos, íntimo aproxima-se daquilo que Sérgio Vilas Boas, chama de metabiografia, quando o biógrafo se coloca na narrativa. E com essa missão “Meu Vizinho Babinski” acaba por mergulhar na alma de um artista que, como um pássaro errante, voou por diferentes céus, provou diversos sabores e encontrou, no coração do Ceará, o porto seguro para sua arte e para seu espírito. E é através da pena habilitada de Jurani Clementino, um escritor que conhece como

4 Doutor em história Social pela USP com a tese “A invenção do Cavaleiro da Esperança: políticas da memória na construção biográfica de Luiz Carlos Prestes (1945-2015). Historiador, professor e escritor.

poucos os segredos e os encantos do sertão, que essa história ganha vida e nos transporta para um universo de cores, sons e emoções.

Nestas páginas, o leitor é convidado a acompanhar a trajetória de Babinski desde a infância em Varsóvia, na Polônia, marcada pela sombra da Segunda Guerra Mundial, até a consagração como um dos mais importantes artistas plásticos do Brasil. Uma jornada que o levou a cruzar oceanos, a experimentar diferentes culturas e a se reinventar a cada novo encontro.

Mas este livro não é apenas sobre os lugares por onde Babinski passou, que vão desde o Canadá à Brasília, mas também sobre as pessoas que marcaram sua vida. Dos amigos e colegas que o inspiraram e desafiaram, às mulheres que o amaram e o transformaram. Podemos dizer que cada encontro foi um tijolo na construção de sua identidade cultural. E, acima de tudo, a figura de Lídia, sua esposa, companheira e musa, que o acolheu em seu Ceará natal e lhe ofereceu o espaço de liberdade que ele tanto buscava. E é com a maestria de um escritor que domina a arte de contar histórias que Jurani Clementino nos apresenta esses personagens, revelando seus segredos, seus sonhos e seus medos.

Através de entrevistas, relatos de amigos e familiares, um diálogo com pesquisas anteriores e uma análise cuidadosa de sua obra, que este livro revela um Babinski multifacetado, que vai além dos clichês e das idealizações. Pois Jurani relata as complexidades do seu personagem, com seus múltiplos dilemas, vícios e contradições. Além de mostrar um Babinski artista, é possível conhecer um Babinski professor, amante, pai.

Assim, convido o leitor a conhecer parte da vida de Maciej Babinski, sua trajetória acidentada e redefinida a todo momento, guiado pela escrita sensível e clara de Jurani Clementino, que tão bem revelou em uma espécie de metabiografia,

um Babinski em estado de graça, liberto e integrado à sua Várzea Alegre.

Campina Grande, Paraíba, 3 de fevereiro de 2025.

INTRODUÇÃO

*“Todo artista, quanto mais artista, mais só. Mas, não solitário coitadinho, não. Só. Alone”.*⁵

ESTE NÃO É UM LIVRO APENAS SOBRE O BABINSKI. É UM RELATO sobre mim, sobre Várzea Alegre e a sua gente, sobre o Ceará, sobre o sertão. Trata de uma narrativa marcada por encontros e desencontros, encantamentos e frustrações, perdas e ganhos. Um livro sobre a vida como ela é: alegre e triste, prazerosa e angustiante. Foi escrito na dor. No meu momento de luto mais intenso. Inicialmente com a perda do meu pai, depois com o desaparecimento de outras tantas pessoas importantes para mim⁶.

Um esforço narrativo que persegue a trajetória de um polonês da Europa à América, do Canadá ao Brasil, do Rio de Janeiro à Brasília, de São Paulo à Minas, da Capital Federal ao solo seco e rachado da Caatinga cearense, de Várzea Alegre ao Sítio Exu. Maciej Antoni Babinski, um homem com a vida absolutamente marcada por traumas: a grande guerra, as traições, a mulher esquizofrênica, os encontros e desencantos da vida..., mas no final tudo virava arte. E, através dessa

5 Documentário *Babinski*, 2018, direção Daniel Babinski.

6 Francisco Aldo Clementino (meu pai biológico) faleceu aos 75 anos, em julho de 2024; Antônio Liandro da Silva (meu pai “adotivo” na Paraíba) faleceu aos 65 anos em janeiro de 2025 e Luís Custódio da Silva (meu pai acadêmico) faleceu aos 75 anos em fevereiro de 2025.

linguagem, ele expressava seus sentimentos, suas angústias, seus dramas particulares e seus pesadelos. Mas também reservava espaço para a beleza que o cercava: as paisagens de Araguari, as Juremas Pretas da Caatinga, as Buganvílias, as carnaubeiras, a Serra Negra, o céu, as nuvens, todos avistados da janela do ateliê em Várzea Alegre e reproduzidos em telas.

Foi na tentativa de construir em palavras o que Babinski pintava magistralmente com o seu pincel, que eu me desafiei a escrever este livro. Talvez seja a minha maneira particular de produzir arte. Uma arte que brotou, como várias telas de Babinski brotaram, do desafio cotidiano de sobreviver.

Para me ajudar nessa busca em compreender o artista Babinski, recorri a recortes de jornais, Entrevistas, catálogos de exposições, artigos, documentários, livros, realizei entrevistas com vários amigos, filhos e com a esposa Lídia, tudo registrado em horas e horas de gravação. Dois livros foram fundamentais para essa pesquisa: uma biografia publicada em 2005 pelo jornalista cearense Gilmar de Carvalho, intitulada de “Pequenas Horas - Babinski no Ceará”, e uma série de entrevistas publicadas em 2006, no livro “Maciej Babinski - entrevistas” da ex-aluna do polonês Gisel Carriconde Azevedo. Como os dois livros foram lançados basicamente no mesmo período e, portanto, as consultas a Babinski se deram na mesma época, percebe-se que a memória do artista plástico está muito viva, os relatos são longos e sinceros. Isso de certa forma me ajudou bastante a compreender suas opiniões, seus pontos de vistas e sua trajetória da Polônia ao Ceará. Reforço isso porque no momento em que comecei esse livro ele se encontrava com 93 anos de idade, um tanto quanto cansado e com dificuldades para lembrar com detalhes de momentos vividos no passado.

A ideia desse trabalho é destacar a importância de Várzea Alegre na obra do artista plástico polonês. Todas as pessoas

entrevistadas para esse livro se viram diante da seguinte questão: como você compreende a importância de Várzea Alegre na obra de Babinski? As respostas para essa questão se assemelhavam muito. Foram entrevistados o médico e amigo Drauzio Varella, a escritora e artista Gisel Carriconde, a empresária Eugênia Maia, os filhos do polonês, Daniel e Aniel Babinski, a colega de UnB Cíntia Falkenbach e a curadora de arte Dodora Guimaraes. Essas entrevistas tiveram em média a duração entre 40 minutos a duas horas. De maneira informal, conversei ainda com o jornalista e escritor Lira Neto, responsável por um caderno especial sobre Babinski, publicado em 1995, no Jornal O Povo, com os pais da Lídia, seu Júlio Epifânio e dona Maria das Dores, com a repórter do Caderno de Cultura do jornal Correio Brasiliense, Nahima Maciel, que escreveu várias reportagens sobre o polonês e com a doutora Bertha Alexandre, dentista do polonês em Várzea Alegre. Além disso pedi para amigos varzealegrenses como o médico Sávio Pinheiro e o advogado Idelci Costa que escrevessem algo sobre o amigo artista plástico. Eles me enviaram o texto e aproveitei trechos ao longo da narrativa.

Entre outubro de 2024 e abril de 2025 estive diversas vezes no Sítio Exu, em Várzea Alegre, conversando com Babinski e Lídia. As vezes ia para tirar dúvidas, (re)entrevistá-los, recolher material como recortes de jornais, catálogos das exposições, selecionar fotos das obras ou escolher imagens do arquivo pessoal para serem colocadas no livro. Lídia foi uma grande parceira desse projeto. Praticamente todos os dias (durante o processo de escrita do livro) a gente mantinha contato. Quase sempre para esclarecer algo e saber como eles estavam. Ela pouco interferiu no processo. Mas algumas vezes pedia que uma ou outra declaração feita por ela não fosse publicada no livro. Assim que o material bruto ficou pronto, antes de encaminhar para a editora, eu imprimi uma cópia,

levei até Várzea Alegre e entreguei para Lídia ler e autorizar a publicação do texto.

As várias e longas entrevistas feitas com Lídia e Babinski, foram transcritas uma por uma. Foi um trabalho exaustivo porque tive que conciliar a escrita desse texto, as transcrições das entrevistas, a leitura de livros, as pesquisas e dúvidas tiradas quase todos os dias com Lídia, via WhatsApp, com as aulas para sete turmas de graduação na Universidade Estadual da Paraíba - onde estava lecionando à época -, a orientação de cinco Trabalhos de Conclusão de Curso, e as atividades como Técnico em Comunicação Social e Digital junto a Secretaria de Agricultura Familiar e Desenvolvimento do Semiárido do Estado da Paraíba - SEAFDS, onde também atuava como bolsista Fapesq/PB.

A ideia de escrever sobre Babinski ressurgiu em 2024 durante uma visita que fiz à Várzea Alegre na companhia de um amigo de nome Pedro Arruda. Na oportunidade, levei-o para conhecer o artista plástico polonês. Depois daquele encontro, que vai ser melhor detalhado ao longo do livro, tivemos a ideia de escrever juntos essa biografia. Mas, infelizmente, um mês após iniciarmos as pesquisas e as entrevistas, o Pedro não pode dar continuidade ao projeto. Então, segui sozinho. Babinski tinha, de fato, se apossado de mim como um feitiço. Eu vivia o tempo todo pensando no texto, nas entrevistas, nas pessoas que deveriam ainda ser entrevistadas, nos livros e arquivos de jornais que ainda deveriam ser lidos, consultados... Era um envolvimento pessoal e profissional. Em tempo integral. Dia e noite. Acordava de madrugada e retomava o texto. Estava tomando uma cerveja, no fim de semana, e começava a rascunhar uma ideia, ali mesmo, na mesa do bar. Entre outubro de 2024 e abril de 2025, não teve um único dia em que eu não tenha lembrado, pesquisado, produzido algo

sobre Babinski. Foi uma experiência extremamente imersiva⁷.

Os professores Cidoval Morais, Michele Wadja, Bruno Gaudêncio e Marilda Menezes, contribuíram com o resultado final dessa pesquisa dando dicas, sugerindo leituras e fazendo análise do material antes de ser concluído. Do ponto de vista acadêmico e metodológico foram consultadas obras como “O desafio Biográfico – escrever uma vida” do historiador e sociólogo Francês, François Dosse; “A arte da biografia – como escrever histórias de vida”, do jornalista Lira Neto; “Manual de história oral”, da historiadora Verena Alberti; e “História oral e memória – a cultura popular revisitada”, do também historiador Antônio Torres Montenegro. Os artigos: “Uma metodologia para o estudo da memória”, da professora Marilda Menezes; e “A ilusão biográfica”, de Pierre Bourdieu também entram nessa lista.

Mas, antes de um livro acadêmico, essa é uma experiência pessoal que explora os afetos, as vivências e as memórias coletivas de uma gente: o povo do Cariri cearense, da zona rural de Várzea Alegre, do Sítio Exu. Local onde foi parar esse meu vizinho, um certo polonês de nome “esquisito” a quem todos chamam de seu “Matias”.

7 Sobre isso, Dosse (2022, p.14) ao citar Roger Dadoun (2000, p.52), chama de “possessão do biógrafo” pelo biografado. “Essa apropriação mergulha o biógrafo num universo de exterioridade. Em consequência da projeção necessária e exigida pela empatia com o tema, o biógrafo não só acaba modificado, transformado pela figura cuja biografia escreve, como passa a viver, durante o período de pesquisas e redação, no mesmo universo, a ponto de não conseguir distinguir o exterior do interior: ‘Sob a camada do ele, a placa do eu’”.

PRÓLOGO – “DE ONDE VOCÊ CONHECE O BABINSKI?”

EU E PRATICAMENTE TODO VARZEALEGRENSE DO DISTRITO do Canindezinho já ouvimos falar sobre “o polonês”. Contudo, diferente de muitos dos meus conterrâneos, eu já tinha alimentado o desejo de escrever a história dele. Mas em função de uma série de questões (trabalho, estudo, residir em outro estado, ter pouco contato com ele ou com sua esposa, etc) nunca coloquei em prática essa vontade. Em janeiro de 2021, fui convidado a gravar uma entrevista para uma série de reportagens especiais a serem exibidas posteriormente nas TV’s Paraíba e Cabo Branco, emissoras de televisão afiliadas a Rede Globo na Paraíba. A ideia era, na condição de professor e pesquisador da área, falar sobre essa relação entre a tevê e o público. Nesse contexto entraram no debate a figura do televizinho e as formas de sociabilidades urbanas e rurais com os antigos aparelhos de televisão instalados em praças públicas das pequenas cidades que causavam uma espécie de deslumbramento coletivo daqueles moradores.

A conversa seguiu apontando o contexto atual onde televisão e internet se integram permitindo uma maior interação com o público na produção de seus conteúdos, na elaboração de suas pautas e construção de suas rotinas. A entrevista estava marcada para o Museu de Artes Assis Chateaubriand, localizado no bairro do Catolé, em Campina Grande, cidade onde resido desde o início dos anos 2000. Mas, como o espaço

estava vazio, nos dirigimos até a FURNE (Fundação Univer-
sitária Regional do Nordeste), no centro da cidade, onde se
encontra o acervo do Museu Assis Chateaubriand. Embora
estivesse lá uma pesquisadora para falar da importância do
paraibano de Umbuzeiro para a implantação da televisão no
Brasil, o museu faz parte de outro projeto do magnata das
comunicações que pretendia interiorizar esses espaços para
além do eixo Rio-São Paulo.

Coincidentemente, dois anos antes, quando estive no Ce-
ará e visitei a casa do artista plástico polonês, Maciej Antoni
Babinski, e falei para ele que morava em Campina Grande, o
polonês de Várzea Alegre me perguntou se eu conhecia o Mu-
seu Assis Chateaubriand. Respondi afirmativamente e disse
que esse é um dos museus com um acervo mais valioso do
país, com obras de Pedro Américo, Cândido Portinari e Anita
Malfatti etc. Daí ele me disse:

- Olha, eu tenho umas duas ou três obras naquele museu.
Quando ele foi fundado me pediram e eu fiz duas aquarelas,
eu acho.

Depois me fez o seguinte pedido:

- Se você for lá, veja se essas obras ainda se encontram no
acervo.

Eu estava “lá” e consegui lembrar do Babinski e seu pedido
sobre as obras dele ali no acervo. A curadora do museu nos
acompanhava nessa entrevista para a tevê. E claro, aprovei-
tei para perguntar sobre os registros das obras do museu. Ela
me disse que estavam todos ali e de fácil acesso. Perguntei
se ela tinha conhecimento de alguma obra de Maciej Antoni
Babinski. Ela me disse,

- Eu acho que tem umas duas obras dele aqui.

E me perguntou assustada:

- Mas de onde você conhece o Babinski?

Respondi que ele era meu vizinho, lá no Ceará. E, claro que

ela ficou mais curiosa ainda.

- O Babinski mora no Ceará?

Disse que, pra ser mais exato, ele residia num sítio que fica praticamente ao lado da casa de meus pais. (Dei uma exagerada, né? Mas também não é tão longe. São menos de 10km de estradas de terra). Enfim, depois de muitas perguntas e surpresas (que coisa boa saber que ele tá vivo! Como foi parar no Ceará? E na sua cidade? Ele ainda está produzindo? Traz ele aqui etc etc), ela foi até o acervo e conseguiu não duas, mas três telas pintadas pelo nobre polonês morador de Várzea Alegre. Todas bem conservadas e armazenadas numa sala com controle de temperatura.

Fotografei todas elas e enviei, via WhatsApp, para Lídia, esposa do Babinski que mostrou para ele. O polonês se disse bastante feliz em rever as obras e agradecido por ter me lembrado de procurá-las. Detalhe, um desses quadros está registrado como o número 01 do acervo, datado do longínquo ano de 1963. Há mais de sessenta anos.

As curiosidades da curadora do MAC só alimentaram mais em mim o desejo de contar a história de Babinski em Várzea Alegre. Explicar, do ponto de vista do próprio artista como ele veio parar no Cariri cearense? Por que ele escolheu Várzea Alegre para morar? Como é sua rotina? O que tem acontecido no seu dia a dia ali na região sul do Ceará? Estas são algumas das muitas questões que pretendemos esclarecer nesse livro.

O POLONÊS DE VÁRZEA ALEGRE

“Sou o primeiro polonês que pisou aqui em Várzea Alegre. Primeiro cara que encheu uma casa de pintura. É um processo colonizador “⁸

DIZER QUE MACIEJ BABINSKI É VARZEALEGRENSE NÃO É NECESSARIAMENTE um exagero. Talvez seja modéstia afirmar que ele é famoso apenas numa pequena cidade de pouco mais de 40 mil habitantes, localizada no interior do Ceará. Babinski é mundialmente conhecido. Suas obras de arte são reverenciadas no mundo todo. Seu trabalho vai muito além de pintar aquarelas, paisagens, gravuras e quadros gigantes. Ele tem uma militância política com o sertão nordestino, com a experiência artística, com as questões sociais, com o Brasil.

Nascido em Varsóvia, centro-leste da Polônia, com passagem por várias partes do mundo, o artista morou no Rio de Janeiro, Brasília, São Paulo, Minas Gerais, Inglaterra, Canadá, França, Holanda, mas escolheu a minha cidade, Várzea Alegre, para residir. Isso há mais de 30 anos. De Várzea Alegre ele já recebeu todos os títulos e honrarias: Medalha Papai Raimundo, título de cidadão varzealegrense, homenagem em desfiles das escolas de samba... Mesmo discreto e reservado, Babinski virou uma estrela pop da “Terra dos Contrastes”. E com o seu jeito caladão de ser, meio ranzinza, irônico e por vezes engraçado, foi também se transformando numa espécie

8 Revista Entrevista. Universidade Federal do Ceará. 26 de junho de 2010.

de lenda local. Muitos varzealegrenses sabem da sua existência, mas nunca o viram pessoalmente. Referem-se a ele sempre como “Seu Matias - O polonês”. Sua casa, no Sítio Exu, distrito de Canindezinho, zona rural do município, parece uma galeria de arte. Suas obras estão espalhadas pela sala, quartos, cozinha, ateliê...

Eu e meu amigo Pedro estávamos a passeio por Várzea Alegre. Era a primeira vez que eu voltava a minha cidade natal depois da morte de meu pai⁹, em julho de 2024. Pedro foi uma figura importante e presente nesse doloroso processo de despedida do meu pai. Um ombro amigo com palavras sempre cuidadosas e consoladoras. Pegou na minha mão e me ajudou a seguir em frente. Saímos de Campina Grande ao raiar do dia 11 de outubro de 2024 e chegamos à Várzea Alegre por volta de onze horas da manhã. E antes de irmos para o sítio, onde minha mãe nos esperava para o almoço, paramos num barzinho de beira de estrada para tomarmos uma cerveja. Não era exatamente um barzinho qualquer. Era um balneário às margens de um açude, cercado por frondosas mangueiras e ladeado por serras. Uma delas, a Serra Negra, tantas vezes reproduzida por Babinski. Uma espécie de oásis em meio aquela vegetação seca. Pedimos uma cerveja e começamos a conversar sobre Várzea Alegre.

Foi quando comentei com Pedro sobre a presença de um artista plástico polonês no meu município. Para minha surpresa, Pedro conhecia o Babinski. Disse que tinha estudado numa escola Marista, no interior de Pernambuco, e na disciplina de artes as obras de Maciej Babinski eram apresentadas aos alunos. Ele nunca esqueceu daquela cartilha. Nem dos traços do artista. Ficou tão perplexo com a informação de que o polonês estava logo ali, que imediatamente propôs visitá-lo. Eu não

9 Francisco Aldo Clementino (1950-2024) faleceu em 31 de julho vítima de câncer.

criei muitas expectativas sobre essa visita porque tratava-se de um cidadão de 93 anos de idade, de audição comprometida e mobilidade também limitada. Mas decidi enviar uma mensagem para a esposa dele, Lídia, e sem a menor esperança de uma resposta positiva fui surpreendido com a seguinte frase imperativa: “Olá, Jurani, será uma alegria receber vocês. Pode marcar. Se quiser vir amanhã! O Babinski fica mais disposto na parte da manhã. Venha amanhã umas 9:30 que ele, nesse horário, costuma estar mais espertinho”.

Ficamos eufóricos com a atenção de Lídia em nos receber e, portanto, não devíamos nos atrasar. No dia seguinte, chegamos religiosamente no horário definido e fomos recebidos por ela que, muito prestativa, passou a conversar com a gente sobre os mais diversos assuntos, inclusive sobre um traumático assalto que os dois sofreram no ano de 2020. Lídia é uma senhora muito simpática, de fala articulada e períodos textuais bem construídos. Ela detalhava o assalto e a gente reconstituía as cenas nas nossas cabeças. A tortura psicológica promovida pelos ladrões que os mantiveram reféns por horas e horas dentro da própria casa. Tudo narrado com uma riqueza de detalhes como um roteiro de filme de ação hollywoodiano. A chegada dos bandidos, a abordagem, as ameaças, a procura por dinheiro, armas e joias, a casa revirada, Babinski com uma pistola automática na cabeça, as obras de arte reviradas por toda a casa, a prisão deles num banheiro, a fuga dos bandidos, a tentativa do casal de pedir socorro, sair do banheiro, enfim... uma cena triste que permanece muito viva na memória de Lídia. “A todo momento eles diziam: cadê as armas? Nós queremos as armas. E eu respondia: não tem armas. Cadê o dinheiro? Onde fica o cofre? E eu respondia: não tem cofre. O ser humano é muito louco”. Concluiu

Falaremos mais detalhadamente sobre esse assalto um pouco adiante, no capítulo “Querida, eu vou morrer”. Agora

gostaria de descrever o nosso primeiro encontro com Maciej Antoni Babinski, naquela manhã de 12 de outubro de 2024, dia de Nossa Senhora Aparecida, padroeira do Brasil.

BABINSKI ESTAVA GAIATO

*“A rigor, ao biografar alguém, biografa-se também o contexto”
(Lira Neto, 2022, p 66)*

DEPOIS DE QUASE UMA HORA DE CONVERSA SEM A PRESENÇA de Babinski, Lídia vai buscar o marido para nos receber. Traz empurrando-o numa cadeira de rodas. O polonês estava vestido com um short curto com estampas e uma camisa branca. Chega simpático e logo nos cumprimenta sorridente. Lídia diz para ele que sou escritor, poeta, jornalista, biógrafo do compositor Zé Clementino, que sou de Várzea Alegre, mas moro em Campina Grande, Paraíba. Explica que o motivo da nossa visita era meu amigo que queria visitá-lo. Cumprimen- tou-nos com um aperto de mão. Pedro, o meu amigo, arrepiou todos os pelos do corpo ao tocar a mão direita de Babinski. Eu achei aquilo muito forte, bonito e poético. Começamos a conversar. Um papo onde tudo era permitido. Babinski esta- va muito gaiato. Numa expressão jovial, ele estava “tirando onda”. Comentou sobre a passagem dele pelo Canadá, a des- coberta do Brasil com seus artistas plásticos, a chegada dele ao Rio de Janeiro, na década de 1950, na companhia de uma mulher que veio com ele, Fernande Saint-Martin, “Era uma intelectual existencialista, seca”¹⁰, foi a primeira mulher com quem eu vivi. Eu tinha uns dezenove anos. Ela era uns quatro anos mais velha do que eu. A gente tinha um lance, mas já

¹⁰ Carvalho, (2005, p. 24).

estávamos em crise nessa relação. Ela não deveria ter vindo”.

Mas veio. Não só veio como causou traumas na cabeça do polonês, traiu o artista com um dos maiores nomes das artes plásticas brasileira: Augusto Rodrigues¹¹. “Augustinho”, diz rindo. Um pernambucano, primo de Nelson Rodrigues¹², que morava no Rio de Janeiro e acolheu Babinski em solo brasileiro. “Ele transava com ela no andar de cima enquanto eu dormia num sofá no andar de baixo. A gente morava ali perto do Quartel da Polícia Militar do Rio de Janeiro. Ela não foi legal comigo. Nem ele. Foi muito dramático pra mim”. Babinski diz que sofreu bastante com isso, mas que também foi bom. “Eu sou contra as pessoas que se vingam, destruindo os outros. Todo mundo tem a capacidade de destruir quando se sente ferido, mas tem que aprender a administrar isso na vida”.

Mas não foi isso que a Fernande fez. Quando a ex-companheira do polonês decide retornar para o Canadá, que era de onde eles tinham vindo, Babinski articula a volta dela e também aciona os contatos de amigos para recebê-la. Mas, a tal mulher passou a “cavar a cova” do artista para seus amigos. Falando mal dele. Difamando a sua imagem. Pergunto se os amigos deles tinham acreditado no que ela falava. Ele me diz em tom irônico e sorridente: “Eles já não eram mais tão meus amigos”.

Foi a última vez que o polonês viu a Fernande. ¹³ “Depois

11 Augusto Rodrigues nasceu no Recife em 1913 e faleceu no rio de Janeiro em 1993. Foi artista plástico e arte-educador brasileiro. Pioneiro na criação das escolas de artes plásticas para crianças no Brasil. Foi colaborador de jornais e de revistas como “O Estado de S. Paulo” e “O Cruzeiro”. Participou também da fundação dos jornais “Folha Carioca”, “Última Hora” e da revista “Diretrizes”.

12 Nelson Falcão Rodrigues foi jornalista, escritor, romancista, teatrólogo... Nasceu em Recife em 1912 e faleceu no Rio de Janeiro em 1980.

13 Após uma rápida busca na internet localizamos alguns dados biográficos da Fernande Saint-Martin. Ela nasceu em março de 1927. Fez graduação na

disso a gente nunca mais se viu. Eu sei que ela trabalhou como jornalista por um tempo e depois se tornou editora de uma revista feminina canadense chamada *Chatelaine*. Recentemente eu estive no Canadá e por acaso descobri que ela estava trabalhando no departamento de música da Universidade de Montreal. Engraçado, ela entendia muito de jazz, tinha uma formação intelectual sólida em música, mas daí a se tornar vice-diretora do departamento de música, eu achei extraordinário”.¹⁴ A decepção com a intelectual Fernande Saint-Martin, além de ter marcado a vida do polonês para sempre, possivelmente fez com que ele nunca mais namorasse nenhuma intelectual.

Ao ser questionado sobre o fato de suas três mulheres serem muito diferentes da sua primeira namorada, do ponto de vista da intelectualidade, Babinski responde o seguinte: “Vamos dizer que intencionalmente eu evitei o contato com as mulheres da classe média brasileira. Eu dirigi o meu interesse com todas as forças para não ser enquadrado no esquema burguês de casamento: terno, gravata, trabalho, filhos. Eu queria viver a vida de um artista e fui atraído pela beleza e pela vida pujante da cultura negra em todos os aspectos. (...). Acabei casando duas vezes com mulheres negras, com muito orgulho, e cada casamento durou dez anos.”¹⁵

Babinski nos contou alguns pormenores dessas aventuras

Universidade de Montreal e na McGill University. Sua carreira teve início na La Presse, em 1954, depois foi nomeada, em 1960, editora-chefe da revista *Chatelaine*. Ela se casou com o pintor Guido Molinari em 1958 e com ele teve dois filhos. Em 1972 Fernande foi nomeada diretora do Museu de Arte Moderna de Montreal. Crítica de arte, museóloga, semióloga, teórica de artes visuais e escritora canadense Saint-Martin faleceu em 11 de dezembro de 2019, aos 91 anos de idade.

14 Gisel, C. A. (2006, pp. 59-60).

15 Idem.

no Brasil com tantos detalhes que parecia um professor dando aula para sua turma. As vezes era traído também pela memória. Afinal são 93 anos de vida. Passava alguns minutos em silêncio até resgatar o fio da história e retomava novamente a narrativa exatamente de onde parou. Não se perdia nada durante essas pausas. Ele ainda construía frases e períodos poéticos, digno de um professor de português, mesmo sabendo que se trata de polonês poliglota. Ele domina além do português, o inglês, o francês e, claro, o polonês. Essa última língua, o artista passou anos sem exercitar. O trauma da guerra foi responsável por ele negar um pouco o polonês. Ele ganhou o mundo com seus pais devido as consequências da Segunda Grande Guerra. “A guerra me pôs para caminhar, e caminhar é muito gostoso”¹⁶. A Polônia foi o primeiro país devastado pelos soldados de Hitler. “Foi uma coisa completamente absurda”.

“Maciej Antoni Babinski nasceu em Varsóvia, a 20 de abril de 1931, pelos documentos da Igreja, ou no dia seguinte, de acordo com o registro civil. Dia de São Sulpício, Santa Inês e Santo Antonino, de onde pode ter vindo o Antoni”¹⁷. Sua família era dona de terras e imóveis na Polônia. Com a invasão nazista, seus pais perderam tudo e tiveram que fugir. “Justamente na semana em que a guerra eclodiu, meu pai tinha acabado de comprar uma casa. Nós estávamos de férias no campo, ele voltou para Varsóvia para fazer a mudança e, no dia seguinte, já estava de uniforme, pronto para a guerra. Quando voltamos para a Varsóvia ocupada, a casa, que era um sobrado com um porão, já havia sido parcialmente destruída pelos bombardeios alemães. Varsóvia foi destruída nas primeiras duas semanas de guerra.”¹⁸

16 Gisel, C. A. (2006, p 48)

17 Carvalho G. de. (2006, p. 11)

18 Gisel, C. A. (2006, p. 44)

Ao ser perguntado se sua família era de origem judia, Babinski fez o seguinte comentário: “Não. Católicos. Agora, es-carafunchando (*investigando*), descobre-se aportes judaicos na família, mas vou dar um exemplo muito próximo: (*é*) como aqui no Ceará (*que*) tem muitas famílias (*com*) gerações católicas, mas quando vão achar, tem alguém de Portugal. Por que veio de Portugal? Porque talvez era cristão novo e “*tetetete*”. Essa história do convívio dos judeus com os não-judeus, tanto aqui quanto na Polônia, é a história do País. Faz parte da história dos nossos países. Mas eu posso lhe assegurar que está todo mundo batizado, ninguém está circuncisado e por muitas gerações. Certo? É uma pergunta legítima, mas a resposta é não. (*risos*)”¹⁹.

A amiga Cintia Falkenbach disse que um dia “O Babinski me deu pra ler uma espécie de biografia do pai dele que ele e o irmão compilaram e tal, uma coisa que o pai deles escreveu. E o pai dele foi uma pessoa fantástica. Foi uma espécie, vou chamar assim Ministro da Agricultura na Polônia na época da Segunda Guerra. Então a história da família também é muito interessante”.

O pesquisador Gilmar de Carvalho, assim descreve a família Babinski. “O pai, Witold (Teófilo, em português), nascido em 1897 e morto em 1985, economista, especializou-se em gestão florestal. E atuou como militar durante a 2ª Grande Guerra. Era primo do médico François Félix Joseph Babinski, que entrou para a história da medicina pela experiência que ficou conhecida como ‘reflexo de Babinski’, com a qual, pela flexão do dedão do pé, podiam ser diagnosticados distúrbios neurológicos. A mãe, Zofia Fudakowska Babinska (1905), lembra uma figura de camafeu, no impresso que registra sua morte, em 1967”.

Com a invasão nazista, Babinski começa uma vida de

19 Entrevista alunos da UFC, outubro de 2010.

andanças com a família pelos países que abrigaram as pessoas que tiveram de se movimentar por causa da Guerra. Passaram por Holanda e França. “Um tio meu que era embaixador na Holanda e amigo pessoal da rainha Guilhermina²⁰, conseguiu, depois de uma interminável negociação com a Gestapo, autorização para a nossa saída da Polônia. (...) na fronteira da Alemanha para a Holanda o trem teve que apagar todas as luzes para passar. Eu me lembro que cheguei a fazer xixi nas calças, de medo”²¹. Babinski diz que entrar em território holandês foi uma festa. Aquele ainda era um país livre, mas essa felicidade durou pouco tempo, porque logo em seguida as tropas de Hitler invadiram a Holanda e mais uma vez precisaram fugir. Dessa vez passa a França, “onde finalmente encontramos meu pai”, lembra.

“O pai Witold ficou um tempo em Paris, na Rue des Invalides, e, cumprindo um périplo e um destino, a mulher e os filhos se instalaram numa casa próxima a Angers, onde o pai trabalhou para o Estado Maior do Exército polonês no exílio”²². Conforme detalhado acima, o pai de Babinski ficou em Paris e eles seguiram para uma cidade a oeste do país achando que os franceses iriam resistir, mas logo os alemães ocuparam a França e novamente tiveram que fugir. Encontraram apoio na Inglaterra.

“Embarcamos à noite num porto de pesca chamado Saint-Jean-de-Luz, no sul da França. O barco aportou em Liverpool e de lá seguimos para Londres. Passamos até o final da guerra na Inglaterra.”²³ Babinski tinha oito anos e meio quando a guerra começou. Diz que já conseguia perceber as coisas que

20 Nascida em 1880 Guilhermina Helena Paulina Maria foi Rainha dos Países Baixos (Holanda), de 1890 até sua renúncia em 1948. Faleceu em 1962.

21 Carvalho. G. de. (2005, p. 12)

22 Gisel, C. A. (2006, p. 45)

23 Idem.

aconteciam à sua volta. “Talvez não tivesse a capacidade de analisá-las, mas as emoções já estavam desenvolvidas – medo, alegria, contentamento, insegurança, tudo. E as recordações que eu tenho da guerra são exatamente uma mistura desses sentimentos”.²⁴

Mas é muito provável que essa noção “de desterritorialidade, de fuga permanente, pode ter marcado a criança, que não devia entender muito bem por que teriam, mais uma vez, de embarcar à noite, no porto de pesca...”.²⁵ E, de certa forma, essa mobilidade forçada impactou para sempre a sua vida. De Londres ainda seguiram para a Escócia. Porque o governo, aquela época, liderado pelo primeiro ministro, Winston Churchill²⁶, mandou retirar as crianças em idade escolar da região metropolitana de Londres e de todo o sul da Inglaterra, alvo dos aviões da *Luftwaffe*, (Força Aérea Alemã).

“... viajaram de trem até Edimburgo e, de lá, tomaram um ônibus para Aberlady, onde foram recebidos em um castelo do século XVI, transformado em abrigo coletivo por uma nobre que se tornou amiga da mãe dele, pelo resto da vida: Lady Hope, que, ironicamente, significa esperança...”²⁷ Retornou para Londres em seguida mesmo atormentado pelo barulho das bombas que tinham caído sobre a cidade e transformado prédios em ruínas.

Dos ingleses ganhou bolsa de estudos e teve uma formação da ordem dos beneditinos. “Em (19)46, eu completo o meu secundário no colégio de padres beneditinos no norte da Inglaterra. Então, passei a Guerra como estudante. Os padres

24 Gisel, C. A. (2006, p. 44)

25 Carvalho. G. de. (2005, p. 12)

26 Winston Leonard Spencer Churchill (1874-1965) foi um militar, estadista e escritor britânico que serviu como primeiro-ministro do Reino Unido de 1940 a 1945, durante a Segunda Guerra Mundial, e novamente de 1951 a 1955.

27 Carvalho. G. de. (2005, p. 12).

ingleses eram muito solidários. Eu estudei numa dessas escolas. Muito boa, por sinal. Só tinha gente da alta sociedade. Eu era bolsista porque meu pai ganhou uma bolsa e me colocou lá. Naquela época a gente já escolhia as disciplinas que gostaria de estudar. Se eu não gostasse de matemática e fosse mais ligado as artes, eu não precisava ter aula de matemática. E assim foi. Os professores também iam descobrindo a vocação dos alunos e encaminhando para determinadas áreas”, disse-nos Babinski explorando a memória como se dominasse um boi bravo na caatinga. Ele lamenta os lapsos de lembrança. Diz que já está velho para recordar de tudo, mas se recorda de muita coisa. É o que podemos chamar de um excelente contador de histórias. As lacunas que eventualmente a gente perceber que precisa de mais detalhes, vamos recorrer a uma série com nove entrevistas feitas com Babinski e publicadas pela artista plástica, amiga e ex-aluna do polonês Gisel Carriconde Azevedo.

Ele recorda muito bem que com o fim da guerra a vida na Europa ficou extremamente difícil. Especialmente na Inglaterra onde se encontrava com a família. Uma penúria, pouca comida, pouco trabalho, os soldados voltando a vida civil, o pai que estava servindo no exército foi dispensado e mandaram-no procurar emprego. “Nessa época, meu pai tinha mais de 45 anos, e estava competindo com jovens de dezenove, vinte anos, que também precisavam viver. Ele então achou melhor voltar para a França”.²⁸

Babinski não teria voltado com a família porque estava estudando. “Maciej ficou no Ampleforth College, dos monges beneditinos, em Yorkshire, onde foi iniciado na aquarela e na paisagem pelo frei Raphael Williams (1891/1973). Mais que um professor, era um artista, com uma pintura figurativa afinada com o modernismo dos anos 30, com sólida formação

28 Gisel, C. A. (2006, p. 47).

histórica e filosófica, tendo estudado em Oxford e também na Itália, país por onde viajou muito”²⁹. O religioso foi fundamental na formação artística de Babinski. Ainda hoje ele lembra que Frei Raphael levava os alunos, de bicicleta, para o campo, onde eram pintadas paisagens de pequenos formatos. “Era o início, atabalhado, de uma carreira artística que se consolidaria, de vez, ao longo da vida”³⁰.

Mas o pai de Babinski, Witold Babinski, não achava mais seguro viver na Europa. Voltar a Polônia nem pensar. Anularam todos os passaportes de antes da guerra. O governo ordenou que todos os cidadãos poloneses retirassem novas permissões para residir no país com restrições severas. Além disso, ocuparam o que sobrou das residências. O governo também tomou as terras de seu pai. Ficou inviável voltar à terra natal. Nunca mais Babinski pisou os pés em solo polonês.³¹ E nunca achou que deveria voltar. “Faz tempo que eu deixei de querer coisas que não posso ter”. Mas ainda carrega consigo lembranças afetivas do seu país de origem. A Polônia surge “Sempre linda na minha memória. Muita estrada arenosa, carroças, planícies. O rio Vístula que banha Varsóvia, os lagos poloneses, as propriedades rurais do século XIX, as florestas arenosas de pinheiros. O cheiro dos pinheiros no verão, as lindas flores nas árvores dos parques de Varsóvia. Varsóvia, uma cidade florida. Essas são as minhas lembranças”³².

Foi com essa triste memória afetiva de seu lugar de origem que Babinski, acompanhado de sua mãe Zofia, seu pai Witold e de seus irmãos Anna e Tomazs embarcam para o outro lado

29 Carvalho, G. de. (2005, p. 13).

30 Idem.

31 Há apenas um registro de que Babinski teria possivelmente voltado a Polônia. Em 1968, durante uma exposição coletiva na cidade de Cracóvia, 2ª Bienal Internacional de Gravuras. Gisel, C. A. (2006, p. 294).

32 Gisel, C. A. (2006, p. 47).

do Atlântico. O primeiro destino estava a mais de cinco mil quilômetros de distância. O Canadá. Mas as fotografias do Rio de Janeiro e aquele ar de país tropical, de gente “hipersexualizada” iriam logo em breve trazê-lo para o lado de baixo da linha do equador. O Brasil.

“DIZEM QUE NO BRASIL AS PESSOAS SÃO HIPERSEXUALIZADAS”

“O texto histórico não é o próprio passado, mas uma tentativa de reconstrução dele, uma refiguração – e não uma reconstituição – ordenada pela imaginação interpretativa do investigador a partir de indícios, resquícios, sinais” (Lira Neto, 2022, pp 75-76)

EM DEZEMBRO DE 1948, APÓS O FIM DA SEGUNDA GUERRA, A família de Babinski se muda para o Canadá. Mas as memórias do conflito o perseguiram por décadas. “Aqui no Brasil como nunca teve uma guerra, as pessoas não tem noção da magnitude que é, e o quanto modifica a vida das pessoas que a viveram, permanentemente. Eu vivi a guerra e levei mais de quarenta anos para não ficar tremendo quando começavam a falar dela. Ficava emocionalmente descontrolado mesmo. A Europa foi capaz de produzir duas grandes guerras em um espaço de vinte anos, duas guerras de uma mortandade cruel. Esse foi um dos motivos pelo qual eu dei as costas para a Europa, e meu pai também”.³³

Mas por que a família de Babinski decidiu pelo Canadá? O artista conta que um dos seus tios, que era diplomata e que havia trabalhado durante a guerra em Montreal, como embaixador do governo polonês em exílio, já morava lá. E que foi por insistência desse tio que seu pai acabou decidindo cruzar o atlântico. O tio de Babinski não somente tinha se mudado

33 Gisel. C, A. (2006, p. 39).

para o Canadá como havia levado consigo todo o acervo histórico da monarquia polonesa. Isso teria sido responsável por uma crise diplomática entre a Polônia e o Canadá.

“Com o final da guerra, o governo comunista anunciou que o governo anterior não era mais legítimo e pediu os tesouros da monarquia de volta para a Polônia. E meu tio disse não. Isso criou um caso diplomático com o Canadá. Eu sei que no final acabaram encontrando um meio termo: o governo canadense ficaria como fiel depositário dos tesouros poloneses e, enquanto a situação política não se estabilizasse, esses objetos ficariam em depósito no *Nacional Museum of Canada*. E assim foi até os anos 80, um pouco antes da queda do governo comunista, quando as relações melhoraram, e o governo canadense com o apoio da colônia polonesa, inclusive do meu pai, resolveu devolver esses objetos para a Polônia”.³⁴

Mas o processo de entrada no Canadá não teria sido fácil. “Para nos dar o visto, um médico canadense em Paris chegou a olhar os nossos dentes, ou seja, tive que abrir a boca para ganhar o visto, literalmente”. A política de emigração foi criteriosamente orquestrada pelo governo canadense. Escolheram tanto por cento de haitianos porque são bons enfermeiros e ninguém quer cuidar de doentes; xis por cento de tailandeses porque são bons garçons e ninguém quer trabalhar como garçom; os portugueses porque conhecem sobre peixes... a esse processo seletivo Babinski deu o nome de ‘sinfonias raciais’. Não tem país bonzinho com refugiado de guerra”. Concluiu.

Maciej diz que ao chegar ao Canadá a família não tinha dinheiro para pagar seus estudos. Então ele foi bater a porta do arcebispo Charbonneau³⁵ para pedir uma bolsa e em fevereiro

34 Gisel, C, A. (2006, p. 56-57).

35 Paul-Eugène Charbonneau (1925-1987) foi um teólogo, sacerdote católico e educador canadense. Em 1959 foi radicado brasileiro e deu aulas de Ciências Religiosas na PUC, São Paulo.

de 1949 já estava matriculado (com bolsa) no bacharelado em artes da *McGill University*. Essa experiência com as artes plásticas o polonês já trazia desde a Inglaterra quando teve aulas de aquarela com o padre Raphael Williams e antes de seguir com destino ao Canadá, enquanto estava na França, pensou em fazer parte da *École du Beaux Arts* e da *École du Meuble de Paris*. “..., mas exatamente nessa época saiu o nosso visto para o Canadá. Quando com poucos meses em Montreal eu ganhei uma bolsa de estudos, escolhi arte, sem hesitação”.³⁶

Para a Revista Memória Kariri, Babinski diz o seguinte sobre esse início nas artes plásticas: “Não tinha nada especial, não tinha talento especial, não tinha nada. Mas tinha uma curiosidade, tinha boas exposições. Eu via tudo, eu procurei conhecer artistas, e quando meus estudos acabaram, virei artista rapidinho. Participei da vida canadense de artista, expus em exposições coletivas, mas eu não quis ficar no Canadá. Em resumo foi isso, foram cinco anos que eu fiquei no Canadá, de chegar pobrezinho com o meu pai e todo mundo na grande dificuldade no pós guerra e lutei para me tornar um artista lá”.³⁷

Com menos de 18 anos, já em solo canadense, Babinski participa de um “movimento de rebeldes”, o Movimento Automatista e por meio desse grupo de intelectuais ele iniciou uma formação que unia o cinema, a música e a literatura. Teve acesso a livros que eram proibidos pelo governo e que circulavam apenas entre o grupo. Livros que refletiam sobre o desejo de libertação do homem. O polonês diz que o governante da época, Maurice Duplessis³⁸, era um sujeito reacionário na sua

36 Gisel, C. A. (2006, p. 18).

37 Babinski: amor, pincéis e guerras. Revista Kariri. Disponível em https://issuu.com/memoriaskariri/docs/edi_o_4/s/22200009.

38 Maurice Le Noblet Duplessis (1890-1959) foi um advogado e político canadense. Católico fervoroso ele também era anticomunista, anti-sindicalista, nacionalista e conservador. Seu partido esteve a frente do governo canadense entre

postura política, religiosa e moral e o movimento automatista teria surgido como uma forma de contestação a esse catolicismo exagerado, tradicionalista e reacionário. “O Automatismo, apesar de anarquista e anticlerical era um movimento inclusivo e isso deu vida longa ao movimento. (...) Foi realmente um movimento que mexeu com a sociedade. Eu equiparo o papel do Automatismo na história Canadense ao papel desempenhado no Brasil pelo movimento Modernista de 22”.³⁹

Não só na história do Canadá, mas principalmente na sua própria trajetória de vida pessoal, como observa Gilmar de Carvalho. “O mais importante em sua formação foi, talvez, o contato com Borduas, do “Grupo Automatista de Montreal”, profundamente anarquista e anticlerical, que estilhou, para sempre, as certezas do jovem Maciej. De certo modo, a desconstrução de um racionalismo exacerbado, veio por meio dos “automatistas”, que chocaram o Canadá, numa época em que a Igreja era bem mais forte e os costumes, mais rígidos (ou mais hipócritas).”⁴⁰

Mas Babinski não queria ficar no Canadá “O Canadá não era a Polônia dos sonhos deles. Aquele país, excessivamente frio e organizado, não satisfazia a curiosidade do jovem que queria um mundo sem fronteiras”.⁴¹ Ainda morando na Europa, Maciej já tinha ouvido falar sobre o Brasil. Seu pai tinha amigos por aqui. Entre eles Jan Slawinski, ex-cônsul polonês em Lille, que, em 1939, casou-se com uma brasileira, chamada Celina Portocarrero, funcionária da Embaixada Brasileira em Paris, antes da guerra. Portanto, “esse país tropical, abençoado por Deus”, estava na lista de possíveis destinos para a família Babinski.

as décadas de 1920 e 1950.

39 Gisel, C. A. (2006, p. 24-25).

40 Carvalho, G, de. (2005, p. 15).

41 Carvalho, G, de. (2005, p. 14).

Os Estados Unidos era algo inimaginável porque a Europa inteira queria entrar lá depois da guerra. Comentou uma vez com seu professor, o padre Raphael Williams que a família estava pensando em mudar-se para o Brasil e ouviu o seguinte comentário “*They say that in Brazil people are oversexed*”, algo como “Dizem que no Brasil as pessoas são hipersexualizadas”. O que poderia espantar aquele menino, na verdade causou um efeito contrário.

Em nossa terceira entrevista, Babinski comentou que uma das primeiras surras que havia levado do pai foi porque tinha sido flagrado debaixo da cama do casal querendo saber o que eles faziam durante a noite. “Eu queria ver eles transando”. Disse ainda que esse professor (Raphael Williams), que também era seu confessor, já o havia absolvido diversas vezes do pecado da masturbação. E foi com esse pensamento “sexual” do Brasil, na cabeça, que ele chegou ao Canadá. Uma terra que não agradou em nada o Polonês “O Canadá era um país inóspito”. Ele tinha 17 anos, uma mente cheia de ideias e o desejo de desembarcar na América do Sul. Uma de suas primeiras pinturas produzidas em Montreal, baseada em fotografias que ele tinha visto na revista *Life Magazine* demonstrava a sua percepção sobre um país latino, e qualquer imagem de um país latino aticava a sua imaginação. Nela há um cenário simples, com casas enfileiradas, postes e fios de energia. Três pessoas aparecem na pintura, dois homens e um menino. Eles parecem observar e tocar simultaneamente nos órgãos sexuais.

Outra versão sobre a descoberta do Brasil pelo polonês, seria a de que Babinski “teria tido acesso a uma edição da revista ‘Brasil Constrói’, publicada em quatro idiomas, como propaganda brasileira no pós-guerra, em circulação desde 1948, ainda no governo do General Dutra”⁴². Além disso, a decisão de embarcar num navio rumo ao Rio de Janeiro, teria

42 Carvalho, G de. (2005, p. 15-16).

se dado pelo clima tropical e quente. “Imagina no Canadá, um artista como Goodridge Roberts⁴³, que ficava trancado em sua casa, numa ruazinha de Montreal, durante os seis meses de inverno, apenas sonhando com os primeiros momentos da primavera. (...). Então essa foi uma experiência que eu vi com os meus próprios olhos, e de certa forma, isso me fez desejar ardentemente viver num país quente”⁴⁴. Questionado sobre as influências de sua formação intelectual, especialmente no movimento automatista e como isso impactou em sua chegada ao Brasil, Babinski disse: “Quando eu chego no Rio de Janeiro, eu tenho a minha vida como artista viciada a uma forma de considerar a ‘arte como um ato revolucionário’. Essa parte de artista revolucionário eu encontrei onde? Montreal, meu Deus! No movimento automatista. Então, isso é pra dizer que essa minha relação com os automatistas não é uma coisa fraca, é uma coisa que dá um rumo para a vida inteira. Não é uma coisa passageira. A memória que eu tenho daquilo ali são pessoas... Formas de pensar arte...”.

Outros interesses, além do clima e da sexualização dos corpos das mulheres brasileiras, teriam atraído Babinski para cá: o interesse dele pela cultura negra. “Naquela época, já havia no mundo uma evidente divisão entre raças, e uma das primeiras coisas que eu descobri sobre o Brasil foi que aqui tinha havido uma mistura de raças irreversível. Naquela época, a África do Sul era apartheid, os Estados Unidos ainda matavam negro a paulada e assim por diante. Então, nessa situação, eu achava: ‘Não, tem um país que tem uma chance de resolver esses problemas, de contornar de uma forma diferente do que estava sendo usado naquela época’. (...). Eu tinha

43 William Goodridge Roberts (1904-1974) foi um pintor e professor canadense conhecido por suas pinturas de paisagens, naturezas-mortas, pinturas de figuras e interiores.

44 Carvalho, G de. (2005, p. 16).

uma ideia de que aqui as pessoas eram diferentes. Eu via isso em fotos. Eu analisava fotografias de revistas brasileiras cuidadosamente, olhando os rostos, as atitudes, e eu decidi que era neste país que eu queria viver”.⁴⁵

Babinski perseguia uma ideia abstrata de liberdade. Algo que, segundo ele, o Brasil poderia oferecer. “O interesse tem muito a ver com a minha noção de como era importante a liberdade comportamental. Liberdade de pensamento. Liberdade religiosa. Curioso, não? Porque o Canadá não emplacou na minha avaliação, e o Brasil emplacou com tantos problemas que hoje nós identificamos. Mas, mesmo assim, eu acredito que a palavra liberdade tem mais chance de ser discutida aqui do que no Canadá. A liberdade é uma noção abstrata. E isso fica para vocês pensarem”⁴⁶. Imagina você conseguir reunir a ideia de liberdade, o clima tropical, a mistura de raças e a pluralidade cultural num combo só. O polonês mergulhou de cara nessa experiência, internalizou a realidade brasileira, contribuiu com essa mistura. “Todas as ex-mulheres de Babinski eram negras”, diz Lídia que, embora tenha olhos azuis, também não pode ser considerada uma mulher caucasiana. E de fato suas ex-esposas eram negras mesmo.

Assim registrou Gilmar de Carvalho sobre a “descoberta do paraíso” por Babinski. Ele diz, meio brincalhão, mas sem falsear a verdade, que foi ‘para suas negras, pra valer’, literalmente. Soltou o fauno que dormitava sob as crostas de gelo e da repressão familiar, e caiu na gandaia, tentando manter um equilíbrio impossível entre Apolo e Dioniso, no seu caso, com nítida vantagem do segundo”⁴⁷. Mesmo assim não deixou a arte de lado. Em 1956 fez uma exposição, individualmente, no Grêmio Estudantil da Escola Nacional de Belas Artes e, entre

45 Revista Entrevistas (UFC 2010).

46 Revista Entrevistas (UFC 2010).

47 Carvalho, G de. (2005, p. 25).

1956 e 1964, participa do Salão Nacional de Arte Moderna, no Rio.

Além disso Babinski passou a frequentar o boêmio bairro da Lapa que para ele era um mundo à parte, com muita alegria e pouca violência. “A Lapa tinha uma iluminação discreta e eficiente e ele lembra, carinhosamente, de uma casa noturna chamada “Novo México”, com pista de dança bem animada; “shows” mambembes, às vezes, com ótimos músicos; escurinho nas mesas; e a boa cerveja de sempre. A casa durou até os anos 70”⁴⁸. Conheceu zonas de prostituição, como o Mangue que margeava a avenida Presidente Vargas, teve várias namoradas e embora estivesse no país do futebol, esse esporte não lhe despertou muito interesse. Quanto ao carnaval, participou dos bailes do Hotel Glória e dos desfiles na Rio Branco. “Eu fazia gravuras de bordéis, de mulheres ... A gente vivia isso. Eu não vivia na sociedade, eu não vivia na burguesia. Eu vivia em quarto, eu vivia pela rua. O meu papo era com os meus amigos artistas, e a gente bebia, andava, perambulava, visitava exposições e via arte como qualquer um, mas sem nenhum compromisso com o poder, (seja de) qualquer tipo”.⁴⁹

E foi através de amigos artistas que ele viu, pela primeira vez, aquela que seria a sua primeira esposa brasileira. “(...) foi numa dessas reuniões que Maciej encontrou Vera Dulce Teixeira, filha de Darcy Teixeira e Alda da Silva Lima, nascida em 1942, negra, neta dos caseiros do palacete do presidente Epitácio Pessoa nas imediações da Lagoa Rodrigo de Freitas, na capital federal”⁵⁰. Moradora da favela da Rocinha. Foi ali naquele aglomerado urbano que o polonês teve contato com os rituais Afro-brasileiros. A mãe de Vera, dona Alda, incorporava a Pomba Gira. Os avós de Vera tinham sido serviçais

48 Carvalho, G de. (2005, p 40).

49 Revista Entrevistas (UFC, 2010).

50 Carvalho, G de. (2005, p 42).

na casa do Presidente Epitácio Pessoa. Ela era prima da cantora Elza Soares e os dois se conheceram na casa de um amigo, Manolo Segallá, um ilustrador de livros, poeta e dono de uma editora alternativa chamada Sereia. Babinski e Manolo se conheceram na sua primeira exposição no Rio, ele havia comprado um de seus quadros e os dois ficaram amigos e daí surgiu o convite para o aniversário da mulher dele. Eles moravam numa quitinete no bairro do Catete.

“Lá pelas tantas, entrou a Vera, exuberante, acompanhada do Sacha, um fotógrafo da época, namorado dela. Eu sei que no meio da festa, ela apresentou uma dança afro, praticamente nua, apenas com uma sunga de miçangas e colares. Uma coisa assim meio Josephine Baker⁵¹ só que muito brasileira. Depois da festa, ela conseguiu meu telefone com o Manolo e começou a me ligar na Pan Am. E assim o polonês passou a frequentar a Rocinha. “Maciej relembra as vezes em que teve de subir a favela onde “gozava de proteção e quando chegava, ofegante, lá em cima, à Rua 3, todos já sabiam, tinham sido avisados e eu era recebido com segurança”⁵².

O resultado é que os dois acabaram se apaixonando e, em 1958, casaram no cartório de Aníbal Machado. “Vera tinha o porte hierático de uma divindade africana esculpida em madeira de lei, com uma malemolência e uma faceirice que o encantavam. Resistir quem há de?”.⁵³ Durante o nosso terceiro encontro com Babinski, em novembro de 2024, tentamos reconstituir esse momento entre ele e Vera lá nos idos dos anos de 1950, no Rio de Janeiro, mas o polonês disse que não ia responder as nossas perguntas porque envolvia uma terceira

51 Nome artístico de Freda Josephine McDonald (1906-1975) Cantora e dançarina norte-americana naturalizada francesa, Josephine Baker é geralmente considerada como a primeira grande estrela negra das artes cênicas.

52 Carvalho, G de. (2005, p 44).

53 Idem.

pessoa. “Não vou falar sobre isso”.

O fato é que esse encontro com Vera teria feito Babinski mergulhar num universo sensual que por muito tempo teve o corpo feminino como tema de seus desenhos e gravuras. No entanto, ele diz que essa teria sido também a primeira redução feita ao seu trabalho e a sua pessoa aqui no Brasil e isso o teria incomodado. “Me incomoda essa história de ligar a minha personalidade a gravuras e desenhos eróticos. (...). Muita coisa que você vai ler sobre mim vai enfatizar esse aspecto do meu trabalho, a presença das mulheres nuas no meu universo. Será que de alguma forma eu choquei a moralidade das pessoas?”⁵⁴, questiona Babinski. E finaliza a questão com a seguinte afirmação: “Todo trabalho artístico tem sua confluência na sexualidade, todo. Eu afirmo isso sem nenhum problema”⁵⁵.

Mas, conforme sinalizado acima, Babinski não veio ao Brasil a passeio. Não estava curtindo os trópicos adoidado. O polonês não entrou no Brasil como turista. Não veio reforçar estereótipos. Não veio apenas atrás da sexualização dos corpos. Chegou ao Rio de Janeiro, em seis de agosto de 1953, num navio cargueiro pela Baía de Guanabara que atracou no píer da Praça Mauá. Entrou no Brasil com visto permanente, cinquenta dólares no bolso e um contrato de trabalho assinado para atuar na sessão de montagem de uma fábrica da IBM que tinha um conterrâneo da Polônia como gerente. Foi seu pai quem articulou esses contatos e facilitou a sua vinda ao Brasil.

“O amigo do pai, a quem ele fora recomendado, Nepomucen Psarski, padrinho de Anna, químico industrial, migrara para o Brasil, em 1947, passando a integrar os quadros da companhia farmacêutica “British Imperial Chemical”. Foi ele

54 Gisel, C. A. (2006, p. 94).

55 Idem

quem recebeu Maciej, em Niterói, enquanto Fernande foi se hospedar em uma pensão em Botafogo, conseguindo emprego antes dele. Maciej trazia algo que seria fundamental para sua permanência no Brasil: uma carta de recomendação para o gerente da IBM, Janusz Zaporski, que lhe conseguiu um trabalho na fábrica de Triagem (estação da Central do Brasil), zona norte do Rio, onde ele passou a morar”.⁵⁶

Depois vendeu passagens aéreas na Pan Am, foi recepcionista do Hotel Excelsior Copacabana e trabalhou na *British Overseas Airways Corporation*⁵⁷. Nesse último emprego ficou até 1964 quando a empresa fechou, ele recebeu indenização e pode dedicar mais tempo para produzir seus desenhos e gravuras. “Foi a primeira vez, desde a minha chegada ao Brasil, que pude me dedicar integralmente ao meu trabalho”.⁵⁸ Os dez primeiros anos residindo em solo brasileiro não foram fáceis. Ele não possuía um ateliê, levava até dois anos para desenhar uma gravura, às vezes no espaço de trabalho e estava preocupado com a própria sobrevivência. “Foi tudo muito devagar. Eu comecei a fazer uma coisinha ali, outra aqui. Um desenho feito no emprego, uma aquarela feita em casa...”.⁵⁹

Para além dessas dificuldades comuns para um estrangeiro, a Cidade Maravilhosa possibilitou ao polonês o contato com grandes nomes das artes plásticas nacionais e internacionais. “... na época em que eu morei no Rio, eu conheci, socialmente, todos os medalhões da época: o Guignard, o Bruno Giorgi, o Portinari, o Di Cavalcanti. As pessoas eram muito afáveis. Nessa época eu conheci também Mário e Vera Pedrosa. A gente conversava em francês, porque eu nem falava português

56 Carvalho, G de. (2005, p. 43).

57 Em 1952 foi a primeira companhia aérea a utilizar um avião a jato para o transporte de passageiros.

58 Gisel, C. A. (2006, p. 65).

59 Idem.

ainda”⁶⁰. Os diferentes grupos de artistas que moravam no Rio de Janeiro, àquela época, também tinham encontros marcados todos os sábados na casa do escritor Aníbal Machado, em Ipanema. Lá Babinski teve contato com o pessoal do teatro, liderados pela filha de Aníbal, a Maria Clara Machado; Clarice Lispector que aparecia por lá para falar de literatura; e diversos outros artistas plásticos que se misturavam e se divertiam jogando totó e tomando batida de maracujá noite adentro. Mas essa dedicação e esse processo de sociabilidade demorariam pouco tempo, porque em 1965, desempregado e com o dinheiro da indenização acabando, Babinski sai do Rio de Janeiro e muda-se para os cafundós do Cerrado brasileiro. Uma cidade criada às pressas pelo mineiro Juscelino Kubitschek de Oliveira. A nova capital Federal. Brasília. Mas a experiência duraria poucos meses.

60 Idem (2006, p. 135).

BABINSKI E A UNB

ENTRE AS DEZENAS DE PINTURAS, GRAVURAS, AQUARELAS E fotos emolduradas nas paredes da casa de Babinski e Lídia, no sítio Exu, está uma carta datilografada e assinada pelo ex-presidente da república Juscelino Kubitschek de Oliveira, idealizador e construtor de Brasília. Nela está escrito:

Rio de Janeiro, 4 de maio de 1976.

Meu caro Maciej Antoni Babinski,

Somente hoje, depois de ter regressado dos Estados Unidos é que me foi possível escrever esta carta para agradecer-lhe a gentileza de me ter enviado o seu admirável estudo que revela o seu talento e plenamente o confirma.

Já o conhecia de nome e igualmente em outra oportunidade, em casa de um amigo, pude contemplar um de seus quadros e tão forte a impressão que não me esqueci nem da pintura nem do autor.

Receba, meu caro amigo, toda a expressão da minha simpatia, amizade e agradecimento.

Cordial abraço,

Juscelino Kubitschek

Babinski diz que recebeu essa carta quando morava em Uberlândia e que foi entregue por um senhorzinho de boina que bateu a sua porta e disse: “trouxe um recado do meu

patrão. Era a carta enviada por Juscelino”. Ele agradeceu e procurou saber quem era o tal amigo de Juscelino que tinha uma obra sua. “Esse amigo, eu depois pesquisei um pouco, seria Carlos Lacerda”⁶¹. (Risos).

Detalhe, essa missiva deve ter sido uma das últimas correspondências enviadas pelo mineiro, já que três meses depois, em agosto de 1967, Juscelino faleceu vítima de um acidente de carro, no quilômetro 165 da Rodovia Presidente Dutra, em Resende, Rio de Janeiro. Pelo que consta nos documentos da época, o carro em que viajava Juscelino e seu motorista, atravessou o canteiro central da via, invadiu a pista contrária e se chocou com uma carreta. Babinski discorda dessa versão de acidente. “Todo esse episódio casa rapidamente com o assassinato de Juscelino. No que eu faço o meu comentário. É o meu comentário que pode não corresponder com o de outras pessoas. Mataram o homem. Não se admite. Eu acredito que tem a ver...” A carta, além de elogiar o trabalho de Babinski foi endereçada para agradecer ao polonês pela “gentileza de me ter enviado o seu admirável estudo que revela o seu talento e plenamente o confirma”. Sem muitos detalhes, Babinski disse que havia enviado ao ex-presidente uma gravura.

Juscelino foi o responsável por transferir o centro do poder, que estava sediado até 1961 no Rio de Janeiro, para o Planalto Central. A cidade foi construída às presas e às custas do suor de milhares de migrantes de todo o país, especialmente oriundos dos estados nordestinos, os chamados Candangos. Muitos deles perderam a vida durante a construção e outros tantos foram expulsos para as periferias da cidade após a conclusão das obras. Quando Babinski se muda para Brasília, a

61 Jornalista e político brasileiro. Grande opositor de Getúlio Vargas. Membro da União Democrática Nacional – UDN, foi ainda vereador, deputado federal e governador do estado da Guanabara. Nasceu em 1914 e faleceu em 1977, no Rio de Janeiro.

cidade tinha acabado de ser erguida. “... ali se encontrava o terreno virgem e sem memória, onde tudo estava por acontecer”, disse Vladimir Carvalho, em seu livro *Jornal de Cinema*⁶².

Essa é a mesma impressão que Cíntia Falkenbach, amiga de Babinski e colega da UnB também teve ao chegar à Capital Federal. “A gente sempre buscou referências. Brasília é uma cidade que não teve passado. Eu fui pra lá bem nova. Claro que eu carrego a história do meu estado. Eu sou lá do Rio Grande do Sul. Eu carrego a história da minha família. Mas a gente chegou em Brasília, era um lugar assim sem passado. A cidade não estava completa. Eu fui pra lá com 11 anos. Então tem toda essa questão mítica de Brasília que ele (Babinski) também foi pra lá na construção né, quando a universidade foi fundada. Então ele também conheceu essa Brasília em construção e tal”.

O artista plástico discorda dessa ideia de que Brasília é uma cidade sem memória. “Brasília é sinônimo de revolução. De mudança. Brasília aponta para uma mudança. É uma confirmação da mudança em torno da luta política”. Babinski chegou a Brasília em 1965 para trabalhar como professor na UnB. “(...) sem nunca antes ter posto os pés numa faculdade, foi convidado pela Universidade de Brasília para dar aulas de desenho a estudantes de arquitetura”, assim descreve esse momento o jornalista Lira Neto. “Minha vida não foi dedicada as coisas óbvias, como diploma. Mas outros valores”, rebate o polonês. A universidade tinha sido inaugurada três anos antes, em 21 de abril de 1962. “Além de ter acompanhado as discussões sobre a nova capital na imprensa da época, eu já tinha escutado falar muito da UnB. Eu me lembro em especial de uma festa na casa de Edith Behring, em que estavam o Lívio Abramo (que já morava no Paraguai) e a Marília Rodrigues. E a Marília começou a contar do ateliê de gravura que ela estava

62 Carvalho, V. (2015, p. 99).

montando na Universidade. Eu fiquei totalmente encantado, mas nem passava pela minha cabeça que em breve eu estaria morando lá também.”⁶³

Ao lembrar aquele período Babinski diz que sua entrada na UnB foi totalmente por acaso. Que um determinado dia, encontrou nas ruas do Rio, um amigo chamado Hugo Mund e foram tomar um chope no boêmio bairro da Lapa. “O Mund era filho de um senador da república. Era artista plástico, gravador e desenhista. Ele também tinha uma vida dupla. Muito educado e poeta”, lembra Babinski⁶⁴.

Na época, Mund já estava trabalhando em Brasília e disse ao polonês que a UnB precisava de professores de desenho. Babinski preparou o currículo, enviou pelo amigo que apresentou para o colegiado do Instituto Central de Arte da recém-criada Universidade de Brasília e foi aceito por unanimidade. Naquela época as seleções de professores para as universidades não se davam nos moldes de hoje onde os candidatos passam por um processo longo e desgastante composto por prova escrita/dissertativa, aula/didática, análise de currículo, títulos... bastava uma boa indicação e o Hugo já conhecia e acompanhava o trabalho artístico de Babinski.

“Sua atuação como artista plástico lhe valeu a equivalência ao diploma, que não tinha, e essa aprovação se deu, por unanimidade, pelo colegiado do ICA”⁶⁵. Conforme adiantado por Lira Neto, Babinski foi dar aula de desenho para alunos do curso de arquitetura. Acreditava que os futuros profissionais de arquitetura precisavam entender sobre espaço para além da planta baixa. No primeiro momento, a então esposa do polonês, Vera, ficou no Rio com as duas filhas, Fátima Cristina

63 Gisel, A (2006, pp. 73-74).

64 Aos 91 anos de idade, Hugo Mund Junior vive em Brasília e não exerce mais atividade artística.

65 Carvalho, G de. (2005, p. 48).

e Ana Lúcia. Somente depois que Babinski recebeu um apartamento dentro do campus para abrigar a família é que todos foram transferidos para lá. Mas não seria por muito tempo. “ (...) a ilusão de um emprego estável, na nova universidade idealizada por Darcy Ribeiro, não demorou a desmanchar-se no ar”⁶⁶. Vivíamos o período da Ditadura Militar. O regime causava estragos por todos os lados, e as universidades eram espaços bastante visados pela ditadura. O clima na universidade era tenso, os militares forneciam lista com nomes de professores e alunos suspeitos com a ordem de demitir e jubilar essas pessoas.

O próprio Babinski teria sido denunciado. Segundo ele uma coisa totalmente irresponsável e que o deixara magoado pelo resto da vida. “Poucos dias depois de começar a dar aulas na UnB uma colega se aproximou de mim, meio timidamente, e disse que precisava falar comigo: ‘Babinski, está correndo uma informação de que você é agente do Dops, e eu resolvi falar diretamente com você, porque nós achamos injusto você não saber’. Eu fiquei furioso, para dizer o mínimo. Uma coisa totalmente irresponsável que me magoou pelo resto da vida. Foi o lado negro daquela época para mim. Infelizmente eu nunca pude esquecer isso. Jurei que a partir dali eu não ajudava nunca mais a esquerda, em particular o PCB [Partido Comunista Brasileiro]. Os meus amigos sabem da tristeza que eu passei, e respeitaram a minha posição, porque a partir daquele momento, realmente, assinatura minha em manifesto nunca mais. Ficou uma mágoa pessoal”⁶⁷. Lira Neto sugere, em entrevista realizada com o artista plástico em 1995, que as denúncias tenham surgido a partir dos próprios colegas de departamento ao perguntar para Babinski se ele não guardava nenhuma mágoa da UnB já que lá ele fora dedurado (para

66 Neto, L. (2006).

67 Gisel, C. A (2006, p. 79).

os militares).

Mas dez anos depois a autora do livro Babinski Entrevistas, Gisel Carriconde, esclarece melhor essa história ao perguntar se o polonês teria descoberto de onde surgiu essa história. E ele explica que a denúncia surgiu da Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro. “Tinha um núcleo forte de esquerda lá com o qual eu nunca me misturei, porque eu sempre frequentei artistas da minha escolha, independentemente da atuação política... Aí, com minha ida para Brasília, para ensinar na universidade, rolou inveja, sei lá”⁶⁸.

Mesmo assim, sem ligação com partidos políticos de esquerda, a militância do polonês no Brasil continuava. “A gente estava lutando para ter uma universidade livre. Uma capital. Tudo isso era muito importante para nós que morávamos lá. Era uma luta que parecia luta de perdedores, mas não era. O que queríamos até hoje é um objetivo nacional. Eles queriam só uma universidade de Brasília e nós queríamos uma Universidade Nacional de Brasília. É um orgulho ter vivido essa época lá. Eu vivi lá. Eu não fui para Paris”, ironiza o polonês.

Mas não foi fácil. O então reitor, Laerte Ramos de Carvalho, que assumiu em 1965 com a saída de Zeferino Vaz, que não aceitava esse tipo de pressão, recebia recados diários do tipo: “manda embora mais sete, manda embora mais quatro” e assim sucessivamente uma lista atrás da outra. “Até que, no início de outubro, (1965) saiu uma lista com o nome de quinze professores. Houve então uma chamada para uma assembleia geral dos professores. A pauta principal era uma tomada de decisão com relação à situação insustentável que estávamos vivendo. Não podíamos mais assistir de camarote nossos colegas sendo expulsos da universidade.”⁶⁹

Segundo Babinski foi durante essa reunião que os

68 Idem.

69 Gisel, C. A. (2006, p. 77).

professores optaram por pedir uma demissão coletiva. A UNB tinha na época 223 professores. Quem foi levantando a mão a favor da demissão em massa o pessoal da mesa ia tomando nota do nome e do departamento. Assim que essa lista foi divulgada o governo substituiu, logo na semana seguinte, por qualquer pessoa que se habilitasse ao cargo. “Pegavam qualquer um que se dispusesse a tomar o lugar dos professores que se demitiram, e empregavam. A partir dali tudo virou uma confusão, ninguém mais se entendia. (...) No final, apenas uns dois ou três professores reconsideraram sua decisão e voltaram a dar aula na UnB. O Hugo Mund foi um deles. Eu não voltei. Mas foi um suicídio coletivo que nós praticamos, então eu respeito a decisão daqueles poucos que voltaram atrás”.⁷⁰

Portanto o primeiro momento de Babinski como professor da UnB durou menos de um ano. Ao todo ele ficou apenas oito meses no Instituto Central de Artes da Universidade de Brasília. Quando o reitor tomou conhecimento dos pedidos de demissão coletiva dos professores ele teria feito uma reunião individual para uma conversa. E durante essa conversa, perguntava se o professor não gostaria de reconsiderar a decisão. E ficava a cargo do professor responder sim ou não. Babinski escolheu não. E dentro de poucas semanas recebeu uma carta pedindo o apartamento de volta e confirmando sua decisão de demissão do quadro de docentes da universidade. “Perdemos grandes cientistas e grandes professores que acabaram saindo do país”⁷¹, comenta o polonês. Mas Babinski não deixou o Brasil. Permaneceu no país. “Primeiro de tudo, voltar para o Canadá não era uma opção. Eu não gostava do Canadá. País chato, despovoado, repressor. Então, ir embora para onde? Eu não tinha dinheiro para viajar para lugar nenhum. Eu tinha

⁷⁰ Idem.

⁷¹ Jornal O Povo, 1995.

duas filhas, era casado com uma mulher que estava surtando, psicótica. Eu ia para onde? Se me deixassem quieto aqui para poder dar comida às minhas filhas eu já estava dando graças a Deus. (...) Eu não era da burguesia endinheirada, eu não era do 'establishment' universitário. Eu era pobre e casado com uma negra.”⁷² Depois que descobriu que as denúncias contra ele vieram do Rio de Janeiro, a Cidade Maravilhosa deixou de ser uma opção para o polonês. Decidiu, então, ir para São Paulo, morar de favor, na casa de amigos e pintar canecas.

72 Gisel, C. A. (2006, p. 81).

“SÃO PAULO FOI UMA MÃE PARA MIM”

QUASE SESSENTA ANOS DEPOIS DE CHEGAR À CIDADE DE SÃO Paulo, após a rápida passagem por Brasília e se demitir da UnB, perguntamos para Babinski o que significou São Paulo para a vida dele, e o artista respondeu sem pensar: “São Paulo foi tudo para mim. Tudo, tudo. Foi uma mãe”. Mas a vida não começou fácil na terra da garoa. O polonês foi pintar canecas para o amigo Aparício Basílio da Silva,⁷³ um empresário e intelectual muito querido pelos paulistanos. “Foi quem me deu o primeiro emprego em São Paulo. Ele tinha uma butique na rua Augusta e vendia também essas canecas. Era tudo muito chique, ele vendia vestidos para madames da sociedade. Ficávamos eu e a costureira no fundinho da butique. Ele me permitia fazer algumas gravuras durante o horário de serviço”.⁷⁴

Outra pessoa muito importante para Babinski em São Paulo foi o artista plástico Wesley Duke Lee,⁷⁵ um sujeito bem articulado no meio artístico paulistano, com quem já tinha tido

73 Aparício Antônio Basílio da Silva (1936-1992) foi pioneiro no ramo da perfumaria em São Paulo. Era também colecionador de obras de arte e foi presidente do Museu de Arte Moderna de São Paulo por nove anos. Foi um ícone da sociedade paulistana sendo eleito o homem mais elegante de São Paulo. Morreu vítima de latrocínio.

74 Gisel, C. A. (2006, p. 82).

75 Wesley Duke Lee (1931 – 2010) foi desenhista, gravador, artista gráfico, professor. O artista destaca-se como pioneiro na incorporação dos temas e da linguagem pop no Brasil.

contato um ano antes durante uma exposição na Petite galeria. Wesley foi, portanto, responsável por introduzir Babinski nesse mundo artístico de São Paulo? “Quando eu cheguei a São Paulo, em 1966, procurei por ele e de imediato ele me pegou pela mão, literalmente, e começou a me apresentar aos amigos dele”⁷⁶.

Foi através dessa rede de amigos que, em 1967, Babinski entrou como professor no Ginásio Vocacional do Brooklin, em São Paulo. O Ginásio Vocacional Oswaldo Aranha, também conhecido como Ginásio Vocacional do Brooklin, foi uma escola pública de ensino secundário localizada na Avenida Portugal, no bairro do Brooklin, em São Paulo. Criada em 1962, o Ginásio foi uma iniciativa do Serviço de Ensino Vocacional do Estado de São Paulo – SEV. A proposta pedagógica da escola era desenvolver a interdisciplinaridade e trabalhar a personalidade do aluno, de modo a desenvolver suas habilidades. “Foi por intermédio de Evandro Carlos Jardim (...) Nos primeiros dois anos em São Paulo, eu mal sobrevivi, pintando canecas e vendendo uma gravura aqui outra ali. Depois que eu entrei no Ginásio a minha vida melhorou”.

Mas essa experiência também não ia se prolongar por muito tempo, uma vez que o Ginásio Vocacional tinha uma proposta de ensino muito avançado para a época e o poder estabelecido se sentiu ameaçado. “Recomeçou a ‘ladainha’ da intervenção militar, que Maciej sabia como deveria terminar, por conta da vivência de Brasília. O Ginásio era avançado demais para os padrões então vigentes e a equipe de professores foi desarticulada”⁷⁷. A proposta curricular dos Ginásios Vocacionais incluía disciplinas como Artes Industriais, Práticas Comerciais, Práticas Agrícolas, Educação Doméstica, Educação Musical, Educação Física e Artes Plásticas. Resultado:

76 Gisel, C. A. (2006, p. 83).

77 Carvalho, G de. (2005, p. 51).

houve uma intervenção política, a dona do Ginásio foi presa pelo Dops e professores foram torturados. “Eles nos acusaram de estar dando treinamento de guerrilha para os alunos por causa de uma técnica pedagógica utilizada no Ginásio chamada estudos do meio”⁷⁸.

Esse “estudo do meio” a que se refere o Babinski, nada mais era do que fazer com que os alunos experimentassem além da teoria uma vivência em campo. Eles eram colocados em contato com a realidade daquilo que eles estavam estudando. E para tanto realizavam recursões pelos bairros, pela cidade e até por outros estados para conhecer monumentos históricos etc., e tudo era documentado com fotografia, desenhos, fotos, entrevistas que os próprios alunos faziam com os moradores.

Em 1969 o Ginásio Vocacional do Brooklin foi extinto. A coordenadora do programa, Maria Nilde Mascellani, foi presa e afastada da função. Um ano depois, em 1970, atendendo a uma sugestão de um amigo, Fernando Silva, que além de amigo dos artistas estava ligado aos militares, Babinski muda-se mais uma vez. Vende sua casa no bairro dos Veleiros, subúrbio paulista e vai para Ilhabela com a mulher, Vera, e as meninas. “Mas, para mim, Ilhabela foi um corte radical, não suportei aquilo, fui esmagado pela força da natureza, ilhado, o mar de um lado, a montanha de outro”⁷⁹. Babinski lembra ainda que Ilhabela era o “paraíso dos alternativos. Um antro de neuróticos e de artistas rejeitados ou que rejeitavam a sociedade.”⁸⁰. Lá ele demorou mais do que em Brasília, mas tal experiência foi considerada trágica porque uma das razões para ele se isolar no litoral norte de São Paulo era a doença da esposa Vera. “Minha mulher era doente, esquizofrênica. Mudei pensando que ia fazer um bem para ela. Mas não deu certo. Foi pior, e

78 Gisel, C. A. (2006, p. 86).

79 Entrevista Jornal O Povo, novembro de 1995.

80 Idem.

tive que voltar”. Outra dificuldade encontrada na ilha era a escola das filhas. “Elas andavam a pé cinco quilômetros para frequentar a escola do vilarejo. Foi uma experiência de vida não urbana radical. A gente nunca viveu dentro do vilarejo, vivia no meio do mato mesmo”.⁸¹

Passou a sobreviver do dinheiro da casa que havia vendido e de alguns trabalhos comercializados antes de sair de São Paulo, o que lhes rendia “mensalmente algumas coisinhas”. Junto a outros artistas, fugindo da tensão psicológica do regime militar Babinski ficou na ilha escutando violão, bebendo cachaça, fumando e pintando. No final do ano de 1970 ele retorna a São Paulo, passa a residir na Vila Olímpica, no caminho de Santo Amaro, mas durante os próximos dois anos ele voltou várias vezes a ilha para trabalhar. Pintar paisagens e fumar maconha.

O artista recorda que durante um dia em que estava “pintando e fumando um baseado” foi surpreendido por trás. “Eu ia pintar. Eu tinha a minha moto que tinha uma caixa que tinha tinta, tinha tudo né? E a minha moto passava, era uma agilidade, então, eu estava pintando. Até o quadro que eu pintei talvez está ilustrado aqui, (pede pra eu olhar no livro da Gisel). Eu tô pintando. Fumando. Aí atrás de mim chegou e disse ‘hummm me dá um pouquinho’. Eu não estava olhando para trás. Apareceu ali. Aí eu dei. Aí aconteceu uma coisa bem dramática, porque... foi na santa paz com o cara que me pegou e no dia seguinte eu peguei a barca para ir da ilha (Ilhabela) para São Sebastião. Aquela balsa. No meu carro. Aí quando estou na balsa, a balsa andando para São Sebastião, tipo me gelou. O cara que eu tinha presenteado com fumo, estava lá trabalhando. Ele era embarcado da balsa. Aí me deu um momento de temor, mas ele se identificou pra mim, e quando chegou do outro lado, eu vi a polícia chegando para prender

81 Gisel, C. A. (2006, p. 100).

ele. Foi meio terror. Aí o que aconteceu depois? Bom não importa. Importa porque ele ficou preso. Ele ficou preso e não me denunciou”.

Mesmo contando com o fator sorte, Babinski imagina que a sua fama de “maconheiro” deve ter chegado aos ouvidos dos militares. Em 1995 ele comentou sobre isso durante uma entrevista publicada no jornal O Povo. “Nunca quis ver minha ficha no DOPS, mas lá só devia constar que eu era maconheiro ou coisa assim... Nada de mais grave.... (risos)”.⁸²

Mas nem tudo eram flores na vida do polonês. O mesmo motivo que o conduziu à Ilhabela o fez retornar para São Paulo: o estado de saúde de Vera, sua mulher. Ela “começou a surtar seriamente”. A esposa do polonês tinha surtos psíquicos que inicialmente oscilavam em intervalos de dois anos. Esse intervalo foi diminuindo e em Ilhabela ela teria adoecido seriamente e ele teve que voltar para a capital. Vera foi internada 24 vezes somente na psiquiatria do Hospital das Clínicas. “Ele ficou profundamente abalado. Um dos diagnósticos envolvia ‘desajustes sociais’ e inadequação, levando a uma ideia de culpa, que é sempre terrível, tendo de manter Vera “chapada” de tantos remédios e de interná-la exatas vinte e quatro vezes”.

⁸³ Deixou a mulher em tratamento em São Paulo e voltou para Ilhabela. Comprou uma casa de pescadores e morou sozinho de 1971 a 1972. Pintou com certa regularidade. “Não se tratava de fuga, mas de ter um pouco de paz.”⁸⁴.

O pai de Babinski chegou a visitá-lo enquanto ele morava em Ilhabela. “Eu tinha uma casinha (em Ilhabela), era uma casinha que eu comprei de um pescador no portinho, o famoso Francisco Soares, e habitei aquela casinha, fiz reforma, botei um mezanino, recebi convidados que não eram tão bonzinhos,

82 Entrevista a Lira Neto, jornal O Povo, outubro de 1995.

83 Revista No Mínimo, março de 2006.

84 Entrevista a Lira Neto, jornal O Povo, outubro de 1995.

por pouco não me denunciaram de tão amigos. Mas sobrevivi. E aquela casinha era gostosa. Estava aqui em cima do morro. Ela estava mais ou menos 400 metros da costeira. Que é o permitido. Até o meu pai conheceu aquela casa, que meu pai me visitou”.

Em 1972, enquanto tentava se equilibrar financeiramente e tocar a vida em frente, o casamento com Vera desmoronava. “Não gosto de falar sobre essa época”, esquivava-se Babinski, agora com um olhar perdido, voltado para dentro de si”⁸⁵, observou Lira Neto. Nesse mesmo ano foi convidado pelo amigo e ex-aluno da UnB, Edmar de Almeida, para passar uma temporada no sítio do pai dele em Uberlândia – MG. Edmar é artista plástico e tecelão que participou ativamente da vida cultural e artística do Brasil, nas décadas de 1960 e 1970, e conviveu com alguns dos grandes pensadores de seu tempo, quando morou em São Paulo e Brasília e estudou na Itália. Na Universidade de Brasília, orientado por Anísio Teixeira e Darcy Ribeiro, sua atenção foi despertada para o trabalho de tecelagem, que era desenvolvido em Uberlândia por antigas tecedeiras. Em parceria com elas, desenvolveu inúmeros trabalhos e deu origem ao projeto que viria a se tornar o Centro de Fiação e Tecelagem de Uberlândia.

Lá ele pintou quadros para uma exposição inteira e dali surgiu a ideia de se mudar para Minas, o que aconteceria dois anos depois, em 1974. “Quando eu fui para Minas, eu estava separado da Vera há uns dois anos. Eu já vivia com a Hilda, minha segunda mulher. Nossos dois filhos nasceram em Minas, o Daniel e o Marcelo. O Daniel chegou a ser batizado em Uberlândia, um pouco antes de a gente mudar para Araguari”.

⁸⁶ Babinski não gosta de comentar sobre o processo de sepa-

85 Idem.

86 Gisel, C. A. (2006, p. 105). Há uma correção nessa parte do livro. Daniel Babinski nasceu em São Paulo.

ração de Vera, sua primeira mulher. Uma de suas filhas, a Ana Lúcia, nunca perdoou o pai por deixar a mãe num momento tão difícil. A outra filha, Fátima, foi morar com a tia Anna, irmã de Babinski, no Canadá e nunca mais voltou. Foi Ana Lúcia quem cuidou da mãe até o fim da vida e que, logo após o falecimento dela, veio também a morrer vítima de câncer, em 2013.

Daniel Babinski disse que conheceu a Vera. Que ela era extremamente inteligente, culta. “Ela não cometia nenhum erro de português, ela tinha uma gramática impecável, falando, assim. Era uma mulher muito inteligente, mas infelizmente teve essa doença, essa esquizofrenia que acabou atrapalhando demais a vida dela. Mas eu gostava muito dele e convivi com a Vera. A Vera fumaça muito. Eu acho que ela teve enfisema pulmonar, se eu não me engano”.

Mas o polonês não deixou a ex-mulher e as filhas completamente desamparadas. Foi com o dinheiro de sua pensão que elas sobreviveram. “Vera era uma mulher muito linda. Uma mulher que cantava na noite. Era uma mulher que era exposta. Na verdade, ele amava a Vera, mas a deixou pelas condições. Ele não aguentou mais. Ana Lúcia ficou com a mãe. Ela também cantava. Condenou o pai a vida toda. Nunca perdoou o pai por ter deixado a mãe, por ter deixado elas. Pelo pai não ser milionário. Porque o pai era um europeu milionário até os oito anos e meio, porque depois ele não era mais milionário. O Babinski estudou pedindo bolsa de estudo na Inglaterra. Mas elas imaginavam que o pai podia hoje ser um artista plástico milionário. E não é. Ana Lúcia cobrou isso a vida toda do pai. Botou o pai na justiça várias vezes. O pai tinha ódio dela e ela tinha ódio do pai. Ela faleceu em Leopoldina, Minas Gerais, de câncer”, recorda Lídia.

Daniel também comenta algo parecido sobre a irmã Ana Lúcia, filha de Babinski. “A Ana Lúcia era complicada. A

relação dela com o meu pai era muito ruim. Ela entrou na justiça várias vezes contra o meu pai, colocava advogados atrás dele, sabe, exigia pensão e tal. Então meu pai teve um distanciamento com Ana Lúcia e ele começou a achar que era muito melhor ter filhos homens que filhas mulheres. A Ana Lúcia teve várias questões que ela não conseguiu resolver com o meu pai, sabe. Isso fez com que ela se distanciasse até da gente”.

Mas a vida é assim, “esquenta e esfria”. Feita de distanciamentos e aproximações. Às vezes demora, mas chega. O reencontro entre Babinski e a filha Ana Lúcia só iria acontecer quatro décadas depois quando o polonês iniciou um tratamento contra um câncer no Hospital Sírio Libanês em São Paulo. “Eles se viram naquela ocasião. (...) Ela foi lá e uma das coisas que eu nunca vou esquecer, que ela fez, foi que ela chegou pra visitar o pai com câncer, o pai fazendo quimioterapia, só o resto, ela ficou na sala do flat eu entrei no banheiro e escutei ela dizer assim: papai é o seguinte, se o senhor morrer quem vai ficar pagando a pensão da mamãe? Eu tive que respirar fundo e contar até dez. Como é que você vai visitar seu pai, que está com câncer, fazendo um tratamento, e você está preocupado com o que vai acontecer com dinheiro da mãe, a pensão da mãe? Eu sai do banheiro e disse: Ana Lúcia é o seguinte, se seu pai morrer do câncer e eu estiver viva e recebendo a pensão do seu pai que vai passar pra mim por direito meu, com 30 por cento a menos que é a lei, eu vou saber do advogado se eu preciso dar ou não a pensão a sua mãe. Se precisar dar eu dou, se não (precisar) ela fica sem. Aí ela mudou o tom”. Recorda Lídia, catorze anos depois, mas ainda angustiada.

Já a segunda mulher de Babinski, a cabelereira Hilda Maria de Oliveira, assim como Vera, também era uma mulher negra. Eles se conheceram em São Paulo e depois se mudaram

para o interior de Minas Gerais. Daniel, filho mais velho do casal, disse que a forma como os pais se conheceram e a estratégia de abordagem foram muito parecidas como a maneira como o pai iria conhecer a Lídia anos depois. “Isso eu nunca comentei com a Lídia, mas o meu pai fez a mesma coisa. Minha mãe trabalhava no restaurante que era armênio. Olha que loucura. Ela até falava algumas palavras em armênio. Ela sabia algumas expressões. E meu pai começou a frequentar esse restaurante que ela era garçomete em São Paulo, na região do centro. E ele começou a mandar torpedos através dos garçons. Minha mãe respondia e eles marcaram encontro. Minha mãe tinha uma espécie de diário na época que ela conheceu meu pai, e aí eles começaram a sair. A Vera já tinha manifestado na época que estava doente, isso foi, se eu não me engano em 1969 e ela engravidou em 1972 eu nasci em 1973. Ela escreveu uma espécie de diário. Sim, eu me lembro uma coisa muito interessante que ela disse: “agora eu encontrei o pai dos meus filhos”. Uma coisa bem premonitória e tal. E ela conta que meu pai era um freelance. Na época ele ilustrava para algumas revistas e tal, e ela me contou que um mês depois que eles estavam namorando meu pai pediu dinheiro pra ela emprestado. Ela disse que ficou com receio. ‘Pô o cara está com um mês e pede dinheiro emprestado. Vou emprestar e vou descobrir se ele presta ou não’. E aí ele pagou direitinho. Continuaram (o namoro) e aí eu nasci em 1973 e em 1974, eu tinha um ano e meio, quase 1975, ele veio pra Minas e começou a dar aula na Universidade. Foi em 1974. Meu irmão nasceu em 1976 e aí ficamos em Araguari, a cidade que meu pai gostou. Como a família da minha mãe morava próximo, era parecida com a cidade da Lídia”.

A Hilda foi responsável por levar o artista a viver em Minas. “Vim aqui, pela primeira vez, através da minha esposa Hilda, visitar meu sogro, em Estrela do Sul. Gostei e permaneci. Foi

Hilda que levou-me ao sítio. Ela é uma mulher dinâmica e o trabalho faz parte de sua vida, como algo indispensável à sua natureza ativa (...) Hilda é a companheira deste artista, que é Babinski. Uma companheira aberta à vida e ao contato humano, em sua inteira realidade. Possui um caráter forte e comunicativo. Mulher brasileira, pelo charme e pela inteligência”⁸⁷. E, ao que tudo indica, Hilda era exatamente isso: uma mulher ativa, forte, dinâmica, comunicativa. Muito provavelmente foram essas características que vieram posteriormente desagradar o polonês.

“De Minas Gerais, ia a São Paulo apenas de quando em vez, para participar de exposições e bienais ou para vender seus quadros e gravuras, então já bem cotados e disputados pelas galerias e marchands de todo o país”⁸⁸. Conforme observado por Lira Neto, Babinski trabalhava em Minas e comercializava em São Paulo. Diz que fazia duas viagens por mês de ônibus para São Paulo, com as aquarelas debaixo do braço para entregar a Luisa Strina⁸⁹, e recebia o pagamento a vista. O fato é que por onde o polonês passou, as pessoas tem orgulho de tê-lo conhecido, hospedado e, de certa forma, inspirado suas obras. Minas Gerais principalmente porque naquela região do Triângulo Mineiro ele viveu quase vinte anos. Mas as memórias dele sobre os “donos” daquelas terras, nem sempre correspondem ao que as pessoas pensam. “Uberlândia é uma província”.

87 No tempo e no espaço – Babinski: o pintor da realidade. Gazeta do Triângulo, agosto de 1977.

88 Revista no Mínimo, março de 2006.

89 Luisa Strina (1943) é uma galerista e colecionadora de arte. Ela possui a mais antiga galeria de arte contemporânea do Brasil.

BABINSKI, O PINTOR DE UBERLÂNDIA

EM ABRIL DE 2018, A REVISTA *ALMANAQUE*, UMA PUBLICAÇÃO da cidade de Uberlândia, Minas Gerais, trouxe uma reportagem de capa com Babinski para destacar o período em que o polonês viveu e trabalhou naquela cidade mineira. Intitulada “Babinski e Uberlândia, uma pintura de ligação” o sumário da revista complementa a capa com a seguinte referência: “Babinski, o pintor de Uberlândia”. No interior da publicação ainda existem três fotografias do artista e cinco reproduções de seus quadros legendados como desenhos sobre paisagens regionais. Contudo, as pinturas representadas na revista estão mais para as serras mineiras ou cariocas, do que para as paisagens cearenses.

O início da reportagem destaca que Babinski não iria, a princípio, morar em Uberlândia, mas em Araguari terra de sua segunda mulher, Hilda. Mas logo assumiu uma cadeira de docente na Universidade Federal de Uberlândia, tinha que diariamente cruzar uma ponte para atravessar um rio que separava as duas cidades mineiras e, num determinado dia soube que a ponte caiu momentos após ele passar pelo local e, por isso, decidiu mudar com toda a família de Araguari para Uberlândia.

Esse episódio está registrado de forma detalhada numa série de entrevistas concedidas a Gisel Azevedo e publicadas em 2006. “No início, eu continuei em Araguari, pegava o carro e ia diariamente para Uberlândia, que ficava distante apenas

quarenta quilometro. Acontece que ligava uma cidade à outra foi sacrificada durante a construção de uma enorme hidrelétrica. Foi usada para transportar as turbinas gigantescas e não aguentou. Aliás, me aconteceu uma coisa muito louca. A ponte apresentou uma rachadura, mas não estava interdada. Um dia eu sai para dar minha aula da tarde e, quando cheguei à ponte vi que estranhamente ela tinha baixado um meio metro. Eu, num lance de absoluta imprudência, sem pensar duas vezes, passei. Quando cheguei ao trevo de Uberlândia, cinco minutos depois, um cara me disse que a ponte havia acabado de cair. Eu sei que eu tive que voltar para minha casa dando uma volta de cem quilômetros. E foi assim que eu mudei para Uberlândia, porque eu não podia encarar diariamente cem quilômetros de ida e cem quilômetros de volta para dar as minhas aulas”⁹⁰.

Daniel diz que ficou sabendo da notícia da queda da ponte através do rádio e que isso teria deixado a mãe muito aflita. “Quando minha mãe soube da queda da ponte ela ficou desesperada. Ela ligou na universidade desesperada pra saber do meu pai porque a gente ficou sabendo, pelo rádio, e aí disseram que ele estava lá na UFU dando aula, mas era mentira, ele nem tinha chegado na universidade ainda. E a gente ficou louco porque tinha um carro que era branco, que era um Chevette. Ele caiu na ponte e morreram pessoas. E o carro do meu pai era branco então entramos em desespero e tudo... E aí mentiram pra minha mãe pra ela não passar mal. E aí quando meu pai chegou (na Universidade), ele ligou de volta, disse que estava tudo bem. Com a queda da ponte, aumentou o percurso entre Araguari e Uberlândia, foi quando ele decidiu realmente mudar para Uberlândia. Foi no Natal de 1981 para 1982 que a gente mudou pra Uberlândia porque a ponte caiu em 1981”.

90 Gisel, C. A. (2006, pp. 111-112).

Durante as entrevistas que fizemos com Babinski, em 2024, ele falou com muito entusiasmo de sua produção quando viveu em Araguari. “Em Araguari eu passei vários anos, precisa pesquisar quantos anos foram esses anos, pintando só... Pegando minha motinha e minhas tintas e indo em campo pra pintar paisagens que se tornaram as ‘paisagens de Araguari de Babinski’, são mais de 300. Então isso aqui já era uma concretização do que era parte da minha vida artista ligada a um lugar e a um tempo, lá as condições eram favoráveis, o clima... Então tudo isso foi favorável em Araguari. Então como aqui, (em Várzea Alegre) encontrei outras... O que quero dizer é que não sou uma coisa só. Eu sou uma variedade de pessoas que continuam se adaptando as condições que encontram. Não tem magia. As pessoas dizem ‘como esse cara acerta! ... Não acertou, não é acerto. Tem uma frase de Picasso que fala: eu não busco, eu acho!”

E a vida do polonês foi uma eterna busca. Na Europa e na América, conforme viemos reconstituindo acima. Minas foi o quarto estado brasileiro onde ele viveu. Passou pelo Rio de Janeiro (1953-1965), depois Brasília (1965), São Paulo (1966-1967 e 1971 a 1974), Ilhabela (1970) até que em 1974 mudou-se para Araguari e lá ficou até 1980. Depois ele se mudou para Uberlândia (1980 – 1987), em seguida volta para Brasília (1987 – 1991) e finalmente fez morada em Várzea Alegre (1991). Contudo foram quase vinte anos residindo no Triângulo Mineiro. E os uberlandenses ainda hoje têm orgulho da passagem do polonês conforme veremos a seguir.

Em fevereiro de 2019, o portal Diário de Uberlândia, também trouxe uma matéria sobre a relação de Babinski com aquela cidade. Dessa vez o destaque era para o lançamento de um documentário produzido por Daniel Babinski, filho do polonês. “Ele me falou que não queria nada com o som de violino, como geralmente são os documentários de artistas”,

confessa Daniel ao periódico mineiro ⁹¹ A queda da ponte que ligava Araguari, mais uma vez, é lembrada como um acaso que fez com que ele e sua família se mudassem para Uberlândia. “As paisagens entre as duas cidades são parte das minhas melhores memórias. Eu saía de motocicleta por aí, contemplava o que depois transformava em quadros”.

Quando entrevistei Daniel Babinski para essa pesquisa, ele me disse que, na época era muito criança, mas que teria acompanhado o pai durante essas incursões pelo Cerrado. “Me lembro que eu ia com ele de moto para ele pintar as paisagens e ele colhia os cogumelos e eu perguntava pra que meu pai colhe isso, anos depois eu descobri. Meu pai também teve acesso as drogas alucinógenas e eu também já passei por tudo isso”. Babinski nega que tenha levado o filho para pintar, mas acredita que Daniel esteja misturando as histórias contadas por ele, com uma experiência vivida ao lado do pai. “Eu acho que ele tá contando uma coisa que eu contei para ele” comenta.

Para a reportagem de o Diário de Uberlândia, o artista disse que guarda boas recordações sobre as pessoas daquele lugar. E mantendo o seu espírito humano e humilde mostra-se grato por tudo que aquela região lhes ofereceu. “Agora que meu filho Marcelo voltou a morar aí tenho me lembrado bastante das pessoas que conheci nesta época. Tenho todo tipo de recordação positiva dessa cidade e sou muito grato por tudo que ela me proporcionou.” Mas Babinski também reconhece aquela cidade como bastante conservadora e reacionária.

Durante nosso trabalho de pesquisa e nas várias entrevistas realizadas com ele, procuramos saber suas impressões sobre Uberlândia. O primeiro nome que veio a sua mente foi de uma colega de departamento da UFU, Darli Reinalda Pinto

91 Uma visita ao mundo de Maciej Babinski, Diário de Uberlândia, fevereiro de 2019, disponível on-line <https://diariodeuberlandia.com.br/noticia/19627/uma-visita-ao-mundo-de-maciej-babinski>.

de Oliveira “Ela é mineira – profundamente mineira. Era pessoa importante, ainda é. A Darli representa o lado mais interessante de Uberlândia, porque Uberlândia era um covil de reacionários, aqueles fazendeiros ricos... Então essa pessoa, a Darli, ela tem uma vida que consegue se opor ao lado negativo de um lugar de província. Porque Uberlândia era e ainda é uma província”.

Nessa hora, Lúcia repreende o marido. Diz que ele não deveria falar assim daquela cidade mineira. “Você teve uma esposa, a segunda, Hilda Maria de Oliveira, em Uberlândia. Você tinha casa em Uberlândia, era casado e tinha dois filhos: Daniel Águila Babinski e Marcelo Wesley Babinski, que moraram em Uberlândia junto com você e a Hilda, e você foi professor da Universidade de Uberlândia”. Mas não teve jeito, Babinski diz em tom conclusivo: “Mas era uma província”.

O fato é que a liberdade é um imperativo na vida de Babinski. Sempre foi. O tempo presente e as memórias do passado também. Para ele, o futuro não passa de uma grande ilusão. “Eu sempre me considerei um artista e dou muito valor à liberdade que me foi dada. Mas tudo que faço está diretamente ligado às pessoas e à vida que é tão imprevisível. Nós não controlamos nada. Temos o passado e o presente. O futuro não existe”. Ao se referir ao documentário que está sendo lançado pelo filho de Babinski, a reportagem menciona a presença do artista plástico dirigindo um fusca bastante conservado pelas estradas de terra de Várzea Alegre. O polonês aproveita para brincar com aquele registro, comparando aquele veículo a ideia de liberdade que ele tanto buscava, desejava e vivia. “Aquele fusca é uma ilusão da liberdade sonhada e não alcançada. Ele fica mais na garagem porque quando ligo não dá partida, a bateria descarrega, precisa de manutenção que não está ao alcance, é meio uma metáfora de mim mesmo, às vezes.”

Para construir o filme sobre o pai, Daniel passou uma semana gravando com Babinski, no sítio Exu, Várzea Alegre, e seis meses editando todo o material. A ideia era traçar um breve recorte de Maciej Babinski na atualidade. Algo mais intimista. “Fiz uma conexão entre os quadros e o cotidiano dele, queria algo leve e acessível para qualquer pessoa e foi tudo feito com calma e muito carinho”, explicou Daniel à reportagem. Para Lídia, o filho de Babinski é quem mais tem arquivos de imagens do pai. Quando estávamos produzindo esse livro por pouco não encontramos Daniel na casa do polonês. Na nossa segunda visita chegamos à casa de Babinski, no dia 02 de novembro de 2024, um sábado pela manhã, fomos informados por Lídia que ele, Daniel, teria deixado o sítio Exu um dia antes. “Daniel saiu daqui ontem. Passou uma semana com o pai. Uma câmera ligada o dia todo. Se o pai dava um passo lá estava ele com a câmera atrás. Eu dizia: não me filme descabelada, mas não tinha jeito”. Lembra Lídia.

A revista Almanaque destaca que Babinski lecionou no curso de Artes Plásticas da Universidade Federal de Uberlândia. “Quando ainda estava em Araguari, fui convidado pela professora Myrtes Lints, a fazer parte da UFU onde lectionei gravura e desenho de modelo vivo por nove anos. Fiz exposições dentro e fora da UFU e passei a pintar menos paisagens”. O texto destaca também que o polonês teve cinco filhos: Ana Lúcia, que morreu em 2013, Fátima que vive há muitas décadas no Canadá, Daniel que vive em São Paulo, Marcelo que mora em Uberlândia e Aniel, (filho de Lídia que ele registrou como pai, e que vive com eles em Várzea Alegre).

Ao ser perguntado sobre o reconhecimento ao seu trabalho, Babinski diz que sempre foi um artista de artista e que sua obra é relativamente pouco conhecida do grande público. Mas que também não estaria preocupado com isso. Inclusive diz que estar “fora” desse circuito midiático faz parte de suas

escolhas. “Eu me afastei voluntariamente onde se constrói a busca desse ‘reconhecimento’ junto a ‘nomenclatura’ dos manipuladores do conceito e das opiniões. Estou trabalhando na solidão necessária para fazer o que tenho de fazer. Da situação opressora estou fora, graças à vida”.

A revista quis saber o significado de arte para Babinski. A resposta, mais uma vez, embora breve, soa como uma aula que alia conhecimento histórico e percepção individual do leitor, expectador, diante do trabalho do artista. “Sinto que a relação das pessoas com a arte tem a ver com vários fatores. E depende do momento histórico, político, econômico, religioso, varia de lugar para lugar, de cultura para cultura. No momento (2018) no Brasil, estamos sendo bombardeados com a ideia de um projeto globalizante, querendo impor a ideia de que as diferenças não devem existir e que, no fundo, as nacionalidades e o conseqüente nacionalismo são maléficos e prejudiciais ao pacífico convívio dos humanos. Os resultados dessas pressões têm sido ridículos e desastrosos, dependendo do lugar, país, e, sobretudo, da cultura nas quais é aplicada. (...) O que é arte? Você pode até dizer depois de olhar e sentir, não cabe ao artista dizer, pois ele está ocupado em fazê-la e tendo que descobrir, a partir dele mesmo, o que será arte no momento seguinte”.

Babinski é um homem de ação. É um artista que fala pouco e produz muito. Ele sempre acreditou nisso e está cada vez mais convicto de que estava certo. Ao completar 90 anos, o jornal Diário do Nordeste, perguntou o que ele diria aos iniciantes nas artes. A resposta foi muito parecida com a de Clarice Lispector ao ser indagada, durante uma entrevista para a TV Cultura, sobre o papel do escritor na atualidade. Ela disse que era “Falar o menos possível”. Babinski vai nessa mesma linha e, do alto dos seus 90 anos, deixa o seguinte recado aos jovens artistas plásticos: “O que se devia pedir a um artista

jovem era de se fazer cortar a língua para não falar tanto. Artista falando não é coisa muito boa não. Artista tem que ser artista fazendo arte, e não discutindo, falando e tentando vencer pela boca. Vence pela mão, pela cabeça, pela arte, e não pelas outras maneiras de se projetar”⁹².

E foi assim, falando pouco e produzindo sempre que Babinski acabou deixando sua marca por onde passou. Seja num quadro de 1973, onde aparece uma solitária igreja branca com janelas azuis, perdida no meio da mata e cercada por grandes montanhas, para resgatar as memórias vividas em Ilhabela, litoral norte de São Paulo; seja numa reprodução em óleo sobre tela do ponto mais oriental das américas, em João Pessoa, na Paraíba, cidade onde o polonês possuía um apartamento/estúdio e para onde ia eventualmente com a esposa; seja nas paisagens de Minas Gerais “eternizadas” em suas aquarelas.

Seus dias em solo mineiro também estavam contados. “Depois de nove anos de aula, já estava saturado de universidade, de ser professor...”⁹³. Mas o que Babinski não contou foi que, além do desgaste no seu casamento com Hilda, sua situação na Universidade Federal de Uberlândia não estava das melhores. Ela havia se recusado a criar um busto em homenagem a um político importante e se negado a aprovar a filha de um rico proprietário de terras do triângulo mineiro. E isso teria feito com que ele pedisse demissão e fosse para São Paulo.

“Nesse período, convergiram muitos fatos, muitos acontecimentos... Ele teve uns atritos com a chefia do campus, com a diretoria da Universidade Federal de Uberlândia, porque ele já tinha tido alguns atritos, porque ele se negou a fazer o busto de político, que ele disse lá na reunião que aquilo não

92 Artista plástico Maciej Babinski celebra 90 anos: “Um mergulho dentro de si infundável”. Diário do Nordeste 20 de abril de 2021 <https://encurta.ae/RRUbo>.

93 Entrevista ao Jornal O Povo, novembro de 1995.

era o papel do departamento de artes né, de universidade nenhuma fazer uma coisa dessas. Que eu concordo em gênero, número e grau. E o atrito maior foi quando ele reprovou uma aluna por falta ou porque ela não alcançou o mínimo necessário na média, era a filha de um fazendeiro conhecido, poderoso alguém de influência em Uberlândia. E aí ele foi chamado a atenção, foi convocada uma reunião para que ele revisse a nota que ele deu etc. Ele disse não, ela faltou, ela não alcançou a média necessária e tal... E isso gerou um atrito que culminou no pedido de demissão. Ele pegou simplesmente a pasta e jogou a pasta de presença dos alunos em cima da mesa do chefe do campus e foi embora. E conversou com o contador ou com o advogado dele, na época, e pediu pra escrever a carta de demissão”, lembra o filho Daniel.

Em março de 2025 procurei confirmar com Babinski essa versão de sua saída da UFU. “É a mais pura verdade. A universidade não pode fazer isso. Seria muita sacanagem. Eu não quis ceder”, lembrou o polonês. Vivendo uma crise no segundo casamento e descontente com a UFU, o polonês deixou o triângulo mineiro. “Fui embora. Passei um curto período de três ou quatro meses em São Paulo (...) quando me chamaram para Brasília para me reintegrar a UnB. Não queria ficar em São Paulo, não queria voltar para Uberlândia. Então foi simples lá vou eu para Brasília...”⁹⁴. Assim Lira Neto descreve o momento em que Babinski retorna a Brasília: “Enquanto dedicava-se a pintar e a dar aulas em Uberlândia, Babinski assistiu de longe aos ventos da abertura, que passaram a soprar no Brasil no final da década de 80. Como resultado do novo clima político no país, a UnB chamou Babinski de volta, para tentar corrigir a injustiça de vinte anos antes”⁹⁵.

Gilmar de Carvalho especifica melhor o ano em que o

94 Entrevista ao Jornal O Povo, novembro de 1995.

95 Idem.

polonês regressa a capital federal para reassumir seu posto de professor na Universidade de Brasília: “Um belo dia de 1987, recebeu proposta para voltar a Brasília, onde poderia reabrir seu processo de reintegração e se beneficiar da Anistia, conquistada em 1979, afastado que fora de sua curta carreira no magistério, durante a ditadura militar”⁹⁶. E assim o fez. Disse que já estava, há dois anos, separado de Hilda, sua segunda esposa. Os motivos dessa separação também não são muito claros. O que Lídia comentou foi que o esposo “nunca foi flor que se cheire”, em relação a fama de mulhereengo. E que Hilda também não deixava barato. O que podemos supor que tanto ele quanto ela (Hilda) aprontaram.

Daniel, filho mais velho de Hilda e Babinski esclarece melhor o motivo da separação dos pais. “Minha mãe era cabeleireira. Ela tinha o salão dela em Araguari. Em Uberlândia ela também teve o salão dela. (...). Ela nunca deixou de trabalhar e foi aí que começaram as rugas com meu pai que pediu pra ela ficar só cuidando da casa. E minha mãe queria ter uma profissão. Eu me lembro muito de discussões. “você fica aí alisando os cabelos desse povo, quanto é que você quer pra parar com isso”. Mas ela dizia: “não é isso, eu preciso trabalhar, eu quero trabalhar... Então eles tiveram muitos atritos por isso”. Hilda também não queria morar em Brasília. Ela já havia residido na capital federal e não trazia boas lembranças de lá. Além do que, as traições do marido haviam desgastado demais a relação. Segundo Daniel, sua mãe tinha voltado a estudar, era uma mulher muito livre, muito determinada. Em Uberlândia ela era uma mulher conhecida, era dona de restaurante, gostava de carnaval, desfilava como destaque em escolas de samba, fez peças de teatro e isso tudo teria começado a incomodar o marido polonês.

“Eu acredito que parte da separação, foi porque meu pai

96 Carvalho, G. (2005, p. 56).

percebeu que ele já não era mais o centro das atenções. Você deve ter percebido que o artista é muito narcisista e isso ele nunca negou. Ele é meio preguiçoso e egoísta, ele fala isso no documentário que eu fiz. Vou te mandar o link. Então, eu acredito que por isso ele não gosta muito de falar. Porque foi ele quem recebeu um pé na bunda. Ele não queria se separar. Ele nunca vai admitir isso pra você. Por isso que ele não quis falar muito, mas foi a minha mãe, claro que foi uma pisada na bola com ela, mas eu não me lembro dele falar ‘vamos separar’. A minha mãe falou ‘não dá mais, não vou pra Brasília’, os dois já estavam separados fisicamente e depois dessa pisada na bola que ele deu, e aí ela falou ‘acabou não dá mais, não dá mais, não quero mais’”.

Mas não teria sido uma decisão fácil para uma mulher negra, mãe de família e com dois filhos adolescentes para criar. Daniel recorda os dilemas da mãe. “Ela tinha medo. Eu me lembro que ela falava muito assim, que eu fui um dos que deu muita força pra ela se separar, porque ela sabia também da dificuldade que ia ser pra nós, financeiramente né, a separação dela com meu pai. E ela um dia falou assim: ‘ó meu filho, eu tinha medo da gente separar de seu pai e a gente passar fome, passar por aperto e morar debaixo da ponte né’. Mas eu falei: ‘mãe antes a gente morando debaixo da ponte e sendo feliz do que morar num palácio e vocês brigando o tempo inteiro’. Porque começou a ficar complicado. Depois ela me falou que essa fala minha foi quem deu força pra ela separar do meu pai”.

Embora Babinski já se considerasse separado de Hilda desde 1985, o filho Daniel garante que o pai, mesmo morando em Brasília, continuava legalmente casado com sua mãe. A separação só veio acontecer uns dois anos depois que ele regressou na UnB. “A relação deles já estava assim desgastada e até que culminou na separação, quando ela descobriu que ele

estava se relacionando fora do casamento. Em 1989, provavelmente, ele se separou de minha mãe em definitivo. Depois ele arrumou uma namorada que eu gostava muito. Ela me deu um CD do *Casseta e Planeta*. Ela era muito culta, inteligente. Mas também não durou muito tempo. De repente ela sumiu. Eu perguntei por ela e ele disse que não tinha dado certo. Ele comprou um apartamento na 410 Norte. Alguns meses depois da separação da minha mãe ele conhece a Lídia. Aí ele começou a se relacionar com a Lídia e a Lídia foi morar no apartamento com ele. E a gente ia todos os meses, uma vez, passar um final de semana com ele lá no apartamento em Brasília. Aí um dia ele falou: olha eu estou me relacionando, estou namorando com a moça, ela está morando aqui e tal. Isso já nos preparando né. Aí eu fui falei, poxa pai por que você não fica solteiro mais um pouco?”

Para Daniel, o fim do relacionamento dos pais tem outros fatores além das traições do pai. Envolvem ainda a figura livre e independente da mãe. E isso teria causado certo desconforto no polonês. “Por que, talvez, meu pai não goste de falar sobre o fim do relacionamento com minha mãe? Porque a minha mãe, ela tinha essa tendência, de acordo com a cabeça do meu pai, ele achou que ela fosse ser essa mulher submissa, caseira que vivia pra ele, que é exatamente o que a Lídia faz. Ela (Lídia) foca totalmente no cuidado da comida, da dormida, de lavar a roupa, os afazeres domésticos... e minha mãe, de repente, se mostrou né, independente, mesmo com essa dificuldade financeira, ela ganhava o dinheiro dela, ela tinha o círculo de amizade dela, ela voltou a estudar, ela foi estudar teatro e ela começou a fazer sucesso. As pessoas pararam de perguntar só do Babinski e que começaram a perguntar sobre a Hilda. Eu tenho algumas figuras dos jornais da época da minha mãe...”

Lídia discorda, em parte, dessa percepção do filho de

Babinski sobre a sua relação com o artista plástico. “Não é verdade que me tornei uma mulher submissa ao Babinski e deixei de viver a minha vida. O Maciej nunca me obrigou a fazer nada que eu não quisesse. Eu sempre fui livre para fazer o que eu queria, como eu queria e na hora que eu queria”, comentou Lídia após uma primeira leitura do livro.

Hilda Maria de Oliveira nunca mais constituiu família. Faleceu em fevereiro de 2018, aos 69 anos de idade, vítima de câncer. “Era mieloma múltiplo, que é um câncer semelhante a leucemia. (...) Ela faleceu em Uberlândia. Ela passou um ano e oito meses morando aqui em Florianópolis comigo. De uma hora para outra ela resolveu ir embora. O que me causou estranheza. (...) Foi assim muito rápido. Em dezembro (de 2017) ela começou a sentir essas dores. Dia 03 de fevereiro ela foi internada e dia 18 faleceu”, recorda Daniel.

Quando Babinski retomou às atividades de professor na UnB, ele tinha 56 anos de idade e ainda carregava aquele sonho de uma universidade aos moldes dos anos sessenta. “Vamos dizer que, ao mesmo tempo em que eu fiquei imensamente grato pela UnB ter me deixado voltar e atuar lá dentro, eu me senti frustrado, porque achava que era possível fazer muito mais. Impossível não comparar com 1965, quando nosso grupo era tão unido, o pensamento era tão similar, mesmo entre pessoas de departamentos diferentes. Nós respirávamos o mesmo ar, todos pensando de forma muito parecida. E isso criou uma força. É óbvio que a unidade é uma ilusão. Mas nós sentimos isso muito forte. Nós sentimos que a universidade era nossa. Então o que eu senti quando voltei é que a Universidade tinha sido passada a limpo. Mas história é história e as coisas se sucedem”⁹⁷.

E a história era outra. Para não correr o risco de ficar como seus colegas, jogados pelos cantos sem nada para fazer na

97 Gisel, A. (2006, p. 178).

nova UnB, Babinski, aproveitando uma brecha criada pelo governo Collor que permitia incluir todo o seu tempo de trabalho – como operário, funcionário de companhia aérea, de hotel etc. – resolveu se aposentar. “Voltar a universidade me impulsionava. Eu achava que agora tudo ia dar certo, que coisas novas e melhores estavam surgindo no país. Dei três anos de aula, me esforcei bastante, tudo como manda o figurino. Mas foi aí que percebi que a Universidade de Brasília não era mais a mesma, meus antigos colegas eram velhinhos jogados pelos cantos sem ter bem o que fazer. Quando tive oportunidade de me aposentar, não pensei duas vezes”⁹⁸. A frustração de Babinski durante esse segundo momento em Brasília, vai fazer com que o artista busque novos horizontes, outros espaços de liberdade...

A ideia central do capítulo a seguir é explicar a seguinte questão: como Babinski teria vindo parar numa pequena cidade localizada no sul do Ceará? A resposta tem muito a ver com a figura de uma mulher: Lídia. “... cabocla que lhe despertou um amor tardio e, garante ele, definitivo. Sabedora da fama de mulherengo do professor Babinski, a moça, anos mais nova, fez uma exigência antes de aceitar a proposta de namoro: queria casar rápido e, logo depois, voltar para perto de sua família, no Ceará. Babinski, apaixonado, topou na hora”⁹⁹. Mas, ao que tudo indica quem estava louco para juntar os panos de bunda, era ele.

98 Entrevista ao Jornal O Povo, novembro de 1995.

99 Revista No Mínimo, março de 2006.

“VOCÊ QUER SE CASAR COMIGO?”

“(...) em 1990, quando já estava achando que não tinha mais nada a fazer em Brasília, conheci a Lídia, minha terceira e atual mulher. Ela trabalhava em um restaurante em Brasília, onde eu costumava comer. Um dia mandei um bilhete para ela através de um garçom e nosso amor começou ali, entre beijos e empadas. Lídia é cearense, tem um laço muito forte com a família. Eu fiquei curioso com isso. Viemos para o Ceará para fazer uma visita e resolvemos depois mudar de vez”¹⁰⁰.

CONFORME ESTÁ SINALIZADO ACIMA, BABINSKI CHEGOU À Várzea Alegre, no início dos anos de 1990, trazido por um “rabo de saia”. A escolha desse lugar para passar o resto de seus dias se deu muito em função de uma atendente de restaurante que ele encontrou em Brasília. Ainda como professor da UNB. Poucos meses antes de se aposentar. “Depois de sua reintegração, Maciej requereu aposentadoria, em 1991”.¹⁰¹ Lídia era uma cearense de família pobre, que trabalhava em Brasília atendendo clientes de um restaurante que vendia frutos do mar.

“A dona Lídia eu conheci mais ou menos quando eu estava quase me aposentando da UnB. Ela trabalhava num lugar onde eu ia lanchar no final da tarde. No final das aulas, depois das quatro, às vezes pra não jantar - porque eu não gostava,

100 Entrevista ao Jornal O Povo, novembro de 1995.

101 Carvalho, G. de (2005, p. 56).

e não gosto até hoje, de fazer comida, tenho preguiça -, eu ia lanchar nesse lugar que ela trabalhava. Tomava uma cervejinha, comia umas empadas e ia pro meu apartamento, (que era) próximo e podia dormir sem jantar. Aos poucos, começou a se criar uma ... Como é que se diz? Uma ... Como é que você chama isso? Um começo, um flerte ... Flerte é do tempo do JK”¹⁰²

Babinski, naquela época, já tinha casado duas vezes e era pai de quatro filhos. Como ele mesmo confessa, estava se aposentando na Universidade de Brasília e prestes a completar 60 anos de idade. Mas continuava vivo, ativo e disposto a encontrar um novo amor. E sentiu uma paixão avassaladora quando viu a cearense, morena de olhos azuis atrás daquele balcão. Os olhos de Lídia e aquela beleza, que misturava uma cabocla com uma polaca, desestabilizaram o artista plástico. Paquerou (ou flertou, como prefere) à distância, tomou coragem, escreveu um bilhete (ou torpedo) e pediu que um garçom entregasse a Lídia. “Então, mandei torpedo e assim por diante.” Três décadas e meia depois ele relembra esse encontro de forma engraçada. “Eu já estava em fim de carreira. Era tudo ou nada. Eu queria ficar com ela”. Mas a princípio Lídia não quis. Mandou o amigo garçom jogar o bilhete na lata de lixo. Fez seu charme de mulher difícil. De cearense arretada. Mas os colegas de trabalho insistiram para que ela lesse o conteúdo do bilhete. Visse o que tinha ali e quem era aquele “coroa” que estava paquerando com a jovem cearense.

“Eu não queria. Mas depois dos meninos insistiram eu cantei o bilhete da lata do lixo e abri. Tinha um número de telefone e pedia que eu ligasse. Eu ainda guardo comigo esse bilhete. (risos) Claro que eu não liguei. Que danado eu ia dizer pra ele”? Mas novamente os amigos do trabalho insistiram: “liga pra ver o que ele quer. Liga pra saber quem ele é. Daí eu liguei.

102 Entrevista Alunos UFC, 2010.

Me apresentei e começamos a conversar. Marcamos um jantar. Ele perguntou se eu preferia comida chinesa ou japonesa. Pra mim era tudo a mesma coisa. marcamos num restaurante japonês”.

Nessa hora Babinski entra na conversa com a seguinte observação: “o restaurante era japonês, mas os cozinheiros eram cearenses”. E ri balançando a cabeça e o corpo todo sentado naquela cadeira de rodas. Lídia continua narrando esse primeiro encontro: “O restaurante japonês era na Asa Sul. O vestido tinha sainhas em cima da outra. Eram três sainhas. Vestido comprado na loja da Geisa que era minha amiga e dona dessa loja que ficava vizinho ao restaurante que eu trabalhava. Amiga entre aspas porque rico não era amigo de pobre. Era marrom e vinho com detalhes brancos. Nós nos encontramos em frente ao Conjunto Nacional porque era um local público. Ele me pegou num Fiat. Depois ele capotou esse carro e deu de presente aos filhos”.

Foram até o restaurante escolhido. Sentaram numa mesa e enquanto esperavam a comida veio a surpresa. “Eu toda chique lá com ele, quando do nada Babinski olha bem no fundo dos meus olhos e diz: você quer se casar comigo!? Eu pensei, esse é doido varrido. Ele nem me conheceu direito, a gente acabou de se encontrar e ele já quer casar comigo! Eu disse que não. Falei que tinha um filho, que minha família morava no Ceará, coloquei mil e um empecilhos para ver se ele fugia de mim, mas não teve jeito”.

Três dias depois ele voltou ao restaurante onde ela trabalhava. “Continuava com a mesma intenção de casar comigo”. A essa altura todo o restaurante já sabia do interesse do polonês para com a atendente. E todo mundo torcia pelos dois. Só Lídia acreditava que aquilo era muita loucura. Mas vendo o interesse dele por ela, Lídia resolveu dar a última cartada para que ele sumisse da sua frente: “eu me caso com você, mas

antes você tem que ir conhecer minha família lá no Ceará e também tem que assumir o meu filho”. Lídia já tinha um menino de 8 anos que morava com os avós no Ceará. O polonês concordou com tudo e dois dias depois chegou ao restaurante e disse: “preciso de sua identidade para comprar as passagens aéreas para o Ceará”.

Novamente, Lídia relatou. O polonês estava indo com muita sede ao pote. “Eu não queria dar, estava achando ele doido demais. A minha patroa disse: aproveita e vai. Tu nunca andou de avião, eu te dou uns dias de férias e tu vai com ele na tua terra. Visita teus parentes. Assim fizemos. Babinski comprou as passagens e viemos até Fortaleza de avião. Eu morrendo de medo. Achando que aquele troço ia cair. Um desespero. Quando precisei ir ao banheiro. Babinski disse com a tranquilidade de um monge: é simples, levante, ande até o banheiro e pronto. Eu fui, mas quando me levantei do vaso que dei a descarga o avião passou por uma área de turbulência e eu imaginei: Valha meu Deus!, derrubei o avião. Depois do susto e com a aeronave estabilizada no ar eu voltei sentei na cadeira ao lado dele e só levantei dali quando chegamos em Fortaleza. A viagem começou chique e terminou na viação Vale do Jaguaribe. Uma pobreza dentro daquele ônibus que rodava 8, 9h até chegar aqui em Várzea Alegre”.

Como se não bastasse, continua Lídia, “Uma mulher entrou no ônibus com um balaio de galinha e colocou praticamente debaixo do nosso banco. As aves começaram a fazer barulho. Os passageiros que estavam nas poltronas ao lado olhavam para mim como se eu estivesse sufocando as galinhas. Achavam que tinha uma delas presa na minha bolsa. Eu tive que dizer que aquelas galinhas não eram minhas e que na minha bolsa não tinha nada. Foi uma viagem tensa”. A notícia de que Lídia tinha arranjado um “velho rico”, um “partidaço” e que os dois estavam chegando à Várzea Alegre logo se

espalhou pela comunidade rural do sítio Exu. A família em peso esperava a chegada deles. “Minha família é desse povo que fala alto, grita, todo mundo ao mesmo tempo, ninguém entende nada. Babinski sempre falou baixinho. Faz parte da cultura dele, da educação dele. Eu imaginava que quando ele chegasse aqui e visse a loucura que é a minha família ele batesse o pé, fosse embora e jamais quisesse olhar pra mim. A gente chegou tinha meio mundo de gente esperando por nós ali perto da ponte do Exu. Essa que fica aqui na BR-230”.

Esse relato foi todo contado por Lídia. Babinski apenas ouvia atentamente como nós e confirmava tudo que a mulher narrava. Nessa hora, da chegada e do público que os esperava ele levantou cabeça e disse em tom gaiato: “120 pessoas nos esperavam”. E caiu novamente na gargalhada. Essa mesma cena está retratada numa entrevista que ele deu, em 2010, para um grupo de alunos da Universidade Federal do Ceará e que foi publicada na Revista Entrevistas. Embora o número de pessoas fosse menor, ainda era considerável a quantidade de curiosos que os esperavam. “Na primeira visita - eu me lembro - paramos no asfalto aqui em frente, onde tem essa ponte com o Vale do Jaguaribe, já no final da tarde, 16h30, tinha - não sei - mais de 40 pessoas no asfalto esperando a nossa chegada (risos)”.¹⁰³

Lídia disse que Babinski chegou mudo e saiu calado. A casa toda em polvorosa. “Gente falando, gritando, uma confusão e ele só ouvindo”. Perguntado sobre o significado desse silêncio o polonês disse: “Dizer o quê? Um choque cultural. Quê que eu tenho a dizer? Nada. É impressionante o que é uma família nordestina” (risos). Mas Babinski estava decidido. Nem aquele alvoroço de gente, nem aquele calor sertanejo que bota para correr calangos e lagartixas, nem as centenas de pessoas que passaram visitar a família de Lídia pelos próximos dez

103 Entrevista Alunos UFC, 2010.

dias seguidos, tiraram da cabeça do polonês a sua intenção para com a cearense de Várzea Alegre. Ao votarem para Brasília, Babinski refez a proposta para Lídia: você quer se casar comigo?

Ela não tinha mais desculpas. E assim, no dia 24 de novembro de 1990, formalizaram a união no civil. Uma festa em casa, com a presença de amigos próximos. “Foi tudo muito rápido. Quando eu conheci a Lídia, (foi) em (19)90. Casamos no civil em (19)90 (...) em Brasília, com Athos Bulcão (artista plástico, arquiteto e mosaicista brasileiro 1918/2008) como uma das testemunhas. O casamento civil foi dentro do nosso apartamento, alugamos a juíza com o livro”¹⁰⁴.

Poucos meses depois daquele casamento às pressas, em Brasília, o próximo endereço de Lídia e Babinski era o sul do estado do Ceará. E essa viagem começaria dentro de um gol verde que saiu riscando as estradas empoeiradas desse país. No início de 1991, poucos meses depois do casamento civil, os dois deixariam a capital federal, desenharam num papel o percurso, viajaram quase dois mil quilômetros de carro e, desde então, passariam a viver para sempre na pequena e escaudante Várzea Alegre.

104 Idem.

BRASÍLIA, UM GOL VERDE, VÁRZEA ALEGRE...

AQUELE PEQUENO PONTO VERDE CRUZANDO AS RODOVIAS DO sertão brasileiro, mil e oitocentos quilômetros de estradas de Brasília até o sul do Ceará, podia ser visto via satélite, tamanho era o contraste entre a cor do carro e a paisagem semi-árida. Parecia um pé de juazeiro se movimentando rumo ao Ceará. Dirigindo aquele gol esverdeado estava o polonês. Ao seu lado a sua recém-esposa Lídia. Com um mapa de papel na mão, um olho na estrada e outro na rota traçada cuidadosamente dias antes de pegar a BR. Os pontos de paradas todos circulados com um lápis. As cidades que os orientavam no destino final, todas em destaque. Os locais de parada para descanso também. As bagagens tinham sido todas embaladas em caixas de papelão e foram despachadas num caminhão baú que chegaria dias depois. Livros, quadros, obras de arte, aquarelas, projetos a serem desenvolvidos... longe dos grandes centros. “A vida de Lídia estava toda aqui. A cabeça também. Aqui estão plantadas as suas raízes. No começo fiquei com medo de Várzea Alegre. Era uma mudança muito forte, radical demais. (...) Tentei uma solução intermediária e alugamos uma casa no Crato”.¹⁰⁵

Inicialmente a ideia era morar no Crato. “(...) porque a casa do meu sogro era muito pequena, e a gente tinha de pensar ... Eu tinha medo, na realidade. Eu tinha medo. Daí fomos pro Crato pra ver se eu conseguia me adaptar melhor,

105 Entrevista ao Jornal O Povo, novembro de 1995.

talvez em uma cidade, como o Crato. E não ocorreu. No Crato, logo começamos a planejar a nossa casa aqui, o meu sogro cedeu um pedacinho de terreno pra gente fazer a casa. Depois, mudamos para Várzea Alegre numa casa alugada, enquanto construía aqui. Ficamos um ano no Crato”¹⁰⁶. No livro de entrevistas da Gisel Azevedo, esse tempo teria sido menor “Moramos no Crato primeiro uns seis meses, mais ou menos, e depois viemos para Várzea Alegre. Ficamos na cidade um tempo até a mudança para o sítio, que fica aqui nesse distrito chamado Canindezinho, a dezoito quilômetros de Várzea Alegre. A família de Lídia está instalada nessas terras há séculos, trabalhando no campo.”¹⁰⁷

Lídia desembarcou feliz da vida por finalmente ter voltado a morar perto dos familiares e amigos, bem como para junto do seu filho, Aniel, “Quando a minha mãe retornou de Brasília, eles chegaram na casa do meu avô, eu fiquei por longe, lógico né? Pois eu sempre fui calado e vergonhoso, mas a frase que nunca saiu da minha mente foi que ela me chamou e disse: venha cá, dê a benção para ele (Babinski), pois este aqui agora é seu pai. E assim eu fiz. Ele me tratou, e me trata até hoje, super bem. E eu tenho orgulho de ser registrado como um legítimo Babinski” recorda Aniel.

Babinski, um homenzarrão de quase dois metros de altura parecia uma sardinha enlatada naquele gol. Saltou do veículo baqueado da viagem. “Cheguei com hérnia de disco. Um terror!”. Mesmo assim gostou da recepção e da culinária que os aguardavam, “Quando cheguei de Brasília, a primeira coisa que eu comi foi um feijão que acabou de colher. Era coisa que não tinha lá, entende? Eu adoro a comida daqui. A liberdade que as pessoas me dão. A liberdade pra eu ser o que eu sou sem me encher o saco, sem me pressionar pra nada. Sem

106 Entrevista Alunos UFC, 2010.

107 Gisel, C. A. (2006, p. 218).

impor a sua presença, me deixando quieto. Eu vou aonde eu quero, quando eu quero. Então que é que chama isso, se não liberdade? É, ou, não é?”¹⁰⁸ Novamente o artista era um *outsider* naquele lugar. “... um gringo de língua enrolada e de hábitos estranhos, que passa horas a fio olhando a paisagem, ensimesmado, sempre às voltas com tintas, espátulas e pincéis, enquanto a mulher é quem comanda, com voz altiva, os negócios da casa e do sítio”, observou Lira Neto.

Lídia finalmente voltava para a terra de seus pais. Babinski seguia rumo a terra prometida. Deixava de lado uma rotina cheia de atividades acadêmicas, encontros profissionais, reuniões departamentais, compromissos formais... enfim, o polonês queria ser livre. “Foi no interior do Ceará que descobri que era um polonês, que aprendi a me aceitar mais, me assumi mais”¹⁰⁹. O pedaço de terra doado pelos pais de Lídia, “acho que não dar três tarefas”, ficava às margens da BR 230, quase na divisa dos municípios de Várzea Alegre e Lavras da Mangabeira. Ali o polonês começou a sentir o ambiente, olhar para os elementos naturais que compunham aquele espaço, entender o ecossistema social e natural. Em Várzea Alegre, “Matias, o polonês” incorporou as cores da paisagem sertaneja às telas em que retrata com precisão o ser humano e as relações sociais. Um salto temático, se recuperados os primeiros rabiscos infantis, nos quais registrava as bombas e aviões da Segunda Guerra”¹¹⁰, observa a reportagem do Jornal Diário de Nordeste.

Para Lira Neto, o polonês confessou que “Foi uma mudança radical” e, portanto, repleta de surpresas. Mesmo sendo “esse homem calejado em reviravoltas na vida, que confessa

108 Revista Entrevista. Universidade Federal do Ceará. 26 de junho de 2010.

109 Entrevista ao Jornal O Povo, novembro de 1995.

110 Artista plástico Maciej Babinski celebra 90 anos: “Um mergulho dentro de si infundável” Diário do Nordeste, 20 de abril de 2021.

ter ficado chocado ao constatar, assim que chegou à nova morada, que teria que dormir de rede e que o lugar não dispunha sequer de um banheiro”. Ao contrário do polonês, a família de Lídia tinha uma história longa com aquele lugar. “Os Epifânio têm uma relação com a terra que passa por várias gerações. A propriedade da terra dá a eles uma atitude diferente dos que trabalham pelo sistema feudal de terças, meias etc. Prevalece o que pode ser chamado de ética sertaneja: um sistema de valores que tem origem na tradição oral e tem a força do impresso a fogo e a ferro. Eles amam a terra e se integram a ela, como árvores antigas, plantadas não se sabe por quem nem quando”¹¹¹. Mesmo completamente impactado por essa relação do homem com a terra, com a natureza, com os animais, com todo o ecossistema em sua volta, Babinski precisou de tempo para processar. Estaria ou não estaria reencontrando sua Polônia?

“Natureza é um termo muito geral, cada lugar é diferente. Pra acostumar a minha vista para olhar o que tem aqui levou um bom tempo, e ainda estou descobrindo coisas, porque aqui você de tem de ter outros olhos, outra visão. Se você chega com a visão do outro, você não enxerga nada. Da mesma forma que uma pessoa que sai daqui e vai pra outro lugar estranhando, (assim) vai ver pouca coisa. Vai ter de se adaptar, acostumar a vista. Essa distância (aponta para o horizonte) parecia tudo um cinza. Mas na hora que eu comecei a olhar, comecei a perceber as distâncias, as proporções da paisagem, as cores ... Hoje, eu acho até a seca linda. (...) hoje eu já estou tranquilo com a mata branca, com tantas cores da seca também”.¹¹²

Outra coisa que também chocou o polonês foi a falta de eletricidade. No início dos anos de 1990, poucas comunidades

111 Carvalho, G. de (2005, p. 60).

112 Revista Entrevista. Universidade Federal do Ceará. 26 de junho de 2010.

rurais do município de Várzea Alegre possuíam energia elétrica. Geralmente as sedes dos distritos e outros povoados mais populosos. O uso da lamparina, lampiões ou candeieiros, para clarear as noites sertanejas, era algo muito comum até o final do século passado. É provável que algumas regiões mais remotas ainda utilizem esse engenhoso recurso de iluminação para vencer a escuridão por esse país afora. O fato é que aquelas luminárias arcaicas podiam ser improvisadas artesanalmente ou adquiridas nas feiras livres das cidades. Tratavam-se de recipientes pequenos que acumulavam algum tipo de óleo. Tinham uma abertura por onde se colocava esse produto e por onde também saía uma espécie de pavio feito de algodão. A substância mais comum para provocar aquele fogo era um óleo destilado do petróleo bastante conhecido como querosene.

Um homem acostumado a modernidade, vindo do primeiro mundo e habituado aos grandes centros, de repente se encontrava mandando comprar nas bodegas rurais ou mercadinhos urbanos latas de querosene. Observando todo final do dia uma pessoa da casa, geralmente Lídia ou uma ajudante, verificando se alguma das luminárias estava vazia e tratava logo de preencher com o destilado de petróleo. Ao cair da noite, tendo que acender, em cada cômodo principal da casa, como sala, quarto e cozinha um pequeno candeieiro. E mais, precisando levar na mão aquela engenhoca luminária toda vez que precisasse se deslocar para outro cômodo escuro.

A experiência que o polonês vivenciava no Ceará era algo, digamos, primitivo. Toda vez que o pavio, feito de algodão, acabava era necessário trocá-lo. Para construir os pavios das lamparinas, as mulheres trançavam a lã do algodão de modo que formavam uma espécie de cordão grosso. Era esse cordão, que em contato com o querosene dentro da lamparina, conduzia o óleo até a parte externa dos lampiões mantendo

assim as chamas acesas. A fumaça provocada por aquele que-rosene era preta, fedorenta, suja e, portanto, nada saudável. Até o local onde se colocavam as lamparinas ficava a marca de fumaça na parede.

As casas além de não possuírem energia elétrica, também não tinham banheiro. As pessoas costumavam tomar banho ao ar livre em riachos, açudes e cacimbões. “Maciej diz uma coisa que parece intrigar à primeira vista: que a grande contribuição do Ceará à sua pintura foi a voz, o fato de se sentir “imerso em uma cultura verbal”. Difícil traduzir isso para os códigos visuais ricos e multifacetados. Mas ele deve saber o que está dizendo”¹¹³.

Uma das primeiras surpresas do polonês com as manifestações culturais do Cariri, foi quando, no período da Semana Santa, um grupo de jovens, fantasiados e mascarados invadiu o terreiro de sua casa fazendo barulho. Eles tocavam chocalhos e batiam em latas velhas de alumínio. Eram “os caretas” pedindo esmola. Aquilo foi um choque para Babinski porque tratava-se de algo muito espontâneo. Ao contrário de uma exposição de obras de arte, que mobilizava muita gente, necessitava de uma logística grandiosa, de tempo, de preparo, de pessoas capacitadas, curadoria etc, àqueles jovens tinham apenas vestido roupas velhas e rasgadas, colocado pedaços de papelão na cabeça com dois furos por onde conseguiam enxergar, algumas perucas improvisadas e saíam felizes da vida de casa em casa. Mas eles não eram os únicos. Durante a noite ainda circulava por ali um grupo de homens cantando benditos, vestidos numa túnica preta que remetiam a idade média. Eram os penitentes.

Lídia e Babinski chegaram à Várzea Alegre exatamente no período que antecede a Semana Santa. Ele deve ter encontrado com esses grupos logo que desembarcou em solo cearense. E

113 Carvalho, G. de (2005, p. 61).

já instalado na casa recém-construída no sítio Exu, o polonês recebeu a visita de um grupo de jovens “encaretados, cantando na minha porta... penitentes. Eu fui descobrindo essas coisas, tão fortes que aquilo dar forças”. Em setembro de 2019, ele afirmou ao Jornal Diário do Nordeste: “As pessoas aqui sempre souberam fazer poesia com as palavras e com os objetos, sem a interferência de superiores. A estrutura social é forjada por uma cultura fortíssima. Isso tem a ver com os artistas polacos românticos”.¹¹⁴

Várzea Alegre é conhecida na região do Cariri cearense como um município que preserva suas tradições. Entre elas estão “os caretas” e a “malhação dos judas”. Os caretas, aos quais Babinski faz referência, eram grupos compostos por homens e mulheres (geralmente jovens) vestidos com máscaras e roupas coloridas que saiam pedindo esmolas nas casas. Andavam pelas ruas da cidade ou de sítio em sítio, carregando chocalhos barulhentos, assoprando apitos, tocando sanfonas e zabumbas e puxando um animal que podia ser uma mula ou um jumento. Em cima daquele animal estava o Judas, símbolo de traição de Jesus. Exposto ali como um troféu, um prisioneiro que merecia uma punição e uma exposição pública. Era também no lombo daquele animal que eles (os Caretas) colocavam todos os donativos recebidos de porta em porta. Tudo era armazenado para o grande dia. O dia da malhação do Judas.

Todo sábado de aleluia, no sítio Juazeirinho e na sede do distrito, a poucos quilômetros da casa de Babinski, os integrantes desses grupos folclóricos, organizavam a maior de todas as festas cristãs da semana santa: A “malhação do Judas”. Um animado e divertido desafio onde, num pequeno cercado com uma abertura estreita, eram colocados aqueles donativos

114 Reportagem Desenhos e pinturas do artista Babinski ganham exposição em São Paulo. Diário do Nordeste 02 de setembro de 2019.

recebidos nas andanças dos caretas. O objetivo era roubar tudo que se encontrava ali dentro do cercado, mas sempre um produto por vez. No momento em que o “ladrão” tenta fugir com o objeto do cercado, ele era violentamente açoitado até sair em fuga. Uma brincadeira onde jovens corajosos tentavam furtar aquelas doações conquistadas pelos grupos de caretas. Nessa hora, guardas armados com chicotes feitos com cordas ou couro de animal tinham que evitar o furto açoitando os invasores. As pessoas assistiam a tudo de perto. A última coisa a ser levada, roubada e destruída pelos ladrões era o Judas, um boneco feito de pano, trapos, serragem e que simulava uma espécie de espantalho. Na tradição cristã o Judas é um traidor.

“Eu percebi, desde o início, que aqui havia uma cultura. Não era só uma ilusão, uma agressão, uma reação... aqui há uma cultura que funcionava. (...). Aí a ideia libertária de um mundo sem polícia, sem crime... tudo isso veio pra me reforçar aqui. E a cultura é imensa. São palavras, são maneiras de falar, são maneiras de ser, são maneiras de trabalhar, são maneiras de comer. Tudo isso me deu força aqui.”¹¹⁵

Os grupos de penitentes também chamaram a atenção do polonês. Aqueles homens todos vestidos com roupões vermelhos, e pretos e com listas brancas em forma de crucifixo descendo por suas vestes lembravam rituais da Idade Média. Eles estavam sempre com as cabeças encobertas numa espécie de capuz e carregavam também, amarrados na cintura, navalhas afiadas que reluziam no claro do candeeiro. “Causou-lhe emoção saber que um ritual que saíra de Sevilha, capital da Andaluzia, na Espanha, chegara a Várzea Alegre com tanta força”, comentou o amigo Sávio Pinheiro. Os penitentes realizavam terços pelas comunidades urbanas e rurais toda vez

115 Babinski 90 anos – Homenagem da Universidade de Fortaleza - UNIFOR.

20/04/2021, disponível no Youtube.

que solicitados e tradicionalmente, durante o período da Semana Santa, pediam esmolas pelos sítios. Certamente bateram a porta do polonês.

Os terços de penitentes sempre reuniam muita gente e eram momentos marcados por orações, cânticos e rituais secretos de autoflagelação. Em determinado momento da celebração, os penitentes se ausentavam do local onde estava sendo realizado o terço, se isolavam num quarto secreto ou no lado externo da residência longe dos olhares dos curiosos, geralmente dentro do mato, e retornavam com as roupas molhadas de sangue. “Mas você sabe que a igreja proibiu, né?”. Lembra Lídia. Que ainda nos conta duas histórias envolvendo essas celebrações religiosas. A primeira é a história de uma mulher que gostava de inventar coisas para ter um terço na casa dela. Certo dia, quando Lídia ainda era solteira, essa tal vizinha inventou que o pai tinha aparecido para ela pedindo um terço. “Ela fazia isso porque esses eventos reuniam todo mundo. Ia todo mundo dos sítios vizinhos”. Disse que quando chegaram lá na casa da tal mulher, havia uma cadeira confortável ao lado do altar. “E todo mundo em pé. E a cadeira lá vazia”. A prima dela foi lá e se sentou na cadeira. Na mesma hora alguém foi lá e tirou a menina da cadeira. “Ela voltou e sentou de novo. A mulher foi lá e tirou de novo”. A menina se indignou: Ora, mas por que não posso sentar? Quero me sentar. Tá todo mundo sentado”. E pela terceira vez sentou na cadeira. Resultado: “Quando terminou, foi que nós descobrimos porque a mulher disse que não era pra sentar na tal cadeira. A mulher disse que o pai dela (que já havia morrido) estava sentado naquela cadeira vazia. (Risos) O que era uma mentira”. Concluiu.

A segunda história envolvendo os terços de penitentes diz respeito a chapa (prótese) de Babinski. Eles ainda moravam no Crato. Vieram para a casa dos sogros no sítio Exu.

Descobriram que havia um terço de penitente ali pelo sítio. “Vamos para o terço na casa de fulana. Na casa de mãe não tinha banheiro. E era numa bacia que escovava os dentes. Maciej tinha uma dentadura (prótese). Ele tirava a dentadura quando ia escovar os dentes. Aí ele disse vou escovar os dentes. Pegou a bacia levou para área. E foi escovar os dentes. Depois jogou a água fora. Aí disse: joguei meus dentes fora. (Risos). Aí começou a baixaria. Vamos procurar os dentes de Maciej. Lá vai eu e minha irmã com a lamparina. E a gente andando: e ele dizia vocês vão quebrar meus dentes. E os capins tudo molhados. Eu dizia: você tem certeza que você jogou? Joguei sim. É nada de a gente achar. Eu perguntava: Maciej você tem certeza. Ele dizia, sim. E dana a gente procurar. Foi quando minha irmã lembrou de rezar a oração de São Longuinho. (uma tradição nas comunidades rurais é apelar para esse santo quando não se está encontrando algo que foi perdido) E ela começou a dizer: olha tá mostrando que a chapa de Babinski está perto dele. Não está aí onde vocês estão procurando não. E eu perguntava: Maciej você tem certeza de que jogou junto com a água? Resultado, depois de todo esse alvoroço descobrimos que a chapa de Babinski estava no bolso da camisa dele”. (risos)

O EX-VOTO

O POLONÊS FOI INCORPORANDO ESSAS PRÁTICAS CULTURAIS regionais/locais à sua vida e à sua arte. Num determinado momento da nossa primeira visita a casa de Babinski, em outubro de 2024, o artista plástico olhou para uma tela que fica bem próximo da entrada principal de sua casa e disse: “esse quadro é um ex-voto.” Eu balancei a cabeça afirmativamente e disse: que maravilha! Daí ele continuou: “como é um ex-voto, não precisa muita explicação. Ele já é autoexplicativo.” Eu acho que Babinski sabia com quem estava falando. Ele jogava coisas assim como se dissesse: esses meninos são universitários, portanto, tem a obrigação de entender o que eu digo, e vou falar com eles na qualidade de professor aposentado da UnB. Mas, pouco tempo depois, ele decidiu explicar os elementos do quadro. Disse que o homem montado a cavalo era um jovem guerreiro. A lança atravessava um “monstro” passando bem abaixo da boca. As cores azuis, a sela do cavalo... o quadro foi pintado para representar, agradecer sua vitória contra um câncer que ele teve debaixo da língua. Toda a simbologia de cores e os personagens, como o jovem guerreiro em seu cavalo com uma lança cravada na cabeça do “dragão”, remetiam a luta do artista para vencer a doença.

Ex-voto é uma expressão cultural, de fato, muito comum no Nordeste brasileiro. O turista ou romeiro que se dirige a qualquer santuário, a qualquer capela de santo milagroso, a qualquer Cruzeiro de beira de estrada ou a centros de

peregrinação como o Juazeiro do Norte, por exemplo, se depara com uma infinidade de peças esculpidas em madeira, cera, gesso e argila representando diversas partes do corpo humano como braço, cabeça, perna, peito, mão, coração etc. Também é possível encontrar nesses locais pedaços de fitas, vestidos de noiva, chapéus, cópias de diplomas de graduação, miniaturas de animais domésticos, enfim, um amontoado de coisas que remetem a uma série de questões e problemas sociais.

O Casarão de Padre Cícero, hoje um imenso museu localizado na Colina do Horto, ao lado da estátua do religioso, é a prova concreta do que Babinski queria nos dizer. “É autoexplicativo”. Lá existem salas e mais salas lotadas com fotografias três por quatro de pessoas desconhecidas que certamente obtiveram uma graça apelando para a fé. O ex-voto é uma forma muito particular de agradecimento por diversas dádivas alcançadas. É uma maneira de tornar pública a obtenção dos chamados milagres. É a expressão mais popular, a manifestação mais expressiva dos sentimentos do povo, a tradução mais completa da história de luta e sofrimento do nordestino. Na percepção do polonês, “é uma manifestação popular primitiva.”

Ao olhar para aquelas esculturas em miniaturas, fotos e documentos, espera-se que percebamos o cotidiano dessa gente. Os ex-votos foram objeto de estudo de um importante pesquisador Brasileiro: Luiz Beltrão. Para ele, as fotografias de casamento ou os trajes dessas cerimônias nos remetem a amores certamente proibidos que possivelmente triunfaram sobre velhas discórdias familiares e oposições aquelas uniões. As cartas, os bilhetes, as anotações de todo tipo revelam segredos, relatam aos santos suas dificuldades cotidianas, seus problemas do dia a dia. Nesses espaços de romarias temos ainda elementos que nos conduzem a situações como mulheres

abandonadas, vícios em bebida ou jogos de azar, desemprego, ingratidão dos filhos, problemas comuns como a fome, a seca, a violência, as enfermidades representadas em centenas de faces estampando olhos avermelhados e purulentos, em braços, pernas, joelhos feitos em madeira... um triste relato da rotina a qual estão sujeitas às populações interioranas¹¹⁶.

O valor documental dessas peças que também aparecem em pano, cordões, papelão, cartolina, pedra sabão e outros tantos materiais, é imensamente rico. São meios de expressão popular. Formas cotidianas de expor, evidenciar, denunciar causas aparentemente esquecidas. Eles também movimentam um certo tipo de indústria, aquela que fabrica esses ex-votos para que os agraciados levem até esses espaços de devoção e ofereçam ao santo milagroso. Citei o caso de Juazeiro do Norte, mas encontramos ex-votos nos mais diversos espaços de expressão da fé e da religiosidade popular sejam eles urbanos ou rurais. Nas cruzes que ficam às margens das estradas; no santuário de Nossa Senhora Aparecida, interior de São Paulo; na Cruz da Menina em Patos e no santuário dedicado ao Frei Damião, em Guarabira, na Paraíba; em Canindé-CE onde se fazem romarias para São Francisco.

São pagamentos feitos por uma ou mais promessas relativas a doenças, desastres, desavenças, questões de ordem terrena que teriam sido solucionadas com ações e intermediações divinas. Na aparente mudez dos ex-votos, residem protestos, opiniões e juízo de valor que os diferentes indivíduos fazem sobre os problemas do momento. É a linguagem do povo, a expressão do seu pensar, do seu sentir e a tradução do seu agir. Denunciam os descasos com a saúde pública, com a insegurança, com a política, com os conflitos cotidianos, com esse nosso dia a dia tão cheio de desafios e com tão poucas

116 Luiz Beltrão (1918 – 1986), Ex-voto como veículo jornalístico, publicado originalmente na revista *Comunicação e Problemas*, ano 01, número 01, 1965.

oportunidades de efetiva solução.

No caso específico de Babinski, o quadro foi exatamente isso: resultou de uma promessa feita e foi pintado para agradecer a cura do câncer, descoberto e tratado entre aos anos de 2010 e 2011. O guerreiro em seu cavalo lembra São Jorge. A lança parece com a espada do santo guerreiro cravada na cabeça do dragão. Mas Babinski não é um artista previsível. Ele supera as expectativas e os olhares. Sua obra é universal com traços regionalistas. Ele muito provavelmente não gosta de ser enquadrado em movimentos ou tendências. Dizem que ele é modernista. Mas ele mesmo diz ser influenciado por várias correntes: “Eu me influenciei por Surrealismo, por Expressionismo não-figurativo, sem nunca conseguir realmente me integrar naquilo, mas eu toquei em várias expressões modernistas, entende? Você vê, (eu sou) contemporâneo de quê? Do nascimento do Abstracionismo rigoroso dos concretistas”.

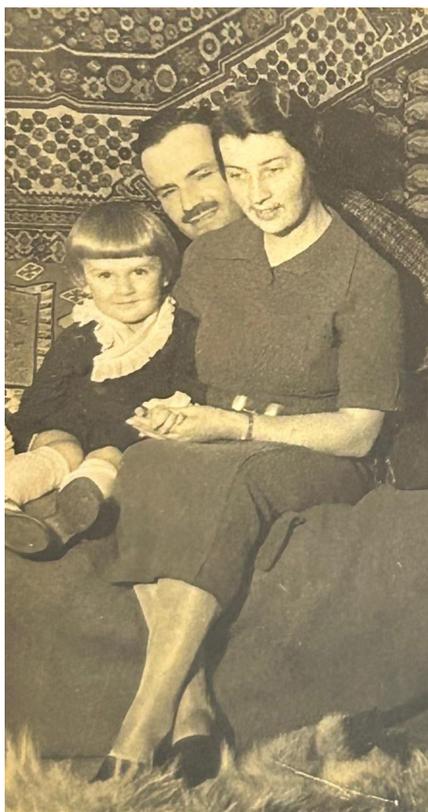
Ao comentar o quadro intitulado de “São Jorge, Ex-votos”, que tem 1,40 x 0,95 cm e foi feito em 2012, portanto dois anos após vencer o câncer, Babinski diz o seguinte: “Esse quadro é bastante grande. Ele é o que se chama, no idioma do nosso país, como ex-voto. Ex-voto significa uma prece. Uma prece que comemora uma cura ou um feito importante na vida das pessoas. E ele (o ex-voto) normalmente contém umas figuras esculpidas em madeira que são o que as pessoas beneficiadas pela cura representaram o feito, a graça concedida. Ex-voto. Então esse quadro comemora o meu reestabelecimento de uma doença grave chamada câncer. E ele é puramente intencional nesse sentido. Ex-voto não tem muito comentário porque representa exatamente a intenção do agraciado pela cura que é, no meu caso, está aqui representada por um cavaleiro em cima de um cavalo, numa paisagem, que está atacando com uma lança um jacaré, um monstro que é atacado exatamente no lugar que eu tinha a doença que me atacou embaixo

da língua”.

Enquanto falava sobre esse quadro, Babinski ainda definiu o ex-voto como sendo “uma manifestação cultural primitiva”. Ele conhece o Nordeste. Ele é parte do Nordeste.

BLOCO DE IMAGENS - I

Imagem 1



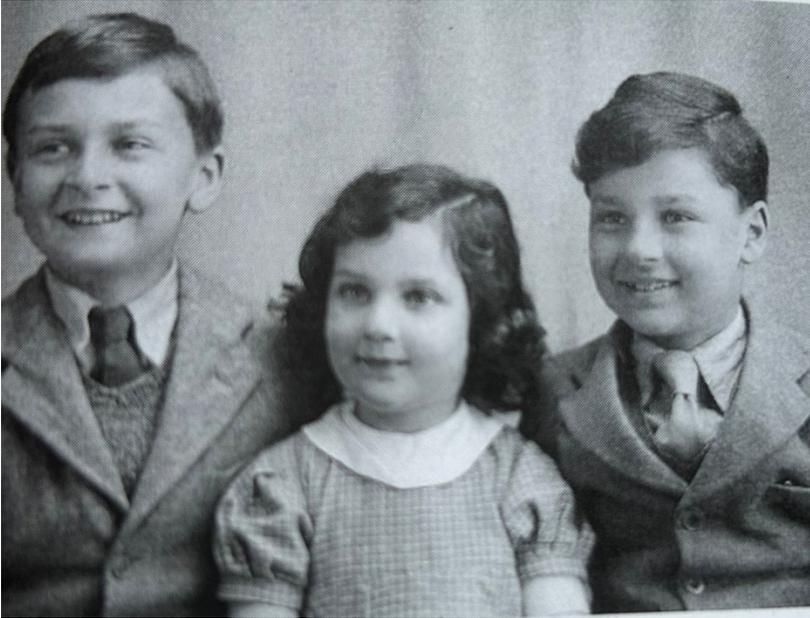
Babinski com os pais Zofia e Witold. Varsóvia, década de 1930

Imagens 2 e 3



Maciej Babinski, aos 2 e 4 anos de idade. Varsóvia, 1933/1935

Imagem 4



Babinski e os irmãos: Anna e Tomazs. Escócia, 1941

Imagem 5



Babinski aos 16 anos, França, 1947

Imagem 6



Chegando no Brasil, Babinski foi vender passagens aéreas, Rio de Janeiro, 1956

Imagens 7 e 8



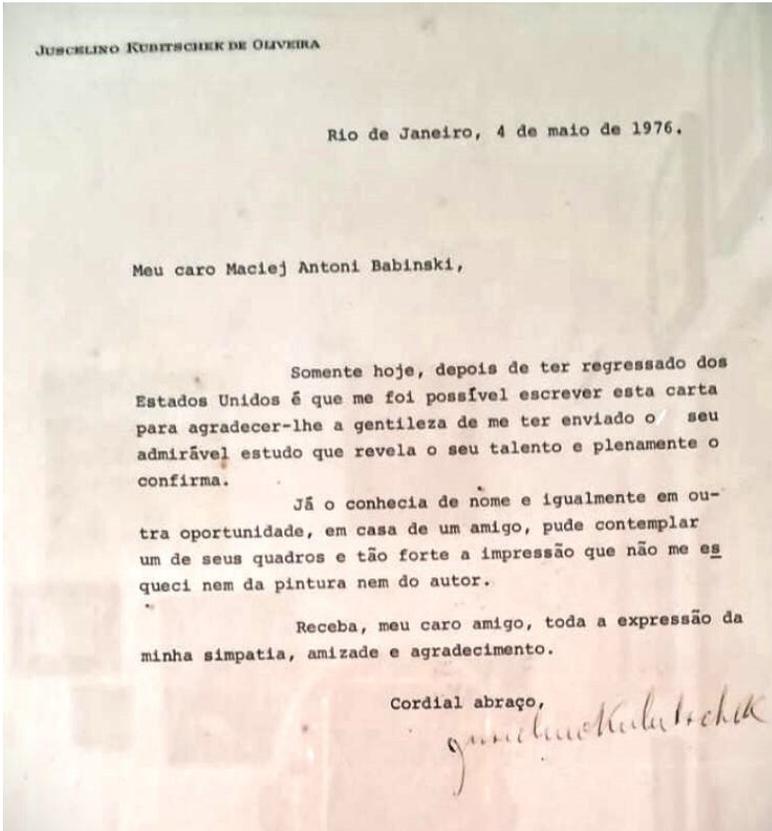
A primeira esposa, Vera e as filhas: Fátima e Ana Lúcia. Rio de Janeiro, anos de 1960

Imagem 9 e 10



Babinski e Hilda (sua segunda esposa) com os filhos Marcelo e Daniel. Araguari
- MG, 1970

Imagem 11



Carta de Juscelino Kubitschek, Rio de Janeiro, 1976

Imagem 12



Uma das três telas de Babinski que se encontram no acervo da Fundação
Universitária Regional do Nordeste - FURNE, Campina Grande - PB

SEGUNDO ENCONTRO COM BABINSKI, NOVEMBRO DE 2024

VINTE DIAS DEPOIS DESSA PRIMEIRA VISITA, EM 02 DE NOVEMBRO de 2024, eu e Pedro voltamos novamente a casa de Babinski no sítio Exu, em Várzea Alegre - CE. Tínhamos rascunhado cerca de cinquenta páginas de um texto inicial, levávamos uma pauta com sete laudas e mais de cem de perguntas que procuravam entender desde a chegada dele ao Ceará: a recepção, adaptação, influência em suas obras, os títulos recebidos em solo cearense, as exposições, o dia a dia dele na zona rural, a casa, a Serra Negra etc., até sua relação com o Nordeste e o semiárido.

Também havíamos entrado em comum acordo que Lídia, sua esposa, era um personagem central nessa história e que, portanto, deveríamos explorar a trajetória de vida dela. Elaboramos uma pauta com várias perguntas sobre sua infância, a juventude, a família, trabalho, escola, a mudança dela para Brasília, o encontro com Babinski que ela já tinha narrado em parte naquele nosso primeiro contato, o casamento no religioso que aconteceu em Várzea Alegre, o assalto que os mantiveram reféns por horas dentro de sua casa no ano de 2020, os amigos de Babinski com os quais ela tinha contato... A gente entendia que Lídia seria uma ponte importante para nos colocar em contato com essas pessoas. Também já havíamos acessado textos acadêmicos, reportagens em sites, assistido a vídeos diversos no YouTube, homenagens feitas ao polonês

em diversas partes do país.

Durante os dias que separaram o primeiro e o segundo contato com o polonês, ainda adquirimos um livro de entrevistas publicado em 2006, pela editora Círculo de Brasília, onde uma ex-aluna e amiga de Babinski, chamada Gisel Carriconde Azevedo, tinha reunido uma série de entrevistas realizadas com ele entre setembro de 2004 e agosto de 2006. Segundo a autora, o resultado desse material teria sido possível graças a uma bolsa do Fundo de Apoio à Arte e Cultura do Distrito Federal, no ano de 2004. Nós não contávamos com nenhuma bolsa de auxílio para a nossa pesquisa. Era tudo *self made*. O que nos motivava era a história de vida de um senhor polonês de 93 anos que escolheu o Cariri cearense para morar há mais de três décadas. O meu vizinho Babinski. No entanto eu já havia apresentado o projeto desse livro para o editor da Eduepb – Editora da Universidade Estadual da Paraíba, o professor e amigo Cidival Moraes, que logo se interessou pela história e prometeu nos ajudar na publicação. Todos os outros gastos, especialmente com transporte, foram bancados por nós. O que também consideramos importante, do ponto de vista metodológico, foi não gravar as entrevistas em vídeo por acreditar que perderíamos a espontaneidade dos nossos interlocutores: Lídia e Babinski.

O livro da Gisel, que a gente tinha adquirido via internet, já revelava um pouco da história pessoal de Babinski, de sua personalidade e de sua arte. Narra a vida do polonês antes de chegar ao Brasil, a infância com o pai e os dois irmãos, a fuga de Varsóvia em 1939, a peregrinação pela Europa, dados importantes sobre sua família, seus amigos, sua formação artística, suas influências... (isso nos ajudou muito a complementar os capítulos iniciais desse trabalho). As entrevistas evidenciavam ainda como ele veio parar no Rio de Janeiro, em 1953, sua passagem por Brasília, a UnB, o período militar,

a mudança para São Paulo, Minas e algumas impressões sobre sua chegada ao Ceará. Por isso optamos, desde o início, em explorar esse período de trinta e poucos anos residindo em Várzea Alegre.

Outro trabalho importante sobre Babinski que tínhamos acessado, fora publicado quase no mesmo período que as entrevistas da Gisel. Chama-se “Pequenas Horas: Babinski no Ceará”, produzido pelo Laboratório de Estudos da Oralidade das Universidades Federal do Ceará – UFC e Estadual do Ceará – UECE, no ano de 2005. O texto, assinado pelo professor e escritor Gilmar de Carvalho, também nos auxiliou nessa refiguração do itinerário do polonês tanto na Europa, passando pela América do Norte, até sua chegada ao Brasil e, por fim, ao Ceará.

Também já havíamos pensado em alguns títulos provisórios para esse livro, entre eles estavam: “Babinski”, “O polonês de Várzea Alegre” e “Meu vizinho, Babinski”. Esse terceiro pareceu-nos mais apropriado visto que eu (Jurani) sou cearense de Várzea Alegre, minha família é toda do distrito de Canindezinho e até o início dos anos 2000 residi a poucos quilômetros da casa do polonês. E igual a seus vizinhos, eu sabia da existência dele, mas não o conhecia. Achamos um título objetivo e ao mesmo tempo cheio de subjetividades.

Eu fui vizinho de Babinski entre os anos de 1991 e 2001 quando me mudei para Campina Grande, na Paraíba, e onde resido desde então sem nunca perder o contato com Várzea Alegre. E ainda jovem eu tomei conhecimento da existência de um polonês por ali, mas nunca tinha o visto pessoalmente até o ano de 2018, quando entrei em contato com Lídia, me apresentei e pedi para visitá-los. Esse encontro está descrito no prefácio/introdução/prólogo deste livro. Foi quando ele me pediu para procurar suas obras/aquarelas no museu Assis Chateaubriand, em Campina Grande.

A ideia já era biografá-lo desde aquele período. Mas encontrei um Babinski muito envolvido com a curadoria de uma exposição que ele estava organizando, se não me engano, na Universidade Regional do Cariri – Urca, no Crato. Nem tive a oportunidade de comentar com ele sobre minhas intenções. Compartilhei apenas com outro amigo em comum do polonês que prometeu intermediar esse contato, mas depois disse-me (este amigo) que o Babinski não tinha interesse, alegou que já havia um livro sobre ele e não queria outro. Desanimei e só voltei a me animar seis anos depois, quando levei Pedro para conhecê-lo. Em outubro de 2024, conforme detalhei anteriormente.

Mas se tem um personagem que julgamos importante e central nessa história de Babinski com o Nordeste, com o Ceará, com a Várzea Alegre e com o Sítio Exu, essa pessoa se chama Francisca Epifânio. “Ele se mudou depois do casamento com a cearense Francisca, que também é Lídia, mas o nome não consta na certidão de nascimento, por desentendimentos na hora do registro”¹¹⁷, lembra essa reportagem do Correio Brasiliense, publicada em 1998. “Foi Lídia, o grande amor, a grande esperança de vida, que o fez fixar-se definitivamente no delta do açude Caraíbas, na margem direita do riacho prestes a desembocar no rio Salgado”, disse-me o amigo Sávio Pinheiro.

Uma menina pobre, filha de agricultores, mãe solteira que, na década de 1980, depois de ser abandonada pelo companheiro e com um filho pequeno para criar, foi tentar a sorte em Fortaleza até que, com a ajuda de uma amiga resolveu trabalhar em Brasília. Sobre Francisca Epifânio (ou Lídia) falaremos no capítulo a seguir.

117 O Polonês nordestino. Caderno Dois, Correio Brasiliense, outubro de 1998.

LÍDIA

NO PRIMEIRO ENCONTRO QUE TIVERMOS COM LÍDIA, EM OUTUBRO DE 2024, ela vestia uma saia estampada e uma blusa vermelha com bolinhas brancas. Calçava uma sandália simples e mantinha presos na cabeça os cabelos já embranquecidos. Os olhos azuis estavam por trás de uns óculos de grau, mas ainda se destacavam contrastando com aquelas sobrancelhas pretas e bem delineadas. O ritual dos cabelos presos iria se repetir em todos os outros encontros que viriam a acontecer entre os meses de novembro e dezembro de 2024. Mas um dado importante se revelou e que praticamente noventa por cento das pessoas que conhecem aquela mulher não sabem: seu verdadeiro nome de batismo.

Francisca Epifânio nasceu no dia três de agosto de 1962, ali mesmo no Sítio Exu, zona rural do município de Várzea Alegre. É a filha mais velha de dona Maria das Dores e seu Júlio Epifânio. A religiosidade popular é responsável por aquela assinatura no registro de nascimento porque, ainda grávida, dona Maria fez uma promessa para São Francisco assegurando ao santo que aquela criança se chamasse, a depender do sexo, Francisco ou Francisca. Mas outra questão iria interferir em seu nome. Quando a menina nasceu, o seu bisavô paterno, João Sancho, um dos fundadores daquela comunidade, percebeu que três de agosto é comemorado o dia de Santa Lídia, padroeira dos tintureiros e comerciantes. “Ela tem que se chamar Lídia para não cortar a sina”, disse o bisavô. “Agora

imagina se tivesse cortado?”, brinca sem explicar exatamente qual era essa “sina”. Embora tenha sido registrada como Francisca, todo mudo desde então, passou a chamá-la de Lídia.

A menina Francisca teve uma infância marcada por tudo aquilo que envolve a vida no campo: brincando, subindo em árvores, cantando pelas estradas e trabalhando na roça. Diz que nunca gostou de serviço de casa. Ela pisou na escola pela primeira vez aos 8 anos de idade. “Naquela época ninguém colocava os filhos pra estudar com menos de sete anos”. Era uma “escolinha” rural que ficava na casa de uma senhora que morava no Sítio Várzea de Dentro, próximo ao distrito de Mangabeira. O percurso era feito diariamente a pé em pleno meio-dia. Nessa mesma “escola” ela concluiu o primeiro ano primário com a filha dessa senhora dona da “escola”. Depois Francisca estudou no Sítio Bom Jesus onde concluiu o terceiro ano. Em seguida, para prosseguir os estudos, foi morar na casa da avó paterna no distrito de Mangabeira, mas não se adaptou ao regime rigoroso da avó que ordenava que a neta, ao se levantar, fosse varrer a casa, moer o milho para o almoço, limpar o banheiro e só depois de fazer tudo isso era que Francisca poderia estudar. “Eu comecei a me aborrecer e disse: não, eu não quero mais ficar na casa de madrinha vó. Eu quero ir e voltar a pé”. Todos os dias ela percorria os quatro quilômetros de ida e volta. Ela e vários alunos da região do Exu.

Quando concluiu o oitavo ano, algo equivalente hoje ao nono ano do Ensino Fundamental, o pai de Francisca disse que já estava bom aqueles estudos. Ela já sabia ler e escrever e era o suficiente. “Filha minha não vai para escola em Várzea Alegre porque senão vai virar rapariga”. Mas ela não queria parar. “Eu queria ser advogada ou engenheira. Queria trabalhar na construção”. Impedida de seguir com o Ensino Médio, Francisca tomou uma decisão drástica, porém, bastante

comum para os jovens varzealegrenses da época. “Eu não quero ficar aqui. Vou para São Paulo, trabalhar”. De Várzea Alegre tomou um ônibus até Guarulhos. Foi residir na casa de uma tia, irmã de seu pai. Começou a trabalhar numa fábrica de biscoitos e doces. Mas não achou aquela experiência nada interessante. “São Paulo é interessante para quem vive na Avenida Paulista ou nos Jardins (bairro). Vai morar em São Paulo e trabalhar pra ver?”.

O fato é que Francisca nunca quis morar em lugar nenhum. Sempre desejou residir ali no Sítio Exu. Sonhava com um lugar seu. “Eu vou ter uma casa no Exu. Ela vai ser minha e eu vou fazer do tamanho que eu quiser. Eu vou morar no Exu”. Alimentada por esse sonho, Francisca demorou pouco em São Paulo. Em menos de dois anos ela retorna para Várzea Alegre e novamente vai precisar do apoio de outra tia, Maria. Desejava encontrar um emprego, mas arrumou um marido. Um mestre de obras das casas populares que estavam sendo construídas no bairro da Varjota.

Francisca ajudava sua tia numa cantina que vendia café e tapiocas para os trabalhadores da obra. Foi ali que ela encontrou um moreno que arranhava instrumentos musicais como guitarra, contrabaixo e teclado. Não era bonito, mas possuía uma cabeleira cheia, um bigode bem cuidado, o rosto largo e olhos capazes de enfeitiçar uma mulher. Chamava-se Moacir Bezerra. Era natural do município de Pedra Branca – CE. Casado, embora já não estivesse mais com a esposa. Moacir não tinha se desquitado. “A família vivia lá ele vivia sozinho em Várzea”. Francisca sentiu por Moacir uma paixão avassaladora. Dessas que faz você tomar as mais absurdas decisões. Conheceu, namorou e logo fugiu de casa. Passou a morar com ele numa residência que era doada pela construtora. Pouco tempo depois que passaram a dividir a mesma casa, Francisca engravidou. O filho Aniel nasceu em 04 de fevereiro de 1983

com a ajuda de uma parteira no Sítio Exu.

Mas Moacir não parava em lugar nenhum. Terminou a construção das casas populares em Várzea Alegre e foi para o município de Jaguaribe. Francisca e o filho sempre ao lado dele. Naquela cidade ficaram por mais de um ano. Depois ele foi transferido para Jaguaruana e lá ele arrumou outra mulher. O filho deles, Aniel, ainda não tinha nem dois anos quando isso tudo ocorreu. “Eu flagrei ele com ela lá. Peguei meu filho trouxe pra casa de minha mãe, voltei e disse: eu vou embora. Ele disse vai nada, você me ama. Aí eu disse, tá certo. Eu me amo mais do que lhe amo. Daí fui pra Fortaleza para casa de um irmão dele. Porque a família dele era maravilhosa e gostavam muito de mim. (...). Eu precisava trabalhar. Eu tinha um filho para criar”.

Embora não tivesse dúvidas de que Aniel era seu filho, Moacir não quis registrar o menino em seu nome. Também não alegou nenhuma razão para tal. “Ele não registrou o nosso filho. Eu pedi pra ele registrar e ele disse não vou registrar. Não alegou nada. Ele sempre soube que o menino é filho dele. E depois que a gente começou a brigar aí foi que ele não quis registrar mesmo”. Em Fortaleza, - separada do companheiro que estava com outra mulher, e do filho que tinha ficado sob os cuidados da mãe de Francisca, em Várzea Alegre -, ela trabalhou novamente numa cantina com um irmão de Moacir. Meses depois “ele (Moacir) foi atrás de mim, mas eu disse: não vou voltar. Não preciso de você para criar o nosso filho. Eu não quero nada seu”. Mas a saudade de Exu, da família e do filho ainda bebê trouxeram Francisca novamente para Várzea Alegre. Dessa vez foi ser vendedora numa loja de confecção localizada perto do Mercado Público Municipal.

O pai de Francisca que não tinha inicialmente sido de acordo com aquela união da filha com o mestre de obras, colocou-se contra a separação da filha. “Porque mulher separada,

condenam né? Mulher sempre foi o nível baixo da relação”. Mas ela estava decidida a nunca mais voltar para Moacir. “Não quero mais. Não vou aguentar chifre”. Ficou pouco tempo em Várzea Alegre e novamente decidiu ir embora. Dessa vez para a Capital Federal. “Eu tinha uma amiga em Brasília (Salete). Ela era filha de seu Geraldo, que durante muitos anos foi guarda da agência do BEC – Banco do Estado do Ceará. A gente ficou amigas quando eu ainda era casada com o pai de Aniel. Falei com ela dizendo que queria ir para Brasília. E ela disse: venha! A situação na casa de meus pais não era das melhores. Meu pai sempre bebeu e quando estava bêbado me xingava, era uma confusão. Eu ainda hoje odeio bebida alcóolica por causa do meu pai”.

O que Francisca não imaginava era que uma falha de comunicação iria complicar a sua chegada em Brasília e o seu encontro com a comadre Salete. Naquela época as cartas eram a forma mais comum de contato entre as pessoas que migravam e as que permaneciam em seu lugar de origem. Essas missivas levavam e traziam notícias, fotos, dinheiro. Também alimentavam nos que ficavam o desejo de conhecer esses lugares, mudar de vida. “Falei com comadre Salete e fui para Brasília. Cheguei na rodoferroviária que era uma coisa imensa, e comadre Salete não estava me esperando. Não tinha ninguém me esperando e eu não tinha o endereço. Eu com uma mala de roupas, sem dinheiro, sentada naquele lugar cheio de gente, esperando porque achava que ia chegar alguém para me encontrar. E nada. Daí eu comecei a chorar. Eu tentei ligar, mas não dava certo. Sentei, chorei, chorei... Já anoitecia quando passou uma senhora, perguntou porque estava chorando, eu expliquei a situação e ela disse: não, pois você vai lá pra casa. Era uma senhora goiana, chamava-se dona Nice (Eunice). Ela morava só e tinha uma criança de 8 anos. Essa senhora trabalhava no Ministério da Agricultura. Era uma mulher

importantíssima, mas o menino dela era uma peste, mais ruim do que falta de fôlego”.

Mesmo sem conhecer aquela senhora, Francisca aceita a ajuda esperando retomar o contato com a comadre Salete. “Mandei uma carta para meus pais. Pedi que eles fossem até o Sítio Socorro, pegar o endereço de Salete e mandar pra mim pra eu ir atrás dela”. Enquanto os dias passavam e a estadia de Francisca se prolongava na casa de dona Nice, a jovem desamparada em solo brasiliense ajudava em casa e cuidando da criança. “Ela me pagava”. Era o tempo em que uma carta saía de Brasília, chegava ao Ceará e fazia o percurso inverso. “Isso demorou muito tempo. A carta tinha que chegar. As pessoas tinham que ler a carta, depois ir atrás do endereço, escrever outra carta e mandar de volta. Era uma eternidade”.

Coube a seu Júlio ir até os parentes da amiga de Lídia atrás do novo endereço. “Mas quando eu cheguei na casa da família dela, lá no Sítio Socorro, eles disseram que não iam dar o endereço pra mim não”, recorda seu Júlio. Mas terminaram fornecendo a informação. E quando a resposta da carta chega, Francisca percebe a confusão. “Acontece que comadre Salete tinha mudado de endereço, tinha mandado essa nova localização dela para mim através de uma carta que certamente foi extraviada, porque os correios são uma desgraça. Ela achou que eu chegaria. A carta com o endereço novo nem chegou até mim, nem foi devolvida”. Depois que a carta foi e veio, dona Eunice pegou o carro e foi deixar Francisca na casa de comadre Salete. “Aí é quando começa minha vida em Brasília, porque vou atrás de emprego. Pegar aqueles jornais com anúncios e tal”. Quando começou a trabalhar, Lídia passou a enviar dinheiro para os pais que haviam ficado criando Aniel. “Ela mandava cartas para os Correios de Mangabeira. E dentro dessas cartas ela colocava dinheiro que era para comprar as coisas pra o menino” diz dona Das Dores, mãe de Lídia.

Aniel tem poucas lembranças dessa época: “Nesse tempo, por eu ser pequeno, as poucas coisas que ficaram marcadas na minha mente foi o tempo que meu avô me levava pra roça juntamente com meus tios. Mas por eu ser pequeno, eu ficava somente observando meus tios trabalhar. Eu lembro das brincadeiras de quando eu era criança, dos banhos que tomei no riacho. Mesmo sem saber nadar, eu ficava sentado na parte rasa com uma cuia na mão, enquanto minha avó lavava as roupas na parte de correnteza. Quando eu paro pra pensar, eu vejo o esforço extraordinário que minha mãe fez pra me criar”.

Em Brasília, Francisca só teve um emprego. Num restaurante chamado Camarões e Companhia. Vendia frutos do mar congelados e também servia comidas quentes. “Comecei limpando a loja e recolhendo os pratos. Depois passei a trabalhar no balcão, servindo”. Coincidentemente, era nesse mesmo local que um professor do Departamento de Artes Plásticas da Universidade de Brasília, nascido na Polônia, quase sessentão e prestes a se aposentar, costumava ir com amigos depois do expediente. “A dona Lídia eu conheci mais ou menos quando eu estava quase me aposentando da UnB. Ela trabalhava num lugar onde eu ia lancher no final da tarde. No final das aulas, depois das quatro, às vezes pra não jantar - porque eu não gostava, e não gosto até hoje, de fazer comida, tenho preguiça -, eu ia lancher nesse lugar que ela trabalhava. Tomava uma cervejinha, comia umas empadas e ia pro meu apartamento, (que era) próximo e podia dormir sem jantar.” Disse Babinski em entrevista aos alunos da Universidade Federal do Ceará.

Foi nesse local que outro encontro importante aconteceu na vida de Francisca, que todo mundo conhecia e chamava de Lídia. Um bilhete “curto e grosso”, extremamente direto e objetivo, contornado pelo traço do artista, com um número telefônico e a assinatura do autor. Uma mensagem simples

que mudaria para sempre o destino de Lídia. A frase era a seguinte: “Lídia, quero falar com você. Me ligue mais tarde. A qualquer hora. 274-6441. Babinski”.

Mas Lídia não estava procurando namorado. Na verdade, ela ainda não tinha superado o trauma causado pela separação do pai de seu filho. “Eu estava solteira e armada porque eu não queria chegar perto de homem. Não quero olhar, não quero ver, não quero casar, não quero homem. Era um trauma de ser abandonada com um menino para criar. Foram quatro anos nesse emprego. Até o dia que conheci Babinski e saí desse emprego para casar e depois voltar para Várzea Alegre”.

Conforme detalhado anteriormente, a união civil entre Lídia e Babinski ocorreu no apartamento do polonês, em Brasília, poucos dias após o primeiro encontro deles. Mas o casamento religioso pedia uma festa grandiosa, típica das cerimônias testemunhadas por Lídia no interior do Ceará. Com muitos convidados, comidas típicas e muita bebida. Essa festa ia acontecer no ano seguinte. No lugar que Lídia mais amava nesse mundo: o Sítio Exu.

O CASAMENTO RELIGIOSO

NO INÍCIO DOS ANOS 1990, UM RELIGIOSO DE CINQUENTA anos de idade, cabelos brancos, rosto quadrado e expressivo, voz rouca de fumante e uma liderança que ia da política a polícia, chamava a atenção de todos os verzealegrenses por outro motivo: a sua memória. Era o padre José Mota Mendes. Ele conseguia reunir vinte, trinta crianças ao redor da pia batismal, perguntava a cada um dos pais o nome do filho, ouvia todos eles e depois voltava molhando a cabeça dos meninos, e repetindo, sem errar, todos os trinta nomes ouvidos momentos antes. Não trocava ou confundia a identidade de nenhuma daquelas crianças.

Padre Mota foi uma dessas figuras religiosas emblemáticas que praticamente não existem mais. Ficou 53 anos à frente da Paróquia de São Raimundo Nonato.¹¹⁸ Durante todo esse tempo exerceu o seu poder e liderança na religiosidade, na política, na justiça, na economia, nas questões sociais, etc... Mandava prender com a mesma facilidade que ordenava a soltura de alguém. Celebrou praticamente todos os casamentos realizados no município entre as décadas de 1960 e 2010. Entre eles, claro, o do polonês recém chegado por ali, Maciej Antoni Babinski e sua companheira Lídia. Ao longo de mais de meio século o religioso realizou milhares de batizados, missas, novenas, apadrinhamentos, confissões, comunhões... Oferecia

¹¹⁸ Padre Mota nasceu em 29 de outubro de 1940 e faleceu em 04 de outubro de 2022.

conselhos, palavras de conforto e até de rígida repreensão aos seus fiéis. Padre Mota, como era carinhosamente conhecido, acompanhou o crescimento e desenvolvimento de Várzea Alegre. Liderou a comunidade religiosa com ampla aceitação popular e nos mais diversos e adversos cenários.

Enquanto estava à frente da igreja Matriz de São Raimundo Nonato, o poder político local mudou dezenas de vezes. Entravam e saíam prefeitos; vereadores eram eleitos e cumpriam seus mandatos; eram nomeados e destituídos delegados, juízes, promotores... mas Padre Mota se mantinha firme e forte com a sua liderança religiosa. Babinski que chegou ali com passagem por Londres, deve ter percebido a semelhança entre aquele religioso e a Rainha da Inglaterra. As vezes polêmico, com uma postura firme diante de certos temas sociais, outras vezes caridoso, compreensivo, comandando uma comunidade orientada pela fé e a esperança. Ao seu modo também transitou entre todos esses poderes. Da política a polícia. Da saúde a assistência social. Das festividades cívicas aos valores conservadores. Padre Mota construiu com rigor e mansidão uma igreja que ia além da edificação física. Sua igreja era muito maior que a matriz de São Raimundo. Que, pela qual ele tinha imenso carinho e cuidado.

Sua igreja parecia aqueles prédios da Disneylândia. Não se tratava apenas uma estrutura física de concreto para celebrar missas, casamentos e batizados, a igreja de São Raimundo era, para Padre Mota, um cartão postal que ele usava sempre que queria mostrar o quanto zelava por ela. Bonita e imponente por dentro e por fora. Os vitrais, as imagens dos santos, os afrescos pintados nas laterais e no teto, o altar, os bancos, o sistema de som... em tudo tinha a marca do bom gosto dele. Talvez ele quisesse dizer que era daquela forma que ele cuidava também de seus fiéis. Mobilizou políticos, fazendeiros, empresários e a comunidade em geral para reconstruir a

igreja e torná-la o que ela é hoje.

Assim como o polonês, Padre Mota também atravessou várias gerações. Tornou-se, portanto, uma figura sempre presente, seja no imaginário das pessoas, seja no dia a dia dos fiéis. Se o polonês acompanhou a evolução dos tempos, incorporando isso na sua arte, Padre Mota também se permitiu evoluir em seus pensamentos e atitudes tendo sempre a religiosidade como uma espécie de guia. Em três décadas residindo no Ceará, Babinski deve ter ficado surpreso por não conhecer outra liderança religiosa em Várzea Alegre. Por ter acompanhado uma geração inteira que foi batizada por ele, fez a primeira comunhão com ele, na crisma ele estava lá, no dia do casamento também, e se por infelicidade do destino, morresse antes dos 50 anos, o corpo muito provavelmente seria encomendado pelo Padre Mota. E essa percepção não era privilégio apenas de Babinski, todo católico que nasceu do final dos anos sessenta até o início dos anos 2020 só teve uma única referência de líder religioso: o Padre Mota.

Assim como o polonês, o padre também não era varzealegrense. Nasceu no vizinho município de Assaré, mas conhecia Várzea Alegre como nenhuma outra autoridade local. Também era conhecido por todos. Gostassem ou não das suas posições firmes, concordassem ou não com suas decisões, comungassem ou não com as suas ideias... todo varzealegrense sabia e reconhecia a sua existência. Era querido em todo o estado e respeitado por onde circulava. Então, se Lídia e Babinski quisessem oficializar a sua união na igreja, não tinha para onde correr: o casamento seria celebrado por padre José Mota Mendes. E foi.

Ao relembrar o seu casamento celebrado por Padre Mota, Babinski diz que gostava muito do religioso. “Era meu amigo. Depois do casamento eu dei uma garrafa de vinho de missa pra ele. Tinto e doce. Padre Mota era muito amigo nosso.

Morreu em Fortaleza né? (Confirmo que sim). Pra nós era o varzealegrense mais importante. O prefeito hoje também é amigo da gente. Mas o padre vem antes. (risos).”

Os últimos raios de sol ainda não tinham se despedido daquele sábado, 18 de maio de 1991, mês das noivas, Dia Internacional dos Museus, quando Lídia e Babinski entraram pela porta principal da Matriz de São Raimundo Nonato, em Várzea alegre, às cinco horas da tarde. Ela tinha chegado à cidade horas antes para se arrumar na casa de uma amiga. Ele, mantendo a tradição das famílias europeias, veio do Exu até Várzea alegre dirigindo o seu gol verde (o mesmo que tinha trazido o casal de Brasília até ali). Seu elegante terno azul contrastava com uma camisa branca e uma gravata preta. Dentro da igreja uma multidão aguardava o início da celebração. Babinski foi conduzido até o altar na companhia de uma das madrinhas do casamento, Joana Menezes, amiga da noiva. Lídia chegou um pouco depois, dentro de um longo vestido branco alugado em Fortaleza, com uma tiara florida na cabeça e um buquê de rosas brancas nas mãos. Ela atravessou o corredor central da matriz de braços dados com seu pai, Júlio Epifânio. As alianças foram levadas por uma duplinha de pajens, com roupas semelhantes aos dos noivos, formada por seu filho e sua sobrinha. “Eu fiquei muito feliz com o casamento da minha mãe, eu quem carreguei as alianças juntamente com minha prima Rita Aline, eu me lembro que foi um casamento muito bonito”, recorda Aniel.

Como testemunhas daquela cerimônia, além de Joana que entrou com Babinski, estavam Leonildo, irmão de Lídia, Lúcia que era sua tia e o esposo dela, José Soares. Duas outras daminhas rodeavam a noiva diante do altar: as primas de Lídia, Rivonésia e Silvani. Padre Mota não se atrasou. Nem deveria porque no sítio Exu outra multidão esperava pelos noivos para festejar a união da varzealegrense com o polonês. “O

movimento foi grande, meu filho. Afinal de contas, meu bem, era a filha de um agricultor casando com um europeu. Vamos ser realistas que não é todo dia que se casa um europeu no Exu. Aliás, casamento no sítio, tu sabes que sempre foi grandioso. Pode ser quem quer que seja. Sempre casamento no sítio é uma festa. E é maravilhoso. E o meu era um evento maior ainda, porque a minha família é muito grande”, lembra Lídia.

A FESTA NO SÍTIO

FESTA DE CASAMENTO NAS COMUNIDADES RURAIS É SEMPRE uma ocasião singular¹¹⁹. Primeiro porque praticamente todo mundo das redondezas é convidado a participar da festa. Salvo exceções em que havia um conflito muito sério entre as famílias para não serem convocados. “E tu sabes que casamento assim, no sítio, você vai aí leva, a filha da comadre, a comadre, o vizinho... sabe aquela história de um convidado que leva cinco? Não tem nem como saber quantas pessoas tinham. Mas estavam lá, todos os vizinhos com as famílias, as mulheres todas que foram matar as galinhas, que foram sangrar para fazer o molho pardo. Eu tenho foto das mulheres pelando as galinhas, dos homens matando porco para tirar a carne e fazer a bolinha, eu tenho do carneiro, então tudo isso a gente tem foto”. Dona Maria das Dores, mãe de Lídia, disse que até hoje não sabe de onde surgiu tanta gente. “Foi uma festona, meu filho. Aqui ficou lotado de gente. Só bolinha de carne a gente fez mil e trezentas”, recorda dona Maria.

Sobre essas “bolinhas” a que se referem Lídia e sua mãe, gostaria de frisar que atualmente essa comida receberia facilmente o nome requintado de “almôndega de carne à milanesa”. Já que se tratava de carnes trituradas que eram envolvidas ou cobertas com clara e gema de ovos batidos misturados a farinha de mandioca, sal e especiarias como pimenta, alho, cebola e coentro. No geral, fabricar esse alimento, era um

119 Clementino, J. O. (2023 p. 72).

processo trabalhoso que envolvia o esforço de muitas mulheres, especialmente para bater os ovos e moer a carne. As mais comuns eram as bolas com carne de frango, mas fazia-se também com carnes de porco e de gado.

Esses produtos eram cozidos e em seguida triturados no moinho. Enquanto isso dezenas e, às vezes, centenas de ovos eram batidos e misturados aos temperos e a farinha de mandioca. Somente na hora de levar ao fogo é que se juntavam as bolas feitas com a carne com aquela espécie de omelete temperado. Aquele processo consumia um óleo danado e as cozinheiras passavam horas ao pé do fogão fritando as centenas de bolinhas de carne. Por ser um alimento bastante cobiçado, após a fritura, elas eram colocadas em lugares inacessíveis como em cima da “meia parede”, armários com chaves, até a hora da comida ser servida aos convidados. Era a única garantia de que elas não seriam devoradas por jovens, crianças e adultos famintos antes mesmo da festa começar.

Depois a festa de casamento no sítio é um evento colaborativo porque a dona da festa normalmente tomava emprestado tudo o que era de cadeira, mesa, prato, colher, panelas da vizinhança para poder servir a comida aos convidados. Sem contar que o anfitrião sacrificava o que era de porco, cabrito, galinha, capote etc, para servir durante o evento. No caso de Lídia e Babinski não seria diferente. Mas quem tomou essa iniciativa de organizar a festa foram os pais dela. O polonês acabara de chegar por ali. Não criava animais para o abate. Na verdade, ele ainda estava tomado pelo que ele chama de “choque cultural”. Mas confessa que comprou muitos vinhos para a ocasião. “Fomos no Crato e compramos 120 garrafas de vinho, mas o pessoal não gostava, ou não conhecia muito essa bebida. Eles queriam mesmo era cachaça”.

O sogro de Babinski, seu Júlio Epifânio, disse que foi com o marido da filha até o Crato comprar esses vinhos. Mas os

convidados não estavam acostumados com aquela bebida. “Botavam na boca e jogavam fora. Aí ele chegou assim e disse: ‘não joguem essa bebida fora. Foi cara. Engulam!’ (risos). E eles começaram a beber de verdade”, lembra seu Júlio. O pai de Lídia também ouviu durante a festa, um comentário nada otimista sobre a união e o futuro da filha com o europeu. “A gente aqui tudo celebrando o casamento, aí chegou uma mulher, nossa vizinha que tinha sido convidada para a festa, e disse que isso era fogo de palha, que esse casamento não durava um mês”. Seu Júlio me confessou esse fato, trinta e quatro anos depois, em março de 2025, enquanto conversávamos sobre o casamento da filha, a opinião dele sobre o genro e sobre o que ele tinha achado daquela união. Lídia estava presente e de imediato quis saber o nome dessa vizinha. Ele disse de quem se tratava, mas adiantou que a mesma já havia falecido.

Outro detalhe dessas festas realizadas nos sítios, era que como as casas geralmente eram pequenas para receber tanta gente, logo se construía uma espécie de “puxadinho” no oitão das residências, ali perto da cozinha, tudo improvisado com palhas de coco e carnaúbas. E a família de Lídia tratou de providenciar isso. “Tem fotos minhas com as palhas de carnaúbas que era pra fazer a barraca. Eu e meu irmão”, diz Lídia. Os pés de carnaubeiras forneceram as palhas para uma espécie de barraca ao lado da casa. Dezenas de mulheres cozinheiras se revezavam fazendo macarrão, cozinhando as carnes, temperando o arroz. Ah! Detalhe: tradicionalmente não se usava muito feijão em festa de casamento. Parece que se tratava de um produto que não agregava valor a ocasião. Raramente você encontrava feijão em tais solenidades.

Mas arroz tinha com fartura. Naquela época Várzea Alegre ainda produzia muito desse cereal. Não por acaso ficou conhecida como “Terra do Arroz”. E assim, imensas panelas cheias do produto fumegavam sobre as estruturas improvisadas de

tijolos. Aquelas cozinheiras faziam uma espécie de divisão para que cada uma cuidasse de uma parte específica da comida e, no horário marcado, para à chegada dos noivos, tudo estivesse pronto para ser servido. Às vezes cozinha-se alguns alimentos no dia anterior e guardava para ser servido no dia seguinte. Como não tinha energia elétrica e, portanto, não havia geladeira, muitos desses alimentos não só ficavam estragados como provocavam um estrago danado na barriga dos convidados. São vários os relatos de problemas intestinais em festa de casamento. Esse não foi o caso do casamento de Lídia e Babinski, uma vez que a cerimônia religiosa aconteceu no final da tarde e houve tempo suficiente para que toda a comida fosse preparada durante o dia.

A preparação das comidas começava quando os homens abatiam os animais. Depois eram as mulheres que resolviam o resto enquanto eles (os homens) batiam papo debaixo de uma árvore qualquer ou nas salas e calçadas das residências. Nesse meio tempo, os noivos, as testemunhas e a maioria dos convidados se dirigiam até a cidade para a cerimônia de casamento. Os carros voltavam abarrotados de gente e cobertos de poeira. Quando chegavam, tudo já estava pronto. Então, formava-se uma fila para cumprimentar os recém-casados.

Assim que desciam do carro, era tradição, o casal ajoelhar-se para pedir a bênção dos pais (tanto do noivo quanto da noiva). Esse ritual de respeito e fé acontecia ali na calçada mesmo. Era ainda uma manifestação pública. Todo mundo ficava observando a cena. Só depois é que a comida era servida. Lídia comenta que não havia ninguém da família de Babinski, mas em compensação a sua família, por ser numerosa, já dava um ar de grandiosidade ao evento. Não muito raramente, na hora em que a comida era servida, aparecia um cachorro vira-lata querendo participar do banquete. Comer junto com os convidados. Tinha até briga de cachorro na cozinha que era um

deus nos acuda para salvar as panelas de comida. As crianças, muitas delas famintas e doidas por um pedaço de carne ou alguma mistura que elas quase nunca comiam, eram uma espécie de cachorro humano implorando por um prato de alimento. Às vezes as mães colaboravam antecipando o alimento delas. Outras vezes as pobres tinham que esperar. Ficavam ali, amarelas de fome e só iam se alimentar quando já não suportavam mais.

Depois da festa, Lídia e Babinski, tinham uma viagem planejada para curtir a lua de mel no distrito de Caldas, município de Barbalha, sopé da Chapada do Araripe. Eles deixaram o Sítio Exu já na madrugada do dia 19 de maio de 1991, enquanto os bêbados se divertiam com as cachaças baratas ou se esforçavam para tomar as mais de cem garrafas de vinho comprados pelo polonês. “A maioria nunca tinha tomado vinho na vida. Então odiaram” recorda Lídia, 33 anos depois. Os recém-casados precisavam decidir agora onde iam morar: Crato, Várzea Alegre ou Sítio Exu?

A CASA NO SÍTIO EXU E O AÇUDE DAS CARAÍBAS

Da varanda de seu ateliê, o polonês Maciej Babinski, nascido numa primavera em Varsóvia, observa a paisagem esturricada da caatinga cearense e, com o olhar fixo, comenta: “Engraçado como, às vezes, o cinza e o branco dessa vegetação queimada pelo sol me lembram os campos nevados da Europa.”¹²⁰

FOI ASSIM QUE, EM MARÇO DE 2006, O JORNALISTA E ESCRITOR Lira Neto, autor de biografias clássicas como Padre Cícero: Poder, fé e guerra no sertão (2009); Getúlio (2012, 2013, 2014); Maysa: Só numa multidão de amores (2017) e Castello: A marcha para a ditadura (2020), todas publicadas pela editora Companhia das Letras, começa uma reportagem sobre Babinski para extinta revista *No Mínimo*. “Passei o dia com eles lá no Sítio Exu. O homem tem uma história fantástica”, disse-me Lira por e-mail.

Meu contato com Lira Neto se deu totalmente por acaso. Enquanto escrevia esse texto, ele me enviou um e-mail procurando a biografia do compositor Zé Clementino. Disse que havia conversado com um amigo paraibano, o Bruno Gaudêncio, que é meu colega professor da UEPB e também meu confrade na Academia de Letras de Campina Grande, e o Bruno havia comentado com ele sobre a biografia do compositor varzealegrense José Clementino do Nascimento, escrita por mim em

120 “Um polonês na Caatinga”, Revista no Mínimo, 02 de março de 2006.

2013 e reeditada em 2019. Disse que não havia encontrado exemplares do livro disponíveis em livrarias e sebos virtuais, e resolveu me procurar através de um e-mail.

Fiquei contente porque sei que Lira Neto está escrevendo uma nova biografia sobre Luiz Gonzaga e certamente pode inserir o compositor Zé Clementino nesse universo onde durante muito tempo ele foi esquecido. Eu já havia enviado o arquivo digital desse meu livro sobre Zé para Lira tão logo soube que ele havia iniciado um trabalho de pesquisa para um livro sobre Gonzaga, mas certamente ele esqueceu.

Coincidentemente, eu havia acabado de ler um texto do Lira Neto que se chama *A arte da biografia: como escrever histórias de vida*. Falei para ele e também comentei, pelo e-mail, que estava escrevendo uma nova biografia. Dessa vez de Maciej (Matiê) Antoni Babinski, o polonês de Várzea Alegre. Lira ficou bastante entusiasmado com a notícia e contou que tinha uma reportagem e uma entrevista feitas com Babinski que foram publicadas em jornais cearenses como O Povo. Eu falei que tinha conhecimento desse contato dele com o polonês, mas que não havia encontrado o material disponível na internet. Foi então que Lira me enviou o arquivo com uma dessas matérias. Como sempre muito bem feita, com o olhar, a sensibilidade e faro necessários para um jornalista e escritor.

Na época em que Lira escreveu essa reportagem intitulada “Um polonês na Caatinga”, março de 2006, Babinski tinha 75 anos e uma memória surpreendente. “Quase todas visuais. As paisagens da infância e da juventude vêm em pinceladas nervosas, como nos quadros que pinta”¹²¹. O texto resgata a história do polonês desde a saída do país de origem, passando pelo Rio de Janeiro, Brasília, São Paulo, Minas até sua chegada ao Ceará. “Desde 1990, Babinski e Lúcia vivem na pequenina e escaldante Várzea Alegre, de pouco mais de 30 mil

121 “Um polonês na Caatinga”. Revista No mínimo, 02 de março de 2006.

habitantes, no Sítio Exu, a 467 quilômetros de Fortaleza. Lá construíram uma casa modesta e, ao lado, o ateliê do artista. É ali que ele pinta os quadros que continua a vender para todo o Brasil e para várias partes do mundo”¹²².

A casa de Lídia e Babinski foi construída praticamente dentro do açude Caraíbas. Fica no lado direito da construção, onde as águas represam quando o reservatório está cheio. O açude é resultado das chamadas frentes de emergência. Foi construído entre 1981 e 1984. Lídia disse que ajudou na construção do reservatório. “Eu catei pedra para levantar a parede desse açude. Eu ainda juvenzinha, juntava as pedras num balde, botava na cabeça e levava pra parede”. O que Lídia não imaginava, era que o açude que ela ajudou a construir ia lhe trazer uma grande dor de cabeça décadas depois.

Mas antes precisamos deixar claro que foram os trabalhadores das frentes de emergência quem ergueram a parede daquele reservatório. As emergências, como eram chamadas, foram bastante comuns entre as décadas de 1970 e 1990, especialmente na região Nordeste. No caso cearense elas serviram ainda para conter as ações da multidão que invadiam as cidades em busca de comida e saqueavam o comércio e os depósitos de alimentos do governo. Tentavam evitar ações do tipo e manter toda uma gama de trabalhadores rurais ocupada. Os trabalhadores famintos iam executar atividades sempre árduas e cansativas como, por exemplo, construir açudes, fazer estradas e limpar calçadas. O pagamento era feito numa espécie de caderneta. As vítimas das secas eram remuneradas com mixarias o suficiente apenas para que elas não se rebelassem.

“Na época, em 1979, 1980, as emergências, a gente trabalhava nas roças da gente. Só que em 1981, eles (os governos) decidiram colocar esse pessoal para trabalhar em obras públicas. Aí foi onde eu tive a ideia de inventar uma obra pública

122 Idem.

que fosse aqui próximo de nós”, diz Pedro Francisco e Silva, mais conhecido como Pedim Miguel, uma liderança comunitária do distrito de Canindezinho e idealizador da construção do açude. O terno “inventar uma obra pública” tem tudo a ver com a construção do açude Caraíbas. Porque trata-se até hoje de uma construção particular com fins públicos, mas sem nenhum registro oficial em nenhum órgão administrativo do estado do Ceará. Foi erguido em cima de muitas polêmicas. As pessoas tinham medo que aquela construção se rompesse e inundasse tudo ali em volta. Ameaçavam seu idealizador. E tinham razão para tanta desconfiança pois não foi feito nenhum estudo, nenhum projeto, nenhuma planta, nada a respeito da construção da obra. Mas ergueram e, por sorte, deu certo.

Até que em 1992, os prefeitos dos municípios de Lavras da Mangabeira, Carlos de Olavo¹²³ e Várzea Alegre, Doutor Pedro Sátiro¹²⁴, viram no potencial hídrico do açude das Caraíbas a solução para abastecer o distrito de Mangabeira, pertencente a Lavras. “Eles vieram aqui, falaram comigo e perguntaram se eu concordava de eles fazerem uma ampliação na parede do açude, e eu aqui com o meu sogro, que era o dono do terreno onde ficou localizada a parede, concordamos. E aí foi feita uma reforma. Subiram dois metros e quarenta na parede e subiram dois metros no sangradouro. Aí ficou o açude como ele é hoje”. Durante vários anos as águas das Caraíbas abasteceram o distrito de Lavras da Mangabeira.

Mas essa ampliação trouxe consequências diretas para o novo morador do sítio Exu. Quando o açude encheu, as águas chegaram a invadir o muro da casa do polonês e ele,

123 Carlos Francisco Gonçalves, popularmente conhecido por Carlos de Olavo, foi prefeito do município de Lavras da Mangabeira – CE entre 1993 a 1996.

124 Entre os anos de 1967 e 1996, o médico e empresário Dr. Pedro Sátiro foi prefeito de Várzea Alegre - CE por três mandatos (1967-1970, 1977-1983, 1993-1996).

juntamente com a Lídia, foram tomar satisfação com Pedim Miguel. “O açude não tinha projeto, não tinha planta, nem nada. Quando o açude encheu, a água foi lá na casa de Babinski. Só que a gente não sabia. E o que foi que ele fez? Ele um homem de muito prestígio. Na época ele vendia quadros para o governador do Estado, Tasso Jereissati¹²⁵, ele ia para Fortaleza e tinha amizade com Tasso Jereissati, na época governador, e ele queria o quê, que quebrasse, baixasse o sangrador do açude. E eu não aceitei. A polêmica que teve foi essa”, diz Pedim Miguel.

Mas o polonês não se deu por satisfeito e foi procurar o prefeito de Várzea Alegre, à época Doutor Pedro Sátiro, que teria dito que a decisão sobre baixar ou não a parede do açude cabia único e exclusivamente a Pedim Miguel. Em seguida o artista plástico dirigiu-se à sede da Câmara de Vereadores do município e percebeu que não havia, naquela instituição, nenhum documento, nenhum registro do açude. Depois de recorrer, sem sucesso, a todas as instâncias legais, Babinski só tinha uma opção: procurar o “dono” da obra. Dessa feita ele foi até a casa de Pedim Miguel para tentar solucionar o imbróglio das águas do açude invadindo o muro da sua casa e, novamente, voltou decepcionado. “Ele queria que eu aceitasse derrubar o sangradouro e eu disse a ele que não aceitava, que tinha sido uma luta grande demais, de muito sofrimento. Ai ele não gostou e disse que ia procurar os direitos dele. E eu disse: o senhor pode procurar, o senhor pode fazer o que o senhor quiser, agora eu não aceito baixar o sangradouro, porque acaba o açude”.

E o polonês foi bater na porta da Secretaria de Recursos Hídricos do estado, em Fortaleza. Uma equipe da secretaria

125 Tasso Ribeiro Jereissati é um empresário e político brasileiro filiado ao PSDB e governou o estado do Ceará por três mandatos: 1987-1991, 1995-1999 e 1999-2002.

dirigiu-se até Várzea Alegre para analisar a situação, mas nada foi feito. Até hoje a situação permanece a mesma. Lídia disse que com as enchentes de 2022, as águas do açude novamente chegaram até o muro de sua residência. “Esse não é um problema apenas meu e de Babinski. Todas as casas da parte baixa do Sítio Exu sofrem quando o açude fica cheio. Nesse último governo de Zé Helder (2020-2024) a gente fez um estudo, contratou um engenheiro para fazer esse levantamento sobre as águas e tal, mas também não foi resolvido e segue como está”.

O fato é que, polêmicas à parte, a história de Babinski começa do outro lado do planeta e, por hora, segue protegida no interior de uma residência simples localizada na zona rural do “escaldante” município de Várzea Alegre, arejada pelo vento que beija as águas represadas do açude Caraíbas. “Ele (Babinski) um dia chegou aqui, meio desanimado, e disse, seu Júlio eu não tô gostando do Crato, nem de Várzea Alegre, e eu queria morar por aqui mesmo, no sítio. Aí eu disse: tá certo. Então vamos escolher um pedaço de terra para você construir sua casa. Ele escolheu exatamente onde era a casa de meu pai. Porque ali onde eles moram hoje, foi o local onde meus pais me criaram”, lembra o pai de Lídia, seu Júlio Epifânio.

Embora a construção tenha sido projetada por Babinski e Lídia, trata-se de uma casa com arquitetura muito parecida com as demais construções daquele lugar. “Eu construí tudo o que está aqui. Eu não achei isso pronto”¹²⁶. Levou mais de um ano para ficar pronta. Já sofreu diversas reformas. Atualmente possui uma sala de visitas, quatro quartos, três banheiros adaptados, uma cozinha espaçosa, paredes pintadas de branco e azul, janelas para auxiliar na ventilação e muitas, muitas obras de arte (dele e de amigos) enfeitando as paredes. Mas diferente da maioria das residências por ali, a casa

126 Azevedo, G. C. (2006, p.217).

de Babinski não está propositadamente projetada com a frente direcionada para o nascente. “Foi uma confusão porque eu queria que a casa ficasse virada para o nascente, mas ele disse que ali ia ficar seu ateliê. Aí ficou assim, virada para o Norte”, recorda Lídia. A esposa do polonês sabia que aquela posição era uma forma que o sertanejo tinha encontrado para tornar aqueles ambientes menos quentes. Costuma ser desse lado que brotam o vento e a chuva. É por ali que surgem a lua com o cair da noite e nasce o sol com o raiar do dia. “Uma casa definitiva, acolhedora e sertaneja com sua varanda, o anexo para as visitas, o jardim interno de pátio espanhol e o sobradinho onde o casal se refugia”¹²⁷.

A história de como o polonês se instalou naquele lugar está brevemente resumida e uma de suas entrevistas a Gisel Carriçonde Azevedo, publicadas em 2006, pela editora Círculo de Brasília: “O meu sogro me deixou escolher o terreno, e aí eu escolhi a vista que eu queria ter, e a gente começou a construir a casa e o estúdio. Eu usei essa cor do tijolo porque sabia que ia ficar bem com o verde das plantas e com a cor da terra daqui. Fizemos o jardim, onde eu priorizei as buganvílias que agora você pode ver nas minhas paisagens”.¹²⁸

Gisel disse-me, em entrevista para essa pesquisa, que quando Babinski fez o projeto do ateliê, tudo foi estrategicamente pensando. “Ele criou as paisagens que ia ver da janela do ateliê. A composição que ele iria fazer da vista do ateliê. Onde planta isso, onde põe esse verde, esperava a cor específica, essa paisagem de fundo e essa coisa de flores, das buganvílias.... porque as paisagens que ele fez nos anos 1980 eram distantes, pegava uma moto, saía, parava debaixo de uma árvore e pintava algo a distância. Ele cria um ateliê com as condições. Ele já vai para Várzea Alegre com essa ideia das paisagens na

127 Carvalho, G de. (2005, p.62).

128 Azevedo, G. C. (2006, p.221).

cabeça. Se encaixa perfeitamente. Para mim é a consolidação dele como pintor”.

Ao jornal O Povo, Babinski diz que os moradores do Sítio Exu o receberam bem, só estranharam uma coisa: “eu não assumir o papel de coronel. (...) eles não conseguiam entender o fato de eu ter passado para Lídia a administração do sítio. Lá é um lugar onde só os homens tratam de certos assuntos. Eles estranharam demais, inclusive os irmãos dela, que não aceitaram logo isso assim muito fácil. Essa foi a parte mais difícil. A mim, eles engoliram rápido. O problema é que me recusei a assumir o papel de coronel, que eles achavam que me cabia por conta de meu sexo, dos meus cabelos brancos. Eles esperavam de mim uma ação de coronel, mas aos poucos, foram descobrindo que foram traídos em suas expectativas por um sujeito que passou o poder para a mulher. Foi uma inovação grande para a cabeça deles.”¹²⁹

Para ilustrar essa total autonomia que Babinski atribuía à sua esposa, como a responsabilidade pelas coisas da casa e outras questões tantas, a Lídia me contou, em março de 2025, que num determinado dia bateu à porta de sua residência um cidadão, (que ela preferiu não citar o nome), desejando falar com o dono da casa. “Ele chegou e disse: cadê seu Matias? E eu respondi: olha, o Maciej está trabalhando. E quando o Maciej está trabalhando eu não atrapalho. O quê que o senhor queria? Aí ele respondeu: não, é só com ele. Ainda insisti: mas eu não posso resolver? E a pessoa disse: não, somente ele. Eu falei: tudo bem. O senhor vai esperar? Ele disse: sim. Pode deixar, eu espero”. Mas essa espera se prolongou por longas horas. “Passou uma hora, duas horas, três horas e Babinski pintando, trabalhando lá. Aí, lá pelas tantas, quando ele saiu do ateliê, limpou os pincéis, lavou o avental, arrumou todo espaço dele, chegou lá na casa estava o homem, ainda sentado

129 Entrevista jornal O Povo, novembro de 1995.

esperando. O Maciej disse: pois não, em que posso ajudar? Aí o homem disse: não é porque eu vim aqui, eu tava precisando falar com o senhor, porque eu queria tomar emprestado um motor pra aguar umas plantas ali, regar um umas coisas que eu plantei. O Maciej olhou para o homem e disse: mas isso daí não é comigo. Isso aí é com a Lídia. Deu as costas para o homem foi embora. E só de raiva eu também não emprestei o motor”, conclui Lídia rindo.

Atualmente, a casa de Lídia e Babinski, é uma construção toda cercada com muros fechados e portões que são acionados através de um sistema eletrônico. O polonês recebe todo mundo, desde que a visita seja agendada com antecedência. Câmeras de segurança vigiam o local dia e noite. Mas nem sempre foi assim, conforme recorda Lídia. “Minha casa sempre foi aberta. Todas as portas e todas as janelas. Nunca na vida tranquei porta nem janela. Sempre foi aberta. O povo entrava e saía, entrava e saía. E meu portão não era automático. Era aquele de duas bandas assim, que você chega e abre, bota o ferrolhinho e vai embora. Eu entrava e saía de carro, o Maciej entrava e saía... sempre foi assim. Só depois que nós tivemos o assalto aqui em casa é que veio aquela história: agora cria cachorro! Criei cachorro. Agora bota a grade. Botei. Bota um sistema de câmeras, de microfone. Que na verdade a gente já devia ter tido há muito tempo. Mas a gente sempre acha: ‘não, sítio é tranquilo’. Lídia disse que o sistema de segurança só foi implantado depois do assalto. “Tu não sabe que a gente só fecha a porta depois que é roubado”.

Após atravessar o portão, o visitante se depara com uma espécie de jardim, espaço amplo que contempla, além da casa, diversas plantas frutíferas e ornamentais: hibisco, chuva de prata, papoula, buganvílias, lírios, sapoti, aroeiras..., uma piscina e um anexo com dois pavimentos, onde já se pode perceber que se trata de um ateliê/galeria. ”O pintor e gravurista;

Faz a chácara uma floresta; Do ateliê, um viveiro; Onde os pássaros fazem festa; E toda sua residência; Aos animais ele empresta.”¹³⁰

Na parede desse prédio existe um banner gigante com uma foto do polonês sorrindo, todo vestido de preto, as mãos colocadas para trás como se tivesse incorporado a posição de um matuto diante da câmera. Ao lado de sua imagem há ainda uma breve biografia e a seguinte frase entre aspas para reforçar essa delicadeza dele para com aquele lugar: “aqui encontrei um freio para reter um pouco o processo da velhice. Representado pelo carinho e as coisas boas que encontrei e descobri aqui, como os valores da minha infância”.

Mas não há apenas essa espécie de gratidão dele por Várzea Alegre, como se ali Babinski tivesse se reencontrado. Como se o polonês idoso tivesse esbarrado com o menino europeu expulso pela guerra, 80 anos atrás. O que, por si só, já bastava. No entanto, tem também uma espécie de renascimento artístico, inspiração, reconstrução, catarse. Assim Lídia descreve esse momento de mudança na vida do esposo. “O Babinski teve a chance aqui (em Várzea Alegre) que ele não tinha tido em lugar nenhum. Porque ele foi buscando lugares, ateliês, espaços, calma, mas ele precisava trabalhar, ele precisava sustentar a família, ele precisava pagar contas e conciliava com o trabalho de professor. Ele precisava se manter. E quando ele aposentou aí foi esse momento de viver o artista, viver a arte e viver com a sua obra, perto dele, sem precisar vender para se sustentar porque ele tinha o sustento da aposentadoria. E aí ele foi livre. Ele fez o ateliê do tamanho que ele quis, ele pintou onde ele quis”. Ali, no Sítio Exu, o polonês passou a produzir intensamente, sem precisar botar os quadros debaixo do braço e procurar um atravessador/galerista para comercializar suas obras: “Vi que todos os desenhos que eu não fiz

130 Pinheiro, Sávio. (2013, p. 70).

quando mais jovem, agora eu fiz. Valeu a pena viver”, conclui Babinski.

E é isso que encontramos ao adentrarmos a parte inferior do prédio. Lá também estão diversas obras expostas nas paredes. Quadros de vários tamanhos, desenhos, aquarelas, materiais de trabalho como lápis, pincéis, bastões de tintas, mesas, diversas caixas com projetos finalizados ou interrompidos. O ambiente foi pensando para que o visitante tivesse uma experiência estética com a obra de Babinski. No centro do ateliê há cadeiras e poltronas confortáveis, a iluminação natural é perfeita o que permite, mesmo para aqueles que desconhecem as artes plásticas, sentirem-se imersos naquele ambiente e certamente acionarem algum tipo de sensação ou emoção. “Seu ateliê dá para o nascente. É a parte mais agradável da casa e não poderia ser de outro jeito. É lá que ele trabalha e engendra um mundo de cores e de formas, escava suas placas de metal ou seus tacos de madeira, aquarela seus papéis. É lá que ele se mantém vivo”¹³¹.

Entre as obras ali expostas está a reprodução de sua mulher: Lídia. Uma espécie de retrato que Babinski fez da esposa enquanto ela estava sentada numa cadeira, com a cabeça baixa, as mãos sobre as pernas. “Eu estava fazendo tricô”. Ao redor daquela pintura em cores brancas, azuis e amarelas existem recursos estéticos e traços que nos levam a imaginar a via láctea, como se Lídia estivesse protegida, e ao mesmo tempo, representando uma estrela nesse universo.

Lídia serviu de inspiração para vários retratos de Lídia. Um deles, que não se encontrava no ateliê, mas estava na parede do quarto do casal, ele diz que é o seu melhor retrato. E essa percepção não era apenas dele. “Lá no meu quarto tem um retrato dela que o Milton Cabral que era um grande amigo meu de Brasília, ele quando viu o retrato da Lídia que eu fiz,

131 Carvalho, G de. (2005, p.62).

ela cochilando, ele disse ‘esse é o seu melhor quadro’. O meu melhor amigo me disse que esse era o meu melhor quadro. Ele realmente me conhecia. A gente bebia junto todo sábado. Me conhecia bem”. Conclui.

Para acessar o pavimento superior do ateliê, o visitante sobe por uma escada lateral que fica do lado de fora do anexo. Lá existe além de uma pluralidade de obras de arte e materiais de trabalho, três grandes janelas por onde se vê a casa, o jardim e a parte externa da residência. É possível perceber que, olhando por ali, Babinski reproduziu em suas telas o que se via lá fora: juremas, pés de carnaúbas, juazeiros e as serras que delineiam o horizonte. “Eu estou pintando a mesma paisagem há vários anos, essa paisagem em volta da minha casa com essa montanha ao fundo”. A montanha ao fundo a que Babinski se refere é a Serra Negra. “O Cézanne usou o monte *Sainte-Victoire*, e eu uso a Serra Negra aqui de Várzea Alegre. Aliás, foi em torno dessa vista que eu pensei a minha casa e todas as outras construções e as árvores que existem nesse terreno. Tudo isso foi planejado”¹³².

O ambiente conta ainda com um banheiro e uma cama. “Todos os espaços onde o Babinski produz nessa casa tem uma cama. Quando ele está produzindo eu faço questão de deixá-lo à vontade. O artista precisa de privacidade. É um momento muito especial para ele.” Diz Lídia, toda orgulhosa do marido. Mas Babinski não é desses artistas plásticos que fazem o maior escarcéu ao serem interrompidos quando estão trabalhando. Ou pelo menos, não mais. “Eu respeito demais os meus amigos, podem todos dar pitis (como eu já dei), mas serão sempre perdoados”. Mas, o fato é que o polonês gosta de ficar só, concentrado, produzindo, criando, inventando coisas... “Se eu estou num momento de grande aceleração no trabalho e me chamam para o almoço, digo que vou demorar

132 Azevedo, G. C. (2006, p.217).

mais um pouco, em vez de dar um ataque”.¹³³ O problema era que na década de noventa, uma casa na zona rural com energia elétrica e televisão tinha sempre gente querendo visitá-la: o televizinho.

133 Azevedo, G. C. (2006, p.213).

OS TELEVIZINHOS

A CASA DE BABINSKI E LÍDIA FOI A PRIMEIRA RESIDÊNCIA DO Sítio Exu a ter energia elétrica. “Não tinha luz aqui na época, a gente que puxou, então era uma novidade”¹³⁴ Novidade que veio acompanhada de um tipo social hoje praticamente inexistente: o televisinho. Os agregados da comunidade que todas as noites lotavam a sala do polonês para assistir aos programas de tevê. “Comprei uma parabólica e minha casa enchia de gente para assistir televisão. Hoje muitos deles tem tevê, mas no início era 30, 40 pessoas, entre adultos e crianças, que vinham ver televisão no final da tarde lá em casa. Era incrível. Foi aí que comecei a chegar perto desta gente simples, conhecendo-as melhor, aprendendo com eles, deixando eles entrarem na minha vida”¹³⁵.

O televisinho marcou a vida de muita gente. Principalmente dos menos favorecidos que não podiam comprar uma TV para, no conforto de sua residência, acompanhar os jogos, os telejornais, as novelas e os programas de auditório. Muitos destes não possuíam condições financeiras nem para instalar energia elétrica em casa. Essa realidade foi muito comum até a década de 1990. Morando há seis quilômetros dali eu também era um desses habitantes da zona rural que não possuíam energia em casa e muito menos televisão. Contando a história de meu vizinho Babinski, lembro-me que nessa época

¹³⁴ Azevedo, G. C. (2006, p.221).

¹³⁵ Entrevista Jornal O Povo, novembro de 1995.

eu também era um romancista fino. Adolescente com idade entre 12 e 15 anos saía de sítio em sítio atrás de uma tevê ligada.

Antes da chegada de Babinski, a situação era mais complicada por ali. O vizinho telespectador acompanhou a programação televisiva com aparelhos alimentados por uma força que vinha de baterias de caminhão. Elas (as baterias) eram carregadas em outras comunidades que tinham energia, naturalmente, e ligadas à noite no aparelho. A carga era pouca, durava apenas algumas horas e novelas como *Que Rei Sou Eu* e *Selva de Pedra*, para a angústia e insatisfação daqueles expectadores, eram vistas pela metade. Bem na hora que a mocinha estava se livrando das garras da vilã, *puf*, acabava a força. A TV era desligada automaticamente.

Não era fácil ser televisinho. Existe uma visão romântica deste tipo social como se todos o acolhessem, como se fossem bem-vindos, desejados e queridos. No entanto os “Sem – TVs” viveram momentos difíceis. Em algumas comunidades os “Com – TV” fechavam a porta logo cedo e impediam o acesso dos “vizinhos viciados” nas novelas. Outros proibiam abertamente: conversas, risadas, qualquer manifestação de alegria ou tristeza durante a programação. Imperava a lei do silêncio ao televisinho. E do medo também de que no outro dia fossem impedidos de ver o próximo capítulo. Mas tanto Babinski quanto Lídia se orgulham de ter proporcionado aos vizinhos do Sítio Exu, esse primeiro acesso aos produtos da teledramaturgia.

As novidades tecnológicas e do mundo moderno chegavam ali através daquela TV conectada a uma antena parabólica. Todas as noites a cena se repetia. Meninos ao chão. Sentados de maneira compacta para que pudesse comportar o maior número de expectadores. Além das telenovelas o público passou a assistir os programas de auditório aos finais de semana. Aquela novidade conquistava espaço e fazia a imaginação

da molecada ao mesmo tempo em que aqueles “invasores” da casa do vizinho o incomodavam, roubavam a privacidade, causavam desconforto, atrapalhavam o sono. Mas tanto Lídia quanto Babinski dizem que aqui não os incomodava.

“Quando anoitecia a gente puxava o móvel onde ficava a tevê ali pra área. Ali onde tem aquele quarto hoje era um espaço aberto. As pessoas desciam, crianças, dona de casa... e lotavam tudo aquilo ali. Vinham assistir jogo de futebol e novelas. Sentavam no chão... era muito bom. Tinha até um pote ali com água fria para eles beberem. E conversavam, e davam risada e se divertiam.... isso era maravilhoso. Assistiam a novela das seis, das sete, jornal e (a novela) das oito para poder irem embora”, diz Lídia com um certo saudosismo. “Quando botei televisão, virou um ponto social. As pessoas vinham para assistir televisão. Assistiam o que tinha. Era tranquilo”, reforça o polonês. Perguntamos para Babinski se ele não se sentia incomodado com aquela multidão, todos os dias, adentrando à sua casa. Ele disse: “Não. Sobremaneira. Não me incomodavam. Vinham quietinhos e assistiam. Não incomodavam nem um pouquinho”. Lídia diz que eles (os televisinhos) respeitavam muito Babinski.

E foi assim durante várias edições do programa do Faustão, das brincadeiras da banheira do Gugu Liberato, da disputa dos calouros do Raul Gil, dos filmes de fim de noite etc. Assim também foi durante as telenovelas *Vamp*, *Chiquititas*, *Maria do Bairro*, *Marimar*, *Mulheres de Areia*, *Felicidade*, *O Rei do Gado*, *Ana Raio e Zé Trovão*, *A Próxima Vitima... reprises de Roque Santeiro*, *Rainha da Sucata*, *Meu Bem Meu Mal*, *Renascer*, *Cambalacho*, enfim dezenas de novelas que encantavam a todos e prendiam a atenção e viciavam.

Além desses produtos da Indústria Cultural, os vizinhos de Babinski também sentiam curiosidade pela obra do polonês. “Eles estão lá assistindo televisão e acontece de alguns deles

ficarem curiosos em relação a meu trabalho. Eles olham, não falam muito. Mas de vez em quando escuto um comentário que me indica que a pessoa olhou para aquilo e se emocionou com alguma coisa. Certa vez ouvi uma criança dizer para alguém: ‘gosto muito do trabalho de seu Matias’. Adorei isso. Eles olham, olham, olham e, o que é melhor, se reconhecem na tela (risos). Minhas cabeças têm muita influência da xilogravura nordestina, e eles estão acostumados com esse tipo de linguagem, com a figuração da xilo. Aí não tem jeito, eles se descobrem em meus quadros”¹³⁶.

Onze anos depois, o jornalista Lira Neto, em outra reportagem sobre Babinski, dessa vez para a revista *No Mínimo*, edição de março de 2006, concluiu o texto com a seguinte informação: “Apesar de sua história de perdas e fugas, Maciej é um homem solar, sem nada de soturno que poderia carregar em sua bagagem de exilado. Com efeito, no fim de nossa conversa, gravador desligado, Babinski solta uma saborosa gargalhada quando relembra que, muitas vezes, um ou outro vizinho desconfia de que, involuntariamente, possa ter servido de modelo para um de seus quadros pintados no Ceará. ‘Mas é a minha cara’, dizem os intrigados varzealegrenses, contemplando um legítimo Babinski”¹³⁷. Além das figuras humanas, as paisagens naturais, ali próximas a sua casa, vão fazer parte das telas de Babinski e incorporadas ao seu trabalho. O céu, as árvores, as serras... tudo vai inspirar o polonês nessa nova fase de sua vida.

136 Memórias de um Caboclo Polonês, Jornal O Povo, novembro de 1995.

137 Um Polonês na Caatinga, Revista *No Mínimo*, março de 2006.

A NATUREZA INSPIRADORA

*Para completar o cenário
Cada vez mais encantado
O açude Caraíbas,
Encravado ali, ao lado,
Mostra aquele paraíso
Sendo um ponto abençoado.¹³⁸*

COM EXCEÇÃO DA BUCHADA DE BODE, QUE É UMA IGUARIA feita a base dos rins, fígado, sangue e vísceras do animal símbolo da caatinga - e muito apreciada por todo nordestino -, Babinski foi incorporando tudo aquilo que o sertanejo ama. Olhar o horizonte, contemplar as nuvens e as chuvas que caem do céu trazendo alegria e esperança para o povo do Cariri. Lídia faz questão de destacar isso: “Ele tem uma paixão muito grande pela chuva. Igual nordestino”¹³⁹. Quem é dessa região semiárida percebe que, aos primeiros pingos d’água no telhado, muita gente sai nas portas, janelas, alpendres e sacadas e fica observando aquele fenômeno natural com certo deslumbramento. Elas olham tão abismadas e parecem se sentir tão pequenas diante da chuva que mantêm um silêncio quase religioso. É como se meditassem em seus pensamentos particulares. O barulho que as gotas d’água provocam no telhado e/ou nas folhas das árvores amplia, mais ainda,

¹³⁸ Pinheiro, Sávio. (2013, p. 70).

¹³⁹ Especial Babinski 90 anos, Unifor. Youtube.

o sentimento de incapacidade explicativa do ser humano e permite uma maior conexão com os fenômenos da natureza. Acompanham aquele vai e vem sonoro que se amplia ou se retém de acordo com a intensidade da chuva.

Babinski também se sente assim. E para quem tem a sensibilidade de um artista e a paixão pelas nuvens, tudo parece mais completo quando esse espetáculo vem por inteiro: o barulho repentino de um trovão logo imediatamente após o desfilar de raios cortando o céu. É uma coisa diferente. Essa observação contemplativa pode ser, no nosso caso sertanejo, em função das poucas chuvas que caem anualmente por aqui, mas diria que até em regiões com índices pluviométricos maiores esse comportamento humano existe e resiste.

O polonês deve ter observado as crianças que gostam de sentir os pingos d'água tocarem seus rostos inocentes, colocando a mão na goteira e sentindo a água gelada banhando os dedos. Meninos e meninas, jovens e adolescentes que, aos primeiros sinais de neblina colocam uma roupa de banho e se jogam inteiramente debaixo do céu e experimentam um delicioso banho de chuva. Quantas vezes deve ter ficado observando da janela a chuva cair do lado de fora da casa. Atento ao movimento das galinhas se protegendo debaixo das árvores e os porcos no chiqueiro dividindo o calor do corpo, amontoados entre si, para aquecer o frio. Ouvindo as mães daquelas crianças sertanejas dizendo para que elas não saíssem, não se molhassem porque aquela água fazia mal, que poderia pegar um resfriado e adoecer. “Eu acho que de tanto ver a gente pedir chuva, de tanto ver a gente ficar feliz quando escuta a chuva. Ele ficou igual”¹⁴⁰.

O fato é que tanto para o sertanejo acostumado a seca, quanto para o polonês nascido numa região extremamente fria, a chuva adquire essa capacidade de acionar os sentidos e

140 Especial Babinski 90 anos, Unifor. Youtube.

afetos. Cria-se uma certa admiração por ela porque, por mais que tentem explicá-la, o fenômeno parece um tanto quanto inexplicável, especialmente em regiões muito secas como o sertão cearense. E essa ausência de explicação racional soa como um conforto. É melhor compreender como uma ação divina. Como parte dos desígnios de Deus ou como força de vontade de São Pedro. O cearense prefere acreditar na ideia de que foi Ele quem abriu as torneiras e fez a água cair. É ele (São Pedro) quem tá mexendo nos móveis do céu e provocando o barulho dos trovões.

Por isso, o sertanejo prefere apenas observar deslumbrado e tentar tocar na água como algo sagrado. Como um experimento divino que vos alegra e vos conforta. Como uma benção do seu padroeiro, São José, o protetor dos agricultores. O movimento das nuvens no céu, o clarear dos relâmpagos e a violência dos trovões só têm sentido se forem inexplicáveis para aquela gente religiosa. Se forem registrados num quadro ou uma aquarela desenhada por um artista. Como se toda a força humana, todo o seu conhecimento e sabedoria fossem, absurdamente, insuficientes para uma explicação minimamente razoável. O que restava a Babinski e aos seus conterrâneos de Várzea Alegre era o apoio da fé e as crenças no sobrenatural.

Babinski foi tomado pelo ecossistema social em que se encontrava agora. Passou a admirar, respeitar e proteger o que tinha a sua volta. Lídia percebia tudo isso com carinho e orgulho. “O Babinski tem uma paixão muito grande pelas árvores, e pelas aves, e pelos bichos, e pela montanha... ele preserva isso, ele não quer que mexa. (...) Ele aprendeu muito com a gente aqui como nós aprendemos com ele”.

Mas se engana quem acha que o polonês se sentiu imediatamente estimulado pela paisagem do semiárido. Babinski não é previsível. Ao contrário de muitos viajantes que ficam

espantados de cara com o que encontram na chegada aos lugares diferente, o artista plástico precisou de tempo para perceber, registrar e internalizar as paisagens varzealgrenses. “Eu não conseguia ver nada aqui. Eu só comecei a enxergar quando a minha vista se acostumou com a paisagem. Aí eu comecei a saber julgar as distâncias. Foi uma readaptação total da minha maneira de ver paisagens. Não tem nada a ver com as paisagens de Minas, por exemplo. É outra coisa o que você tem aqui. E você tem que se acostumar a construir uma paisagem a partir de você mesmo e da sua percepção. Paisagem é a sua maneira de ver”¹⁴¹.

E entre o céu e a terra estavam as nuvens. Lídia disse que Babinski ama as nuvens e a fotografia e que, por diversas vezes, enquanto voltavam de João Pessoa para Várzea Alegre, o polonês estacionava o carro as margens da BR-230 para fotografar o céu. “Ele tem um álbum cheio fotos de nuvens. Passava horas do lado de fora da casa olhando o horizonte e registrando tudo”. Babinski é um congelador de nuvens. Parece contraditório que ele tenha escolhido morar num lugar onde metade do ano prevalece um “céu de brigadeiro”. Com poucas, finas e esparsas nuvens no céu. Mas é fato também que entre dezembro e maio aquele conjunto de pequenas partículas de água e gelo descem rasantes e beijam as serras e montanhas que ladeiam sua residência. Algumas finas feito uma grinalda de noiva. Outras pesadas e sombrias como parte de sua obra.

Nesse período acontece também uma transformação radical na natureza. É o período conhecido popularmente pelos nordestinos como o inverno. Onde aquela vegetação que se fingiu de morta por alguns meses, brota com toda a alegria de viver. E com ela traz galos de campina, rolinhas, juritis, sabiás... todos cantando em algazarra. Quando as árvores, antes ressequidas, brotam galhos verde e tecem um manto

141 Azevedo, G. C. (2006, pp 218-219).

esmeralda sobre o sertão. Uma transformação quase mágica. Mudança que ele registrava com seus pincéis. Incorporando, além do espírito de todo bom cearense, aquele olhar de quem chega de fora e costuma estranhar tudo que ali já está, de certa forma, incorporado e naturalizado por aquela gente. Babinski foi tomando gosto por tudo que a natureza lhe proporcionava. Aos olhos do polonês, tudo ali era espanto.

“Eu pensei, Lídia, como é que é esse lugar. Não precisa de polícia não? Não, não... não precisa... A polícia quando vem aqui é pra pescar um cara que afogou, entende?”¹⁴² mal sabia o polonês que, vinte anos depois, essa sensação de liberdade associada a um aparente entusiasmo com a ideia segurança e tranquilidade, seriam abaladas em plena Pandemia da Covid-19. Não necessariamente pela questão do isolamento social imposto pela epidemia do vírus que chegou rapidamente às comunidades rurais por todo o mundo. De repente, Babinski e a esposa Lídia tiveram a casa invadida por assaltantes armados.

¹⁴² Babinski 90 anos – Homenagem da Universidade de Fortaleza - UNIFOR. 20/04/2021, disponível no Youtube.

“QUERIDA, EU VOU MORRER!”

“Aqui em casa eu recebi bandidos, fui sequestrado. Passei a noite de ferro na mão de bandidos safados. Também a Lídia lembra de tudo. Nós fomos sequestrados juntos. Chegaram estava tudo aberto. Botaram arma na hora”. (Babinski, 2024)

QUANDO BABINSKI ESCOLHEU (OU TERIA SIDO ESCOLHIDO?) o sul do Ceará para morar, trinta e quatro anos atrás, ele não imaginava o que o esperava. Queria liberdade. “meu espaço de liberdade”. Queria sair às ruas sem ser notado. Queria uma casa no campo, bem ao estilo daquela canção interpretada por Elis Regina (1945 – 1982) “Eu quero uma casa no campo, onde eu possa ficar do tamanho da paz”¹⁴³. Onde encontrasse a inspiração certa para suas aquarelas, quadros e pinturas a óleo. Não desejava ser incomodado. “Onde eu possa plantar meus amigos, Meus discos e livros, e nada mais”. Era talvez a liberdade que ele imaginava desde que, aos 8 anos de idade, tinha sido expulso da sua terra natal. E desde então sua vida era uma diáspora.

No Brasil, antes de chegar ao Ceará, vivia feito um passarinho, de galho em galho: Rio de Janeiro, Brasília, São Paulo, Ilhabela, Araguari, Uberlândia. Mesmo assim ainda se sentia preso. Sua fama como professor, pintor, artista plástico famoso com várias exposições por museus, entrevistas, livros...

143 Casa no Campo. Composição de Jose Rodrigues Trindade / Luís Otavio De Melo Carvalho (Zé Rodrix e Tavito, 1971).

Babinski queria paz. “Onde eu possa compor muitos rocks rurais”. E achava que tinha finalmente encontrado. Uma casinha simples construída num terreno doado pelo sogro. A inspiração trazida pelo vento Aracati que amenizava o calor durante as noites quentes do sertão. Sentado a calçada ao lado de Lídia para observar a lua brotando solitária no horizonte e atravessando aquele céu imenso como uma belíssima modelo na passarela. A paz provocada durante o dia pelo som dos pássaros misturado aos instrumentos do jazz tocado no aparelho de som.

Babinski vivia a tranquilidade de uma vida no campo. Próximo a uma espécie de oásis: o açude das Caraíbas, construído poucos anos antes dele se estabelecer ali. Reservatório d’água fruto das frentes de emergências dos anos 1980/1990 e que refrescava o clima seco do sertão. Tudo trazia paz e liberdade. “Na realidade, eu sinto que a parte mais importante da minha produção artística foi feita a partir do momento em que eu me estabeleci aqui. Isso eu não tenho dúvida, em qualidade e em quantidade. Não tenho dúvida!”¹⁴⁴ Esses eram os “rocks rurais” de Babinski. Seus quadros, desenhos, aquarelas...

Tudo inspirava o polonês. As pessoas, a organização social e ética. Ele se reconectava consigo mesmo. “Eu descobri valores, mesmo que sejam medievais, mas (*são*) parecidos, valores culturais mais parecidos com os da minha própria terra natal em muitos aspectos, e muito parecidos com os lugares que eu admirei de longe. De repente, estou no meio daquilo que eu sempre achei como sendo uma vida digna para um indivíduo e um grupo de indivíduos que conseguem conviver, conseguem ser tolerantes, conseguem não brigar, entendeu? Conseguem não precisar de polícia”¹⁴⁵.

E tomado por essa aura inspiradora, o artista montava seu

144 Revista Entrevista. Universidade Federal do Ceará. 26 de junho de 2010.

145 idem.

cavalete fora de casa para retratar na tela um pé de jurema preta, uma unha de gato, uma aroeira. “Eu quero o silêncio das línguas cansadas”. Babinski passou 30 anos retratando nas telas o que via pela janela do ateliê, o que encontrava quando deixava a casa e andava pela caatinga. Fazendo hidroginástica na piscina construída ao lado da casa. Agradecendo ao universo toda aquela paz que os olhos de Lídia sempre lhe traziam. Mas na noite de 12 de maio de 2020, em plena pandemia, quando a liberdade parecia, enfim, ter desaparecido. Eis que outra grande tragédia o esperava. Um assalto violento. O polonês ia precisar, pela primeira vez, em 30 anos estabelecidos ali, da ajuda da polícia.

A casa de Babinski não chega a ser uma fortaleza ou um castelo medieval com suas fortificações, mas é toda murada. Possui câmeras de segurança. Um portão que só abre acionado através de um controle remoto. Tanto ele quanto Lídia costumam agendar as visitas com antecedência. Nem todo mundo entra sem ser anteriormente avisado. Nem mesmo os vizinhos, com os quais eles têm pouco contato. O filho, Aniel, que mora numa residência ao lado, e o irmão mais novo de Lídia, que hoje reside num prédio que foi o primeiro ateliê de Babinski, são os únicos que vez por outra aparecem por ali sem avisar, mas bandidos não mandam recados, não agendam visitas, não comunicam suas vítimas com antecedência. Agem na calada da noite. Escalam muros e surpreendem as vítimas.

E foi assim que fizeram para acessar a casa do polonês. Chegaram à noite. Pularam o muro e quando Lídia percebeu, eles já estavam dentro de casa com uma arma apontada para a cabeça dela. O polonês estava no anexo ao lado. Na galeria onde estão parte de suas obras e o material de trabalho. Eram dois assaltantes com capuzes cobrindo o rosto e capacetes na cabeça. Extremamente violentos e ameaçadores.

“Eles já chegaram intimidando. Querendo dinheiro, perguntando onde estão as armas e o cofre. Querendo saber quem morava ali perto. Quem estava na casa”. Lídia temia pela vida do marido que estava com a audição comprometida e podia ter uma reação involuntária ao avistar os bandidos no interior da residência. Não devia estar percebendo a movimentação na casa por conta de uma surdez que adquiriu com o tempo. Achava que os assaltantes poderiam ter uma reação violenta quanto os vissem. Inicialmente o terror psicológico foi só com ela. Quando começaram a vasculhar a casa e os anexos da residência encontraram Babinski. Trouxeram-no para junto da esposa e seguiram com as ameaças. O polonês não reagiu. “Graças a Deus!”

Era Lídia quem respondia as perguntas dos bandidos. “Não tem armas, não tem dinheiro, não tem cofre, não conheço meus vizinhos”. Eles não queriam obras de arte. “Não tenho muita certeza se eles sabiam quem a gente era”. Mas o que poderia ser uma ação rápida se estendeu noite adentro. “Ainda olhei no rosto de um deles e vi apenas os olhos. Nessa hora ele gritou comigo. Disse que olhasse apenas para o chão. E as armas sempre prontadas para nossas cabeças”. Depois de muito tempo, Babinski e a esposa foram levados até um dos banheiros da casa. Ali eles foram colocados e os ladrões trancaram os dois. “Só ouvíamos o barulho deles mexendo em tudo. Revirando tudo. Antes de irem embora voltaram na porta do banheiro e falaram: fiquem em silêncio aí por uma hora. Se vocês gritarem ou falarem alguma coisa a gente volta e mata os dois”. Era uma ordem associada a decisão de fuga dos assaltantes. O casal jogado no piso do banheiro, abraçado, em silêncio. “Era madrugada, acho que umas três horas, por aí. Era um silêncio tão grande que fazia medo. Passado mais ou menos esse tempo começamos a gritar. Socorro! Socorro!” Mas ninguém ouvia os dois. Olharam pela fechadura e viram

que os assaltantes haviam fechado a porta e retirado a chave. Como sair dali? Como abrir aquela porta?

Babinski sentiu sede. “Querida, eu quero água”. Mas Lídia estava tão desorientada com a situação que respondeu para o marido: aqui não tem água Mitche (Maciej). E o marido insistia: “querida eu estou com sede”. Foi quando ela lembrou que havia um chuveiro. Pegou um copo onde colocava as escovas de dentes, lavou, coletou água do chuveiro e deu ao marido. “Pronto, agora se aquieta, porque a gente tem que dar um jeito de sair daqui”. Olhou para o basculante e pensou em quebrar e sair por ali, mas era pequeno demais o espaço. Impossível. A porta que estava fechada por fora era de madeira nobre “como a pessoa coloca uma porta de massaranduba num banheiro? E além do mais tinha umas três dobradiças prendendo a moldura de madeira que sustentava a porta na parede”. Precisavam improvisar outra maneira de sair dali. Pegaram o rodo do banheiro, tiraram a borracha e tentaram passar por debaixo da porta para ver se encontravam a chave caída no chão do lado de fora. Mas a porta era muito rente ao piso. Não deu certo. Ainda com pedaços do rodo tentaram desparafusar a fechadura, e novamente não conseguiram abrir o ferrolho.

Babinski estava cansado e com sono: “Querida, eu quero dormir”. E Lídia pedia para que ele ficasse acordado. Chegou uma hora que ele falou “Querida, eu vou morrer”. Ao que Lídia teria respondido: “essa não é uma boa hora, Maciej. Imagina tu morrer sentado num vaso sanitário! Calma, você não vai morrer. Ainda não é sua hora”. Foi então que, juntos, tiveram a ideia de tirar os pinos das dobradiças que prendiam a porta a moldura na parede. Improvisaram um ferro, também com os restos do rodo, e com o cabo de madeira em pedaços começaram a desprender a porta das dobradiças. Com muito esforço tiraram o de cima, o de baixo e finalmente o do meio. Acharam que estavam livres, mas a porta continuava imóvel.

O ferrolho da fechadura impedia que a ela se desgrudasse da moldura. Tinham que pensar uma forma de arrancá-la dali.

Babinski teve a ideia de mandar Lídia empurrar a porta com os dois pés, enquanto ele enfiava um dos pinos entre o espaço da porta e a parede. “Querida, deita no chão, junta os dois pés e pressiona a porta pra frente”. E assim fizeram. À medida que ela empurrava com força os pés na madeira ele ia inserindo o ferro e a porta ia se soltando. Até que finalmente conseguiram abrir o banheiro. Os dois estavam exaustos, esgotados, porém livres. O dia já estava amanhecendo. “Era perto das cinco horas da manhã. A casa estava completamente revirada. Uma cena de guerra. Não havia nada que eles não tivessem mexido. Quadros, roupas, papéis, bolsas, gavetas, portas de armários, mesa, cadeiras, os projetos de Maciej... tudo de pernas para o ar. Olhamos aquilo assustados. Mas esperamos o dia amanhecer para pedir ajuda. Chamar o meu filho. Quando o dia amanheceu que o povo ficou sabendo, essa casa era pequena pra tanta polícia. Veio gente até de Juazeiro do Norte para saber sobre esse assalto. A gente foi na delegacia em Várzea Alegre, fizemos um boletim de ocorrência, depois os policiais vieram aqui várias vezes, mas eles faziam aquelas perguntas que a gente não sabia de nada. Viram os bandidos? Quantos eram? Como eles eram? E o formato do rosto? E os cabelos? Eram altos, baixos, gordos, magros...”

Mas nem Babinski nem Lídia tinham visto nada que ajudasse a polícia a encontrar os assaltantes. “Eu até sabia que eles eram de uma certa altura, que não eram muito gordos, mas ninguém viu rosto. Depois do assalto foi um estresse com a polícia. Os de Juazeiro queriam porque queriam que a gente indicasse uns caras lá que eles trouxeram umas fotos: foi esse, não foi? Esse aqui, não foi? Mas como eu ia saber, meu Deus! A gente não viu. Como íamos incriminar alguém se a gente não sabia. Depois que os policiais descobriram que a

vítima daquele assalto era “o polonês de Várzea Alegre” aí eles começaram a vir pra fazer foto. Eu tomei foi abuso daquilo. Até hoje ninguém sabe de nada. Ninguém descobriu nada”.

Mas é muito provável que até hoje aqueles policiais tenham guardadas as fotos ao lado de Babinski. Um registro importante, de uma figura cobiçada e desejada e que sempre é lembrada com carinho por onde passou. Em Várzea Alegre, por exemplo, a arte de Babinski serviu, em 2012, de enredo para uma tradicional escola de samba do município: a Mocidade Independente do Sanharol – MIS, ele também recebeu, em 1996, o título de Cidadão Varzealegrense e em 2015, a Medalha Papai Raimundo. É o que destacaremos a seguir.

TÍTULOS E HONRARIAS VARZEALEGRENSES

“Maciej chegou a Várzea Alegre pela porta da frente. Foi recebido como o mestre que é. Chegou quieto, como é de seu feitio, sem maiores alardes”¹⁴⁶.

NO DIA 22 DE AGOSTO DE 2015, MACIEJ ANTONI BABINSKI FOI o 51º homenageado com a Medalha Papai Raimundo, uma das mais importantes honrarias, concedidas pelo município, àquelas pessoas que prestam serviços relevantes a Várzea Alegre ou realizaram feitos que levaram ao seu engrandecimento. Entre os homenageados estavam, o médico, escritor e amigo do Polonês Sávio Pinheiro¹⁴⁷, o atual Senador da República, Ministro da Educação (2024) e ex-governador do Ceará por dois mandatos consecutivos (2015-2022), Camilo Santana e o advogado e deputado Federal Domingos Neto.

Lídia diz que esse “Foi um evento muito bonito. A medalha está guardada. Muito bem guardada. Ele ficou muito feliz com essa medalha. Estavam até um neto¹⁴⁸ dele aqui e a bisneta.

¹⁴⁶ Carvalho, G de. (2005, p 61).

¹⁴⁷ O polonês desenhou as capas de dois livros de Sávio Pinheiro: Estrela Dalva e Marco do Miolo do Pinheiro. Ambos lançados em agosto de 2013.

¹⁴⁸ O neto de Babinski a que Lídia faz referência chama-se Gean Carlos. É filho de Ana Lúcia, uma das filhas de Babinski do primeiro casamento. Esse menino foi praticamente criado por Lídia e Babinski. Chegou com 11 anos a casa deles e saiu com 22. Estudou em João Pessoa com Aniel (filho de Lídia). Atualmente é casado, mora em São Paulo e trabalha como sushiman.

Eu acho tão bonita a história dessa medalha de São Raimundo né? Papai Raimundo. Que é uma história que as pessoas deviam conhecer”

“Papai Raimundo” é como ficou conhecido a figura histórica de Raimundo Duarte Bezerra, o principal ascendente das origens varzealegrenses. A ele é atribuída a fama de fundador da cidade. Nascido em 1767, no sítio Lagoas, distrito de Canindezinho, filho de Francisco Duarte Bezerra e Bárbara de Moraes Rêgo. Era neto de Bernardo Duarte Pinheiro e Ana Maria Bezerra. Embora Babinski se autointitule colonizador por tudo que conseguiu fazer no município, por ter vindo de fora, ter sido esse primeiro polonês a chegar por ali, fixar morada, produzir arte, montar um ateliê etc, oficialmente teria sido Papai Raimundo, ou Raimundo Duarte, o primeiro colonizador do município de Várzea Alegre. Chegou por ali instalado em 1718, no tempo do Brasil colônia, há mais 300 anos. Raimundo Duarte faleceu em 1840, mas seu legado ainda resiste até hoje. O padroeiro do município chama-se São Raimundo e Várzea Alegre é conhecida nacionalmente por ter o maior número de Raimundos do país. As pessoas homenageiam a figura do santo das parturientes (Raimundo) e, ao mesmo tempo, o criador daquele município.

O varzealegrense é um povo receptivo. Costuma ser barista, mas quando gosta de alguém, ele oferece casa, comida e roupa lavada. Sabe hospedar, receber, cuidar, zelar. Oferece sempre um baião de dois com fava e toucinho torrado/frito ou um cafezinho recém saído do fogo, ainda que três horas da tarde com um calor de 40 graus. Homenageia os de dentro e os de fora. E Babinski começou a receber essas homenagens assim que pisou em solo varzealegrense. Em 07 de agosto de 1996, seis anos após sua chegada ao Ceará, o então vereador José Batista Rolim, colocou para apreciação dos colegas, na Câmara Municipal de Várzea Alegre através do projeto de lei

001/96 e a resolução 002/96, o título de cidadão varzealegrense para o polonês Maciej Antoni Babinski.

Em seu discurso, o vereador José Batista Rolim escreveu que tinha “a honra de encaminhar para a apreciação de V. Exas., projeto resolução que concede o título de Cidadão Varzealegrense ao Sr. MACIEJ BABINSK. Pintor, desenhista e gravador. Nasceu em Varsóvia, na Polônia, em 1931. Estudou na Universidade Mc. Gill e na Montreal Art Association, em Montreal no Canadá.”¹⁴⁹

O discurso segue resgatando a chegada do polonês ao Brasil, em junho de 1953, no Rio de Janeiro, sua aproximação com outros artistas plásticos nacionais “Fez sua primeira exposição no Brasil em 1956, na Galeria do Diretório Acadêmico da Escola Nacional de Belas Artes” para em seguida mencionar que Babinski estava habitando aquele solo cearense: “O proposto atualmente mora em Várzea Alegre, o que sem sombra de dúvidas, enriquece o patrimônio cultural.” Os estados brasileiros por onde o polonês passou, antes de aterrissar em solo cearense, também estão mencionados no texto, embora Brasília, Capital Federal, local onde Babinski conheceu Lídia e decidiu se mudar para Várzea Alegre, não seja citada. “Antes de chegar a nossa terra, Babinski passou pelo Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais e por onde passou destacou-se como artista ou educador”.

A propositura ainda enaltece a importância de ter o polonês em solo cearense, tanto do ponto de vista social quanto cultural e reforça que oferecer esse título é uma manifestação pública de admiração e respeito. “Várzea Alegre só tem a ganhar com a permanência desta figura ilustre no seu meio sócio-cultural, razão pelo qual devemos dedicar-lhe o máximo

149 Transcrição literal do texto que acompanha o projeto de resolução número 001/96 de 07 de agosto de 1996, disponível nos arquivos da Câmara Municipal de Várzea Alegre.

de hospitalidade e carinho, para que ele, em retribuição, projete a nossa terra, nacional e internacionalmente através da sua arte”. O fato é que Babinski já chegou à Várzea Alegre disposto a mostrar sua arte. A primeira exposição de pinturas realizada por ele em solo varzealegrense, data de outubro de 1993, ou seja, dois anos após a sua chegada. O local: Agência do Banco do Brasil. E o mais surpreendente: os trabalhos dessa mostra já foram executados em solo cearense, mais precisamente no Sítio Exu entre os meses de maio e setembro daquele ano. Tratava-se de uma técnica que usava óleo e acrílico sobre tela.

Pergunto como a cidade de Várzea Alegre recebeu essa exposição. Ele responde o seguinte: “Tem as assinaturas, muita gente, como é que se diz, foi ver. É porque realmente esses contatos são fundamentais, porque obriga eu como pessoa, de me posicionar em relação a mim mesmo. Então é sempre importante para mim lembrar. Porque no Banco do Brasil? Porque tinha um gerente que tinha um irmão que era gerente no Crato, e eu me lembro um pequeno detalhe. Eu estava indo no meu carro para o Crato, aí polícia rodoviária. Eu abri a porta. Eles abriram o porta luvas e lá dentro, primeira coisa que via quando abria era meu cachimbo de maconha. Então. O cara da polícia nem olhou. Nem olhou. Isso aconteceu talvez três vezes na minha vida. Ser pego em flagrante”.

Lídia lembra que as pessoas não tinham noção do que era aquela exposição. “Foi uma coisa milagrosa fazer aquilo, porque como é que a gente inventou de fazer aquilo. E foi maravilhoso porque foi dentro de um banco, então tinha uma segurança incrível. Como somos muito amigos de compadre Inaldo, que trabalhava no Banco do Brasil, e Carlos Evandro, e Luiz Correia, então foi através dos meninos que a gente acabou fazendo essa exposição. E deu certo”.

Na descrição dessa exposição, em documento que ainda

hoje se encontra nos arquivos do município, estão uma breve biografia do polonês, sua chegada em solo cearense e sua trajetória como artista plástico no Brasil com obras em diversos museus nacionais e coleções privadas. “O artista está representado em coleções particulares no Brasil, como também nos seguintes acervos: o Museu Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro, - a Pinacoteca do Estado de São Paulo, a Biblioteca Mário de Andrade, de São Paulo, o Museu de Arte Contemporânea da USP, São Paulo – do acervo do Banco Central, de Brasília e do Museu de Arte de Brasília”.

Talvez por tudo isso, o vereador Zé Batista sentia-se orgulhoso em proporcionar ao polonês esse título. “O título de cidadania representa uma manifestação pública do respeito e admiração que os Varzealegrenses nutrem pelo artista, portanto, orgulho-me por ser o autor deste projeto e espero que todos os meus pares pensem da mesma forma e votem pela sua aprovação.”

Parece que os colegas vereadores entenderam e atenderam ao pedido do nobre parlamentar. Sem qualquer contestação dos edis, o projeto de lei foi aprovado uma semana depois, em 14 de agosto de 1996. Babinski também se sentiu orgulhoso em receber tal homenagem. “Eu respeito muito e procuro não decepcionar a quem me premiou”. (Risos). Pergunto se procura não decepcionar quem o presenteou ou o município em si. A resposta vem em tom incisivo: “Com o município porra! eu estou vivendo aqui há (quanto tempo?) 33 anos. Eu procuro aceitar essas coisas quando aparecem da maneira mais natural possível. Ganhou alguma coisa, então agradece?”

Aproveito para saber qual a contribuição que o polonês deixou para Várzea Alegre. “Ah é tudo isso aqui. É minha obra, porra!. MB, Maciej Babinski, data. (É assim que ele costuma assinar todas as obras dele) É minha obra. Tá tudo aqui. E é. Quanta gente não tem. Não tem como dizer que uma obra

que eu tenho aqui é dele. Eu não vendo. Não doei. Deixei onde estava. Então isso é uma estratégia que talvez seja difícil de entender”.

De certa forma, as autoridades do município entendem a importância da presença de Babinski por ali. Em 20 de abril de 2021 a Prefeitura Municipal de Várzea Alegre atribuiu uma Menção Honrosa ao Artista Plástico Maciej Antôni Babinski pelos seus 90 anos de idade e nela destaca o reconhecimento a sua contribuição artística e cultural para a população varzealegrense.

BABINSKI É HOMENAGEADO NA AVENIDA

NO DIA 17 DE FEVEREIRO DE 2012, UMA SEXTA-FEIRA, A EDIÇÃO online do Jornal Diário do Nordeste estampava a seguinte notícia: “Na próxima segunda-feira, o Grêmio Recreativo Escola de Samba Mocidade Independente do Sanharol (MIS) faz o desfile levando para a avenida o tema ‘Várzea Alegre de canto a canto’, que vai mostrar a história e a cultura dos cinco distritos e da cidade. Os organizadores prometem um desfile comparado às escolas de samba do Rio de Janeiro e de São Paulo, com fantasias de luxo, 850 passistas distribuídos em 18 alas e cinco carros alegóricos. ‘Teremos muito brilho, plumas e paetês’, anuncia o presidente da agremiação, o médico, Pedro Morais de Aquino”¹⁵⁰.

Para aquele evento, prometido como grandioso, foi contratado um carnavalesco experiente com passagens pelas escolas de samba de São Paulo e do Rio de Janeiro, conforme aponta a edição do Diário do Nordeste. Além disso, a escola investiu quase cem mil reais para transformar a avenida em um espetáculo de cores e brilhos “Neste ano, a MIS contratou o serviço do carnavalesco e coreógrafo, Sávio Cesanny, com experiência em desfiles de escolas de samba cariocas e paulistas. O presidente da MIS, Pedro de Aquino, disse que o projeto do

150 Escolas fazem ajuste final para desfiles em Várzea Alegre. Diário do Nordeste, disponível em <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/regiao/escolas-fazem-ajuste-final-para-desfiles-em-varzea-alegre-1.210031> acesso em 30 de novembro de 2024.

Carnaval deste ano prevê investimentos de R\$ 85 mil. A receita é oriunda de mobilizações, doações e patrocínios, além de apoio oficial da Prefeitura de Várzea Alegre”¹⁵¹.

Mas, quando os oitocentos e cinquenta passistas, entre eles Lídia Babinski, entraram na avenida cantando: *É carnaval, Minha estrela brilhou, Vem cá minha gente, Mostrar seu valor, Contar sua história, De canto a canto, Pra mocidade, É encanto*, O polonês já tinha tomado todas e estava completamente bêbado. “Me botaram pra desfilar em uma das alas e meu marido ficou enchendo a cara. Ele saiu de bar em bar. Depois colocaram ele no camarote e Maciej bebeu com força. Quando terminou o desfile eu corri pra encontrá-lo, mas já era tarde demais. Eu dizia, Maciej vamos embora? Ele dizia: não, vou nada. Uma homenagem pra mim. Vou ficar. Maciej você tá bêbado. E ele dizia: não, tô não. Tô ótimo. Eu dizia Maciej cadê o carro? Ele disse: eu deixei perto da matriz. Eu desci com ele do camarote e fui tentar levá-lo até o carro. Era um passo pra frente e três pra trás. Levamos duas horas para percorrer cem metros. O povo tudo louco no meio da rua, e bebendo, e jogando confete... enfim. Eu dizia me dê a chave que vou dirigindo. Ele dizia: dou não, quem vai dirigir sou eu. Tomei a chave, joguei ele no banco, passei o cinto, fechei a porta e vim embora. Quando eu cheguei, quase eu não boto ele na cama. Quando deitou foi no meio da cama atravessado. Foi uma coisa horrorosa. Eu condenei carnaval para o resto da vida”, confessa Lídia, 12 anos depois, diante do marido sentado numa cadeira de rodas que aproveita a oportunidade para acrescentar o seguinte: “eu não posso nem sentir o cheiro da aguardente, porque Lídia dá um chique”.

Aquela foi a primeira vez que a esposa de Babinski participava de uma festa de momo. “Porque meu pai, quando eu era criança, dizia que carnaval era coisa do demônio. Então eu

151 Idem.

cresci com essa coisa na cabeça. Que tinha rabo de burro. Que tinha estuprador. Era uma coisa horrível. Eu cresci na verdade com essa imagem. Mas casada com um artista plástico, depois de anos.... me convidaram. E fomos pra lá fantasiados”.

Muito provavelmente, considerando o “calor infernal” daquela tarde de fevereiro em Várzea Alegre, a “multidão que não obedecia o lugar onde ficar”, a bebedeira dos foliões “eu odeio bebida” e o fato de Babinski ter ficado “enchendo a cara nos botecos”, Lídia não aprovou a experiência. Talvez pelo estado em que Babinski se encontrava no momento em que a escola passou pela avenida, ele nem tenha percebido um pequeno trecho do enredo que fazia referência ao seu trabalho: *E ao ver a luz, A arte aos olhos se revela, Acordes manifestos sobre a tela, O sonho com o artista ganha cores...*”

O fato é que naquela segunda-feira, 20 de fevereiro de 2012, a Escola de Samba Mocidade Independente do Sanharol, uma tradicional agremiação carnavalesca do município de Várzea Alegre, entrou na avenida homenageando todos os distritos do município e a sede urbana com um desfile temático. A escola trouxe para a avenida a centenária Capela de São Caetano, tombada pelo patrimônio histórico estadual para representar o distrito de Naranjú. A nascente do Riacho do Machado, representando a comunidade de Riacho Verde e seus sítios. O jovem estudante deficiente e campeão nacional de matemática, Ricardo Oliveira, para simbolizar o distrito do Ibicatú. Uma etnia oriunda de quilombolas e de índios para representar o Distrito de Calabaça. A sede urbana o desfile deu destaque para a Festa do Padroeiro, São Raimundo Nonato com o tema: fé, devoção, religiosidade.

E, entre as homenagens do distrito do Canindezinho três grandes figuras da história e da cultura do local: Ana Alves Bezerra (Mãe Ana), uma parteira emblemática que ajudou a colocar no mundo centenas de crianças pobres, especialmente nos

sítios que compõem aquele distrito; o poeta José Clementino do Nascimento (Zé Clementino 1936 - 2005) autor do hino de Várzea Alegre e compositor de grandes sucessos de Luiz Gonzaga como *Xote dos Cabeludos*, *O Jumento Nosso Irmão*, *Sou do Banco*, *Capim Novo*, entre outros; e o artista plástico polonês Maciej Antôni Babinski. “Só o trabalho de Zé Clementino, só a história de Zé Clementino, dava um enredo grandioso. Aí eles pegaram várias histórias e inseriram numa homenagem só. Por isso acho que não ficou legal”, confessa Lídia.

O Canindezinho veio representado na avenida em seu 4º carro alegórico que trazia, uma criança recém-nascida, amparada por duas mãos negras e ainda presa ao cordão umbilical - numa clara referência a mãe Ana; “Pra você ter uma ideia, as pessoas achavam que era o São Francisco (padroeiro do distrito) criança. Ora, sabe-se lá como São Francisco era quando menino. A gente só tem imagem dele já grande”, disse Lídia. No mesmo carro havia ainda um reluzente violão de seis cordas para fazer menção ao compositor Zé Clementino e uma paleta de pintura com vários pincéis que remetiam o público para a figura do artista plástico Maciej Babinski. O carro alegórico chamava-se *Distrito de Canindezinho: ao ver a luz, a arte aos olhos se revela*. Certamente uma proposta do carnavalesco em fazer o público perceber aquele local como um espaço de nascimento, de (re)nascimento, de vida, de arte, de cultura. Mãe Ana trazia ao mundo os moradores daquela comunidade. Babinski e Zé apresentavam para eles a arte, a cultura, a leveza, a inspiração. A beleza das composições, das poesias, das aquarelas, das gravuras, das pinturas.

Seja no texto escrito ou nas paisagens pintadas, o Canindezinho e sua gente, ao chegar ao mundo, encontravam arte, cores, coloridos, festa. As aquarelas de Babinski representadas pela escola de samba eram um festival de cores fortes e vibrantes. Foliões vestidos com aventais sujos de tinta, calças

e bonés incorporavam o espírito de Babinski. O verde, o rosa, o vermelho, o azul e o branco... todas essas tonalidades invadiram a avenida para homenagear o polonês. A alegoria “Manifesto Sobre Telas”, ousou ao disponibilizar uma tela em branco para que, ao longo do desfile, as pessoas fossem jogando tinta, construindo coletivamente um quadro para homenagear Babinski. “Dizem até que venderam essa tela depois do desfile”, confessa Lídia.

Dos três personagens do distrito de Canindezinho citados no desfile apenas um estava vivo, embora “morto de bêbado”. Era o polonês de Várzea Alegre, aos 81 anos de idade. Ele “acompanhou” a passagem dos carros alegóricos e das 18 alas em um camarote reservado. “Quando eu chego na Lagoa (local de dispersão dos blocos carnavalescos), quando nosso bloco está em frente ao palanque, que eu levanto a cabeça, tá lá o Maciej no palanque. Ele olhava lá de cima e gritava ‘que-riiiiiida’. E eu gritava Maciej você vai cair daí. Vai se esborrachar no chão. Vai morrer” Diz Lídia, que desfilava no meio daquela multidão vestindo uma camisa esverdeada com o nome Babinski, extremamente preocupada com o marido, “Foi um horror. Me fizeram desfilar e achei o fim da picada. Eu não gostei da experiência”.

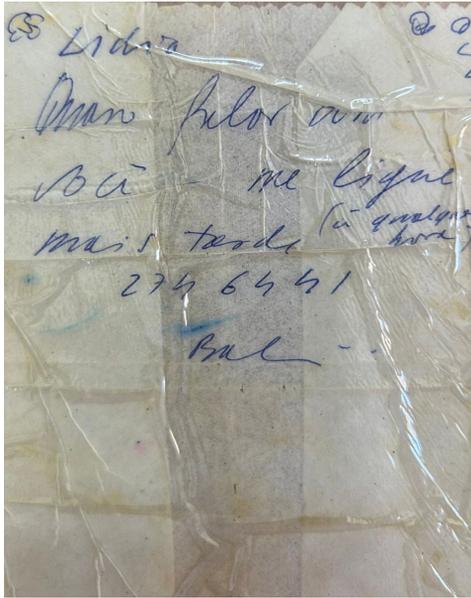
BLOCO DE IMAGENS - II

Imagem 13



Lídia aos 17 anos. Orós, Ceará, 1978

Imagem 14



O "torpedo" de Babinski para Lídia, Brasília, 1990
Lídia, quero falar com você. Me ligue mais tarde (a qualquer hora). 274 – 6441.
Babinski.

Imagem 15



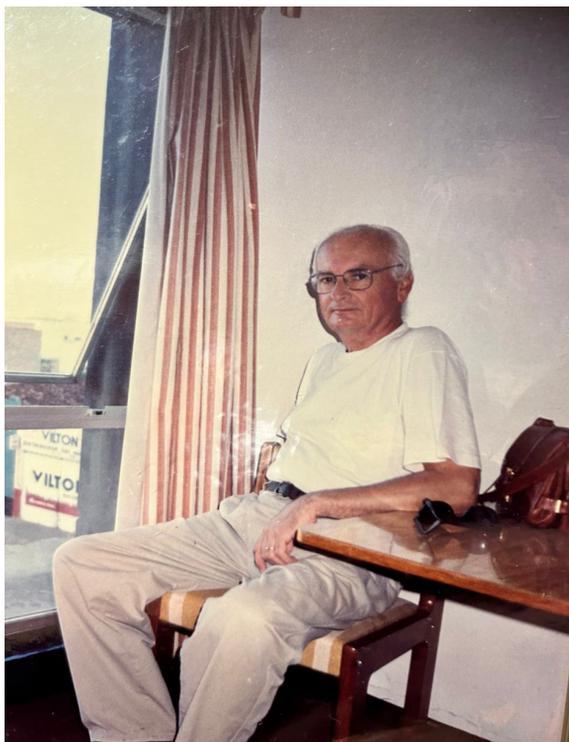
Lídia, Brasília, 1991

Imagem 16



O casamento civil. Brasília, novembro de 1990

Imagem 17



Babinski posa para Lídia durante viagem para Várzea Alegre – CE, 1991

Imagem 18



O casamento de Lídia e Babinski celebrado por Pe. José Mota Mendes. 18 de maio de 1991, Várzea Alegre - CE

Imagem 19



Lídia na casa ainda em construção no sítio Exu. Várzea Alegre -CE, década de 1990

Imagem 20



Babinski exhibe o título de Cidadão Varzealegrense ao lado do então prefeito João Eufrásio Nogueira, agosto de 1996

Imagem 21



Babinski e a família de Lídia. Sítio Exu, Várzea Alegre – CE, 1999. Fotografia de Marcelo Babinski

Imagem 22



Medalha Papai Raimundo, Várzea Alegre - CE, 2015

Imagem 23



Abadá usado por Babinski durante desfile da Escola de Samba Mocidade Independente do Sanharol - MIS, Várzea Alegre – CE, 2012

O MELHOR AMIGO

BABINSKI JÁ DECIDIU: QUANDO MORRER QUER QUE SEU CORPO seja cremado e suas cinzas sejam jogadas na cidade de Brasília. Esse pedido já foi feito e sua esposa, Lídia está comprometida em fazer o seu último desejo do marido polonês. “Babinski ama aquele lugar”. Para isso, Lídia vai contar com a ajuda de Cíntia Falkenbach. (trataremos sobre esse pedido em capítulo posterior). E é na capital federal que se encontram também os restos mortais de seu melhor amigo. Em nenhum momento perguntamos ao polonês quem era seu melhor amigo. Nem foi preciso porque, em praticamente todas as nossas visitas, ele citou o nome da mesma pessoa. Milton Cabral Viana. Aquele com quem o artista plástico ia, ao final do expediente, tomar cerveja e “tirar onda” com os petistas nos restaurantes de Brasília. As cinzas do polonês não serão jogadas em qualquer lugar da capital federal. As cinzas devem ser jogadas “junto onde o Milton foi sepultado”, comenta Lídia.

Babinski e Milton foram colegas de departamento. Trabalharam juntos no Instituto de Artes da Universidade de Brasília. Eles foram expulsos da UnB durante o regime militar. Eles retomaram seus postos de trabalho com a Lei da Anistia. Os dois foram aposentados, praticamente no mesmo período, pela mesma instituição. Babinski, após conquistar a aposentadoria resolveu deixar a sala de aula. Veio para o Nordeste. Fez o processo inverso do amigo. Milton, ainda muito jovem, aposentou-se, mas permaneceu em sala de aula. Fundou

novos cursos de graduação e pós graduação em outras instituições de ensino superior. Comparado ao polonês, ele ainda era um menino. Nasceu pouco antes de Babinski chegar ao Brasil, em 1945.

Quando Milton nasceu, Babinski já estava fugindo da segunda guerra. Seu futuro amigo chegava enquanto a Europa estava tomada por escombros e a família do polonês buscava refúgio. Milton era ainda uma criança de sete seis anos de idade quando Babinski desembarcou na Praça Quinze, no Rio de Janeiro. Mas logo, aquele menino nordestino se tornaria um dos professores mais jovens desse país. Milton nasceu em Natal, Rio Grande do Norte, mas cresceu na capital do estado do Ceará, Fortaleza. Era filho de comerciantes e ainda jovem mudou-se para Goiás. Foi cursar Letras. Concluída a graduação Milton fez o percurso inverso de Babinski, atravessou o Atlântico para fazer o curso de mestrado em língua italiana na *Università Italiana Per Stranieri*. Depois cursou o doutorado em semiologia na França. Foi orientado pelo semiólogo e filósofo francês Roland Barthes - um dos principais teóricos da comunicação social no século XX.

De volta ao Brasil e com toda essa bagagem universitária, Milton nem tinha entrado na casa dos 30 anos de idade. Passou a lecionar na Universidade Federal de Goiás, de onde tinha saído. Oito anos depois foi para a UnB. É nesse período que encontra o polonês. Ele era militante engajado. Não ia admitir os desmandos dos militares na recém criada instituição de ensino. E assim como Babinski, pagou um preço. Demite-se da universidade quando a pressão do governo militar aumenta. Foi proibido de lecionar. Passou a cuidar dos índios com projetos de valorização dos povos tradicionais. Com a Lei da Anistia - lei n° 6.683, sancionada pelo presidente João Batista Figueiredo em 28 de agosto de 1979, após uma ampla mobilização social, ainda durante a ditadura militar -, Milton

retoma o posto de professor na UnB, aposenta-se nos anos 80, mas segue na vida acadêmica ajudando a criar o curso de comunicação da Universidade Católica de Brasília, e a implementar os programas de Mestrado e Doutorado.

Milton Cabral Viana aparece mais incisivamente em nossa entrevista quando pergunto para Babinski se ele já havia pintado um retrato da Lídia. Se ela, a sua mulher já havia sido um de seus modelos vivos. Ele responde como se a minha pergunta fosse boba, óbvia, ululante. “Como não pintei? Lá no meu quarto tem um retrato dela que o Milton Cabral, que era um grande amigo meu de Brasília, ele quando viu o retrato da Lídia que eu fiz, ela cochilando, ele disse esse ‘é o seu melhor quadro’. O meu melhor amigo me disse que esse era o meu melhor quadro. Ele realmente me conhecia. A gente bebia junto todo sábado. Me conhecia bem. Todo sábado íamos ao restaurante”.

Em seguida comenta que ia para esse tal restaurante “tirar onda” dos petistas que também frequentavam o local com suas barbas pouco cuidadas. Lídia pergunta se ele concorda com o Milton Cabral Viana, a respeito do retrato. Ele diz que sim. E continua. “Não, eu convivi com muitas alegrias com Milton. Isso era um pequeno detalhe. Mas a gente tinha uma vida plena para provocar petistas”. Pergunto se o Milton veio visitá-lo em Várzea Alegre, no Ceará? Babinski diz que veio de avião. O que foi uma prova da amizade entre eles já que o amigo morria de medo de avião. “Desembarcou com uma garrafa de conhaque na mão e uma taça na outra”.

Mas seu amigo também posou para seus retratos. Ainda morando em Brasília ele diz que pintou um retrato do Milton. “Tem um retrato dele. Bom. Esse retrato está com o filho do Milton. O Milton teve um filho e uma filha. Eu pintei o retrato dele em Brasília. E como pintura foi bom. Ele sentado eu pintei. Eu sei que esse quadro está com ou filho ou filha. Está com a família dele. Tem esse quadro. Existe”.

Em 2003, seu melhor amigo descobre uma doença degenerativa - *Esclerose Lateral Amiotrófica* e sete anos depois foi vencido por ela. “Morreu bem magrinho, no apartamento dele, na cama dele”. Diz Lídia. Milton morreu numa terça-feira 06 de abril de 2010, com problemas respiratórios, uma das consequências da doença. Meses depois seria Babinski que iria enfrentar um grave problema de saúde: um câncer debaixo da língua. Detalharemos sobre isso a seguir. Mas como o polonês reagiu a notícia da morte de seu melhor amigo?

“Ele (Babinski) já sabia que o Milton estava muito doente, ele tinha ido uma viagem em Brasília, visitou o Milton e saiu de lá com a certeza que não via mais o amigo vivo, pois ele estava muito debilitado. O Maciej fez questão de falar com um dos irmãos do Milton e pediu que fosse alguém tomar conta dele, ficar dormindo com ele, pois o Milton, mesmo doente, era muito independente não gostava de ocupar ninguém. O Maciej saiu de lá para São Paulo e estava na casa de um amigo nosso no dia que o Milton morreu. Eu quem dei a notícia, por telefone, ele (Babinski) chorou como criança pois ele amava aquele grande e querido amigo”. Assim Lídia descreve os últimos momentos entre os dois.

Contudo, um dia foi perguntado a Babinski se ele se considerava um sujeito “associal” e ele respondeu que tinha muita dificuldade com pessoas. “Fico muito em silêncio, tenho dificuldade de me comunicar. Sou um bicho complicado. (...). Sou interiorizado, quieto, falo pouco. Mas lá em Várzea Alegre, por exemplo, eles já se acostumaram a mim e a meu jeito. Sinto que eles gostam de mim, e aceitam minhas maluquices, meus silêncios, meus sofrimentos...”¹⁵². O que ele não imaginava era que, entre esses sofrimentos humanos (de artista e de homem), estaria a descoberta de uma grave doença: um câncer na boca.

152 Memórias de um caboclo polonês, jornal O Povo, novembro de 1995.

A DESCOBERTA DO CÂNCER

TUDO PARECIA BEM QUANDO NO ANO DE 2010 BABINSKI comentou com Lídia que estava sentindo alguma coisa estranha na garganta. Um pigarro, um engasgo, alguma coisa incomodando o polonês. “Ele estava reclamando que tinha uma espinha de peixe na garganta. Achava que podia ser umas espinhas de umas piabas que ele tinha comido”. A primeira visita a um especialista foi ainda em Várzea Alegre. Procuraram a médica Bertha Alexandre, odontóloga e amiga do casal. “Disse para ela que tinha alguma coisa na garganta, alguma coisa de dente, mas doutora Bertha viu e disse que estava tudo certo. Contudo pediu que ele procurasse outro médico pra verificar essa história da garganta”.

Na verdade, doutora Bertha recorda de outro detalhe resultado dessa consulta do polonês. “Em setembro de 2010 Babinski veio ao meu consultório fazer exames de rotina, ocasião em que foi feito um tratamento na arcada superior (maxila). Ao ser cogitada a colocação de uma prótese na arcada inferior (mandíbula), o paciente relatou que estava sentindo alguns desconfortos na garganta, e, ao ser feita uma anamnese foi detectada a existência de uma pequena lesão. Imediatamente pedi que procurasse um médico especialista”, lembra.

Foi então que eles seguiram para Fortaleza. Bateram na porta da casa da amiga e empresária Eugênia Maia, com quem tinham feito amizade em 1995, durante a primeira exposição que o Babinski realizou na capital cearense, no Palácio da

Abolição. Eugênia é uma empresária do ramo de confecção que desde então tornou-se amiga do casal e por quem Babinski tem muito apreço. “Nós nos conhecemos durante essa exposição. O dia seguinte estava ocioso e um amigo me pediu que eu levasse para Canoa Quebrada. Eu fui com eles, a partir de então ficamos amigos e toda vida que eles vinham a Fortaleza eu convidava para ficar lá em casa”. Dessa vez, Babinski chegou lá se queixando de uma dor estranha, aparentemente em um dos últimos dentes da boca. Eugênia, então, levou Lídia e o polonês para uma consulta com um dentista amigo dela. Inicialmente para verificar um canal. “O Maciej dizia que tinha esse problema na garganta e quando chegou lá o dentista da Eugênia mandou que a gente fosse fazer uma tomografia, porque ele viu que tinha alguma coisa errada”, lembra Lídia.

Foram para um especialista, indicado pelo dentista, mas chegando lá o médico falou que não precisavam se preocupar. Que não era nada. Que Babinski não tinha nada na boca. “Voltamos para a casa da Eugênia e quando chegamos lá, ela disse não, vamos fazer com o outro. Marcamos novamente com outra pessoa pra fazer uma nova tomografia. Um novo médico. A gente não acreditou no que estavam dizendo. Que não tinha nada. E aí fomos para esse outro médico que Eugênia ajudou a marcar. Uma nova tomografia foi feita e nessa nova tomografia constatou-se que tinha um tumor na base da língua”.

Lídia disse que ao receberem essa notícia, a Eugênia falou: “olha, se vocês quiserem fazer o tratamento aqui em Fortaleza eu indico pessoas que eu conheço, médicos que eu conheço, mas o Maciej respondeu que não. Que nós iríamos voltar para Várzea Alegre e que daqui ele iria entrar em contato com um amigo dele que é oncologista em São Paulo”. E assim fizeram. Voltaram para o Exu e ligaram para o médico oncologista, escritor e cientista com diversas aparições na TV e na internet, Dr. Antônio Drauzio Varella. Babinski conhecia Drauzio de

longa data. Eram amigos desde os anos de 1980. Foi através da sua arte que os dois se aproximaram.

“Eu conheci os quadros do Babinski da casa de amigos. Porque o Babinski nos anos 70 se tornou muito conhecido em São Paulo e eu tinha vários amigos que tinham quadros dele. E eu fiquei encantado pelos quadros. E eu perguntava, de quem é isso? Aí diziam: do Babinski. Eu comecei a gostar dele sem saber quem ele era inclusive, porque eu sou muito ignorante em pintura. Aí nós tínhamos uns amigos que eram muito amigos dele, do Babinski, da Lídia. E aí eu conheci ele mais nas vezes que eles vieram a São Paulo. Nós tivemos juntos uma das vezes na fazenda de um desses amigos. E aí eu gostei muito dele né e da Lídia. A Lídia é um amor de pessoa, um amor mesmo. É aquela mulher nordestina forte. Porque as mulheres nordestinas são muito vivas, impressionante. Não é à toa que vocês obedecem a elas o tempo inteiro (risos)”.

A relação de amizade entre eles foi sendo fortalecida e Babinski sempre o convidava para visitá-lo no Ceará. Até que, no início dos anos 2000, de passagem pela região cariri cearense, Dr. Drauzio lembrou do amigo e decidiu ir até Várzea Alegre. “Ele dizia: ah você precisa vir aqui conhecer minha casa em Várzea Alegre. E uma vez, eu não lembro, eu fui com os amigos a Crato, no Ceará. Era um grupo de dança de São Paulo que estava organizando um espetáculo e convidaram pra ir junto pra essa viagem no Crato, porque eles iam encontrar um grupo de música lá pra ver se contratavam, se não contratavam, pra esse espetáculo de dança. E aí eu fui com eles. E de Crato, é uma boa oportunidade de ir pra Várzea Alegre pra conhecer o Babinski. E fiz isso. Eu com duas amigas. Nós fomos de carro no domingo, não lembro que dia era, saímos de manhã do Crato, na verdade a gente estava em Juazeiro do Norte. Saímos de Juazeiro do Norte e fomos pra Várzea Alegre. E foi ótimo. Passamos o dia lá com eles. Almoçamos. Foi

uma delícia. E desde então a gente ficou ligado. Volta e meia se falava por telefone. Mantivemos o contato. Aí, não lembro quando foi exatamente, ele teve um problema de saúde e me telefonou aí de Várzea Alegre”.

Ao ouvir a notícia de que o artista plástico estava com um câncer na boca, o oncologista teria dito: arruma suas coisas, venha imediatamente para São Paulo. Drauzio tinha uma explicação plausível para dar essas ordens ao amigo. “Várzea Alegre não tem a menor condições de tratar um caso dessa complexidade. A única forma é você, vem pra São Paulo. Vem aqui, a gente acha um jeito de tratar. Ele não tinha convênio de saúde, essas coisas que pudessem resolver o problema né, mas eu falei vem, vem pra cá. Lá em Várzea Alegre não tinha condições. Imagina, você conhece melhor do que eu. Tinha que fazer radioterapia, quimioterapia, não tinha nenhuma possibilidade. E pra sair de Várzea Alegre para Fortaleza, eu achei que era melhor ele vir pra São Paulo. Porque aqui eu ia ajudar e foi o que aconteceu. Ele veio ficou no hotel e eu conduzi o tratamento dele”.

Lídia acompanhou o marido. “Aí arrumamos, nos organizamos e fomos para São Paulo. Chegando em São Paulo fomos no consultório do Drauzio que fica em frente ao Hospital Sírio Libanês. E o Drauzio, a primeira coisa que verificou na tomografia foi que realmente havia um tumor na base da língua”. Depois disso começaram as sessões de quimioterapia para conter a ação da doença. “Com esse resultado, dessa tomografia eu vou fazer os exames de sangue, vários exames, e vou fazer uma primeira quimioterapia para uma pessoa que tenha 22 anos de idade. Que já vai bloquear o crescimento desse nódulo neste tumor”, e assim foi feito.

Lídia reconhece essa relação de amizade entre os dois e sabe o quanto foi importante contar com esse apoio naquele momento. “O Drauzio é um grande amigo do Maciej. Eles se

conheceram há muito tempo. Não foi em 2010, em 2009. Eles já se conheciam desde 1987. Então como era amigo dele sabia que ele era oncologista. Então ele escolheu mandar diretamente pra ele o problema. Ele deu uma atenção muito grande. Um grande amigo com grandes profissionais acompanhados: Dr. Rafael, Dr. Narciso, dois médicos muito grandiosos que trabalham também com Drauzio. Além disso teve muita gente boa nesse caminho nessa luta, sabe? Para que ele hoje esteja bem e esteja vivo. Não ter morrido daquele câncer”.

Babinski não tinha plano de saúde, mas Drauzio propôs a seguinte: “Eu consegui organizar o tratamento sem ele precisar gastar nada. Porque eu falei, nós vamos fazer o seguinte: o tratamento em si mesmo, as drogas no seu caso não são muito caras. E todo resto você faz aqui na clínica nossa. E quando terminar tudo isso, você me pinta um quadro e me paga, paga o meu trabalho com o seu trabalho. É a relação mais bonita de trabalho que pode existir essa. E teve a felicidade que isso deu certo. Deu certo. Ele depois fez radioterapia, que é um tratamento caro, que depende de maquinário etc, mas eu lá no Sírio Libanês fui organizando as coisas, e ele fez dentro das possibilidades dele, sem nenhum problema, sem nenhuma aflição. E aí ele me deu esse quadro é um quadro que eu tenho em casa. Que é lindo, não canso de olhar pra ele. Eu já tinha um quadro dele, que eu tinha comprado”.

Depois que Babinski fez a primeira sessão de quimioterapia, indicada para um jovem de 22 anos, mas aplicada num idoso de 80 e reagido bem a “dose para elefante”, Drauzio Varella teria autorizado o casal a retornar para Várzea Alegre e tranquilizar a família, mas seria por pouco tempo. “O Babinski queria voltar e conversar com a minha família, explicar tudinho, avisar que ele estava com câncer e que depois eu e ele voltaríamos para São Paulo pra fazer o tratamento”. A novidade, nada agradável, foi comunicada a toda a família

de Lúdia. Que o c4ncer do polon4s era na base da l4ngua, que, por recomendaç4es m4dicas, eles precisariam ficar um tempo fora, que n4o era poss4vel ficar indo e voltando. Feito isso seguiram novamente para S4o Paulo onde passaram quase todo o ano de 2010 por l4.

“E com a ajuda dos amigos de Babinski, conseguimos ficar num hotel, no primeiro momento, pr4ximo ao S4rio Liban4s. A4 o Drauzio conversou com os m4dicos infectologista, oncologista (outro oncologista al4m do Drauzio) que tamb4m trabalhava na mesma cl4nica e começamos o tratamento com Babinski. N4s nesse hotel, um hotel que foi arrumado pela Maria do Carmo Sodré, pr4ximo do S4rio Liban4s. Enquanto isso, eu e Daniel, filho do Babinski, fomos procurando um flat que fosse mais pr4ximo poss4vel do hospital porque o Drauzio disse pra gente ficar hospedado ali pr4ximo. Eles n4o iam internar o Maciej. Ele ia ficar no lugar pr4ximo ao hospital para continuar fazendo as quimioterapias. Foi preciso fazer 22 qu4mios, no primeiro momento. Depois ele fez mais sete junto com a radioterapia. Todas as radioterapias foram feitas no hospital S4rio Liban4s. As quimioterapias foram realizadas na cl4nica do Dr. Drauzio. Essas quimioterapias e tamb4m as radioterapias foram acompanhadas por uma dentista que fazia laser na boca dele antes de cada r4dio”.

Quem fez essas radioterapias foi Dr. Jo4o Luiz Fernandes da Silva, atualmente ele 4 Coordenador M4dico da Radioterapia do Centro de Oncologia do Hospital S4rio Liban4s e amigo de Drauzio Varella. “O Drauzio conversou com ele pra que ele fizesse um preç4 acess4vel para o Maciej e o Dr. Jo4o diminuiu bastante o valor que eles cobram. Dr. Jo4o teve que fazer um corte na garganta de Babinski para estudar qual era o tipo de c4ncer porque antes disso foi feito uma intervenç4o pelo nariz, mas n4o dava pra saber qual era o tipo de c4ncer. Ent4o teve que ser feito um corte na garganta e a4 ele ficou internado

no Sírio, mas ele não foi apagado na hora da cirurgia. Ele foi acompanhado por três anestesistas e Dr. João fez essa cirurgia de pequeno porte quando foi feito a leitura esse câncer na base da língua descobriu-se que era um câncer que podia ser tratado com rádio (radioterapia) e foi decidido fazer assim, dessa forma, desse jeito”.

Depois do tratamento a amizade entre os dois continuou e Babinski queria que o amigo conhecesse uma das festas mais tradicionais do Nordeste: o São João. “E aí ele disse: agora você precisa ir lá pra Várzea Alegre num São João pra saber o que é essa festa. Você não tem ideia do que é. Então, tinha um casal de amigos que estava louco pra ir pra uma festa de São João. Eu falei: olha Babinski esse casal de amigos, eu gostaria muito de levar. A Lídia disse traga, amigos de vocês são nossos amigos também. Ficam aqui em casa. E nós fomos pra lá. Foi uma maravilha. Nós ficamos uns quatro ou cinco dias na casa deles. E fomos ver a festa de São João de perto. Ficamos realmente fascinados. Na saída, comprei mais um quadro dele”.

Em 2021. Para o documentário em homenagem aos 90 anos de Babinski, produzido pela Universidade de Fortaleza e disponibilizado no Youtube, Drauzio Varella aparece rapidamente cumprimentando o amigo e exibindo três telas feitas pelo polonês. “Babinski, felicidades e muitos anos de vida para você continuar fazendo essas coisas maravilhosas como esses dois quadros que eu tenho aqui na minha sala de visitas e mais esse que eu tenho na sala de jantar. Felicidades, querido amigo! É um privilégio ter um amigo como você”. Conclui.

Babinski ficou livre do câncer, mas não perdeu o pavor contra médicos, hospitais e contra a própria medicina. Vive repetindo para Lídia que não quer ir para hospital. Acha que pode ser algum trauma de infância. “Eu sempre tive uma coisa ruim com médicos e hospitais, eu devo ter uma fobia, não gosto

nem de ficar no saguão de um hospital. Talvez um dos primeiros desenhos que eu fiz no Brasil foi o desenho de uma mulher operada. A operação, a cirurgia, o ambiente hospitalar, são sempre coisas repulsivas para mim. Acho que tem a ver com experiências desagradáveis no passado. O Drauzio Varella não toca nesse assunto, ele sabe que eu tenho um trauma qualquer em relação à medicina. Mas não é para ter? A incompetência e a barbearagem que existem dentro da medicina e que são protegidas pelo corporativismo são escandalosas. São verdadeiros horrores, e a gente aceita passivamente, como vítimas sempre com medo de ofender as pessoas que supostamente estão ali ‘salvando vidas’. E sem falar de toda a questão do aborto ilegal, a exploração que as pessoas são submetidas pelos médicos por causa da ilegalidade”.¹⁵³

Drauzio Varella sabe disso e respeita o posicionamento do amigo.

153 Gisel C. A. (2006, p. 200).

RETRATOS E AUTORRETRATOS

GRANDES NOMES DAS ARTES PLÁSTICAS PRODUZIRAM SEUS autorretratos como forma de “eternizar” a própria imagem e expressarem o que sentiam, seja no campo das emoções e sensações, seja na afirmação do seu pensar. A título de exemplo podemos citar a mexicana Frida Kahlo, (1907 – 1987), os espanhóis Salvador Dalí, (1904 – 1989) e Pablo Picasso, (1881 – 1973), o Francês Paul Gauguin, (1848 – 1903) e as brasileiras Anita Malfatti, (1889 – 1964) e Tarsila do Amaral, (1886 – 1973). Cada um deles encontrou uma maneira poética (quase sempre realista) de se auto representarem em suas telas.

O polonês descorda da ideia de se “eternizar” através de um quadro pintado por si mesmo, o autorretrato. Considera esse registro de si como algo muito complexo, muito além de apenas tornar aquilo eterno. Talvez por isso tenha investido pouco nesse desafio. Babinski diz que produziu, ao longo de toda a sua vida, um único autorretrato. Um trabalho longo, cansativo, exaustivo. “Ficou completamente não fotográfico”, diz ele. “No fundo, a única coisa real, é uma luz que não é real, em volta da cabeça”¹⁵⁴. O quadro foi pintado em 2003, em seu ateliê, no sítio Exu, em Várzea Alegre. Ele começou a pintá-lo pela manhã e se estendeu até por volta de meia noite. Usou as chamadas “pequenas horas” do início do dia e final da tarde, (as suas preferidas), mas quando a noite caiu foi preciso recorrer à luz elétrica.

¹⁵⁴ Gisel, C. A. (2006, p. 196).

O trabalho foi vendido três anos depois durante uma exposição em São Paulo. “Eu nem me lembro quem comprou”. Mas o esforço pessoal agradou o artista. “É um quadro lindo. Tem rosa e azul que são as cores das casas do Nordeste. Tem uma vibração diferente dos outros, é peculiar”¹⁵⁵.

Além do detalhe amarelado sobre a cabeça do artista, há cores mais escuras com tonalidades de preto e terra, misturados a um vermelho rosa. Tintas brancas contornam toda a imagem e vazam para as extremidades da tela. A sua testa é rosada “como as cores das casas do Nordeste”. As partes mais escuras do autorretrato estão exatamente sobre sua face, pescoço e ombros. Boca, nariz e olhos quase não aparecem com nitidez tamanho a sombra cores. Até os óculos estão tomados por uma espécie de escuridão. Não foi uma tela pintada apenas com pincéis. Há claros registros de que ali o artista “meteu a mão”, com toda a força. “Eu fui com tudo. Entrei com o dedo, com a mão inteira. Transformei muitas vezes e fui acrescentando elementos. (...) De repente, esse auto-retrato (sic) chegou a um ponto no qual já não era mais de nenhuma importância a luz incidente no meu rosto. Ultrapassou e muito, o que seria um simples retrato, no sentido de reprodução de uma fisionomia”¹⁵⁶.

Para se autorretratar, Babinski não recorreu a uma imagem, fotografia dele mesmo. Posicionou um espelho estrategicamente num lugar onde pudesse se ver, existisse uma boa iluminação e foi pintando. Mas diz que o espelho inverte a imagem e isso o incomoda muito. “Você pode olhar no espelho e não ver nada, depende do seu estado psicológico. Há pessoas que chegam diante do espelho e veem um monstro, ou não veem nada, veem um buraco. É tão complexo que é

155 Gisel, C. A. (2006, p. 196).

156 Gisel, C. A. (2006, p. 196).

um pretexto delicado de enfrentar”.¹⁵⁷ Se por um lado ele discorda dessa ideia de eternizar do autorretrato, por outro ele defende a questão psicológica presente nos retratos e autorretratos. “Eu não estou interessado em flacidez muscular, em rugas. Eu me sinto livre”¹⁵⁸.

Poucas pessoas tiveram o privilégio de serem retratadas por Babinski em suas telas. Apenas alguns amigos próximos como o professor Milton Cabral (destacado em capítulo anterior), a empresária Eugênia Maia (que falaremos sobre ela mais a frente), a esposa Lídia, o filho Marcelo e a ex-aluna e amiga Gisel Carriconde Azevêdo, “só que muito diferente dela e ela não gostou”, diz Lídia. A história desse retrato vale a pena ser contada aqui. Gisel recorda, com certo humor, que um dia chegou no apartamento do Babinski, em Águas Claras - DF, e ele disse o seguinte: “Vou fazer um retrato seu”. Diante dessa proposta a amiga teria sugerido o seguinte: “Ah, mas eu quero que seja (retratada na tela) a imagem de uma pessoa dramática. E eu cheguei lá na casa dele para posar pro retrato com um longo preto e com o negócio aqui no pescoço”.

Lídia se recorda bem desse dia: “Ela realmente se enfeitou bastante. Eu lembro como se fosse agora. Ela é uma mulher muito vaidosa. Ela se enfeitou pra caramba. E botou cachecol, e botou um batom belíssimo, e botou sombra, fez uma maquiagem bem linda, ajeitou o cabelo, e botou uma fivelinha maravilhosa...”.

A priori, Babinski não teria gostado daqueles apetrechos todos. “Ele disse: não, eu quero você, não quero esse drama”. Mas ela teria insistido. “Não Babinski, eu não quero, eu quero essa coisa histriônica, artística, dramática que eu tenho. Isso sou eu também”. O polonês topou retratá-la como ela queria. “Eu fiquei lá (no apartamento deles) o dia inteiro. Ficou

157 Idem. (p. 97).

158 Gisel, C. A. (2006, p. 198-199).

pronto. Aí o retrato estava uma coisa maravilhosa. Ele (Babinski) ficou apaixonado pelo retrato. Mas disse que ainda ia dar uns retoques. Nem acreditava que esse retrato ia sair”. Lídia também concorda que a primeira versão do retrato de Gisel ficou perfeito. “Quando Gisel posou para o retrato, a primeira versão era belíssima. Mas artista é um bicho doido. E artista plástico principalmente. Atrás de uma obra dessa tem duas obras, três obras, quatro obras... e assim sucessivamente, às vezes, na quinta versão ele pode assinar, na segunda, mas ele nunca assina na primeira. É muito difícil. E na primeira versão a Gisel era uma mulher linda, mas ele não gostou e continuou trabalhando”.

Uma semana depois, Gisel encontra Lídia e Babinski durante o lançamento de um livro num café em Brasília. “E eu perguntei: Babinski e o meu retrato? Aí ele disse: quando tiver pronto eu te falo. Aí a Lídia falou na frente dele: ‘Gisel, o retrato tá maravilhoso! Melhor retrato que Babinski já pintou’. Cara, o Babinski ficou possesso de raiva porque ela tinha entrado no ateliê dele e visto o trabalho. Não com raiva dela, mas como se estivesse sido assim uma interrupção do processo artístico. Ela até disse que nem sabia que ele estava pintando quando entrou lá. Mas o Babinski continuou reclamando: ‘vocês não sabem que isso interrompe o processo. Agora eu vou ter que refazer”’.

Sobre essa “interrupção do processo” criativo do artista, Babinski comentou o seguinte: “A Lídia já aprendeu a não mexer quadro nenhum meu antes de eu realmente terminar. Uma vez ela entrou no ateliê e se apaixonou por um trabalho que eu estava fazendo. Foi dormir e eu fiquei no ateliê. Na manhã seguinte, ela entrou lá e deu um pulo de susto, não tinha mais nada, nada mesmo daquilo que ela havia visto, e ficou super decepcionada. Chegou a dizer que não comentava mais porque achava que isso tinha o poder de destruir o trabalho.

Para ela o que eu tinha feito era muito melhor do que o que o quadro virou. E às vezes pra mim também”.¹⁵⁹

Foi exatamente isso que aconteceu com o retrato de Gisel. Um mês depois desse encontro num café em Brasília, ansiosa para ver o resultado final do trabalho, ela disse que ligou para Babinski e perguntou pelo retrato. Mas tudo havia mudado. O polonês refez a obra e não agradou a amiga. “Cagou o trabalho todo. O retrato era horroroso. Já tinha pensado até em queimar”. De acordo com Gisel, o próprio Babinski tinha consciência de que o resultado final do trabalho não tinha ficado bom. “Ele me disse que ficou uma pintura horrorosa e que ia jogar no lixo porque estava horrível. Aí eu disse: não, eu quero essa pintura. E ele respondeu: não, está horrível, está horrível”. Nessa hora da entrevista eu afirmo que fiquei curioso pra ver esse retrato, mas ela responde que não mostra esse quadro para ninguém. Diz que está guardado no ateliê dela, mas logo recorda que doou para um amigo que é apaixonado pelo trabalho de Babinski e pretende fazer um tributo ao artista. “Uma espécie de composição em cima daquela pintura. Enfim, não fez ainda. Eu não mostro essa pintura pra ninguém”.

Talvez para compensar esse entrevero entre os dois, causado pela frustração de uma pintura a óleo pouco convincente, Babinski retrata novamente a amiga. Dessa vez através de uma aquarela. “Depois ele fez um outro que está aqui. Ele disse: ‘eu vou pintar você assim, agora do jeito que você tá’. Aí pintou uma figura austera. Eu tenho também aqui o retrato eu posso te mandar. A foto do retrato. Na verdade, foi uma aquarela. O outro foi uma pintura a óleo. E me deu essa aquarela. Mas realmente o retrato era uma coisa desconcertante. E um dia, mais pra frente, não sei se foi alguma das vezes que ele veio aqui e esse retrato estava rolando aqui pelo ateliê, e a gente sentou pra falar e aí ele falou... (eu fiquei puta com ele)

159 Gisel, C. A. (2006, p. 195-196).

que ele falou uma coisa mais ou menos assim, nessas palavras, que ele entendia o que tinha acontecido naquele retrato. Que aquele retrato tinha capturado a minha natureza de bruxa, de mulher poderosa... e que eu tinha um aspecto oculto na minha personalidade...”

A explicação de Babinski para com o resultado final do seu trabalho só piorava as coisas. “Cara, eu fiquei muito puta. Meio tipo assim: ah, quer justificar a merda que você fez, dizendo que eu realmente tenho a ver com essa bruxa (porque realmente ficou uma bruxa. O trabalho ficou uma coisa..., o rosto deformado, ficou uma coisa meio Francis Bacon), muito mal feito porque ele ficou com raiva e pegou uma coisa e passou no rosto assim... Foi um trabalho que ele lutou contra ele. Ele lutou até desistir. E o Babinski não desiste. Na época, eu fiquei puta porque achei que ele estava querendo se desculpar de ter feito um trabalho ruim, e se desculpar querendo dizer que aquele trabalho tinha capturado uma parte da minha natureza. Aquele trabalho era assim porque tinha sido a minha energia que tinha feito que aquele quadro ficasse daquele jeito”, concluiu.

Mas tem um caso curioso, que não foi lembrado por Lídia, que é de um jornalista e professor da Universidade Federal do Ceará, que se propôs “biografar” Babinski no início dos anos 2000, e acabou inspirando o polonês a reproduzi-lo na tela. Trata-se de Gilmar de Carvalho (1949 -2021), cearense de Sobral, criado na capital Fortaleza, bacharel em Direito e em Comunicação Social pela Universidade Federal do Ceará (UFC), mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo e doutor em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). É o que veremos a seguir:

AFINAL DE CONTAS, QUEM NÃO GOSTARIA DE SER RETRATADO POR ELE?

“MACIEJ ME CONVIDOU PARA POSAR E O CONVITE TINHA UM tom de provocação, quase de revanche, como se ele me quisesse submeter ao mesmo constrangimento a que fora submetido, nas várias sessões em que chafurdei sua vida, para fazer anotações.”¹⁶⁰. Assim, o professor Gilmar de Carvalho descreve o convite de Babinski para reproduzi-lo em um quadro. Carvalho estava em Várzea Alegre para escrever sobre o polonês, mas ficou surpreso ao receber o convite para posar e ser (igualmente?) retratado por aquele famoso artista plástico. E nesse desafio que é narrar a vida, alheia através de um texto biográfico, Gilmar ainda nos leva a refletir sobre esse jogo de interesse que existe entre biógrafo e biografado.

“Claro que ele pode ter escamoteado as verdades, fingido, organizado sua vida a seu modo (esse é um dos maiores problemas quando se trabalha uma biografia) e o mais provável é que eu venha a escrever com minha visão de mundo e com uma atitude, quase sempre respeitosa, que se estabelece entre entrevistador e entrevistado, que muitas vezes deixa passar lapsos, incoerências e repetições, em nome da ética da entrevista. Eu poderia entrar ou não no jogo de Maciej que, por sua vez, estaria à mercê do que eu escreveria. Éramos reféns um do outro. Aceitei o convite. Afinal de contas, quem não

¹⁶⁰ Carvalho, G.de. (2005, p. 29).

gostaria de ser retratado por ele?”¹⁶¹.

Sim, é verdade, quem não gostaria de ser retratado por ele? Quando iniciamos esse projeto pensamos em pedir ao Babinski a elaboração da capa. Uma pintura exclusiva para nosso trabalho. Chegamos a sonhar com essa possibilidade, mesmo sabendo que era algo remoto. “Ele não está mais pintando, Jurani”, disse-me Lídia. E entendíamos e respeitávamos cada decisão do polonês. Se ele quisesse falar, ótimo. Se não quisesse, tranquilo. Era no tempo dele. Dentro de seu “espaço de liberdade”. Já estávamos invadindo demais a privacidade de um senhor quase centenário. Então, podemos dizer, que nesse sentido, o Gilmar foi mais feliz por poder contar com um retrato dele feito pelo Babinski.

A nossa aventura tinha certas limitações e doses de ousadia. Lídia, por diversas vezes, disse que eu era corajoso em biografar seu marido. Não foi muito clara sobre o que queria dizer com “muito corajoso”. Mas ela sabia o quanto ele era exigente e que todo o meu esforço podia não agradá-lo. Cíntia Falkenbach, amiga e colega de departamento na UnB, também alertava-me. “ (...) eu gosto de escrever sobre Babinski, mas eu sou muito cuidadosa porque eu acho uma obra muito complexa. A gente tem que ter muito cuidado com o que a gente fala, né? A obra é linda e uma obra de uma pessoa que teve uma vivência fantástica né?”. O filho Daniel destacava a personalidade forte do pai. “Meu pai é assim. Ele é muito contundente e, às vezes, eu discordo, mas, enfim, eu acho que você percebeu que ele tem uma personalidade muito forte né. Mas eu seguia com a cara e a coragem. Talvez menos confiante do que o polonês retratando seu entrevistador, 20 anos antes daquele nosso momento. Talvez com o mesmo medo de imaginar o que ele pensava sobre mim, sobre nós ali, batendo a sua porta, adentrando o seu espaço sagrado.

161 Carvalho, G.de. (2005, p. 29).

Gilmar de Carvalho, após aceitar o convite do polonês, assim descreve o início do trabalho de Babinski em “eternizá-lo” num retrato. “Os primeiros traços do bastão, nervosos, deram o contorno. A sessão não tinha previsão de término – durou mais de duas horas, feitas as contas depois. Difícil dizer a sensação de ser reinventado ou antever como o artista vai nos sentir. Que médico ou monstro emergirá dos pincéis e das espátulas, exaustivamente limpas pela terebentina, que impregnava o ar, com seu cheiro característico, o único solvente que ele aguenta, por ser natural? Um silêncio incômodo invadia o ateliê muito limpo e claro, de mesa comprida, algumas cadeiras, estantes para guardar alguns instrumentos e janelas abertas, invadidas pelo terracota das paredes externas e pelo rosa das buganvílias. Ficava a expectativa de saber como me faço ver ou se o outro me vê como eu gostaria de ser visto ou como eu penso ser visto. Como não se tratava de encomenda, ele não seria obrigado a me agradecer com o retrato e eu me entregava no escuro à aventura”¹⁶².

E assim começa a sessão, “quase interminável” e cheia de incertezas, dúvidas, suspeitas, angústias. Lendo isso fiquei imaginando o que já havia pensado todas as vezes que adentrava a casa de Lídia e Babinski no Sítio Exu. Por mais que tivéssemos sidos aceitos ali, avisássemos com antecedência as nossas visitas, chegássemos com hora marcada e tivéssemos o cuidado para não extrapolar o tempo (ficámos entre 2 ou 4 horas conversando), mesmo assim era desconfortável para a gente saber que se tratava de uma invasão. Duas ou três vezes invadimos o seu quarto para olhar os quadros na parede, ao lado da cama, com o polonês ali, descansando. Imaginava: o que ele deve estar pensando sobre a gente. Sobre a nossa presença ali. Mas apenas ficava com essas ideias na cabeça. E seguia com o meu trabalho.

162 Carvalho, G.de. (2005, p. 29).

Não fomos “modelos vivos” de Babinski como fora Gilmar. “Eu me impunha uma disciplina de modelo vivo, como os que Maciej pintava, na McGill University, no Canadá, curiosamente, no mesmo ano em que eu nasci (1949). A experiência do modelo nu era indescritível e para sempre. Eu me sentia nu diante de Babinski e seu silêncio me atordoava. Sabia que não podia me voltar para olhar o que ele fazia ou me tornaria uma estátua de sal. Eu me entregara: o pacto implicava a aceitação das regras que não precisavam ser ditas, porque não haveria contrato assinado. A relação que se formava era de confiança - ou de cumplicidade, dizendo melhor. Como não era um modelo qualquer, que posa por posar, eu poderia depois escrever sobre a experiência, estabelecendo um elo entre palavra e imagem”. E como será que Babinski enxergava a gente, ali, diante dele, fazendo perguntas, tentando desenhá-lo no papel com palavras o que ele sempre fez tão bem com bastões de tintas? Eu não posso dizer que não me dava medo imaginar o que ele imaginava. Ficava assim, como o Gilmar de Carvalho: “Eu temia ver o que sairia daquela tela, isso é verdade, e gostaria de esvaziar minha mente de qualquer pensamento, queria ser uma tela / folha em branco.”¹⁶³

E foi nessa tensão entre ser representado através de uma linguagem que não era a palavra escrita, mas o traço de um artista plástico que Gilmar sentia frio e temia pelo resultado final. Talvez Babinski sentisse o mesmo. Quem sairia ganhando? O escritor ou o pintor? Eis a questão. O fato é que o quadro foi entregue ao seu “dono” durante a segunda viagem que Gilmar fez a Várzea Alegre. Não está especificado o dia, ou quanto tempo depois de tê-lo posado. Na segunda viagem, ele me fez a entrega, na hora em que embarquei para Fortaleza. Estava embalado com plástico bolha e papel kraft dourado. Eu, desajeitado, carregava aquele ‘*portrait*’, que jogava um

163 Carvalho, G.de. (2005, p. 29-30).

vigoroso foco de luz sobre minhas áreas sombrias, me deixando sem saída, a não ser agradecer por aquele presente, pesado e severo como um ícone, e com a ‘griffe’ Babinski, que o cancelava com sua ‘aura’ de obra única. Ele disse, professoral, que ‘a arte do retrato era difícil, séria e profunda’.”¹⁶⁴

Se Babinski agradou seu “modelo vivo”, isso não fica muito claro no texto do Gilmar. O fato é que ele não se viu espelhado na tela do artista, até porque não se tratava de uma fotografia, mas da liberdade criadora de um artista plástico. Lembrando que “Babinski não fala de coisas fáceis ou belezas comuns”. E dessa forma Gilmar concluiu o que tinha recebido de presente do seu interlocutor “aquilo era uma tela, não era meu retrato, e aquele que estava na tela não era eu, era uma pintura, onde não havia uma nítida distinção entre fundo e figura, que se sobressaía por alguns traços mais fortes”¹⁶⁵.

Também não está claro se o polonês se viu originalmente representado no esforço biográfico feito pelo professor Gilmar de Carvalho. Por um motivo simples: em nenhum dos nossos encontros ele mencionou o livro do jornalista cearense, embora os exemplares impressos tenham sido entregues ao polonês. Nem ele nem Lídia haviam me falado sobre o texto de Gilmar. Descobri esse material através do professor e amigo Cidival Moraes que me enviou o arquivo em formato PDF quando mais de 70% desse texto já estava finalizado.

O livro que Babinski sempre citou como referência para entender o seu trabalho foi o da Gisel Carriconde que reúne nove longas entrevistas realizadas com ele. É numa dessas entrevistas que ele detalha um retrato, pintado por ele, da amiga e empresária Eugênia Maia. “... não tem igual, acho tão importante quanto aquele auto-retrato (sic) que eu vendi na

164 Carvalho, G.de. (2005, p. 32-33).

165 Carvalho, G.de. (2005, p. 33).

Milan”.¹⁶⁶ Em seguida Babinski detalha o processo de produção do quadro. “Ela estava posando e, em determinado momento, resolve parar para colocar creme no rosto. Só que eu acabei pintando o creme no rosto dela, patacas de creme, sem dó. Foi um retrato na horizontal, uma coisa meio revolucionária. Deitada.”¹⁶⁷

Eugênia Maia também recorda com carinho esse momento. “Todo ano ele ia para o nosso sítio que fica em Mulungu (CE) e passava 15 dias, um mês que era o período mais quente né. A gente sempre levava uns amigos e lá eles se reuniram ficavam sozinhos porque, às vezes, eu voltava para Fortaleza. Num domingo eu voltei (para o sítio) né, e chegando lá ele estava super disposto e disse que queria fazer um retrato meu. Meu e de Lídia. Eu me sentei e passou mais ou menos uma hora, foi que quando saiu esse retrato que eu considero um retrato muito bonito com muita tonalidade de branco”.

Depois de concluir o retrato da amiga Eugênia, foi a vez de Lídia também ter mais um momento “eternizado” através dos pincéis do marido. “Só que na verdade, eu nunca consegui ficar olhando olho a olho para o Babinski para ele me pintar. Não funciona. Não dá certo. Porque eu acabo rindo. Então quando ele resolveu pintar eu disse, tudo bem, eu até vou posar, mas eu vou olhar pra baixo. Eu estou do lado de fora. E quando ele terminou, eu já estava dormindo”. E a imagem mostra Lídia serena, de olhos fechados, cabeça baixa, cabelos presos... “Ela encostou o queixo para baixo. Ficou bem triangular como é o rosto dela. Um quadro excelente”, conclui Eugênia. O retrato de Lídia tem um realismo fotográfico capaz de fazer-nos sentir a respiração dela. Talvez por isso, Milton Cabral tenha dito que aquele era o melhor quadro que o amigo já havia feito. Atualmente ele encontra-se emoldurado na parede do quarto

166 Gisel C. A. (2006, p. 199).

167 Gisel C. A. (2006, p. 199).

do casal em Várzea Alegre, disputando espaço entre outras tentativas de Babinski de reproduzir a mulher. “Depois ele fez uma aquarela minha, de busto também, em Brasília. Depois eu tentei posar pelada para ele e não deu muito certo. Mas nós já idosos. Mas não funcionou bem. Porque ele não fez o que acha que tinha que fazer. Acabou desistindo. Mas os dois retratos ficaram muito bons”.

O retrato de Eugênia, assinado por Babinski, também ganhou um lugar de destaque na residência da empresária. “Fica na sala da minha casa em Fortaleza, num lugar de destaque. O quadro deu uma identidade também para o ambiente”. Sobre usar maquiagem enquanto era retratada por Babinski, a empresária ri ao afirmar que isso era uma coisa muito dela mesmo. “Vivia com uma bolsa cheia de produtos de maquiagem e certamente estava querendo melhorar o visual”.

A amizade entre os dois já tem uns 20 anos e ela diz que já conheceu Babinski sabendo que se tratava de um grande artista plástico. “Eu estava tendo esse privilégio de conhecê-lo”. Por conta dessa amizade, Eugenia passou a acompanhar todas as exposições de Babinski seja em Fortaleza, São Paulo, Brasília... “tudo que for feito pra Babinski é muito pouco porque talvez seja ele o último tronco vivo das artes plásticas brasileiras”.

FUTEBOL ARTE

CONVIDAR OS AMIGOS, AS AMIGAS E A ESPOSA PARA SEREM modelos de suas telas faz parte dessa liberdade artística que Babinski nunca abriu mão. Artista gosta de ser livre, seja na vida particular, seja no processo criativo. O polonês jamais gostou de produzir sob encomenda. “Para mim é uma situação indesejável”. Mas ele sabe que nem sempre os artistas possuem completa e irrestrita liberdade. Quantos compositores fazem músicas sob encomenda, quantos escritores elaboram discursos a pedido de políticos e autoridades – *ghost writer* -, quantos poetas constroem poesias sob demanda.... e isso se estende também para os artistas plásticos.

Em 1998 a França sediou a décima sexta edição da Copa do Mundo FIFA de futebol. A primeira a contar com 32 seleções. As partidas aconteceram entre os dias 10 de junho e 12 de julho daquele ano. Era a segunda vez, em 50 anos, que os franceses recebiam os jogos da competição. A primeira Copa do Mundo com sede na França tinha acontecido em 1938. O jogo final da copa de 1998 foi entre os donos da casa e a seleção brasileira. A residência de Babinski, no Sítio Exu, estava tomada pelos televisinhos. Todos queriam acompanhar, na televisão do polonês, o desempenho da seleção canarinho, especialmente as defesas de Taffarel (o goleiro), os dribles dos atacantes Ronaldo e Bebeto e a velocidade do lateral esquerdo Roberto Carlos.

A partida final foi realizada em 12 de julho (dia dos

namorados) às 9h da noite, no Stade de France, com um público estimado em cerca de oitenta mil pessoas. Mas a França atrapalhou os planos do Brasil em se tornar pentacampeã mundial. Romário, eleito o melhor jogador do mundo em 1994, foi cortado da seleção por causa de uma lesão muscular na panturrilha e Ronaldo Fenômeno sofreu uma convulsão no dia da final. Zinedine Zidane era quem entraria para a história como o melhor jogador daquela competição e um grande desafeto brasileiro. Marcou dois gols ainda no primeiro tempo e aos 48 minutos do segundo tempo Emmanuel Petit abriu vantagem. O jogo terminou em 3 x 0 para a França. E a seleção brasileiro jamais esqueceu aquela derrota.

Mas, o que isso tem a ver com Babinski? Quase nada, não fosse uma exposição organizada pela comitiva brasileira dos jogos na França que encomendou trabalhos para serem expostos durante o evento. O polonês pintou um quadro imenso para essa ocasião e o resultado de tudo isso foi tão desagradável quando a derrota do Brasil para a França. O caso foi parar na justiça.

“Como nós perdemos aquela Copa, os artistas perderam metade da grana que nunca foi paga a nós. Eu sei que o Renato Magalhães Gouvêa¹⁶⁸ levou os quadros para a galeria dele, e depois eu recebi uma cantada da organização de caridade da dona Ruth (Cardoso)¹⁶⁹ para doar o quadro para eles. Como eu disse que não, eles me perguntaram se eu queria o quadro de volta para acabar com a ação judicial. Eu disse que queria,

168 Renato Magalhães Gouvêa (São Paulo - 1929) é galerista, marchand e produtor de cinema. Atua como uma ponte entre os artistas e o mercado de artes. Muito conhecido no cenário das artes.

169 Ruth Correia Leite Cardoso (1930 – 2008) foi uma antropóloga e professora universitária brasileira, esposa de Fernando Henrique Cardoso, 34.º presidente do Brasil, e a primeira-dama do país de 1 de janeiro de 1995 a 1 de janeiro de 2003.

é lógico, mas tem que trazer aqui no sítio, no Cariri que é de onde saiu (porque saiu daqui, desse ateliê). Como o quadro tem 1,50m x 2,50m e está numa caixa que deve pesar uns 200 quilos, eu acho que eles desistiram de pensar em me devolver, perceberam que ia ter que gastar dinheiro. Eu sei que o meu quadro está lá até hoje, atravancado nessa galeria e atravessado na minha garganta”.¹⁷⁰

Dezessete anos depois, o quadro foi devolvido. E passadas quase três décadas, a questão parece resolvida. A tela que mistura, entre outras cores, o verde, o amarelo, o azul e algumas tonalidades em branco e que sugere figuras humanas disputando uma partida de futebol, está emoldurado na sala de jantar do polonês. O quadro ocupa metade daquela parede e todas as vezes que a mesa era posta e sentávamos para almoçar, ao lado de Babinski e Lídia, era essa tela gigante, encomendada e depois judicializada, quem testemunhava as nossas conversas.

Numa de minhas visitas a casa de Babinski, enquanto estávamos sentados à mesa, olho para parede e pergunto: esse é o quadro da Copa, né? Lídia responde: sim, esse é o quadro que foi exposto no Louvre e voltou para a mão do Babinski depois de 17 anos. Ele botou na justiça porque eles receberam... na verdade era pra receber (o valor da obra) em três parcelas. Seria 30 por cento no momento da entrega, depois vinha mais 20 por cento e quando fosse exposto e voltasse ele receberia o restante, 50 por cento. E ainda tinha a passagem pra ir pra França, porém os artistas foram todos enganados. Foram enganados porque não foram pagos os 30 por cento, não foram pagos os 20 por cento, não foram dadas as passagens e não pagaram os 50 por cento. Porque quando as obras voltaram para Brasil eles queriam, de alguma maneira, enrolar os artistas e os artistas não aceitaram doar para o instituto da dona

170 Gisel C. A. (2006, p. 200).

Ruth. Alguns até doaram, mas a maioria não. Não doaram e botaram na justiça. Os advogados pegaram a causa junto e ficaram até devolver pros artistas as obras”.

“BABINSKI NÃO É BURRO”

QUANDO VISITEI PATATIVA DO ASSARÉ, NO FINAL DOS ANOS de 1990, durante uma excursão da escola, tive coragem de levar uma de minhas poesias para mostrar para aquele que era, na época, o maior poeta popular do Brasil. Patativa estava velho, já tinha mais de noventa anos. Eu e meus colegas do terceiro ano chegamos à casa dele por volta de duas horas da tarde. Fomos informados por uma de suas filhas que Patativa estava dormindo. Resolvemos, então, esperar que ele acordasse. Permanecemos perambulando pelas ruas de Assaré, visitamos o recém-inaugurado museu em homenagem ao poeta, até que, algum tempo depois, o poeta acordou e resolveu receber aquele grupo de alunos. Não sei por que cargas d'água eu havia rascunhado uma poesia e, com toda a coragem e atrevimento de um jovem estudante apaixonado por literatura, passei a ler aqueles versos de pés-quebrados para nada mais nada menos que Patativa do Assaré¹⁷¹.

“Cante lá que eu canto cá”

Disse o velho Patativa

Pra falar dos imigrantes

Narrou “A triste partida”

Quantos versos ele fez

Que nos deram voz e vez

Poeta, d'alma cativa.

171 CLEMENTINO, J. O. (2018, p 111; 2024 p.59)

Sentado numa cadeira de balanço, camisa azul, óculos escuros e cara fechada, ele me ouvia com dificuldade, pois já estava quase surdo. Ao final da leitura (declamação), ainda tive a ousadia de perguntar o que ele tinha achado da minha poesia. Patativa parou um pouco, pensou e disse em tom conclusivo: “É, tá rimando”. Aquele “tá rimando” valia mais do que qualquer coisa neste mundo. Escutar um “tá rimando” de Patativa do Assaré era tudo o que um menino velho, barrigudo e remelento que escrevia poesias queria ouvir. Foi a minha consagração pública. A consagração de um quase poeta sem noção. Depois pedi que ele assinasse aquele texto, porque alguma coisa me dizia que eu nunca mais o veria. Eu estava certo. Três anos depois, em julho de 2002, aos noventa e três anos, Patativa do Assaré faleceu.

Quase trinta anos depois desse encontro e mais uma vez diante de um artista de 93 anos, tomei a mesma iniciativa com o polonês Maciej Antoni Babinski. Dessa vez, com um quadro que havia pintado, em agosto de 1999, no Departamento de Artes Plásticas da Universidade Federal de Uberlândia - UFU. Coincidentemente, Babinski foi professor por quase dez anos naquele departamento. Eu estive lá para participar de um curso de formação para professores da EJA – Educação de Jovens e Adultos. Na ocasião me mostraram um quadro do artista plástico francês Paul Gauguin intitulado “Passatempo” “Area-rea” ou “cachorro vermelho”, de 1892. Nele estavam pintadas umas figuras femininas nas cores amarela, azul e vermelha. Era uma oficina de pintura. Então, me pediram para reproduzir a obra numa tela pequena. Achei que deveria inserir elementos da minha própria realidade, da minha cultura regional, do meu cotidiano. Busquei na memória, nas minhas lembranças, no meu dia a dia e, sem a permissão de Gauguin, inseri no quadro reproduzido, a famosa Serra de São Nicolau (que estava lá, na frente da minha casa desde sempre), o

gatinho preto (que vivia se esfregando nas pernas de minha mãe lá na cozinha de casa) e as barreiras de barro vermelho (que ladeavam a estrada da ladeira da grotta funda).

Na nossa segunda visita ao polonês, em 02 de novembro de 2024, eu comentei com ele sobre esse trabalho. Ele ficou animado para conhecer. Prometi trazê-lo. No dia seguinte cheguei com o quadro emoldurado debaixo do braço. Disse que nunca tinha colocado aquela pintura na parede do meu apartamento em Campina Grande porque achava que ela não tinha valor artístico. Repetindo a minha completa “cara de pau”, mostrei a Babinski o quadro e pedi sua opinião. Ele disse: “que beleza! Você acha que esse trabalho não tem qualidade artística? Pois eu vou lhe dizer que ele tem qualidade artística sim, esse é o problema”, e riu. Eu fiquei tão orgulhoso com aquela observação do polonês quanto havia ficado com a frase de Patativa, e diante mão, prometi trazer o quadro comigo para Campina Grande e pendurar na parede da sala do meu apartamento. Mas enquanto conversávamos, Lídia fixou minha obra de arte na parede da casa deles.

Foi nesse clima de informalidade que demos início a nossa terceira entrevista com Babinski. No dia anterior havíamos conversado e gravado com ele, mas percebemos que deveríamos mudar a nossa estratégia de abordagem. Não havia rendido muito aquela entrevista porque ele tinha sido muito breve nas respostas. Porque fugia facilmente da pauta, entrava em temas e assuntos pouco elucidativos para o nosso trabalho que era basicamente compreender a importância, o significado e o papel que o Ceará, em geral, e Várzea Alegre, em especial, tinha para a sua obra. Comentamos sobre isso com Lídia e achamos por bem tê-la ao nosso lado durante a realização das entrevistas. Iríamos repetir a mesma pauta, dessa vez com a ajuda dela. Então fazíamos as perguntas e ela reforçava em voz alta e acrescentando mais alguns elementos

que já havíamos sinalizado. Foi uma boa estratégia. Babinski desenvolveu mais as questões e mostrou-se, mais uma vez, gaiato.

Quando perguntamos o que ele tinha feito em Várzea, ao longo de 34 anos ele brincou falando em terceira pessoa: “Tomou uma cerveja, fumou um e morreu”. Depois desenvolveu melhor. Sempre com longas pausas: “(Eu vim) em busca da liberdade, em busca da qualidade de vida que eu acreditava, e continuo acreditando, que a qualidade de vida que eu consegui aqui é devido às condições que o Ceará me oferece. Então isso aí é a razão principal. E principalmente porque eu logo descobri que essa utopia não é uma fantasia”.

Depois procuramos saber como ele se sentia em Várzea Alegre. E mais uma vez o humor veio como a primeira resposta. “Preguiçoso”. Logo depois pontuou. “O que eu produzi aqui... artista produz, galinha, produz.... (risos). Não ter interferência nas minhas fantasias e nem nas minhas verdades. Eu acreditei que dava pra fazer, dava pra viver aqui. Maneira de falar, dar. Isso foi dado para mim. O dado é tudo isso aqui que eu assumi com um objetivo maior na minha vida mental porque a minha vida física... (silêncio). Aproveitei para perguntar como ele lidava com a velhice? Ele riu. E disse em tom de ironia: “é uma maravilha!” (risos) A questão da idade é bom não misturar. A questão da idade, na verdade, é o encolhimento de tudo, do mundo. Mas, ao mesmo tempo, não me matou. Não me matou! Tô vivo! Então o bom é isso, pude envelhecer e estar vivo, né, Lídia!? Porque não é fácil e a vida vai escapando. A gente tem que se segurar em alguma coisa. Então, aqui deu pra segurar o que tem aqui pra mim. Nisso eu quero dizer que sou ativo, minha relação com o mundo daqui é ativa, não é uma coisa fake ou falsa, então eu tenho mais segurança em enfrentar a idade quando eu tenho o que o ambiente aqui me oferece. É uma relação calma, não tem angústia... não tem...”

(gesticulou simulando fumar um baseado).

“Tem que ter sabedoria pra isso”, diz Lídia. Ele responde: “Babinski é esperto”. Perguntamos se daqui há vinte, trinta anos, as pessoas ao se deparar com a sua obra iriam reconhecer a relação dela com o lugar onde ele estava. “Primeiro ficará. Não importa o tempo e o lugar. Ficaram cada vez óbvio que a minha produção artística nos anos que eu vivi aqui, foi mais numerosa... a quantidade que eu produzi aqui em poucos anos tem artista que vive 80 anos e não consegue. Então essa extraordinária vantagem eu atribuo a uma relação correta minha como artista, com o ambiente no qual eu escolhi viver. Então Babinski não é burro”. (gargalhou)

Considerando que em muitas entrevistas o polonês falou que em Várzea Alegre ele teria buscado a liberdade, perguntamos para ele que é ser livre. Como ele compreende a questão da liberdade. “Essa liberdade tem limitações. Por exemplo, eu não posso mais ficar bêbado. Eu não posso mais fumar maconha”. Lídia interfere. Pede para ele levar a sério a entrevista que explorasse as questões subjetivas de suas obras. “Você pensa que as coisas que eu falei não são subjetivas? (todos riram) Liberdade pra mim tem a ver com esses pequenos detalhes”. Lídia, mais uma vez, pede que ele destaque a sua produção em relação com o ambiente em que ele se encontra, com o Sítio Exu. “Bom, primeiro, o que eu fiz aqui, não dá pra botar numa mala e sair andando e sumir daqui. Eu trabalhei pra deixar uma obra permanente aqui. Não dá pra tirar da parede um quadro de dois por um ou dois por dois. Então, (eu fiz tudo) pra garantir a permanência das obras nessa região. Não dá simplesmente para um gringo chegar aqui e dizer quanto é? (e levar). Em outras palavras aqueles quadros todos, aquela galeria toda, não está à venda. A minha liberdade. É essa que incomoda muita gente. Por que não vende? Artistas não querem vender? Esse artista não vende. Pode não ser a solução mais

esperta, dependendo do que você pensa a vida do artista. Mas que idiota! Por que não vende? (Eu) podia estar em qualquer lugar do mundo, bebendo whisky. Mas, basicamente, a liberdade consiste em nenhuma obrigação”.

O que permitiu também essa liberdade ao artista foi a aposentadoria como professor da UnB. E parece que ele sempre deixou isso claro a quem o visitava e o entrevistava. Gilmar de Carvalho, assim o definiu: “Maciej trabalha pouco, pelo menos em público. Começou a pintar óleos aos quarenta e dois anos. É exigente demais, perfeccionista, cheio de manias e extremamente disciplinado. Morre de medo de ter de se desfazer dos trabalhos de que gosta, aos quais se afeiçoa. O sonho de todo artista não seria ter sua obra circulando, transmitindo emoções, fazendo com que outros possam fruir daquele processo mágico da criação?”¹⁷²

Babinski também faz questão de enfatizar que não é um artista comercial. Discorda sobre produzir para vender. E relaciona o seu longo período de produção artística consorciada com a atividade de professor universitário. “Eu escolhi ser funcionário público. Ter um *job*. Se não tivesse essa garantia eu podia ter cometido erros não corrigíveis, tipo. A liberdade é essa. Tá garantido. Primeiro trabalhar como artista e não como professor, eu acho que isso nunca ocorreu, isso ou isso, fazia tudo parte de uma coisa só. Se eu não pudesse pintar desenhar e fazer gravura enquanto professor... *J'aime la vie!* Nunca! Não tem essa dualidade. Professor/artista. Nunca ocorreu. Eu era professor e artista. É isso não me matou. Isso não criou nenhum conflito insolúvel. Fazia parte da vida que eu aceitei e tinha uma estratégia. Sobreviver de todas as maneiras possíveis. Possível! Não é que você... Ah, eu posso escolher, vender, não vender, eu escolhi ser coerente em minhas

¹⁷² Carvalho, G. (2005, p. 37)

escolhas”.

Nesse momento comentei com ele que isso era um privilégio. Que não era todo mundo que conseguia ser coerente com suas escolhas. Babinski respondeu com a seguinte expressão imperativa: “Sim. É porque eu sou bom”. Lídia interfere no comentário do marido e, em tom de brincadeira, chamando-o de narcisista “Ainda bem que ele se ama, né!” Mas Babinski não deixava escapar nenhum comentário sobre a sua pessoa. “Eu não sei se eu me amo. Ah, eu amo você”. (todos riem). Mas Babinski sabe as dificuldades que os artistas enfrentam nesse país. Como é duro viver da própria arte. E como muitos profissionais acabam enveredando por outros caminhos para se manter economicamente. Em entrevista concedida a Gisel Azevedo, ele comenta sobre a percepção que se tem dos artistas e a realidade que cada um enfrenta.

“Hoje em dia as pessoas vêem (sic) os artistas como um sujeito muito inserido na sociedade, quando na realidade há um conflito evidente entre os objetivos de um artista e a necessidade cotidiana de se manter economicamente. É claro que o artista que consegue se libertar dessas contingências passa a ser agressivamente independente, mas verdade seja dita a maioria dos artistas passa a vida muito dependente de pessoas que os ajudem. Vive realmente no limiar da pobreza. E naquela época, então, pior ainda. Só quem ganhava dinheiro eram os carnavalescos. Quantos artistas da Escola Nacional de Belas Artes viraram o carnavalesco como única maneira de ganhar dinheiro? A primeira oportunidade que um talentoso aluno tinha para se afirmar era o carnaval, ele tinha que conseguir aprovar o projeto dele pela comissão da escola”¹⁷³.

Procuro saber se há influência da cultura popular e especialmente da xilogravura em suas obras. Mas ele logo faz questão de enfatizar que é um “gravador em metal”. E que

173 Gisel, A. C. (2006, p. 71).

tudo isso fez parte de escolhas e encontros que teve na vida. “A técnica que eu uso é sobretudo parte disso. Você escolhe o que você pode” Lídia pede para que ele fale sobre o trabalho com xilo, gravuras em metal e aquarelas. Há nesse momento um profundo silêncio. “Bom na galeria tem duas litografias. Uma técnica que só usei umas três ou quatro vezes na vida. Mas eu botei tanto de mim naquelas litografias que elas podem ficar permanentemente na galeria que dizem tudo que eu fiz e podia fazer. A xilo que eu conheci tem mais de uma fonte. Uma fonte é a arte popular na qual o Ceará tem uma posição privilegiada, na arte popular e meu conhecimento de um grande artista que viveu praticamente a vida inteira apenas fazendo xilogravura e não a pintura que foi Oswaldo Goeldi, ele merece um estudo seu para entender qual a relação desse mestre comigo¹⁷⁴. De quem eu ganhei incentivo”.

Seu grande mestre foi Oswaldo Goeldi. “Eu morava sozinho num quarto perto da Academia (Brasileira) de Letras, no Rio de Janeiro, o Goeldi me visitou só pra ver as minhas coisinhas, que pra ele não eram coisinhas. Ele viu em mim, acreditou no artista, que valia a pena apoiar. E me apoiar sem nenhum problema”. Em seguida ele tenta trazer dados biográficos do Oswaldo Goeldi. Diz que era filho do professor Emílio Goeldi responsável por criar em Manaus o museu maravilhoso. “E deu pra ele uma lição de arte e vida que raramente um sujeito podia conseguir. Emílio Goeldi é o cara que criou Manaus”. Lídia diz que ele tá confundindo as coisas. Que esse museu não fica em Manaus, mas em Belém - PA. Babinski concorda.

O pai de Oswaldo chamava-se Emílio Augusto Goeldi, era

¹⁷⁴ Oswaldo Goeldi nasceu no Rio de Janeiro em outubro de 1895. É considerado um dos grandes nomes do Modernismo brasileiro nas Artes Plásticas. Renomado ainda por suas gravuras e ilustrações, especialmente na técnica da xilogravura, que retratam cenas sombrias e melancólicas da vida urbana e rural no Brasil. Goeldi faleceu no Rio de Janeiro em 1961.

um suíço-alemão que chegou ao Brasil em 1880, para trabalhar no Museu Nacional Brasileiro, no Rio de Janeiro. Três anos depois, em 1893, Emílio Goeldi aceitou convite do governador do Pará para assumir a direção do Museu Paraense, que se encontrava em estado de abandono. Sua missão seria a de transformar aquele espaço em um grande centro de pesquisa sobre a região amazônica. Assumindo o desafio, ele começou promovendo uma ampla mudança na estrutura do Museu, para enquadrá-lo às normas tradicionais de museus de história Natural. Emílio Goeldi faleceu na Suíça, em julho de 1917. Em sua homenagem, o Museu que ele dirigiu, em Belém, passou a se chamar, em 1901, de Museu Paraense Emílio Goeldi. Era esse museu que Lídia tinha visitado anos antes. Espaço criado pelo pai de seu amigo Oswaldo Goeldi. “Então, Norte e Nordeste se fundem num objetivo de vida”. Concluiu.

ESPAÇO DE LIBERDADE

O que eu sempre busquei? Meu espaço de liberdade (Babinski, 2024).

TEM GENTE QUE PASSA A VIDA INTEIRA PROCURANDO, EM vão, o seu espaço de liberdade. Tem gente que busca toda uma vida o seu grande amor. Tem gente que atravessa o mundo sem encontrar nenhuma das duas coisas: o amor e a liberdade. Maciej Antoni Babinski encontrou. Literalmente rodou o mundo. Algumas vezes, foi obrigado a deixar lugares, pessoas, sonhos. Compulsoriamente. Outras tantas escolheu isso. Mas o improvável aconteceu. O europeu de família nobre não imaginaria que o amor de sua vida e seu espaço de liberdade estariam no mesmo lugar. Num ponto perdido no mapa do Brasil. No interior da região Nordeste. No sul do Ceará. No sopé da Serra Negra. Dentro do açude das Caraíbas. No Sítio Exu. Em Várzea Alegre.

Dos verdes campos europeus e planícies a perder de vista, aos irregulares e pedregulhos terrenos semiáridos do sertão cearense. Das regiões frias e sempre nubladas, ao calor de um sol de quarenta graus castigando uma terra semiárida em tons avermelhados. A liberdade estava numa casinha simples, construída às margens de um açude, escondida por entre cercas de estacotes, moitas de juremas, mofumbos, buganvílias e sabiás. Soprada, durante a noite, pelo benfazejo vento Aracati. Dentro e fora dela uma liberdade capaz de fazê-lo produzir

dia e noite. Especialmente nas chamadas “pequenas horas” – início e final do dia. Mas sem nenhuma obrigação. Quando e como queria. Na hora que a inspiração batesse. Quando “desse na telha” para usar uma expressão local.

Babinski chegou ao sítio Exu aos 60 anos de idade. Aposentado. Pai de quatro filhos já criados, (dois homens e duas mulheres). Legalmente separado de duas ex-esposas, com uma carreira consolidada. No currículo, mais de cem exposições (coletivas e individuais) passando por países como França, Alemanha, Holanda, Itália, Portugal, Suíça, Londres, Áustria, Bélgica, Polônia, Estados Unidos, Canadá, México, Chile e por dezenas de cidades brasileiras como São Paulo, Rio de Janeiro, Curitiba, Fortaleza e Brasília. Premiado e reconhecido mundialmente, mas completamente desconhecido na pequena Várzea Alegre. Ninguém ali pelas redondezas entendia bem o que fazia aquele gringo por aquelas bandas. Ainda hoje não entendem bem. Mas não precisa. Liberdade também é isso. É, além de não fazer nada, ou fazer quando quiser, liberdade é não dar satisfação da sua vida para ninguém. É não produzir sobre demanda. Não ter a obrigação de pintar quadros, embalar, levar para algum comerciante de obras de arte vendê-los. Isso não era vida. E essa parte tinha ficado no passado.

“Ah, mas ele podia ter montado uma escolinha para crianças e estimulado a produção artística por aqui!”, disse-me um amigo ao saber que eu estava envolvido com algum projeto sobre o polonês. Não era esse o propósito de Babinski ao chegar em Várzea Alegre. “Liberdade é não ter obrigação nenhuma”, disse-me Babinski. E como todo artista que se preze ele tinha uma obrigação apenas consigo mesmo. “Pinto quando quero. Na hora que quero. No dia que quero. Não quero cobranças”. Queria apenas os cuidados e os carinhos da mulher amada. E Lídia sempre o apoiou. “Ele pintou onde quis. Eu não tinha direito a escolher uma parede da minha casa para

colocar um armário ou guarda roupa. O Maciej usava para colocar suas obras. Às vezes estava na cozinha e ele chegava e colocava o cavalete e ia trabalhar. Ele fez aqui o que ele quis. Teve o espaço que nunca tinha tido”. Imagina o quanto que isso representa de liberdade!

Residindo ali, longe de curiosos, jornalistas, críticos de arte... ele podia reunir seus materiais de trabalho e andar pelas roças ao redor de casa buscando inspiração para suas paisagens. Podia pegar seu carro, ir até próximo a uma serra e retratá-la em suas telas. Babinski fez tudo isso. Com a liberdade de um pássaro e cuidado pelo amor de Lídia. “Rapaz eu era criança quando ele veio pra cá. Ainda hoje não vi essa pessoa. Um cara como ele, aposentado, deveria ter apresentado técnicas, criando oficinas, abrindo seu ateliê para escolas... Mostrar a esses jovens, inspirando... Nunca fez nada.” Insistiu meu amigo. Sem querer defender o polonês afirmo ter vários registros de alunos de escolas, universidades e outras instituições congêneres visitando Babinski. Ele recebeu diversos alunos de escolas públicas do Ceará em seu ateliê. O polonês deveria ter feito muito mais? Não sei. Sua obra em si, já soa, para ele, como uma contribuição inestimável para com Várzea Alegre.

O advogado Idelci Costa, natural do distrito de Canindezinho e também amigo do artista plástico, acredita que Várzea Alegre poderia ter aproveitado melhor a presença do polonês por ali. “Ganhamos muito com o seu convívio entre nós, mas poderíamos ter ganhado muito mais se a sua experiência e as suas técnicas artísticas fossem passadas à nossa juventude por meio de projetos patrocinados pelo poder público. Quantos grandes pintores, ilustradores e desenhistas já poderíamos ter se tivessem a sorte de serem apresentados ao mundo das artes por este artista tão famoso, respeitado e internacionalmente conhecido... Quantos teriam a sorte mudada por

conhecerem novas culturas, novas personalidades, abrindo novos horizontes para si e para tantos outros... Estas obras costumam ser muito valorizadas entre os seus admiradores e colecionadores. Por tudo quanto o artista Babinski representa, por seu triunfo nas adversidades e pelo seu inestimável valor como pessoa humana, a ele manifesto a minha admiração, gratidão e sincera homenagem”.

O fato é que podemos imaginar e afirmar que Várzea Alegre trouxe para o polonês uma alegria de viver que há muito tinha sido perdida. Talvez quando deixou sua terra natal, a Polônia, ainda na década de 1930, para fugir da invasão nazista. Talvez quando atravessou a fronteira da França com a Holanda e mijou nas calças com tanto medo da guerra. Talvez quando se escondeu nos túneis do metrô de Londres para escapar dos bombardeios da *Luftwaffe* que transformavam aquela cidade em ruínas. Talvez tenha perdido essa alegria nos dias gelados do Canadá, na traição da Fernande Saint-Martin, nas crises psíquicas da primeira esposa, Vera, na separação da segunda esposa Hilda, quando, por força da ditadura militar, pediu demissão da UnB, nos momentos difíceis que vivera a partir de então....

Mas havia esperança de reencontrá-la. Algum dia. Em algum lugar. De alguma forma. O que ninguém imaginaria, era que a felicidade, o amor e a liberdade estivessem habitando num casebre simples, feito com barro e madeira (casa de taipa), habitado por uma numerosa família pobre, formada por agricultores rurais no distrito de Canindezinho. Foi ali que Lídia nasceu Francisca. Foi ali que a Francisca cedeu lugar para Lídia. Santa Lídia, nascida em 03 de agosto de 1962. Nome (ou seria apelido?) dado por seu avô. O encontro do polonês com a cearense, (ou seria do polonês consigo mesmo?), ia mudar para sempre a vida dos dois. Ele encontrando o seu espaço de liberdade. Ela reencontrando sua família, sua terra, sua gente.

Voltando para onde nunca deveria ter saído.

Quase quatro décadas depois eles estão ali, firmes, fortes, livres, apaixonados. Hoje ela cuida mais dele do que ele dela. “Querida, como é que você está pagando as suas contas? Como é que você consegue dinheiro?” Pergunta um já esquecido Babinski. “Maciej você é aposentado. Todo mês a UnB deposita o seu salário. É com ele que nós vivemos”. Responde, pacientemente, Lídia. Aparentemente sem reclamar. Sem se aborrecer. Ele é que, às vezes, sente que está sendo um fardo pesado para Lídia, mas ela logo o repreende. Ele brinca que se tornou uma criança, que o corpo já não obedece a seus comandos. São as marcas da velhice. E como ele mesmo diz: a velhice não é uma brincadeira.

No documentário “Babinski”¹⁷⁵, produzido pelo filho Daniel e por enquanto disponível na plataforma *vimeo*, o polonês comenta, mais uma vez, sobre a força do tempo agindo sobre seu corpo e sua mente. Por um lado, o avançar dos anos, traz lucidez e por outro rouba a capacidade de agir. “Na medida que as minhas expectativas e a minha percepção da minha capacidade de ser artista, vem aumentando com a idade, a minha real capacidade de agir biologicamente está diminuindo. Eu me sinto realmente por um lado cada vez menos capaz por outro lado mais capaz. Então esse é o paradoxo do envelhecimento”.

175 Documentário *Babinski*, (ano 2018), direção Daniel Babinski.

COMPLETAMENTE CHAPADO

NA NOSSA PRIMEIRA VISITA A CASA DE LÍDIA E BABINSKI, EM outubro de 2024, levei alguns de meus livros de presente para eles. Era uma forma de agradecer a hospitalidade e a atenção para com a gente. Um desses livros, lançado em 2023, chama-se *Meus Quintais*¹⁷⁶ e reúne uma série de crônicas com temáticas regionais. Uma delas tem o título sugestivo e narra uma experiência pessoal com aquelas sobras de cigarros, as “piolas” dos famosos pés de burro, que me fizeram sentir, pela primeira vez, a sensação de estar completamente embriagado.

“Eu era muito jovem, (um moleque ainda), não sei precisar o ano nem a idade que eu tinha, mas o fato é que experimentar aquele resto do cigarro do tipo “pé de burro” alterou completamente o meu estado físico, mental e espiritual. Na linguagem popular dos usuários de substâncias tóxicas e ou alucinógenas, eu fiquei absolutamente chapado. Naquela época não havia abastecimento d’água nas comunidades rurais e era muito comum as mulheres se reunirem ao redor dos cacimbões, principalmente aos sábados, para lavar roupa. Levavam trouxas e mais trouxas de roupas sujas e se espalhavam sentadas nas pedras ensaboando, esfregando, botando para quasar ao sol e finalmente enxaguando os panos. Muitas delas fumavam cachimbos, cigarros feitos na palha de milho ou enrolados em papéis finos. Eram cigarros fortes. Feitos com fumo de rolo, os famosos pés de burro. A gente, ainda muito

176 Clementino, J O. (2023, p. 71).

criança, acompanhava nossas mães ou irmãs mais velhas para auxiliar nesse tipo de trabalho. Fornecíamos água para o serviço das mulheres. Com latas de cinco litros de querosene vazias, transformadas em baldes e amarradas em cordas de nylon ou sisal, a gente tirava a água do cacimbão e colocava nas tinas e bacias das lavadeiras. Quando os panos estavam sendo ensaboados ou quarando ao sol, o consumo de água era pequeno e a gente tinha um descanso, mas quando as mulheres começavam a enxaguar a roupa, a água não dava pra nada e a gente sofria para repor.

Bem, acontece que sempre no final do dia, após essas lavagens de roupa, muitas piolas de cigarro ficavam espalhadas por ali. De todo tipo: uns mais finos, outros grossos, cada um mais forte que o outro. Acredito que a mistura da nicotina com a saliva e o passar do tempo potencializavam as consequências do tabaco e transformavam aqueles cigarros em verdadeiras substâncias alucinógenas. Certo dia, eu fui com minha avó e minha tia Leni a um desses cacimbões. Lá encontrei uma piola de cigarro e não sei porque inventei de acender e colocar na boca. Foi uma coisa de outro mundo. As consequências foram imediatas. Parecia que a nicotina tinha sido injetada direto na veia. Na mesma hora o mundo começou a girar ao meu redor, na minha vista, as árvores e capins que existiam ali próximos, ficaram completamente borrados, minhas pernas perderam forças, era uma moleza tão grande no corpo que não conseguia ficar de pé. Minha tia e minha avó ficaram desesperadas. Disseram que eu mudava de cor, oscilando entre o amarelo e o branco. Não havia muito que fazer. Imediatamente, as duas tiveram a brilhante ideia de me sentarem numa daquelas pedras das lavadeiras de roupa, puxaram água do cacimbão e me deram um banho. Eu tinha virado um pano sujo e elas estavam me lavando. Uma ânsia de vômito tomou conta de mim. Não me recordo se vomitei, mas

foi uma experiência tão angustiante e desesperadora que por décadas tomei abuso de cigarro. Ainda hoje não sei a quem pertencia aquela piola”. E, parafraseando Caetano Veloso, tantos anos depois daquela experiência, eu nem sei se voltei completamente ao meu estado de espírito normal. Eu não estou totalmente seguro quanto a isso.

Bom, resgatei essa história para dizer que Babinski nunca foi um homem careta. E a primeira crônica que chamou a atenção dele no livro em questão foi exatamente essa: Completamente Chapado. Ao folhear o exemplar ele foi direto nesse texto e depois de ler o início da crônica perguntou-me com certa inocência: “mas o que é uma piola de cigarro?”. Lídia tratou de explicar para o marido o significado da palavra. Desde então, o tema maconha sempre veio à tona em todas as nossas visitas. O polonês disse que parou de fumar (maconha) porque Lídia o proibiu. O assunto drogas, na cabeça dele, estava longe das discussões comuns que eram travadas pela sociedade em geral. Isso fica muito claro quando a Gisel Azevedo fez a seguinte pergunta para ele: você chegou a usar drogas alucinógenas? E a resposta foi: “As drogas mais fortes que eu tomei foram o ácido lisérgico e o cogumelo. Mas eu só começava a desenhar umas oito ou doze horas depois. O lisérgico teve um efeito muito forte de distorção das imagens, enquanto o cogumelo simplesmente trouxe à tona a identificação com a paisagem. Quer dizer, eu acho que o desejo da paisagem já podia ser identificado nos últimos trabalhos que fiz sobre o efeito do ácido lisérgico...”.¹⁷⁷

Outra razão que explicaria, para o artista, o uso de determinadas substâncias “ilícitas” poderia ser a necessidade de manter-se de pé para realizar atividades “prazerosas” que foram songadas em virtude de outras ocupações diárias. “Se you work oitohoras por dia e quer ser artista à noite, você

177 Gisel, A. (2006, p. 99).

no mínimo tem que tomar um trago... Então a droga me ajudou muito a ser artista numa condição socioeconômica que não ajudava. Me ajudou a ter energia para trabalhar, e acima de tudo, me ajudou a sentir prazer. Eu não precisei cortar uma orelha, eu não pirei, enfim”.¹⁷⁸

O uso dessas substancias provocou no resultado do trabalho do artista algum efeito positivo, mas ele também não concorda que as pessoas deveriam se ater as causas e aos procedimentos utilizados pelos artistas para produzir algo. O que precisa ser considerado é o resultado final. “Será que interessa saber se Goya fazia parte de rituais demoníacos? Eu acho que absolutamente não”.¹⁷⁹ E segue explicando os efeitos causados pelo uso do LSD: “No meu caso a concentração objetiva permitia por drogas como ácido lisérgico se prestou muito para as minhas experiências com a gravura. Às vezes eu ficava uns cinco dias desenhando em cima de uma única chapa de metal, mas eu considero esse um episódio totalmente ímpar na minha obra, apesar de ter tido um resultado espetacular. Eu não fiz mais do que oito gravuras nesse período. Todo mundo admira, mas é tão isolado na minha obra...”¹⁸⁰

Babinski admite que falar abertamente sobre drogas é muito complicado. Que há impedimentos políticos que não permitem que esse assunto seja estudado com seriedade. “Droga é moda. E sai de moda e entra na moda com a mesma facilidade. Eu acho que usar ou não é questão de foro íntimo. A questão política que envolve a discussão sobre as drogas é outra coisa. Há uma repressão sobre esse assunto que até hoje impede que ele seja estudado de verdade. E enquanto não se puder falar e escrever livremente sobre ele, acho que não adianta nem discutir. Desde que eu era criança tudo que as

178 Idem.

179 Gisel, A. (2006, p. 98).

180 idem.

peças não querem que as peças façam causa impotência câncer tuberculose demência; então, é ridículo se discutir isso nesse contexto. É um festival de mentiras. Para discutir isso é preciso esperar outro momento histórico. O fato de que as sociedades inteiras tenham consumido os mais variados tipos de drogas durante séculos e séculos não é levado em consideração nem pela sociologia, nem pela história, nem pela ciência. Por que? Porque no momento interessa esse tipo de repressão, simplesmente”.¹⁸¹

Para justificar seu ponto de vista, Babinski toma como exemplo um dos componentes da cerveja. “O lúpulo é uma droga tão poderosa quanto a maconha e, no entanto, entra na fabricação de todas as cervejas. Então, é muito difícil opinar sobre drogas nesse clima, com risco de ser considerado um proselitista, defensor, quando não se trata disso. Eu vou apenas dizer uma coisa: eu vejo uma falha fundamental na discussão sobre as drogas que é a omissão do aspecto mais importante, que é o porquê de uma pessoa usar drogas. É flagrante a ausência dessa primeira premissa que é a discussão sobre a necessidade de usá-la. O que ela tem de tão especial que as pessoas são levadas a usar? Com um pouco de isenção de ânimo, é fácil perceber que é a busca do prazer que está sendo reprimida. É o prazer que faz mal, é o prazer que mata, é o prazer que ‘destrói famílias’. E eu sou a favor do prazer em todas as suas formas. Eu acho que o constrói, o prazer produz arte, o prazer produz vida. No entanto, eu vejo o prazer varrido do cardápio, nem se menciona a palavra prazer em relação ao comportamento”.¹⁸²

Não seria equivocado afirmar ainda que o espaço de liberdade de Babinski também está associado ao prazer. “A minha vida tem sido uma busca contínua de prazer e de vida

181 Gisel, A. (2006, p. 98).

182 Gisel, A. (2006, p. 99).

saudável. E vida saudável pra mim é vida com prazer. Sem prazer não há vida saudável. Eu coloco a questão do prazer como fundamento da arte e fundamento da vida”.¹⁸³

183 Idem.

O ÚLTIMO DOS MODERNISTAS

“Agora, o que eu posso dizer é o seguinte: artista não se apresse, procura não morrer para ter tempo de fazer o que você tem direito a fazer. Não só direito, você tem obrigação a mexer consigo mesmo até sair alguma coisa. (Risos) Melhor tarde do que nunca!”¹⁸⁴

O modernismo no Brasil foi um movimento artístico, literário, cultural... caracterizado por uma liberdade estética, uma crítica social e o nacionalismo. Teve como inspiração as inovações artísticas europeias como o expressionismo, o dadaísmo, o cubismo, o surrealismo. O marco inicial foi a Semana de Arte Moderna, realizada em fevereiro de 1922 em São Paulo. O movimento foi liderado, naquele momento, pelo chamado “Grupo dos Cinco”, composto por Anita Malfatti, Mário de Andrade, Menotti del Picchia, Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral. Quando a Semana de Arte Moderna ocorreu, Babinski ainda não havia nascido. Viria ao mundo nove anos depois. Mas, desde muito cedo se envolveu com movimentos artísticos revolucionários como “os automatistas”, no Canadá. “Eu acreditei que a revolução era “essa”. A revolução passava pelos automatistas, pelos surrealistas, pelos vários movimentos artísticos pelos quais o Século XX passou. Então isso faz parte dessa minha permanente busca por liberdade de expressão que permite você conviver com essa variedade de

184 Documentário *Babinski*, (ano), direção Daniel Babinski.

atitudes, mas com um rumo certo. Liberdade de expressão”.

Ao chegar ao Brasil, Babinski ainda encontra reminiscências desse período e vai se relacionar com pessoas que viveram essa tentativa de revolucionar o mundo das artes. Mas fica bastante surpreso com as atitudes desses ditos revolucionários. “No Rio de Janeiro eu fui frequentando a casa dessas pessoas. (...) A dona Celina Porto Carreiro tinha participação na Semana de Arte Moderna. Eu vou na casa dela e vejo um catalogozinho – era o catálogo da Semana de Arte Moderna. Então, não era apenas senhora católica de boa família, inclusive que se recusou a batizar minhas filhas porque eu não era casado (na igreja). Misturam pessoas de várias culturas e eu consegui sobreviver a essas coisas. Quando eu recebi a notícia de que ela não queria batizar minhas filhas era como receber uma pancada na cabeça. “Porra, por quê!? Que diabos é isso, o que é que é isso?” Então, tudo isso ajudou a formar minha personalidade artística, pois personalidade artística é o que eu tenho agora. Eu sou artista”.

O tempo que permitiu vitalidade ao polonês, vem, nos últimos anos, roubando dele a sua capacidade de produzir. Sonhávamos com uma tela de Babinski pintada especialmente para a capa desse livro. Inicialmente achamos que seria possível. Algo pequeno, que o artista pudesse fazer sentado, que não exigisse muito esforço. Mas em um de nossos encontros com Lídia, ela ponderou: “Ele não pinta mais. Não adianta. A energia dele tá pouquíssima. Ele tá de cadeira de rodas para poupá-lo do esforço de caminhar, porque o médico disse que as veias do coração dele estão muito enfraquecidas. Ele termina de tomar o café da manhã e fica quase apagando. Mas não quer ir para hospital. Sempre me diz: não me leve para hospital. Ele não apagou ainda porque ele sabe que se ele apagar a gente vai levar ele para o hospital. E ele não quer ir. Ele me diz: ‘Eu quero apagar segurando na sua mão’. Eu digo tá bom.

Mas a pressão dele fica 4/5. E a médica diz que não é pra dar remédio porque ela diz que não é pressão. É coração e idade. O cardiologista disse que não tem remédio. Que as veias do coração dele estão fraquíssimas.”

Uma saída sugerida por Lídia para a imagem da capa desse livro foi escolher entre as obras que pertencem ao acervo dela. “Elas podem já terem sido fotografadas cem vezes, mas elas são minhas, elas estão aqui no meu poder. E aí eu vou lhe autorizar e ele vai lhe autorizar. Porque também não é interessante você escolher uma capa de uma obra, ‘ah eu quero essa aqui’ a obra já estando lá em São Paulo, na sala de alguém”.

Aos 94 anos de idade, Babinski sabe que não vai viver eternamente. E já antecipou, em vida, o que ele deseja após sua morte. Seu corpo será cremado e as cinzas conduzidas até Brasília. É lá que ele pretende ficar, para sempre, no coração do Brasil. Na cidade que ele tanto amou. Ao lado do grande amigo Milton Cabral Viana. Quem vai fazer isso são duas pessoas muito queridas do polonês: a esposa Lídia e a amiga e ex-colega de departamento da Universidade de Brasília, Cintia Falkenbach. “Ela já veio aqui várias vezes e ela é muito amiga do Babinski. É tanto que o Babinski escolheu ela para jogar cinzas dele, quando ele morrer, em Brasília. Ele pediu a ela e pediu a mim que quando ele morresse, se eu estivesse viva, se não passasse essa responsabilidade para outra pessoa, que ele quer ser cremado e que as cinzas, são para ser entregues a Cintia e Cintia jogar as cinzas lá perto a ode o Milton Cabral está sepultado. Isso Cintia já sabe. E ela ficou muito lisonjeada e também muito triste. Mas ela como uma pessoa inteligente ela sabe o significado disso. É grandioso o significado. Não é uma coisa pequena. Ele escolher ela e escolher o lugar”.

Cíntia Falkenbach é gaúcha de Alegrete, Rio Grande do Sul. “O pai dela era militar” observa Babinski. Uma grande amiga do polonês do período em que trabalharam juntos na

Universidade de Brasília, no final dos anos de 1980. Atualmente está aposentada e reside em Pirenópolis, interior de Goiás. “Bom eu conheci o Babinski na Universidade de Brasília né quando ele voltou com os professores reingressados de 64. Então eu já era formada na universidade. Eu trabalhava lá na época com a extensão junto com a professora Marília Rodrigues. Porque eu me formei na universidade e segui trabalhando com a extensão dentro da gravura em metal. E foi pela gravura em metal, vamos falar assim, que eu cheguei na Marília e ao trabalhar com a Marília, cheguei no Babinski. Eles voltaram mais ou menos juntos pra universidade e eu me engajei lá com o ateliê de gravura em metal. E foi a partir dali que eu o conheci e tal. Fui levar meus trabalhos para ele olhar, pedi para ele as gravuras e tal porque era um gravador famoso, um pintor famoso. E assim em Brasília a gente tinha pouco acesso a pessoas desse calibre dentro das artes”.

Quando Babinski reingressa na UnB, em 1987, ele era muito conhecido, mas não fazia questão se aliar aos novos profissionais das artes plásticas em projetos de pesquisa e extensão. De acordo com Cíntia essa era uma característica tanto dele quanto do ambiente universitário. “Quando ele chegou ele era uma pessoa super famosa né. Todo mundo todos os alunos, eu era bem nova, eu estava lá com os meus 20/30 anos, (...) foi realmente um vínculo pelo profissional né. E pelo profissional a gente acabou tendo uma afinidade pessoal um pouco maior e que me fez, vamos dizer assim, segui-lo né a vida toda. E outra coisa é a abertura dele né para com os jovens que ele sempre teve para com os estudantes. Ele sempre recebeu fez parte de grupos e tal. Ter essa vontade também né de passar o conhecimento né que ele tinha, das coisas. Um conhecimento grande, muitos anos. Eu acho que Babinski é um dos últimos modernistas nossos vivos. Eu não sei se tem algum outro ainda da geração dele que ainda está vivo. Eu não sei. Acho que

ele é um dos últimos”.

Embora Lídia tenha dito que a Cíntia já sabia dessa “última missão” para com o amigo - de levar as cinzas e jogar em Brasília -, a amiga do polonês mostrou-se surpresa ao ser perguntada a respeito do desejo de Babinski. “Bom, essa parte é uma super novidade pra mim, porque eu ainda não sabia. (risos) Agora é claro que qualquer coisa que o Babinski me incumbir, eu farei. Isso eu sempre disse pra ele também e continuo dizendo né, pra ele e pra Lídia. Que eu acho que a Lídia tem sido muito mais do que uma esposa né, como é que eu vou dizer, uma amiga incansável, uma companheira impressionante. A Lídia cuida dele com um cuidado impressionante”. Depois retoma o tema com um misto de orgulho e responsabilidade. “Bom, só posso me sentir extremamente honrada né, se for incumbida dessa missão né. Vou executar a missão, digamos assim, com o maior amor com realmente o maior prazer né. E extremamente honrada né, porque essa é uma missão que normalmente cabe a esposa, cabe os filhos, cabe a família né. E eu nem da família sou. Então considero uma super honra né. E claro que farei tudo ao meu alcance pra ajudar a Lídia nesse momento da maneira que for possível digamos assim. Extremamente honroso uma diferença ser tratado com essa interferência toda né”.

Babinski é um homem prevenido. Toda sua herança também já foi distribuída com os filhos e a esposa Lídia. Setenta e cinco por cento ficarão sob responsabilidade dela. “Os cinquenta por cento que já são meus por direito e mais vinte e cinco por cento dele que ele resolveu deixar para mim”. O restante foi igualmente entregue aos filhos Daniel, Marcelo, Fátima e Aniel. “Os filhos dele já levaram a parte deles. Aniel disse, mamãe pode deixar os meus aí. Aniel é desligado”, disse Lídia. Mas há uma justificativa para que o filho de Lídia não leve as obras para a casa dele. Quer que, enquanto o polonês

esteja vivo, as artes permaneçam ao lado dele. Sob os cuidados dele. “Ele preferiu repartir em vida as telas em partes iguais com todos os filhos, as minhas eu não tirei de perto dele, pois pra mim o maior valor das obras é ainda estar ao lado do artista que as fez”.

Quando entrevistei Daniel, em janeiro de 2025, ele apareceu na chamada de vídeo com uma grande tela atrás. Um legítimo Babinski, claro. Antes de qualquer pergunta o filho do polonês já foi esclarecendo a existência daquele quadro na parede de sua casa em Florianópolis: “isso foi herança. Ele se chama “fim de festa””. Diz que uma vez falou para o pai que se um dia pudesse escolher uma obra, escolheria aquela. Que é um dos quadros mais bonitos que o pai pintou. “Toda vez que eu passava por ele eu parava e olhava. Ele não é tão iluminado quanto as obras que você viu aí na casa dele, mas... justamente porque chama ‘Fim de festa’, e fim de festa você sabe como é. E esse quadro meu pai falava que era a representação de mim e de meu irmão. Tem um prestador de serviço bem ao meio que é o trabalho que eu executo. Eu trabalho com produção de vídeo, um videomaker”.

Outros traços daquela obra, herdada pelo filho, remontam a infância do pai polonês ainda na Europa e as primeiras décadas de vida no Brasil. “Tem um pequeno Hitler ali na porta, você consegue ver? E tem os militares lá fora, de olho. Então é um quadro pra mim que é o quadro mais bonito que meu pai já fez, eu não canso de olhar, (risos), volta e meia eu me pego olhando”. A tela, pintada em 2008, possui as dimensões 2m X 1,5m e foi exposta, em 2012, no Sobrado Dr. José Lourenço, em Fortaleza e no Museu Afro Brasil, em São Paulo.

A velhice vai, cada dia mais rapidamente, roubando a vitalidade, a força, a disposição de Babinski. Ele já não anda com facilidade. Precisa de uma cadeira de rodas e do apoio da companheira. “Eu tenho que me acostumar que cada dia é

menos. É menos energia, é menos corpo; agora, a mente continua a mesma. Graças a Deus, eu tenho memória, eu posso imaginar, eu posso amar, eu posso lembrar e eu posso, dessa maneira, sobreviver à velhice, que não é uma brincadeira, eu garanto a vocês”.¹⁸⁵

185 Artista plástico Maciej Babinski celebra 90 anos: “Um mergulho dentro de si infundável”. *Jornal Diário do Nordeste* – 20 de abril de 2021. Reportagem em homenagem aos 90 anos de Babinski.

BLOCO DE IMAGENS - III

Imagem 24



Milton Cabral Viana e Maciej Babinski, Brasília – DF, 2001

Imagem 25



Babinski e Eugênia Maia, Várzea Alegre – CE, 1995

Imagem 26



Retrato de Eugênia Maia, Mulungu – CE, 2002
Exposto na casa da empresária em Fortaleza – CE, 2024

Imagem 27



Babinski Autorretrato, Várzea Alegre - CE, 2003

Imagem 28



O último retrato de Lídia, Várzea Alegre - CE, 2021

Imagem 29



Retrato Lídia, Mulungu, CE, 2002

Imagem 30



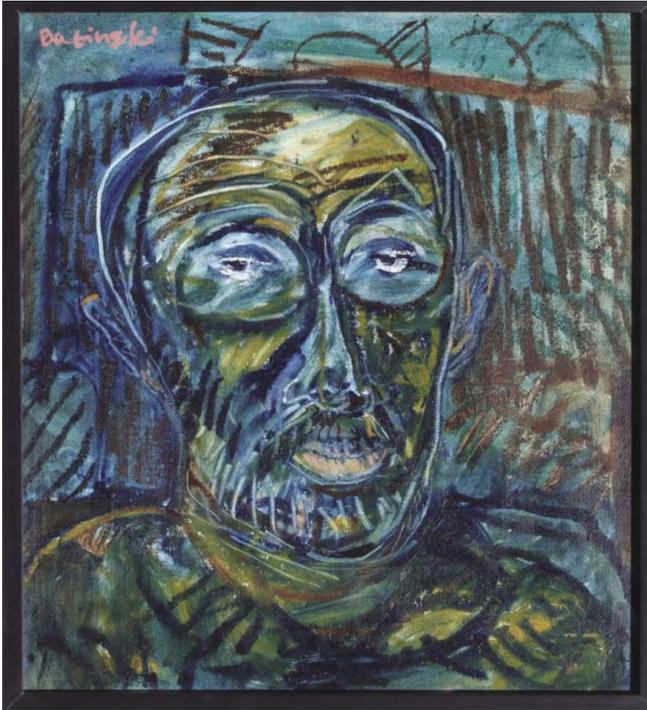
Lídia posa nua para Babinski, Várzea Alegre - CE, 2020

Imagem 31



Babinski pintando Gilmar de Carvalho, Várzea Alegre - CE, 2005

Imagem 32



Gilmar de Carvalho sob a perspectiva de Babinski, Várzea Alegre – CE, 2005

Imagem 33



Gisel Carriconde Azevedo e Maciej Babinski, lançamento do livro: Maciej Babinski - entrevistas, Brasília – DF, 2006

Imagem 34



Eu apresentando meu quadro a Babinski, Várzea Alegre - CE, novembro de 2024

Imagem 35



Pedro Arruda, Babinski e eu, Várzea Alegre - CE, outubro de 2024

O CEARÁ DE BABINSKI

SE TEM UMA PESSOA RESPONSÁVEL POR DAR VISIBILIDADE AO trabalho artístico de Babinski no Ceará, desde a década de 1990, ela se chama Maria Auxiliadora Guimarães Esmeraldo, ou simplesmente Dodora Guimarães. Uma acreana, filha de cearense, formada em Comunicação Social pela Universidade Federal do Ceará - UFC, com especialização em Teoria da Comunicação e Imagem e com importante atuação na publicidade de artistas plásticos. Além disso, Dodora passou 20 anos da vida dela trabalhando na Secretaria de Cultura do Estado do Ceará e durante esse período dirigiu o Centro de Artes Visuais Raimundo Cela, e foi curadora do Sobrado Dr. José Lourenço, ambos da Secretaria da Cultura do Estado. Foi ela quem organizou em 2012 uma exposição com trabalhos de Babinski pintados no Cariri cearense. O título dessa exposição não poderia ser mais apropriado “O Ceará de Babinski: um fabulário incandescente. Pinturas, aquarelas e gravuras” que ficou em cartaz no Sobrado Dr. José Lourenço, em Fortaleza e teve um número expressivo de visitação.

“Essa exposição tem uma importância porque foi a exposição que apresentou as grandes pinturas de Babinski já produzidas no Ceará. (...). Essa do sobrado José Lourenço a gente revelava o Babinski, porque era sobretudo obras dele realizadas no Ceará. E pintura já de grandes formatos, né. Porque essa liberdade ele adquire no Ceará. A liberdade de pintar, de fazer grandes formatos, é uma conquista que ele, já nesse

território que lhe deu tanto, que foi o Sítio Exu, Várzea Alegre, né? E realmente se você analisar a obra do Babinski você vai ver como ela se modifica com o Ceará. Como ele é tão bem contaminado pelo Ceará, né. É impressionante como há uma sinergia entre o Ceará e o Babinski, o espírito dele. Eu tenho muitas horas de conversas gravadas com ele, e o que eu estou te dizendo é dito, é confessado por ele. Assim, de como o Ceará impactou, deu liberdade a ele. E de que ele reencontrou, aí em Várzea Alegre, figuras que ele viu na infância dele. Quer dizer, ele viu verdade na cara das pessoas, né? Assim, depois dele rodar o mundo, dele se movimentar por tantos países, ele reencontra no sertão do Cariri, em Várzea Alegre, essa memória de infância dele, que eu acho incrível isso. (...) Foi uma exposição muito bem visitada, muito bem registrada e a gente conseguiu uma coisa muito legal que foi levar essa exposição para o Museu Afro, em São Paulo, né?”.

Quinze anos antes, em novembro de 1995, Dodora Guimarães organizou a primeira exposição do artista polonês na capital cearense. Com o título “Maciej Babinski: obra gráfica e pinturas recentes” a mostra foi montada no Centro de Artes Visuais Raimundo Cela – Palácio da Abolição. Para apresentar o trabalho de Babinski ao público cearense, Dodora inovou ao criar um catálogo bilíngue e mobilizar a mídia local para cobrir o evento “eu mandei o release para o Lira Neto que na época era editor daquele suplemento do Jornal o Povo, que era o Sábado. Ele ficou tão entusiasmado que foi até Várzea Alegre entrevistar o Babinski e para a minha surpresa ele dedicou o caderno inteiro ao Babinski. Naquela época, ele me disse que tinha uma longa entrevista com Babinski. Anos depois eu até falei, ‘olha Lira, tá na hora de você escrever a biografia do Babinski’ (risos). Essa foi a introdução do Babinski no Ceará, no contexto das artes plásticas”.

O resultado dessa exposição dos trabalhos do artista

polonês radicado no Brasil foi bastante animador. “Para aquela época, que a gente não tinha a cultura de visitar museus, de visitar exposições no Ceará, porque a gente só tinha um museu de arte, que era da Universidade Federal do Ceará, que não funcionava nos finais de semana, tá compreendendo? Tinha duas ou três galerias de arte”. Sobre essa exposição Babinski comentou o seguinte: “Eu fiz a montagem. A Dodora Guimarães assinou como curadora, mas ela me deixou carta branca e foi viajar. Foi um trabalho de confiança entre a gente ela, me deixou usar o espaço da maneira que eu achasse melhor. A única coisa que ela pediu é que as gravuras e desenhos deveriam ir na parede que tinha o pé direito mais baixo. E ela tem razão, trabalho grande não tem problema, todo mundo vê. Agora, trabalho pequeno é sempre um problema. Eu montei a exposição com o assistente da Secretaria de Cultura e ficou bom. Coube tudo. Foi uma exposição bem visitada”¹⁸⁶. A empolgação de Babinski só aumentou quando ele viu o número de assinaturas no livro de visitas: passava de setecentos registros”. Para a curadora da exposição Babinski teria dito o seguinte: “Dodora, eu nunca tive uma exposição com tanta visitação”.

Mas esta, nem de longe, seria a exposição mais visitada do polonês em solo brasileiro. Quase dez anos depois, em 2004, foi realizada a “Retrospectiva Babinski: 50 Anos de Brasil”, no Conjunto Cultural da Caixa, em Brasília. Para ele, foi nessa ocasião, que um recorde de público compareceu a uma exposição sua. “O livro acabou em duas mil e duzentas assinaturas, mas eles calcularam algo em torno de seis mil e quinhentas pessoas. Foi aí que eu descobri que eu tenho o meu público e a minha cidade sonhada, Brasília. De repente, eu me senti muito recompensado pelo trabalho que dediquei a Brasília, me senti reconhecido. Se ainda fico magoado por não estar

186 Gisel, C. A (2006, p.129).

na história oficial da arte brasileira, essa foi a minha recompensa. Podem fazer um solene silêncio, mas isto não tiram de mim: o fato de que aproximadamente seis mil pessoas visitaram a minha exposição. Isso é a minha certeza de que eu não perdi meu tempo. De que eu não fiz ou disse só besteira”¹⁸⁷.

Se Babinski lamenta o fato de não fazer parte da história oficial da arte brasileira, é bom lembrar que isso não foi por falta de esforço da curadora de arte Dodora Guimaraes. Os dois se conheceram durante um desses passeios da elite artística, econômica e cultural Brasileira, diga-se de passagem, um universo pelo qual Babinski transitava livremente. O primeiro contato entre o artista e a curadora se deu na segunda metade dos anos de 1980. “Eu conheci o Babinski no final do ano de 1986 para 1987. A gente tinha uma casa na praia, no Ceará, na Taíba, e tinha muitos amigos em comum. Então veio a turma de São Paulo passar o ano com a gente nessa praia, na nossa casa. E Babinski veio com esses amigos. O nosso amigo que articulou esse fim de ano com esses amigos paulistas era crítico de arte e editor de cultura da revista *Veja*, o Casimiro Xavier de Mendonça. (...). Era um grupo de amigos muito interessantes e o Babinski estava nesse grupo e foi muito divertido¹⁸⁸. Eu já conhecia muito o Babinski de livros né, sabia que ele era um grande aquarelista, um gravador, porque muitos amigos já tinham estudado com ele, falavam muito dele. Assim, ele era um artista famoso, né? Então, evidentemente eu trabalhava com arte, eu tinha conhecimento dele. Mas fiquei encantada com o personagem, com o homem tão bonito, tão generoso, uma pessoa tão culta e me marcou”, confessa Dodora.

187 Gisel, C. A (2006, p.130).

188 Entre esses amigos estavam o arquiteto, artista plástico e colecionador de artes, Augusto Lívio Malzoni e um dos mais bem sucedidos agropecuaristas desse país que também é colecionador de artes, Jovelino Carvalho Mineiro juntamente com sua esposa Maria do Carmo de Abreu Sodré.

Após esse encontro festivo o artista e a curadora não mantiveram contato. Até que quatro anos depois Dodora recebeu, com certa surpresa, um telefonema de uma pessoa de Minas Gerais pedindo notícias do Babinski e informando que o artista plástico estava residindo numa cidade chamada Crato, no Ceará. “Eu achei curioso porque o Crato é a terra do meu marido¹⁸⁹. E assim, é uma cidade que a gente tinha muita ligação. E eu não tinha tomado conhecimento disso”. A partir de então ela passou a perguntar as pessoas sobre o paradeiro de Babinski e ninguém sabia. Somente no ano de 1994, quando organizou, em Fortaleza, uma exposição sobre um artista plástico alemão foi que, durante esse evento, alguém chegou para Dodora e disse que havia “um casal” querendo falar com ela. Era Lídia e Babinski. “E eu fiquei muito surpresa. Muito feliz com a visita. E não sei como ele soube que eu estava trabalhando ali”. Ela pode até desconhecer como o polonês a encontrou, mas ele sabia muito bem achar a pessoa certa. Parafraseando Picasso, o polonês me disse, numa de minhas visitas: “Babinski não procura, Babinski acha”.

Naquela oportunidade a curadora também mostrou interesse em fazer uma exposição do artista polonês no Palácio da Abolição. “Você está morando aqui. Ele já estava morando no Sítio Exu”. Desde então os dois firmaram o compromisso de nunca mais perderem o contato. “E em 1995 eu pude realizar a primeira exposição do Babinski em Fortaleza, que foi justamente no Palácio da Abolição. E foi uma exposição que reuniu muitas obras”. Após esse evento os dois tornaram-se amigos e Dodora passou a frequentar a casa do polonês em Várzea Alegre. Em maio de 2001 ela organizou a primeira Bienal de Artes do Cariri reunindo artistas populares e eruditos

189 Dodora Guimarães foi casada com o artista plástico cearense Sérvulo Esmeraldo. Falecido em fevereiro de 2017, Sérvulo nasceu no Crato, em 1929 e era conhecido por seu rigor geométrico-construtivo.

“Eu colocava em pé de igualdade essas produções. (...) Foi uma exposição muito linda, muito corajosa. Radical para a época. Hoje os curadores ousam fazer isso, naquela época eu fui muito criticada porque a maioria das pessoas não compreendia essa minha maneira de trabalhar. Esse meu ponto de vista sobre a arte”. Babinski foi incluído nesse projeto, especialmente com o trabalho em xilogravura, 12 delas foram adquiridas pelo governo do estado. “Eu queria xilogravura por causa da questão do Cariri, do tipo da exposição que eu projetei. Eu queria mostrar ele xilógrafo”.

Por conta dessa iniciativa, bem como em virtude de uma doação feita pelo Banco Central e a aquisição recente através da Lei de Incentivo à Cultura, Paulo Gustavo, o Ceará possui atualmente em sua coleção grande parte da obra gravada por Babinski. “Graças a Deus, o governo do estado tem uma coleção representativa do Babinski na parte gráfica, né. Na arte da gravura”. Mas Dodora queria mais, desejava popularizar o conhecimento sobre o trabalho do artista plástico polonês. Entre 2005 e 2006, enquanto coordenava o Núcleo de Artes Visuais da Secretaria de Cultura do Estado do Ceará, Dodora criou um projeto de exposições itinerante e viajou em todas as regiões do Ceará com as gravuras de Babinski. “Essa exposição foi apresentada aí em Várzea Alegre”.

A edição online do jornal Diário do Nordeste, do dia 26 de janeiro de 2006, destacou a passagem desse projeto pela cidade cearense. Com o título “Secult Itinerante chega a Várzea Alegre”, a reportagem informa que a exposição “Trajetórias” foi aberta na Biblioteca Pública do município e reuniu trabalhos de xilogravuras de Maciej Babinski e Aldemir Martins. “São 26 obras que integram o acervo artístico do Estado do Ceará”. O jornal destacava ainda essa produção dos dois artistas plásticos e suas relações com o estado. “Os dois artistas são considerados duas lendas vivas da arte: o polonês

Babinski e o cearense Aldemir Martins fazem parte do círculo de exposições de artes visuais do projeto Secult Itinerante - Cultura em Movimento. Macej Babinski apresenta 12 xilogravura selecionadas pelo próprio autor. Aldemir expõe 14 obras que representam muito bem sua produção em quase 70 anos de atividade”, concluiu.

Dodora ainda recorda da presença do polonês durante a abertura desse evento em Várzea Alegre. “Eu me lembro que na abertura o Babinski fez uma fala impressionante, uma fala maravilhosa”. Mesmo tendo se comprometido em não perder o contato, os dois acabaram se distanciando. “Ele trocou o telefone. Eu ligava e não dava certo”. E só vão novamente trabalhar juntos em 2012, com aquela exposição mencionada acima, no Sobrado Dr. José Lourenço, que apresentou as grandes pinturas do Babinski pintadas no Ceará e intitulada originalmente de “O Ceará de Babinski”.

Em 2016, outra parceria de sucesso. Dodora e Babinski organizam, em Fortaleza, CE, a exposição “O Sertão Alegre de Babinski: figuração e oralidade no Ceará” reunido pinturas e gravuras. A mostra ocupou as duas galerias do piso térreo do Museu da Cultura Cearense, no Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura. Havia uma sala dedicada só as pinturas de grandes formatos. E na outra sala estava a obra gráfica: desenhos, gravuras e aquarelas. “Teve um fato curioso nessa exposição que a gente abriu ela a tarde e quando eu cheguei no museu eu encontro o Babinski conversando com uns estrangeiros. E você não acredita, eram poloneses. Turistas poloneses que estavam em visita ao Ceará e que leram no jornal sobre a exposição e que foram na exposição e encontraram seu conterrâneo. E eles ficaram conversando em polonês. Foi muito curioso, foi muito legal. O Babinski tem essa capacidade cósmica de comunicação”.

Três anos depois, em 2019, a curadora insere os trabalhos

de Babinski no Primeiro Festival Sêrvulo Esmeraldo “Festival Sêrvulo Esmeraldo 90” no Crato. ”O Babinski foi o artista homenageado do primeiro festival. Nós fizemos uma exposição individual dele lá na Urca – Universidade Regional do Cariri”. Coincidências a parte, foi exatamente nesse período que eu tentei biografar o Babinski. Mas ao chegar na casa dele, encontrei o polonês muito envolvido com a curadoria dessa exposição. O que me fez voltar atrás com a proposta. Achei ele muito blasé. Mal sabia que era a Dodora Guimarães que estava ocupando parte considerável do tempo do artista em catalogar, selecionar e separar as pinturas, aquarelas e desenhos para essa mostra. “Que inclusive são quatro desenhos impressionantes da Lídia. Esses desenhos, se eu não estou enganada, eles datam de 2017/2018”.

Em 2023 Dodora disse que foi co-curadora de uma última exposição de Babinski no Ceará, intitulada “Cariri Contemporâneo: é o amor que faz tudo isso valer”. Nessa exposição também foi feita uma homenagem ao Babinski. “Inclusive tem um painel lá na galeria dele que vem dessa exposição. Era uma exposição coletiva que reunia artistas do Cariri. E dentro dessa exposição tinha uma sala especial com os trabalhos de Babinski. Foram 19 desenhos aquarelados. É uma série que Babinski coloca em evidencia todo o mundo onírico dele. É uma série erótica muito, muito interessante. Eu diria que é o essencial lírico do Babinski”.

Com o aniversário de 90 anos do polonês, em abril de 2021, em plena Pandemia da Covid-19, Dodora disse que articulou, de última hora, a produção de um documentário em homenagem ao Babinski. “Eu queria fazer uma festa. Porque ele merece. Numa noite, eu estava assim preocupada, pensando como vai ser o aniversário de Babinski. E aí aconteceu que o professor Randal Pompeu, que hoje é reitor da Unifor, naquela época ele ainda era pró-reitor, ele me ligou para comentar

uma publicação que eu tinha feito na rede social referente ao Sérvulo, e aí eu falei pra ele ‘puxa Randal, o Babinski vai fazer 90 anos. A gente tem que fazer alguma coisa’. Aí ele falou o quê que você pensa? E eu já tinha na minha cabeça mais ou menos aquilo. Aí ele disse: ‘pois amanhã cedo vai ligar a professora Adriana Helena, que hoje é pró-reitora, e aí ela contactou e foi aquele vídeo maravilhoso. Eu passei, acho que de oito da noite até uma da manhã ligando para todas aquelas pessoas. A Lídia também ajudou”.

Quem assiste àquele material que reúne depoimentos de Lídia e Babinski além de relatos de amigos, familiares, colegas artistas plásticos etc, não tem noção de que a ideia e a execução de todo aquele documentário se deram em apenas uma semana. “Aquilo foi um milagre. Todos aqueles vídeos vieram por WhatsApp”. Mas ela também tem consciência de que toda essa parceria de três décadas com o artista plástico só foi possível porque entre eles se estabeleceu uma relação de confiança, de humildade perante a obra, de respeito ao artista e ao pensamento dele. “É uma relação madura, de respeito mutuo e muito sensível. Eu ouço muito o Babinski. Eu gosto muito do que ele tem a dizer. A gente se alegra quando se vê”. Eu ousaria dizer que o polonês chama isso de amizade. E sobre esse tema trataremos no capítulo a seguir.

AMIZADE

ALGUNS AMIGOS DE BABINSKI NÃO GOSTARAM DA IDEIA DE O polonês deixar os grandes centros e vir “se esconder” nos “cafundós do Ceará”. Disseram que ele ia cair no esquecimento do público, que ele não ia conseguir pintar suas obras e que Lídia era responsável por isso. Mas na primeira exposição que Babinski fez, em São Paulo, apresentando as obras produzidas no Ceará, um desses amigos chegou e ficou surpreso, como relembra Lídia. “Quando esse amigo nosso chegou disse: Oh, que maravilha! Que lindo! Arrasou!” Aí eu chamei ele no canto e disse você está vendo as obras de Babinski pintadas no Ceará? O que é que você acha? Aí ele disse: maravilhoso. Foi aquela conversa com aquelas falas de quem é inteligente. Aí eu disse: você viu que eu não matei o Babinski? Eu apenas fiz Babinski trabalhar o que estava dentro dele e não conseguia em São Paulo, em Brasília... Agora ele tem um ateliê grande, as telas grandes, um espaço que ele possa trabalhar sem ninguém perturbar...”

Daniel, o filho mais velho de Babinski, reconhece tanto a importância do Ceará no trabalho do pai quanto a companhia da esposa Lídia: “Sinceramente a melhor fase do meu pai foi depois que ele foi para o Ceará. Eu acho o momento mais iluminado da obra do meu pai foi a partir do momento que ele esteve com a Lídia. Para a obra dele, ela tem que ser a esposa mais citada mesmo. Porque ela assumiu essa responsabilidade e proporcionou esse conforto para que ele pudesse

desenvolver o trabalho dele sem se preocupar com outras coisas, se doando completamente”.

Esse é o mesmo entendimento do doutor Drauzio Varella. Para ele, Lídia foi fundamental na vida de Babinski. Representou uma mudança importante para o rumo dos acontecimentos a partir de então na vida do polonês: “Porque ele teve vários desencontros amorosos aí no passado, o Babinski. Eu acho que a Lídia colocou ele no trilho (risos). A Lídia apresentou um norte pra vida dele. E ele se deu muito bem assim. Eu acho que eles têm uma relação muito bonita, os dois. E ela tem um respeito e uma admiração grande por ele. E ele por ela. Você vê que a Lídia virou, ela cuidou da burocracia toda dele, a parte prática da vida a Lídia resolveu esse problema. E ele ficou livre pra poder criar, pra poder fazer o que ele faz de melhor. Ele não teria, eu acho que ele não teria conseguido chegar a esse nível de produção se não fosse ela”.

Além disso, Drauzio compreende que Babinski transformou-se num típico cearense de Várzea Alegre. Comprometido com a região, com suas paisagens, com sua gente. “Ele pinta a região, né. Eu acho que isso só foi possível ele estando lá. Porque ele pinta com um grau de sofisticação, de conhecimento, que ele não teria tido isso por uma paisagem vista numa fotografia. Ele se comprometeu mesmo. Ele voltou pra lá pra viver lá. Ele mudou. Ele se transformou no cearense de Várzea Alegre. Ele vinha a São Paulo visitar amigos e ficava louco pra voltar pra casa dele que é uma casa muito agradável, tem um ateliê dele, tem todas as facilidades dele. Eu acho que Várzea Alegre deu uma outra dimensão não só pra vida pessoal dele, como pra obra que ele conseguiu fazer nesse período”.

A professora e amiga Ana Maria Roland segue basicamente o mesmo pensamento do Drauzio. Durante o especial “Babinski 90 anos” exibido pela TV Unifor, ela destacou a relação do amigo com o sul cearense e disse que a Serra Negra, tão

presente em suas paisagens, foi para Babinski o que a montanha Santa Vitória, foi para Cézanne: “Ao pensar você em Várzea Alegre eu penso em Paul Cézanne. É inevitável. Você é aquele que saiu de Paris (Cézanne) foi pra Provença. Levou a mulher que a família não queria, ou seja, a mulher que ele quis e ficou diante da montanha de Santa Vitória. Pintou de todas as matizes, de todas as cores, de todos os ângulos e ali ficou a vida dele de artista, o grande artista da modernidade que ele foi. Então você é hoje um grande artista brasileiro que nós amamos, que nós apreciamos e não bastaria muita coisa pra provar que você é isso. Tem uma conexão com esse passado”.

A crítica e curadora de arte Aracy Amaral acredita que o município de Várzea Alegre trouxe uma “paz invejável” e inspiradora para o amigo: “Este polonês incrível que saiu da Polônia, se nutriu da vida na Inglaterra, no Canadá, nos Estados Unidos, no Rio de Janeiro, em São Paulo, em Minas, em Brasília e, finalmente, com todo seu talento, com todo seu acervo, seu manancial de produção e criação, ele aterrizou no Ceará onde desenvolve sua arte numa paz invejável pra todo mundo que o conhece”.

A professora e gravadora Cintia Falkenbach também reconhece a importância do Ceará na consolidação da obra do artista. Os espaços que ele teve, o uso das cores, da luz teriam uma contribuição nesse fazer artístico do polonês. “Quando ele chegar aí, finalmente no Ceará, e eles vão aí pra o sítio né, o Exu, que eles constroem casa, que eles constroem a galeria né. E ele tem os vários ateliers, o ateliê de gravura, o ateliê de pintura... enfim, eu acho que essa expansão toda que ele teve aí, consolidou a obra. (...) . E a ida do Babinski para o Ceará teve um impacto na obra fantástico né, porque o Babinski seguiu aí, ele já era um modernista, ele já era um colorista, mas eu acho que ele teve uma... sei lá como falar, com a luz, com a questão das cores da luz, assim a obra toda desenvolvida no

Ceará é belíssima e tem toda essa cor poderosa”.

Esses relatos, com exceção da opinião de Lídia que dá início a esse capítulo, o relato do amigo médico José Sávio Pinheiro, dos filhos Daniel e Aniel Babinski, da amiga Cíntia Falkenbach, do médico Drauzio Varella e a opinião de Gisel Azevedo, os demais foram extraídos do especial “Babinski 90 Anos” exibido em 2001 pela TV Unifor e disponibilizado no Youtube. É nesse mesmo material que Babinski fala de maneira muito honesta sobre o significado da amizade: “Amizade é uma coisa diferente de paixão, diferente de amor. É um respeito mútuo. É um prazer constante de estar junto com a pessoa de quem a gente é amigo. A gente não se sente entediado quando está com um amigo. A gente pode conversar muito. Tive muitos amigos, muitos amigos... A gente se identifica, a gente acha um parecido, tão parecido que a gente não precisa se explicar, não precisa dar detalhes, não precisa contar a história. A gente é amigo, pronto”.

Quem também não encontra as palavras certas para agradecer por tudo o que Babinski fez por ele, é Aniel Babinski, filho de Lídia, adotado pelo polonês. Para este projeto o jovem teceu o seguinte comentário sobre o artista plástico que lhe assumiu como filho “Eu não tenho palavras pra descrever esse ser iluminado que Deus colocou em nossas vidas. Este homem, este pai que me acolheu e me registrou como filho. Que tratou e me trata super bem até os dias de hoje. Eu tenho orgulho de ser seu filho. Eu tenho orgulho de lhe chamar de papai. Obrigado por existir nas nossas vidas. Obrigado, pelas lições de vida, ensinamentos, cuidados, conselhos e pelo o amor de um pai”.

O prefeito de Várzea Alegre, à época também destacou a importância do amigo polonês em solo varzealegrense. José Helder Máximo de Carvalho - Zé Helder - foi gestor do município de Várzea Alegre por quatro mandatos, dezesseis anos,

(2005-2012 / 2016-2024), praticamente a metade do tempo em que Babinski reside por ali. “Como o prefeito, como cidadão, como amigo de Babinski, tenho um orgulho imenso de tê-lo como conterrâneo. Queria nesse momento dizer da minha alegria, da minha admiração e, acima de tudo, do respeito que a gente tem pela figura do nosso amigo Babinski. Não apenas como um pintor, como gravador, mas também como ser humano. É um grande homem. É uma pessoa admirável e a gente tem muito que agradecer a Deus pela sua existência, pela sua vida e pelas artes que ele fez, através de suas mãos, que se espalhasse em todo o universo, especialmente no país”.

Gisel Carriconde Azevedo, amiga, artista e autora do livro “Babinski: entrevistas”, uma fonte importante para a realização desse trabalho, disse que tomou um susto ao saber que o polonês ia se mudar para o Ceará. “No início ficamos todos muito chateados com essa mudança (risos). Tipo assim, eu como jovem artista não consegui entender. Como? Você é um intelectual! Como é que você vai se meter no meio do nada? Não, vocês são jovens quando eu era jovem que não tinha essa visão agora eu não quero mais, eu não preciso mais, eu não preciso de consumir cultura, você precisa de ver exposição, Bienal, está vendo que os artistas estão fazendo, está frequentando esse cinema, lendo livro... que você ainda está no processo de aprendizagem. Eu não. Agora eu sinto que é o momento da minha vida que eu tenho que me dedicar só ao meu trabalho. Eu quero deixar um lastro né. Então a decisão, claro tem toda a questão da Lídia e tudo, mais a decisão, interna que eu acho que ele toma essa decisão com maior tranquilidade, ele toma essa decisão já pensando no futuro né. (...). Que era tipo assim: ‘eu vou sair dessas distrações da cidade. Eu não preciso mais disso. Quando eu precisar eu venho aqui, passo um mês em Brasília, em São Paulo, mas eu quero estar recluso. Eu tenho essa opção de reclusão’. E tem uma coisa que

ele retorna quando ele vai para o Ceará que são as paisagens. Que tem a ver e faz todo sentido se você pensar em termos de biografia de um artista. Porque tem a ver como ele começou, onde ele esteve no meio do caminho, (que é o período primeiro contato dele com arte que professor em inglês, quando ele está morando na Inglaterra no tempo da guerra, que ele é um menino de 15/16 anos. E esse professor tem aquela coisa inglesa né, saem de bicicleta no verão, vão pra natureza pintar). Então essa também acho que foi uma outra experiência muito forte na vida do Babinski. Tanto é que o acompanhou até o resto da vida. Esse primeiro contato com a arte e essa relação com a natureza. E o Babinski tem essa pintura que tem um trabalho muito expressionista e surrealista que tem essas coisas meio monstruosa, dos monstros que tem essas imagens do inconsciente e essa coisa absolutamente tranquila e poética das paisagens né. Porque as paisagens do Babinski não têm nada de agressividade, por exemplo, das pinturas expressionistas. São como fossem dois mundos. (...) Aí, assim que ele vai para o Ceará, tem essas pinturas, tem esses quase personagens folclóricos da maneira como é pintada né. Assim, você olha pra aquilo e você vê uma coisa meio Graciliano Ramos, sei lá, das figuras. Que você entende a origem, de onde vem aquele imaginário. Que tem a ver com a experiência que ele está vivendo. De passar a viver numa área rural e dentro de uma família extensa né que realmente tem uma história de vida rural. Então, são outros modos de viver, outros modos de vestir, de comer, outro modo de relação com a natureza, principalmente né, muito próximo da natureza. Então eu acho que esse impacto, assim de sair de, de grandes centros é quase, é uma decisão meio psicanalítica, no sentido de que quando você vai envelhecendo como você consegue olhar sua trajetória né. (...). Não sei foi tão consciente assim, mas eu acho que... primeiro tinha uma coisa que eu esqueci de dizer:

a pintura a óleo era uma coisa recente na vida do Babinski. Ele era conhecido como aquarelista e gravador e desenho. E tinha essa coisa mítica da pintura que é um embate que ele só vai começar a ter coragem de pegar mais, depois dos 40 anos, chegando perto dos 50. Ele queria ser conhecido como pintor, eu acho. A ida dele, aí pra Várzea Alegre, também está dentro desse escopo, dessa consciência de que eu tenho que abandonar as distrações. Se eu quiser... Porque a pintura é uma coisa que demanda muito, né. Não é uma aquarela que se faz na hora, que demanda uma emoção intensa naquele momento, de conexão com a coisa que você tá pintando... Não, a pintura que ele faz é uma pintura que se pinta, aí você volta no outro, você olha para o que você fez... a história da pintura que ele fez minha, né. Você começa, aí você precisa mudar uma coisa ali. Então a pintura é um processo, na verdade, de construção e destruição, construção e destruição... e às vezes você destrói tanto que não sabe como voltar. Você se dá por vencido. Você se perdeu no meio do caminho. Às vezes você demora um ano pra fazer uma pintura. Então é um processo muito mais lento que você tem que conseguir repetir no atelier praquele trabalho ser bem sucedido.... O acaso e o erro fazem parte desse processo. O erro as vezes aponta para outro caminho e o que você tinha na cabeça vai dar em outra coisa, né. Que era uma coisa que ele tinha bastante consciência quando ele foi dar aula pra gente com quase 60 anos”.

Gisel também acredita que a figura da Lídia é importantíssima porque trouxe pra vida do Babinski um equilíbrio, uma estabilidade que ele nunca teve em nenhum dos relacionamentos anteriores. “Ele apostou nessa relação. Ele conhecia ela de há pouco tempo e foi morar no Ceará. Conseguiu um espaço grande, um ateliê né, que ele nunca teve, nem em São Paulo. Quando ele morava em São Paulo, ele pintava num ateliê pequeno. Antes de chegar ao Brasil pintava dentro do

quarto. E todos os espaços anteriores ao de Várzea Alegre eram espaços muito pequenos. Lídia aconteceu no momento certo, né. A maturidade de Babinski também ajudou porque aí ele casou e começou uma nova vida aos 60 anos. Ele criou um ateliê com as condições que ele queria. E ele já foi pra Várzea Alegre com essa ideia da paisagem na cabeça né, porque se encaixa perfeitamente. Ele reconecta-se com ele mesmo, com a infância né, porque ele passava férias quando ele morava na Polônia, o pai dele era agrimensor, e ele passava as férias de verão no campo, na natureza então muito ligado a isso. Ele encontra em Várzea Alegre isso na família de Lídia que é uma família numerosa, que é uma família que ele gosta muito, que a família que tem valores culturais muito arraigados”

O artista plástico José Stênio Burgos relembrou o período em que os dois se conheceram e o quanto aprendeu com o mestre. “Babinski entrou na minha odisseia há vinte e três anos quando ele tinha a idade que eu tenho hoje. A partir daí começamos uma aproximação que virou numa grande amizade e numa relação de discípulo e mestre. Criamos nosso diálogo sempre em cima da arte. (...) Ele foi me ensinando a ver a minha arte. Ele foi me ensinando as veredas da minha arte. Ele foi me dando dicas. Muito discreto como ele é. Muito pouco evasivo, mas sempre me conduzindo. É realmente, o meu mestre mais presente. (...). Eu gosto de um artista que sabe envelhecer. Eu presenciei todo processo de amadurecimento de Babinski. Ele já era um artista muito importante, com desenhos muito elegantes, mas eu presenciei o amadurecimento do Babinski que hoje é melhor do que ontem, que é melhor do que anteontem... Então, ele amadureceu crescendo. Isso pra mim é essencial no artista. (...) Babinski trouxe da Europa uma bagagem muito formada. O Babinski passou por uma guerra na Europa, inseriu tudo isso na paisagem do Ceará. Isso é de uma beleza pra mim que faz ele ser o meu grande

amigo e mestre”.

Um dos relatos mais interessantes sobre a percepção que Babinski tem sobre a arte, vem da historiadora de arte e jornalista Cynthia Garcia. Ela diz que só conheceu o artista pessoalmente em 2019 “... quando ele exibiu sua magnífica exposição de desenhos aquarelados Retratos Eriçados, na Fundação Stickel, em São Paulo. Na ocasião eu o entrevistei para o site americano de arte brasileira New City Brasil. No final da entrevista perguntei qual seria o conselho que ele daria aos jovens artistas brasileiros. Babinski disse: ‘olhar a arte é mais importante do que estudar a história da arte. Depois de olhar a arte você está pronto para estudar a história da arte. Então, olha as gravuras, as pinturas, as esculturas, os desenhos... O primeiro contato com a arte é através do olho’. Bonito, não?”

O médico varzealegrense, escritor e poeta popular, José Sávio Pinheiro, amigo de Babinski há quinze anos, disse que o conheceu enquanto o polonês aguardava o dentista na mesma clínica onde ele mantinha seu consultório. “Fui ao seu encontro e me apresentei. (...) Conversamos rapidamente e marcamos o primeiro encontro: o primogênito, de uma grande e bem tratada prole. A observação que faço é que houve entre os dois uma grande afinidade de gosto”. Os encontros se tornaram frequentes e os dois passaram a discutir os mais diversos temas, sempre na companhia de Lídia, no Sítio Exu, na casa de Babinski, localizada na ribeira do Riacho do Machado. “Dialogamos diversas vezes sobre os temas: religião, guerras, história, sonhos, transgressões, ambições; arte popular e cultura universal; sinfonias, jazz e banda cabaçal. Dos solfejos de “Os Barqueiros do Rio Volga” – canção inspirada no folclore russo – até o canto dos penitentes, onde misturam-se sons agudos com graves, quase mudos: ‘penitente pede esmola com amor no coração / penitente pede esmola sexta-feira da paixão’. (...). Entre goles e petiscos, vinha à tona a beleza das

gravuras em bronze que ele produzia até as xilogravuras de J. Borges – e como ele gostava de comentar sobre as fotos que eu trazia do colega pernambucano, que produzia talhando madeira e dando aulas na oficina de Bezerras. Um claro sinal que a idade não interfere quando se quer. O Babinski é e sempre será o desenhista e professor nato do espaço/tempo, de sensibilidade artística indiscutível”, concluiu.

“VOCÊS QUEREM QUE EU MORRA!”

QUANDO A EX-ALUNA E AMIGA GISEL CARRICONDE AZEVEDO propôs um livro de entrevistas com Babinski a resposta foi negativa. “Ele não queria. Uma vez ele veio aqui (em Brasília) para uma exposição e eu tive essa ideia de fazer o livro de entrevistas com ele. Claro que ele não queria. Disse: vocês querem que eu morra!” Gisel conheceu Babinski em 1987 quando ele estava voltando com os outros professores que tinham perdido demissão coletiva em 1965 e beneficiados com o processo de anistia duas décadas depois. E lá na UnB ela estava entrando pra estudar artes. Babinski foi professor dela na disciplina de Introdução ao Desenho. Ela fez essa disciplina com ele e os dois ficaram muito próximos. Dos trinta alunos da turma, ela era uma das mais velhas. Já tinha cursado matemática e estatística. Era uma estudante que se envolvia com as atividades do curso, organizava exposições... Tinha essa coisa de produção e gestão. A amizade entre os dois continuaria para além dos bancos universitários. Porque pouco tempo depois ele se aposentou da UnB, casou, deixou a Capital Federal e passou a residir em Várzea Alegre. “Mas ele sempre vinha a Brasília. E em 1994 eu fui pra Inglaterra fazer mestrado e quem me deu a carta de recomendação foi o Babinski. Nos correspondemos por cartas. E em 1996 ele foi lá em Amsterdã fazer uma exposição. E eu ajudei a montar essa exposição. Ficamos no apartamento de um amigo dele em Amsterdã. Em dezembro de 1999 eu voltei para o Brasil. E Babinski tinha comprado um

apartamento aqui em Águas Claras - DF e ele sempre vinha para ver os amigos”.

Ela ainda lembra das primeiras aulas com o polonês anistiado. “Todo mundo morrendo de medo. Babinski! Babinski! Várias pessoas me aconselharam para não fazer disciplina com ele. Ele é famoso. Ele é o bambambam. Mas ele deixou na gente duas coisas: a paixão pela arte e o método. Ele dizia: ‘eu quero que vocês se expressem’. Ele pegava os desenhos que a gente fazia expunha e ia conversando sobre. Ele tinha muitas referências. O conhecimento adquirido pelo Babinski como artista. Me lembro dele olhar um trabalho meu e dizer: ‘você tem tudo para ser artista. Mas não é artista ainda. Vamos ver como você responder as coisas da vida. Eu quero ver vocês daqui há dez, vinte trinta anos. Mas por enquanto vocês são protótipos de artista”.

Quando Gisel concluiu o mestrado e voltou da Inglaterra a amizade continuou. Os dois eram muito íntimos, participavam de festas e frequentavam a casa um do outro. Gisel também conheceu a Lídia e os três costumavam sair juntos. Foi nesse contexto que teve a ideia de escrever o livro. Levou a proposta para a editora da Universidade de Brasília, mas eles não toparam. A ideia era fazer uma espécie de mapeamento com a história de vários professores da época de Darcy Ribeiro. “Algo como aquela coleção Primeiros passos, entende?” Além desse livro de entrevistas com o Babinski ela fez um de Cláudio Santoro, mas não chegou a ser publicado e o Cláudio morreu durante o processo de escrita do livro. Inicialmente o Babinski foi muito resistente a proposta. “Eu não quero. Eu ainda não morri. Façam isso quando eu morrer”. Na época ela não entendia muito bem essa resistência, mas disse que hoje compreende porque está com a idade dele quando fez a proposta. Mas pouco tempo depois Babinski topou. “Enfim, não sei se foi a Lídia, ou se fui eu que insisti quando ele ia lá no

Banco Central, (onde eu trabalhava) para abertura de exposições e tal, mas aí ele disse vamos fazer para experimentar”.

Essa experimentação rendeu, entre 2004 e 2006, dezenas de encontros entre os dois (tanto em Brasília quando no Ceará), mais de vinte e duas horas de gravação, um amontoado de fitas cassetes, (todas jogadas fora depois), conversas informais entre os dois, anotações de palestras etc. O foco era uma reflexão do próprio artista sobre sua obra, sua vida pessoal e seus dilemas cotidianos. Uma tentativa de colocar o leitor em contato direto com o artista plástico polonês. E Gisel encontrou um Babinski disposto a falar sobre tudo, sem censura, sem papas na língua. “Babinski não esconde o jogo. Ele é muito fluente, tem o dom da palavra, muito agudo, muito intenso, muito apaixonado pela vida. Eu não quis deixar isso escapar das entrevistas. As entrevistas tem um caráter informal. Não é uma coisa acadêmica. Que eu acho que ele tinha medo que fosse essa coisa mais acadêmica. A gente virou amigo de bebedeira, de droga, de tudo. A última vez que ele veio aqui, em 2017, e era bebedeira, maconha, festa e ele disse: ‘eu não vou hoje. Eu preciso descansar’. Eu dizia, não. Ele dizia assim: ‘meu mundo tá diminuindo a cada dia. Percebo que a minha geração toda está indo embora. Faço parte de um mundo que quase não existe’. E a outra coisa era de saúde mesmo. ‘Eu não aguento mais esse batidão’. A gente dizia você aguenta, você é um polonês louco”.

Essas viagens para Brasília sem a presença da esposa deixavam Lídia temerosa. “Lídia morria de medo cada vez que Babinski vinha pra Brasília. Ela dizia por telefone, cuidado com o Babinski. O Babinski não pode beber”. Com tanto material gravado, com tantas anotações feitas e tantos registros fotográficos do artista, agora vinha o desafio de organizar esse material de modo a torna-lo compreensível em formato de livro impresso. “Foi preciso reorganizar tudo, organizar os

parágrafos, construir uma sequência de perguntas que não necessariamente obedecia a ordem das entrevistas feitas. Outras perguntas eu tive que inventar com base nas repostas que eu tinha porque o Babinski fala muito. Então eu fazia uma pergunta ele falava, falava, falava... Muitas das questões foram refeitas ou simplesmente inventadas”.

E mesmo assim, quase metade do material coletado permaneceu inédito. ”O que está preservado aqui não ultrapassa 60% do material transcrito, não por alguma limitação arbitrária, mas por decisões e escolhas que foram sendo tomadas por mim ao logo da edição do material”, disse a autora na apresentação do livro. Sem o apoio da editora da UnB, o livro foi publicado graças aos recursos que a Gisel conseguiu, em 2004, através de uma bolsa do Fundo de Apoio à Arte e Cultura do Distrito Federal. “Quando o livro aconteceu foi muito lindo. A gente fez vários lançamentos. E aí juntou um monte de amigos e pessoas das artes. Uma geração muito mais jovem que ficou totalmente tipo ‘eu amo o Babinski’. Virou uma coisa bem íntima. Onde Babinski ia o povo ia atrás”.

Esse grau de intimidade e confiança entre os dois certamente permitiu aquele resultado. “Como a gente tinha intimidade, tinha uma admiração mútua, eu acho que possibilitou aquele trabalho e aquela entrega. Possibilitou que eu me sentisse à vontade, embora naquela época ele ainda fosse ‘o mestre’, mas eu me senti à vontade para colocar algumas coisas. E tinha umas coisas que ele abominava e que eu gostava”. A autora disse que o livro teve a aprovação de Babinski. “Ele adorou. Tanto é que fizemos uns seis ou sete lançamentos juntos. Ele começou a exibir o livro com orgulho. Ele começou a receber muitos feedbacks positivos. Uma coisa positiva do livro é que ele capta a essência do Babinski. Não é uma historinha. Eu acho que consegui dar voz para o personagem central. Não é um livro acadêmico. Parece um livro entre amigos, eu acho.

Conversando. Eu sinto isso e muitas pessoas sentiram. A galera jovem, quando descobre o livro, tem gente, artista com 27 anos, que me diz que é um livro de cabeceira”.

BABINSKI POR ELE MESMO: A ESTÉTICA DO SOMBRIO, AS PAISAGENS E O ONÍRICO

“O gravurista soturno descobriu o prazer de pintar. Árvores, pedras, grotas, cercas. O mundo, enfim, era grande. Mas Babinski preferia os detalhes. Pintava o pequeno, o próximo”.¹⁹⁰

IMPOSSÍVEL PASSAR INDIFERENTE A UMA TELA DE MACIEJ Babinski. Elas desafiam os sujeitos blasés. Provocam - no expert em artes plásticas ou no público leigo -, as mais diversas emoções e sensações. Podem estar associadas a uma ideia de feio ou de belo, de sombrio ou de plena luz, de amor ou de ódio... às vezes as sensações são despertadas por telas, quadros, pinturas... separadas, outras vezes aparecem tudo junto, amalgamado. Cabeças deformadas, rostos sem olhos, bocas, nariz... não cabe ao artista explicar o que sentia naquele momento. É tarefa do público sentir, associar as suas emoções ao que aparece ali, no quadro, diante dele. Como uma esfinge. “Decifra-me, se for capaz”. Cada pessoa pode ser tocada de uma forma. O trabalho do artista é provocar. Estimular essas sensações múltiplas do ser humano.

Podemos dizer que nesse quesito Babinski é um especialista. Da fase sombria, onde apenas o preto e o branco dominavam suas telas, passando pela coleção de imagens do nu feminino: dorsos, seios, bundas, coxas...; pelas bucólicas paisagens de Minas e Ilhabela, até as cores em tons vermelho,

¹⁹⁰ Lira Neto. O Povo, 2005.

rosa, roxo... “as cores das casas” do sertão. Em suas telas há posicionamento crítico, afirmação política, identidade e poesia. Ele narra histórias, tece comentários, impõe sua maneira discreta de ser. Sempre de olho no contexto social e político em que se encontra. Até quando acha que reproduziu em seus quadros algo leve, tranquilo e bucólico como uma paisagem rural (vista da janela do seu ateliê), o olhar do outro enxerga desassossego, tormento, “intensidade nervosa”. Isso é arte.

Babinski não é clichê. Jamais se conformou com o óbvio. “Minha vida não foi dedicada a coisas óbvias”, disse-me. Seus trabalhos falam de uma realidade nua e crua, incômoda. Difícil de digerir. O artista plástico jamais esteve a serviço das autoridades institucionalizadas. Sua obra não reforça o *status quo*. Sua percepção é de dentro, endógena, jamais exógena. *Inside never outside.*

Quando iniciamos esse trabalho, descobrimos que Lídia estava desenvolvendo um projeto junto com o esposo onde ela pedia para que ele comentasse brevemente alguns de seus quadros. Ela então gravava em áudio o relato do esposo/artista e depois transcrevia para o papel ao lado da ficha técnica da referida obra. Eu comentei com Pedro que seria maravilhoso se tivéssemos acesso a esse material, uma vez que não possuíamos domínio sobre a estética da arte. Decidi, então, perguntar se Lídia nos repassava algumas dessas gravações. Ela inicialmente relutou, mas entramos em acordo de publicar apenas uns seis relatos e ela concordou. Todas as telas estão reproduzidas no bloco de imagem imediatamente a seguir.

Com base nesse material, cedido por Lídia, é possível perceber a maneira como Babinski estabelece uma relação de pertencimento com o Brasil. Para evidenciar isso, escolhemos, entre as centenas de pinturas, aquarelas e gravuras, três quadros que conectam questões de moradia, violência (política/religiosa) e conhecimentos/crenças populares. O primeiro

é sua representação sobre a cidade do Rio de Janeiro a partir da Favela da Rocinha; o segundo é a sua visão sobre os sertões através da Guerra de Canudos e o terceiro é sua percepção sobre a Caatinga nordestina através da Jurema uma árvore nativa do Brasil com grande ocorrência na região semiárida.

Como disse: as “explicações” sobre os quadros e seus elementos foram adquiridas através de gravações feitas pela sua esposa Lídia e gentilmente cedidas para esse projeto. Segundo ela, embora a arte não seja algo explicável, os registros do autor sobre as telas são uma maneira de introduzir o espectador, pouco acostumado com as artes plásticas, no universo de Babinski. Todas as telas que serão comentadas nesse capítulo foram reproduzidas no bloco de imagens a seguir. É uma forma de fazer com que o leitor visualize, tenha uma experiência estética e, com isso, explore as suas próprias emoções e sensações. Vejamos o que ele diz sobre cada uma delas. A começar pela obra sobre Canudos, um óleo sobre tela que mede 1,90 X 1,91 cm datada de 21 de julho de 2010 e com o título Pedra Sobre Pedra.

Tem um quadro grande que enquanto eu pintava, eu já elaborava o que falar, o título disso aqui. Isso aí se refere à tragédia de Canudos. Canudos, Arraial de Canudos que foi atacado de tal forma que não restaria pedras sobre pedra. Então, o título desse quadro é “pedras sobre pedra”. É a destruição cruel e sistemática de todo um sistema de vida, o que seria a tragédia de Canudos. A história da cultura brasileira... É um momento negro da cultura brasileira. É onde não tem, não tem como perdoar o que foi feito né, no Arraial de Canudos. Então esse quadro quer dizer o que eu falei, e as pessoas vão poder ver que aqui só tem morte destruição sem fim, sem explicação. Sofrimento. A vida é feita de prazer, é feita de sofrimento. Tanto uma coisa quanto a outra. Não pode tampar um lado pra só aparecer o outro. Então “pedra sobre pedra”, quem olhar a obra vai sentir uma tragédia, vai sentir uma destruição

sem sentido, o que foi a história de Canudos. Então, isso aqui é sobre um episódio da história do país. E quando eu pintei isso aqui esperava transmitir, pra quem olhasse, a gravidade desse episódio da história do país.

Conforme observamos acima o olhar de Babinski sobre as tragédias brasileiras é na perspectiva de quem também se sente ofendido, machucado, ferido. É o olhar do brasileiro que defende sua pátria, que deseja dias melhores, que sonha com respeito, igualdade, dignidade e tolerância. A destruição do Arraial de Canudos pelo exército brasileiro no final do século XIX ficou eternamente viva na memória dele como deveria ter ficado para sempre na memória do povo brasileiro. É com esse mesmo pensamento crítico sobre o exercício da força, da exclusão, do sofrimento e da desumanidade do Brasil para com os brasileiros, que Babinski retrata a favela da Rocinha. Um aglomerado de moradias que se equilibra sobre um morro na região sul da cidade do Rio de Janeiro. Assim ele descreve seu quadro que tem o título Alvorada, mede 1,40 X 1,90 cm e foi concluído em 10 de outubro de 2010:

Agora mais um quadro bem grande, bem grande que na época que eu pintei ele, eu pensei na favela gigantesca do Rio de Janeiro, chamada Rocinha que eu conheço. Já dormi na Rocinha no passado. Eu sei o que é. Então eu quero dizer um pouco o que tem nesse quadro. Representa várias figuras de boina cinzentas que queiram ou não representam membros da nossa Polícia Militar. Tem uma figura fazendo fogo, atirando, porque, bem ou mal, esse povo vai atirando mesmo. E do lado direito existe uma figura difícil de explicar porque tem as feições orientais. É um japonês aqui pra presenciar isso tudo. É uma presença, talvez indesejada. Um testemunho que tudo isso faz parte da minha verdade. E o horror dessa situação toda dessa gigantesca favela. E não é muito agradável de comentar.

Percebem que, além desses elementos mencionados pelo

autor, há uma outra figura que julgo absolutamente emblemática nesse quadro: dentro do mar há uma representação da cabeça de uma figura humana (ou seria divina?). Pelos traços e as expressões do rosto, é como se ela estivesse espantada, assustada, angustiada com tudo que presenciava lá de baixo. É o próprio Babinski que, embora não tenha morado na Rocinha, conhecia aquele lugar, subiu diversas vezes aquele morro, mas estava protegido em outra área da cidade.

Já a terceira tela, didaticamente explicada pelo seu autor, não chega a ser um quadro grande como os anteriores que ocupam metade de uma parede da sua casa, mas diferente dos demais esse está em um dos espaços mais privilegiados da sua residência: o quarto de dormir. Ali, ao lado desse quadro estão quatro dos cinco retratos de Lídia pintados pelo polonês, a carta de Juscelino e outras tantas obras preferidas do artista. É um óleo sobre tela com tamanho 0,32 x 42,2 cm, concluído em julho de 2011 e representa uma das árvores símbolos da Caatinga – a Jurema Preta.

A Jurema Preta teria propriedades mágicas. A Jurema Preta tem, tem química que leva a pessoa buscar nesse quadrinho, a buscar o sentido mágico da tal da Jurema Preta. Aqui você tem um emaranhado que a Jurema Preta é um emaranhado em si. Ela tem uma força mágica. O emaranhado que busca ser desvendado. E esse quadrinho tem. Não tem só indagação. Tem a solução. Você tem que se perder nesse quadrinho, nesse emaranhado e achar um sentido nele. Recursos da pintura como arranhar. O emaranhado em si é fortíssimo aqui. Pequenos toques que buscam a clareza no fundo. Então tem a situação real da Jurema Preta. Ela está na frente de uma cerca. Isso é a parte da situação da Jurema Preta no nosso terreno. Ele tem essa cerca que orienta a situação geográfica da Jurema Preta.

Também escolhemos, juntamente com Lídia, três telas recentes do artista que, de certa forma, conectam passado

e presente e resgatam a paisagem como uma representação muito comum dentro da sua obra. Um gênero de pintura por ele bastante usado. As telas não tem títulos, são pequenas, foram pintadas usando a técnica de óleo sobre tela e estão entre os últimos quadros feitos pelo artista. Elas datam dos anos 2019/2020. Mas para falar sobre elas precisamos voltar no tempo.

Em 24 de novembro de 2020, Lídia e Babinski completaram 30 anos de casados. Tanto tempo decorrido poderia ter feito aquela data passar em branco, tanto por ele quanto por ela, mas o casal ainda lembra com carinho daquele dia primaveril celebrado no interior de um apartamento em Brasília. Numa rede social Lídia postou a seguinte mensagem: “Hoje quero dividir com os amigos a alegria de estar fazendo aniversário de casamento. 30 anos. E quero dizer para ao meu esposo, Maciej, o quanto fui e sou feliz ao lado dele. Hoje posso olhar para trás e dizer que seu amor, sua companhia, me fizeram viver nesses trinta anos dias maravilhosos. E, em todos os momentos, de alegria ou de tristeza, você esteve ao meu lado, me dando apoio e assim chegamos aqui. Bodas de pérolas. Nos aguentamos (risos). Peço a Deus saúde para nós dois, para que possamos ir mais longe, aos que nos conhecem sabem do que estou falando. Obrigada, meu Deus. Obrigada, Maciej Babinski, por esse amor, por sua paciência e por ser tão amigo. Te amo. Feliz dia. Feliz vida, meu amor!”

E repetindo o jeito Babinski de ser, o artista plástico retribuiu o carinho e a companhia da esposa dedicando-lhe um pequeno quadro, em óleo sobre tela, em tamanho 0,53 X 0,53 cm, sem título, mas repleto de poesia e com alguns elementos bastante comuns ali próximo à casa onde residem: uma árvore solitária, um céu com nuvens esparsas, as serras azuladas ao fundo delineando o horizonte e um casal observando tudo. Na dedicatória, escrita no verso da tela, o polonês fez a

seguinte dedicatória: a você Lídia, ofereço esse quadro alegre, como foi nossa vida durante trinta anos! Com muito amor, Maciej. 24/11/2020. Curiosamente este foi a tela escolhida, tanto por Lídia quanto por nós, para estampar a capa desse livro. Lídia fazia questão que fosse uma obra de Babinski que pertencesse ao acervo dela para que futuramente não viéssemos a ter problemas com direitos autorais caso usássemos uma pintura anteriormente vendida. E para nosso deleite ainda temos o próprio Babinski “explicando” um pouco os elementos e o significado daquela tela. Ele nos disse o seguinte:

Essa pintura tem a seguinte história. Ela é pintada com uma técnica muito semelhante a aquarela. Muita terebentina e pouco pigmento. E ela representa o que eu queria dizer sobre o que eu estava vendo naquele momento. E é bastante espontânea, tem tudo que uma paisagem tem: tem a distância, tem o céu, tem a árvore solitária representada, tem árvores no fundo e duas figuras sentadas no primeiro plano. Que são a representação de mim e da Lídia em relação ao que nós estávamos vendo.

Em agosto daquele mesmo ano, em virtude do aniversário de 58 anos da esposa, Babinski também dedicou para Lídia uma paisagem. Sem título e usando a técnica óleo sobre tela, o quadro mede 0,45 x 0,60 cm e foi registrado com a data de maio daquele ano. No verso do quadro o artista escreveu: *para a Lídia no seu aniversário em 03 de agosto de 2020. Lídia é Francisca Epifânio Babinski, nos docs. Maciej Babinski.* E desenhou acima dessa dedicatória a mesma estrela que ele inseriu no bilhete escrito no restaurante em Brasil há 30 anos. Explicando os elementos daquela paisagem dedicada a esposa como presente de aniversário o artista destacou o seguinte:

É um quadro menor, mas que representa uma paisagem. Paisagem sendo um, um tipo de representação muito comum dentro da minha obra. Tem várias origens. Então essa paisagem representa do lado esquerdo o céu refletido numa água. Então água e

paisagem é permanentemente ligado. A água nessa paisagem ela tem movimento, ela tem luz e eu considero essa obra representativa de paisagem que é um gênero de pintura que é por mim muito usada para várias finalidades. Aqui que eu já expliquei, ah, movimento de vida, ah dentro de um trabalho bem menor, mas que carrega toda a problemática da representação da paisagem por mim usada através da minha obra de várias maneiras.

Em março de 2019 Babinski transpôs para suas telas uma paisagem “de observação imediata” certamente de árvores (Carnaúbas, Juremas Pretas), serras e vegetação próximas a sua casa e imaginava que tinha conseguido traduzir na tela algo que remetesse a paz, clamaría, tranquilidade, conforto. Mas nem mesmo nessas horas seus pincéis transmitiram essa leveza toda. Ao apresentar para um amigo, também artista, veio a surpresa: seu quadro com dimensões 38,5 cm x 48,5 cm provocaria nesse amigo exatamente o contrário. Não havia ali nada de calmo. Revendo sua tela Babinski renomeou o quadro de Paisagem Céu de Tempestade. E, de fato, enquanto as carnaubeiras, as pastagens e a vegetação da serra operam no sentido de tranquilidade, o céu parece pesado e opressor. Como se uma tempestade se anunciasse.

Essa paisagem foi, como é que se diz? Seminal. Ela permitiu de eu elaborar essa pintura de paisagem e multiplicar, o que está nessa pintura, várias vezes, em outros quadrinhos pequenos que tem. Então, isso aqui é uma paisagem que está na origem. Ele vai antes de todos as paisagenzinhas que eu tinha falado até agora. Ela tem aqui, é aqui (é que não dá pra ver na foto), mas ela tem também uma... Ah, eu mandei a foto desse quadro, quando eu tinha acabado de pintar, para um amigo, o Augusto, né. Eu falei pra ele que esse quadro me, me... me provoca uma sensação de calma. Aí o Augusto contestou. Ele disse: isso aqui não tem nada de calmo. É de uma intensidade, de uma intensidade nervosa, que jamais podia ser interpretada como uma hora de clamaría. (risos). É, então por

isso ele está, esse quadrinho, está na origem de todo uma série de paisagens que então, a partir desse quadrinho, me permite a voltar diversas vezes a mesma situação de pintar paisagens ao vivo. Nada de reflexão, nada de memória é tudo observação imediata. Em outras palavras es-pon-ta-nei-da-de. A espontaneidade aqui está registrada com toda sua força, como meu amigo me fez ver. Eu estava dizendo pra ele que estava apresentando um momento de calma. E aí ele disse: olha isso aqui. Isso você chama de calma (risos) pronto.

PARA ENTENDER BABINSKI

*“Sua pintura é difícil de ser compreendida e assimilada. Não é a paisagem apaziguadora, a natureza em sua versão a óleo”.*¹⁹¹

NESSE CAPÍTULO, QUE PRETENDE PÔR UM (FIM?) A ESSE TRABALHO biográfico e, ao mesmo tempo tenta levar o leitor a entender um pouco sobre o trabalho de Babinski, recorreremos a opinião de críticos de arte, jornalistas especializados e amigos do pintor. A maioria das considerações aqui documentadas foi retirada do Caderno Especial de Sábado do Jornal O Povo, publicado em 04 novembro de 1995. Àquela época, estava em cartaz, no Palácio da Abolição, na capital cearense, a Exposição *Maciej Babinski – Obra gráfica e pinturas recentes*. O caderno foi editado pelo jornalista, escritor e biógrafo cearense Lira Neto que fez uma entrevista exclusiva com o artista intitulada “O caboclo polonês”, escreveu uma reportagem cujo título era “Um artista com o pé na estrada” e teceu um comentário sobre a trajetória de Babinski que está reproduzido a seguir:

A obra de Babinski parece acompanhar o vai-e-vem de seu espírito andarilho. Vida e arte em Babinski são uma só coisa. Cada lugar por onde passou, cada momento de sua trajetória, deixou marcas em seus quadros.

Durante mais de 20 anos, quando o artista ainda tentava se manter aos trancos e barrancos em seus primeiros tempos de

191 Carvalho, G de. (2005, p. 76).

Brasil, as gravuras de Babinski se caracterizava pelo tom soturno, concentrado, onde a densidade trágica era marca registrada.

Babinski era quase sinônimo de pesadelo e de sombras. Parente próximo do expressionismo alemão e da tradição da gravura medieval. Uma espécie de continuador da milenar família dos artistas fantásticos.

No final dos anos 60, Babinski liberta-se do projeto inicia o trabalho com gravuras em uma maior em uma única cor. Era a preparação para uma verdadeira explosão formal em sua carreira.

É no início dos anos 70 que acontece a primeira guinada: Babinski, que a essa altura abandonava a “civilização” e já morava em Ilhabela, expõe em São Paulo setenta quadros, onde o público é surpreendido por um mundo colorido e vibrante, em que a paisagem é a marca preponderante.

À época, Babinski emerge do mergulho dos seus abismos interiores e dizia que havia aprendido “a olhar para fora” de si. E, assim, descoberto o prazer de pintar.

Dois anos depois, em 1975, vem a confirmação deste colorido e da dedicação exclusiva à paisagem. Babinski, que estava morando em Araguari, interior mineiro, e expõe novamente em São Paulo um conjunto de 50 aquarelas. Não pintava mais trancado no ateliê, mas agora ao ar livre, em contato com a natureza. Sua obra refletia um evidente prazer em olhar o mundo. Babinski estava feliz.

Mas Babinski não pintava pessoas. Em suas gravuras, o ser humano está presente, mas nunca havia retratado gente com cores. Em um jornal da época explicava: “Estou muito próximo do sofrimento humano, não posso encará-lo”. Babinski é então o pintor das paisagens, o observador da natureza, o paisagista convicto.

No entanto, nos últimos tempos, a figura humana começou a aparecer em profusão em seus quadros. Entrevista ao “Sábado”, (Caderno especial do jornal o Povo) Babinski revela que foi a convivência em Várzea Alegre que introduziu de uma vez por todas a figura humana em suas telas. “As pessoas tomaram minha vida de

assalto, me impuseram sua beleza e seus sofrimentos”, explica Babinski, que agora diz ter finalmente encontrado o equilíbrio entre o seu lado claro e o seu lado escuro.

Não há dúvida: nos perfis liquefeitos nos contornos indefinidos - mas agora coloridos -, nos rostos que povoam a pintura recente de Babinski, pode-se perceber a maturidade de um artista que sabe que a aventura humana é mesmo vivida neste eterno jogo de luz e sombra, entre a dor e a alegria, feita de encantamentos súbitos e desencantos radicais.

(Lira Neto)

Quem também participou daquela edição especial de O Povo em homenagem a Babinski foi o seu melhor amigo: Milton Cabral Viana. Ele escreveu um longo e carinhoso artigo intitulado “Visite Babinski: exposição reúne em Fortaleza a obra mais recente do artista”, seguido de uma cronologia da vida do polonês desde sua saída de Varsóvia até o ano da exposição em Fortaleza (1995). Um trecho desse artigo está reproduzido a seguir:

(...) a profusa e rica amostragem desses 40 anos de um Babinski brasileiro pode ser saboreada com a pontuação que ele faz com seu trabalho na história da arte e nos movimentos de vida e morte de seu tempo.

São temas que um forte e poderoso impulso, amplamente revolucionário, suscitou no artista e que foram servindo de tempero para o progresso da construção de seu lugar na arte; uma profunda mirada no monstruoso, através das lentes deformadoras que a modernidade inventou, em sua percepção do humano; a visão dos monstros individuais que daí se levantaram; a contemplação de paisagens interiorizadas, ternas e solenes, que as viagens de retorno a um tempo perdido permitiram reencontrar; e, sobretudo, a revelação da própria arte da gravura, servindo a um intenso e responsável percurso na história da invenção da forma.

Mais do que isso, só se ao retirar momentaneamente o olhar desta perturbadora exposição e voltar-se para o abismo de onde ela foi içada, o espectador escutar nada menos que a própria palavra do artista e dizer dessa toda sua vida empenhada integralmente na feitura de sua arte.

(Milton Cabral Viana)

As críticas de arte e curadoras, Sheila Leirner e Lisette Lagnado; o artista e historiador de arte Flavio Motta, o jornalista cultural Daniel Piza, o tradutor e escritor Marcelo Corção, o empresário, crítico de artes visuais, curador, colecionador, Olívio Tavares de Araújo e um trecho retirado do jornal Folha de São Paulo também nos ajudam a entender a arte de Babinski. Todos esses recortes foram integralmente extraídos do caderno especial de O Povo, publicado em 1995.

Com sua mudança para Minas Gerais, ele passou a pintar e desenhar apenas a paisagem. De lá para cá, aos olhos de seu público, ele já desfilou uma série enorme de momentos líricos que recuperaram a antiga relação do artista com a natureza e mostram a atemporalidade da linguagem que expressa essa relação.

(Sheila Lerner)

Babinski levou mais de 20 anos para deixar de olhar suas emoções e se interessar mais pelo mundo. Excelente aquarelista, esse artista de “tradição europeia, sangue eslavo e vivência americana” usa a tela como campo de exercício da liberdade. Mas para iniciar um surto de trabalhos, Babinski ainda e sempre começa pelo papel, uma herança indefectível do desenho e da gravura – enfim de sua educação clássica.

(Lisette Lagnado)

Por sua lucidez, dentro de um palmo de papel, suas aguadas

são verdadeiros clamores aos homens que viraram o solo pelo avesso, empilharam rochas e pessoas em latifúndios verticais. É com admirável rigor que ele revolve uma terra não revolvida, uma terra inquietamente disponível. (...) Quem percorre com os olhos as aquarelas de Babinski conhece compassos marcados pelas cores; aprecia caligrafias com requintes orientais; opacidades tão cercadas que iluminam aquilo que estava condenado a uma fosca quietude.

(Flavio Motta)

Babinski gosta de morar no Ceará (terra de sua mulher) - além da luminosidade - para se manter afastado das panelinhas das artes plásticas. (...) seja como for, o irracionalismo de Babinski tem uma qualidade hoje rara: fornecer grande prazer sensorial.

(Daniel Piza)

Independente, minucioso, disciplinado, exigente consigo mesmo, versátil, a um tempo apaixonado e frio - a marca do verdadeiro talento romântico na concepção wagneriana - Babinski esmera-se em criar formas perenes, onde figuras, arvoredos animais selváticos povoam sua imaginação, reminiscências de uma outra vida, talvez. Eis porque suas gravuras ganham em serem frequentadas a miúdo, em serem apreciadas uma a uma, como as famosas aquarelas de William Blake para o livro de Job.

(Marcelo Corção)

Intensas, muitas vezes escuras, fortemente gestuais, as aquarelas de Babinski se combinam com o desenho a lápis meio obsessivo, que lembra estilisticamente a nova figuração do pós-guerra e trai uma herança fundamental do expressionismo alemão. Uma arrancada do artista para uma enriquecedora maturidade.

(Olívio Tavares de Araújo)

Sua atividade percorre uma linha que varia entre a insistência indestrutível e constante da figuração e uma resoluta vontade de destruí-la de forma sistemática. Esta ligação, quase inconsciente, com os elementos paisagísticos está presa a uma necessidade do próprio homem - animal ereto, que funde na paisagem o campo de sua percepção do mundo.

(Folha de São Paulo)

A professora e amiga, Darli Reinalda Pinto de Oliveira, que foi colega de Babinski no Departamento de Artes Plásticas da Universidade Federal de Uberlândia, escreveu, em 1995, no jornal Correio de Uberlândia, um artigo sobre o polonês intitulado “Babinski em Uberlândia, sonho ou realidade?”. Nesse texto a autora explora a versatilidade artística e o “mundo fantástico” que há na obra de Maciej Antoni Babinski.

Não é muito fácil falar de sua obra e de sua trajetória no Brasil, uma vez que o seu temperamento inquieto e seus fluxos produtivos perfazem caminhos diversos, indo do desenho à aquarela, da gravura à pintura, do Rio para São Paulo, do Triângulo Mineiro para Brasília e atualmente reside em Várzea Alegre no Ceará. Mesmo tendo este cenário diverso, Babinski é sempre o mesmo, sincero, direto, irônico e sobretudo um poeta. Suas poesias visuais são na aquarela um momento de verdadeira síntese da natureza. Suas paisagens revelam um artista preocupado não em representar o real, mas reinventar um mundo fantástico, oculto, que com sua sensibilidade e a sua genuína capacidade criativa recria um mundo de manchas e de cores, que sua luz interior nos faz reverenciar e fluir dessa magia poderosa encontrada na bidimensionalidade de seu mundo pictográfico.

(Darli Reinalda Pinto de Oliveira – Correio de Uberlândia)

E para finalizar, extraímos um comentário do caderno Diversão e Arte do Correio Brasiliense de 2010, que denota esse

desafio que é compreender a obra de Babinski; a apresentação de Pedro Alvim sobre a Coleção Banco Central de dezembro de 2005 e o trecho de uma reportagem publicada, em 1998, no Caderno 2 do Jornal de Brasília, cujo título é “Sinais do Humano” e na qual existe uma fala de Babinski sobre a sua maneira de pensar e representar o mundo através das artes. Seu espírito nômade, desenraizado e a necessidade de se apegar ao essencial.

Se em sentido amplo a pintura de Babinski reflete a procura de uma identidade nacional, o pintor confessa que no plano pessoal sua obra está presa a um certo conservadorismo. “Sempre fui um homem desenraizado. Saí da Polônia com oito anos por causa da Segunda Guerra. Morei na Inglaterra e Canadá. No Brasil, vivi no Rio, São Paulo, Araguari, Uberlândia, Brasília e agora no Ceará. Quando criança, nunca pude conservar meus amigos. Isso me tirou o medo da mudança, mas me obrigou a escolher um modo de expressão e uma temática e guardá-los como um porto seguro, como aquilo que posso levar comigo para qualquer lugar. (...). O nomadismo no qual passei boa parte da minha vida, acabou por criar em mim um certo apego ao essencial. (...). O sertão cearense me ofereceu estabilidade para pintar pela primeira vez tem um estúdio onde posso trabalhar com pintura e gravura”.

(Jornal de Brasília, outubro de 1998)

“Entrar no mundo de Maciej Babinski exige certa dose de fantasia, mas sobretudo perspicácia e muita atenção. Uma imagem é capaz de narrar situações que vão além das cenas aparentemente representadas. É preciso também ter um pouco de estômago. Babinski não fala de coisas fáceis ou belezas comuns”.

(Correio Brasiliense, junho de 2010).

Babinski tem um “percurso atravessado por fantasmas de outros lugares: a Polônia de origem, a Inglaterra onde se deram os

primeiros contatos com a pintura, e o país mítico de sol e exotismo que serviu de pretexto a um nomadismo nunca completamente abandonado. Apesar de desvios, interferências e saltos bruscos, a trajetória manteve sempre uma espécie de linearidade básica. Assim também a linha do tempo a ela associada, cuja clareza se liga à intensidade particular de cada obra.

Depois de sua transferência do Canadá para o Brasil, em 1953, Babinski pintou as aquarelas abstratas que seriam anos depois adquiridas pelo marchand José Paulo Domingues (...). Essas aquarelas, formando uma série à primeira vista um pouco austera, ecoam o encontro com a arte informal dos automatistas canadenses. Nelas entrevemos um traço identificador importante da geração do artista. Segundo ele próprio: a descoberta e exploração das possibilidades de improvisação. Esse novo ponto de partida é alcançado, como se pode observar nas próprias obras, a partir de bases construtivas e primitivistas já trabalhadas pela pintura modernista. Na tensão inicial entre autonomia da arte (abstração, mergulho na 'pesquisa da linguagem') e um fundo de individualismo existencial ligado ao método espontâneo de improvisação, o último pólo tenderá a prevalecer.

No início do período brasileiro, a consciência dos cismas raciais e sociais manifesta-se por caminhos expressionistas e formais-construtivos. Ainda nas duas décadas seguintes Babinski irá processar elementos de outra herança modernista a da 'escola brasileira', em que fora iniciado pela amizade de diferentes artistas e pessoas cultas do Rio e de São Paulo. Sua arcádia tropical se incorpora à linhagem das utopias antropofágicas, referenciais dos anos 60 e 70, quando os artistas se debatiam entre tomadas de posição políticas, 'revolução dos costumes' e mergulho na 'psique' Construtivismo geométrico, (...), sentido atávico do grotesco e da caricatura e cultivo de uma caligrafia fluente, cujo meio de expressão privilegiado é o desenho e a gravura: o impulso de criação de pintor segue múltiplas vias.

Ocorre então o reencontro com outra instância que passa a exercer, ao lado do fluxo espontâneo da imaginação e das formas, uma função fundamental no trabalho de Babinski: o motivo de observação. Diferentes trabalhos feitos em Ilhabela (...) representam (...) essa redescoberta da representação do real, que significa também para o pintor, um reencontro com o período inglês de sua formação (sobre a égide do padre aquarelista Raphael Williams) e canadense (quando frequentou o ateliê de Goodrich Roberts) início de um processo de diálogo com o presente e a própria biografia, o exemplo dos modernos e as obras inigualável dos mestres da tradição, refazendo com humildade um percurso de aprendizagem, construção de uma via própria de expressão e disponibilização da experiência”.

(Pedro de Andrade Alvim, dezembro de 2005)

BLOCO DE IMAGENS - IV

Imagem 36



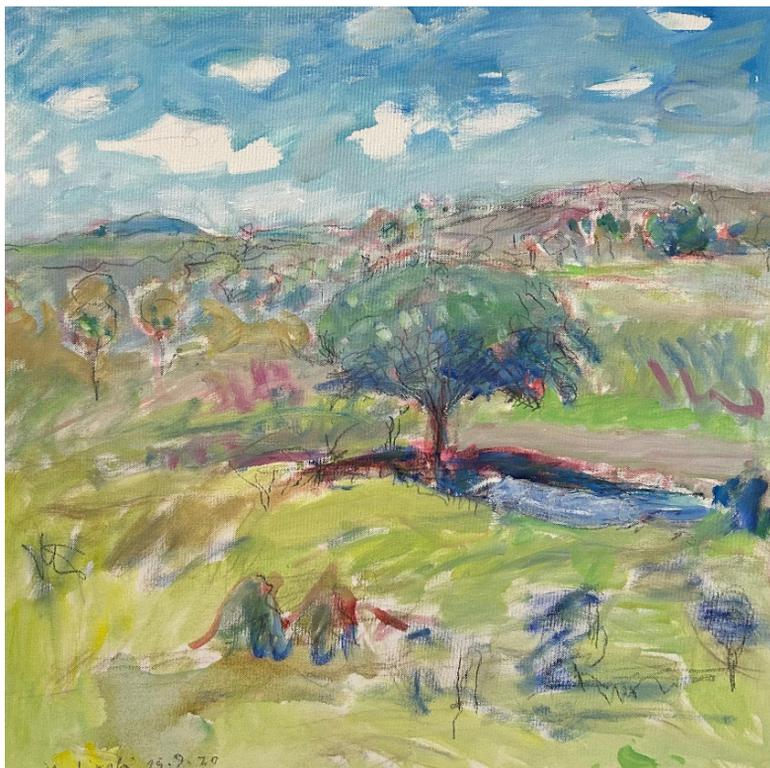
São Jorge, Ex-votos, óleo sobre tela, 2012

Imagem 37



Jurema Preta 2, óleo sobre tela, julho de 2011

Imagem 38



Presente para Lídia, sem título, óleo sobre tela, 25 de novembro de 2020

Imagem 39



Futebol Arte, exposto no Louvre, copa da França de 1998, devolvido 17 anos depois

Imagem 40



Pedra Sobre Pedra, óleo sobre tela, 21 de julho de 2010

Imagem 41



Alvorada, óleo sobre tela, 10 de outubro de 2010

Imagem 42



Paisagem Céu de Tempestade, óleo sobre tela, março de 2019

Imagem 43



Sem título, óleo sobre tela, maio de 2020

AGRADECIMENTOS

LÍDIA BABINSKI, MACIEJ ANTONI BABINSKI, PEDRO ARRUDA, Cidoval Morais, Gisel Carriconde Azevedo, Drauzio Varella, Daniel Babinski, Aniel Babinski, Dodora Guimarães, Eugênia Maia, Cíntia Falkenbach, Lira Neto, Menésia Leonardo, Pedro Francisco e Silva (Pedim Miguel) Júlio Epifânio, Maria das Dores, Renata Siebra, Idelci Costa, Bertha Alexandre, José Sávio Pinheiro, Michele Wadja, Marilda Menezes, Bruno Gaudêncio, Thélío Farias, Maria de Fátima Oliveira Clementino, Fabrínia Almeida, Milca Clementino, João Linaldo, Dalva Clementino, José Helder Máximo de Carvalho.....

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LIVROS

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 3ª ed. Rio de Janeiro: editora FGV, 2005.

AZEVEDO, Gisel Carricone. **Maciej Babinski: entrevistas**. Brasília: Círculo de Brasília Editora, 2006.

BELTRÃO, Luiz. **O ex-voto como veículo jornalístico**. In: Metamorfoses da Folkcomunicação. Antologia brasileira. José Marques de Melo e Guilherme Moreira Fernandes (Org.) São Paulo. Editora Cultural, 2013.

BOURDIEU, Pierre. **A ilusão Biográfica**. In: Usos & Abusos da história oral. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998.

CARVALHO, Gilmar de. **Pequenas Horas: Babinski no Ceará**. SECULT/Expressão Gráfica/LEO, Fortaleza, 2005.

CARVALHO, Vladimir. **Jornal de Cinema**. São Paulo, 2015.

CLEMENTINO, Jurani O. **Memórias Sertanejas: Tardes, calçadas, redes e alpendres**. São Paulo: Coerência, 2019.

CLEMENTINO, Jurani O. **Meus Quintais**. Campina Grande, PB: Papel da Palavra, 2023.

CLEMENTINO, Jurani O. **Poemas/Poesias/Cordéis**. Jurani O. Clementino e Francisco Aldo Clementino. Campina Grande: EDUEPB, 2024.

CLEMENTINO, Jurani O. **Zé Clementino: o “matuto” que devolveu o trono ao rei**. Campina Grande: EDUEPB, 2019.

MENEZES, Marilda. História Oral – **Uma metodologia para o estudo da memória**. In: Revista Vivência n^o. 28, 2005 p.23-36

MONTENEGRO, Antônio Torres. **História oral e memória: a cultura popular revisitada**. 6^a ed., 2^a reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2013.

NETO, Lira. **A arte da biografia: como escrever histórias de vida**. 1^a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

PINHEIRO, Sávio. **Estrela Dalva**. Fortaleza: Premium, 2013.

ARTIGOS, REPORTAGENS E ENTREVISTAS

“No tempo e no Espaço – Babinski: O pintor da realidade. Gazeta do Triângulo, agosto de 1977.

“Maciej Babinski’s landscapes: Development of na artist vision. Ottawa Journal, junho de 1978.

“Pintor Babinski volta para encantar a cidade. Correio de Uberlândia, novembro de 1995.

“Babinski e Uberlândia, sonho ou realidade?” Correio de Uberlândia, dezembro de 1995.

“Um artista com o pé na estrada. Saiba quem é Babinski, o artista andarilho que trocou os grandes centros pelo interior do Ceará”. Caderno Especial, O Povo, novembro de 1995.

“Visite Babinski. Exposição reúne em Fortaleza a obra mais recente do artista”. (texto de Milton Cabral Viana) Caderno Especial, O Povo, novembro de 1995.

“Para entender a obra de Babinski”. Caderno Especial, O Povo, novembro de 1995.

“Memórias de um caboclo polonês”. Entrevista com Lira Neto. Caderno Especial, O Povo, novembro de 1995.

“Babinski inaugura mostra na Abolição”, Caderno 3, Diário do Nordeste, outubro de 1995.

“Telas e cores que mostram o cotidiano”. Gazeta Mercantil, outubro de 1998.

“O Polonês nordestino”. Caderno Dois, Correio Brasiliense, outubro de 1998.

“Babinski: Pincel Minimalista”. Caderno Dois, Correio Brasiliense, outubro de 1998.

“Sinais do humano”. Caderno 2, Jornal de Brasília, outubro de 1998.

“Um polonês na Caatinga”. Revista No Mínimo março de

2006.

“Secult Itinerante chega a Várzea Alegre” Diário do Nordeste, janeiro de 2006.

“Maciej Babinski expõe 59 gravuras no Museu Nacional da República”. Correio Brasiliense, junho de 2010.

“Milton Cabral Viana (1945-2010): Um professor que virou doutor ainda muito jovem”. Folha de São Paulo, abril de 2010.

“O homem percorre o mundo, apura o olhar, se transmuta em arte e senta pouco no sertão cearense”. Revista Entrevista - UFC, junho de 2010.

“Ala por ala: desfile de 2012”. Blog Mocidade do Sanharol, março de 2012.

“Escolas fazem ajuste final para desfiles em Várzea Alegre”. Diário do Nordeste, fevereiro de 2012.

“Babinski, o pintor polonês que regou sementes de resistência no sertão do Ceará”. El País, setembro de 2019.

“Desenhos e pinturas do artista Babinski ganham exposição em São Paulo”. Diário do Nordeste, setembro de 2019.

“Uma visita ao mundo de Maciej Babinski” Diário de Uberlândia, fevereiro de 2019.

“Babinski: amor, pinceis e guerras”. Revista Memórias Kariri. 2019.

“Fundação Edson Queiroz e amigos de Babinski homenageiam o artista pelos 90 anos”. Diário do Nordeste, abril de 2021.

“Evento virtual homenageia 90 anos de Babinski nesta terça-feira, 20”. O Povo, abril de 2021.

“Artista plástico Maciej Babinski celebra 90 anos: ‘Um mergulho dentro de si infundável’”. Diário do Nordeste, abril de 2021.

“Live 90 anos Babinski -homenagem ao artista”. YouTube, abril de 2021.

“Gilmar de Carvalho: quem foi o professor homenageado pela UFC” O Povo, outubro de 2024.

EXPOSIÇÕES: INDIVIDUAIS E COLETIVAS

1950 – Montreal, Canadá – *L'Exposition des Rebelles*.

1950 – Montreal, Canadá – Spring Exhibition. *Montreal Museum of Fine Art*.

1951 – Montreal, Canadá – Spring Exhibition. *Montreal Museum of Fine Art*.

1951 – Montreal, Canadá – Spring Exhibition. *Montreal Museum of Fine Art*.

1952 – Montreal, Canadá – The Borduas Group. *Montreal Museum of Fine Art*

1953 – Montreal, Canadá – Babinski: aquarelas, desenhos e gravuras.

1956 – Rio de Janeiro, RJ - Babinski: aquarelas, desenho se gravuras. Galeria do Grêmio Estudantil da Escola Nacional de Belas Artes.

1956 – Rio de Janeiro, RJ – 5º Salão Nacional de Arte Moderna.

1957 – Rio de Janeiro, RJ. Salão do Jornal Para Todos. MEC.

- 1957 – Rio de Janeiro, RJ – 6º Salão Nacional de Arte Moderna.
- 1958 – Rio de Janeiro, RJ – 7º Salão Nacional de Arte Moderna. MAM, RJ.
- 1959 - Rio de Janeiro, RJ – 8º Salão Nacional de Arte Moderna. MAM, RJ.
- 1960 - Rio de Janeiro, RJ – 9º Salão Nacional de Arte Moderna. MAM, RJ.
- 1960 - Montreal, Canadá – Babinski: aquarelas, desenhos e gravuras. *Université Catholique de Montreal*.
- 1960 - Rio de Janeiro, RJ – 9º Salão Nacional de Arte Moderna. MAM, RJ.
- 1961 - Rio de Janeiro, RJ – 10º Salão Nacional de Arte Moderna. MAM, RJ.
- 1962 – São Paulo, SP - Babinski: desenhos. Galeria Selearte.
- 1962 – Curitiba, PR - Salão do Paraná. Biblioteca Pública do Paraná.
- 1962 – Rio de Janeiro, RJ – 11º Salão Nacional de Arte Moderna. MAM, RJ.
- 1963 – Londres, Inglaterra; Viena, Áustria; Bruxelas, Bélgica – *Brazilian Art Today*. *Royal college of Art e Angewandt Kunst*.
- 1963 – São Paulo, SP - 1ª Exposição do Jovem Desenho Nacional. Faap.

1963 - Rio de Janeiro, RJ – 12º Salão Nacional de Arte Moderna. MAM, RJ.

1964 – Rio de Janeiro, RJ – Babinski: aquarelas e gravuras. Petite Galeria.

1964 – Belo Horizonte, MG; Curitiba, PR - 1ª Exposição do Jovem Desenho Nacional. MAP.

1964 – Rio de Janeiro, RJ – O Nu na Arte Contemporânea. Galeria Ibeu Copacabana.

1964 – Rio de Janeiro, RJ – 2º o Rosto e a Obra. Galeria Ibeu Copacabana.

1964 - Rio de Janeiro, RJ – 13º Salão Nacional de Arte Moderna.

1965 – Brasília, DF. – Babinski: aquarelas, desenhos e gravuras. Aliança Francesa.

1965 – Santiago, Chile – 2ª Bienal Americana de Gravura.

1965 – Rio de Janeiro, RJ - 3º Resumo de Arte JB. MAM, RJ – Prêmio da Crítica.

1965 – Brasília, DF - 2º Salão de Arte Moderna do Distrito Federal.

1966 – Bonn, Alemanha – *Brazilian Art Today*. Beethovenhalle.

1966 – Rio de Janeiro – Auto-Retrato. Galeria Ibeu Copacabana.

1966 – São Paulo, SP; Rio de Janeiro, RJ – O Artista e a

Máquina, MASP e MAM.

1966 – Rio de Janeiro, RJ – 1º Salão de Abril, MAM/RJ. Prêmio desenho.

1966 – Belo Horizonte, MG – 21º Salão de Belas Artes da Cidade de Belo Horizonte, MAP. Prêmio aquisição.

1967 – São Paulo, SP - Babinski: aquarelas, desenhos e gravuras. Ginásio Vocacional do Brooklin Paulista.

1967 – São Paulo, SP – 9ª Bienal Internacional de São Paulo. Fundação Bienal.

1967 – Belo Horizonte, MG. Salão de Pequeno Quadro – Prêmio gravura.

1968 – Cracóvia, Polônia - 2ª Bienal Internacional de Gravura.

1968 – Quito, Equador – 1ª Bienal de Quito.

1968 – Genebra, Suíça – *Cabinet des Estampes*.

1968 – Nova York, EUA – *South American Engravers. South American center*.

1969 – São Paulo, SP. Babinski: aquarelas, desenhos e gravuras. Clube dos Amigos do MAM/SP

1970 – São Paulo, SP – A gravura Brasileira. Paço das Artes.

1971 – São Paulo, SP. Babinski. Galeria Portal.

1971 – São Paulo, SP – 3º Panorama de Arte Atual Brasileira. MAM, SP.

1972 – São Paulo, SP – Arte/Brasil/Hoje: 50 anos depois. Galeria Collectio.

1972 – Capri, Itália- 2ª Trienal Internacional de Xilogravura Contemporânea de Carpi.

1973 – São Paulo, SP. Babinski: pinturas, aquarelas e gravuras. Galeria Collectio.

1975 – São Paulo, SP. Babinski: aquarelas. Galeria Luisa Strina.

1975- Paris, França; Viena, Áustria; Lisboa, Portugal – Arte Gráfica Brasileira. Museu Galiera, Museu Albertina e Fundação Gulbenkian.

1976 – Massachusetts, EUA – Arte Gráfica Brasileira. *Bristol Community College*.

1976 – São Paulo, SP – 7º Salão Paulista de Art Contemporânea. Paço das Artes. Prêmio Governador do Estado.

1977 - São Paulo, SP. Individual. Galeria Luisa Strina.

1977 - Araguari, MG. Babinski: pinturas, aquarelas, desenhos e gravuras. Clube Recreativo de Araguari.

1978 – Ottawa, Canadá. Babinski: aquarelas, desenhos e gravuras. *Algonquin College Gallery*.

1979 – São Paulo, SP. Babinski: aquarelas. Galeria Luisa Strina.

1980 – Uberlândia, MG. Babinski: pinturas, aquarelas, desenhos e gravuras. Universidade Federal de Uberlândia.

1981 – Washington DC, EUA. Babinski: aquarelas e gravuras. *Brazilian American Cultural Institute*.

1981 – São Paulo, SP. Babinski: aquarelas. Galeria Luisa Strina.

1981 - Uberlândia, MG. Babinski: aquarelas. Universidade Federal de Uberlândia.

1982 – Cidade do México, México – 3ª Bienal Iberoamericana de Arte.

1983 – Uberaba, MG. Babinski: pinturas, desenhos e gravuras. Fundação Cultural de Uberaba.

1983 – Olinda, PE – 2ª Exposição da Coleção Abelardo Rodrigues de Artes Plásticas. MAC/PE.

1983 – Rio de Janeiro, RJ – 3 x 4 Grandes Formatos. Centro Empresarial Botafogo.

1983 – São Paulo, Sp - 14º Panorama de Arte Atual Brasileira, MAM/SP

1984 – Assunção, Paraguai. Babinski: gravuras. Casa do Brasil.

1984 – Araguari, MG. Babinski: pinturas. Casa de Cultura de Araguari

1984 – São Paulo, SP. Babinski: pinturas. Galeria Luisa Strina.

1984 – Ribeirão Preto, SP – Gravadores Brasileiros Anos 50/60. Galeria Campus, USP – Banespa.

1984 – São Paulo, SP – Tradição e Ruptura: síntese de artes e culturas brasileiras. Fundação Bienal.

1985 – São Paulo, SP – 18ª Bienal Internacional de São Paulo – Expressionismo – Heranças e Afinidades. Fundação Bienal.

1985 – São Paulo, SP – Destaques da Arte Contemporânea Brasileira. MAM/SP.

1986 – São Paulo, SP. Maciej Babinski: aquarelas. Galeria Luisa Strina.

1986 – Rio de Janeiro, RJ – 1º Mostra Christian Dior de Arte Contemporânea: pintura. Paço Imperial.

1986 – São Paulo, SP – 17º Panorama de Arte Atual Brasileira. MAM/SP

1988 – São Paulo, SP. Maciej Babinski. Galeria Luisa Strina.

1988 – São Paulo – 63/66 Figura e Objeto. Galeria Fernando Millan.

1988 – Brasília, DF – Professores da UnB. Embaixada da França.

1988 – São Paulo, SP – 1º Salão Nacional de Aquarela da Faculdade Santa Marcelina – FASM.

1989 – São Paulo – 20º Panorama de Arte Atual Brasileira.

MAM/SP.

1989 – Brasília, DF – Tradição e Contemporaneidade – Artistas de Brasília. II Flaac.

1990 – Brasília, DF – Arte Brasileira. MAB/DF.

1990 – Brasília, DF – Exposição Coletiva. Galeria do Conjunto Nacional da CEF.

1990 – Brasília, DF – Prêmio Brasília de Artes Plásticas. MAB/DF.

1991 – São Paulo, SP. Babinski: pinturas. Galeria Luisa Strina.

1991 – São Paulo, SP – A Mata. MAC/USP

1991 – São Paulo, SP – O Homem e a Natureza. MAC/USP

1992 – São Paulo, SP. Babinski: gravuras. Biblioteca Mário de Andrade.

1993 – Várzea Alegre, CE. Babinski: pinturas. Banco do Brasil.

1993 – São Paulo – Gravadores. Adriana Pentead Arte Contemporânea.

1993 – São Paulo, SP – O Desenho Moderno no Brasil: Coleção Gilberto Chateaubriand. Galeria de Arte do Sesi.

1993 – Rio de Janeiro, RJ – O Papel d Rio. Paço Imperial.

1993 – João Pessoa, PB – Xilogravura: do cordel à galeria.

Funesc.

1994 – Brasília, DF. Babinski: gravuras. Universidade de Brasília.

1994 – São Paulo, SP. Babinski: pinturas. Galeria Luisa Strina.

1994 – Uberlândia e Belo Horizonte, MG – A Outra Banda da Terra.

1994 – São Paulo, SP – Bienal Brasil Século XX. Fundação Bienal.

1994 – Rio de Janeiro, RJ – O Desenho Moderno no Brasil: Coleção Gilberto Chateaubriand. MAM/RJ.

1994 – São Paulo, SP – Poética da Resistência: aspectos da gravura brasileira. Galeria de Arte do Sesi.

1994 – São Paulo, SP – Xilogravura: do cordel à galeria. Metrô de São Paulo e Masp.

1995 – Fortaleza, CE. Maciej: obra gráfica e pinturas recentes. Centro Cultural do Palácio da Abolição.

1996 – Florianópolis, SC. Maciej Antoni Babinski: desenhos, gravuras e aquarelas. Museu Victor Meirelles.

1996 – Utrecht, Holanda. Babinski: desenhos, gravuras e aquarelas. Instituto Cervantes.

1996 – Osasco, SP – 3ª Mostra de Arte. Fundação Instituto de Ensino para Osasco.

- 1998 – São Paulo, SP. Obras em papel. Espaço Kim Esteve.
- 1998 – São Paulo, SP – Afinidades Eletivas. Casa das Rosas.
- 1998 – São Paulo, SP – Os Colecionadores Guita e José Mindlin: matrizes e gravuras. Galeria de Arte do Sesi.
- 1999 – Uberlândia, MG. Babinski: óleos e aquarelas recentes. Galeria Elisabeth Naser.
- 1999 – Rio de Janeiro, RJ – Mostra Rio Gravura: Gravura Moderna Brasileira, Acervo Museu Nacional de Belas Artes-MNBA e Coleção Monica e Geroge Kornis. Espaço cultural dos Correios
- 2000 – São Paulo, SP. Maciej Antoni Babinski. Galeria de Arte de São Paulo.
- 2000 – São Paulo, SP – Investigações: a Gravura Brasileira. Itaú Cultural.
- 2001 – Juazeiro do Norte, CE. Bienal de Artes do Cariri.
- 2001 – Penápolis, SP; Brasília, DF - Investigações: a Gravura Brasileira. Itaú Cultural.
- 2001 – São Paulo, SP – Arte Hoje. Arvani Arte
- 2001 – Uberlândia, MG – Gravuras Brasileira do Acervo do MUnA: anos 60, 70 e 80. MUnA.
- 2001 – Rio de Janeiro, RJ; São Paulo, SP – O Espírito de Nossa Época. MAM/RJ e MAM/SP.

2003 – São Paulo, SP. Pinturas recentes. Galeria André Millan.

2004 – Brasília, DF. Babinski: 50 anos de Brasil. Conjunto Cultural da Caixa

2004 – Fortaleza, CE. Babinski: pinturas e aquarelas. Hall da Biblioteca da Universidade de Fortaleza – Unifor.

2005 – Brasília, DF. Babinski na Coleção banco Central. Museu de Valores do Banco Central do Brasil.

2005 – Fortaleza, CE. Babinski / Burgos: Epifania. Museu da Universidade Federal do Ceará.

2005/2006 – Várzea Alegre, CE - Babinski: intolerância no estado do Ceará. Xilogravura. Biblioteca Pública de Várzea Alegre.

2006 – São Paulo, SP. Babinski: gravuras. Caixa Cultural São Paulo.

2009 – Salvador, BA. Exposição de gravuras. Galeria Arcos Caixa Cultural.

2010 – Brasília, DF. Maciej Babinski: o inferno estético. Museu Nacional da República.

2012 – Fortaleza, CE. O Ceará de Babinski: um fabulário incandescente. Pinturas, aquarelas e gravuras. Sobrado Dr. José Lourenço.

2012 - São Paulo, SP. O Ceará de Babinski: um fabulário incandescente. Pinturas, aquarelas e gravuras. Museu Afro Brasil.

2016 – Fortaleza, CE. O Sertão Alegre de Babinski: figuração e oralidade no Ceará. Pinturas e gravuras. Museu da Cultura Cearense, Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura.

2019 – Crato – CE, Maciej Babinski, URCA, Festival Sérvulo Esmeraldo 90.

2019 – São Paulo, SP. Retratos Eriçados. Pharmacia Cultural, Fundação Stickel.

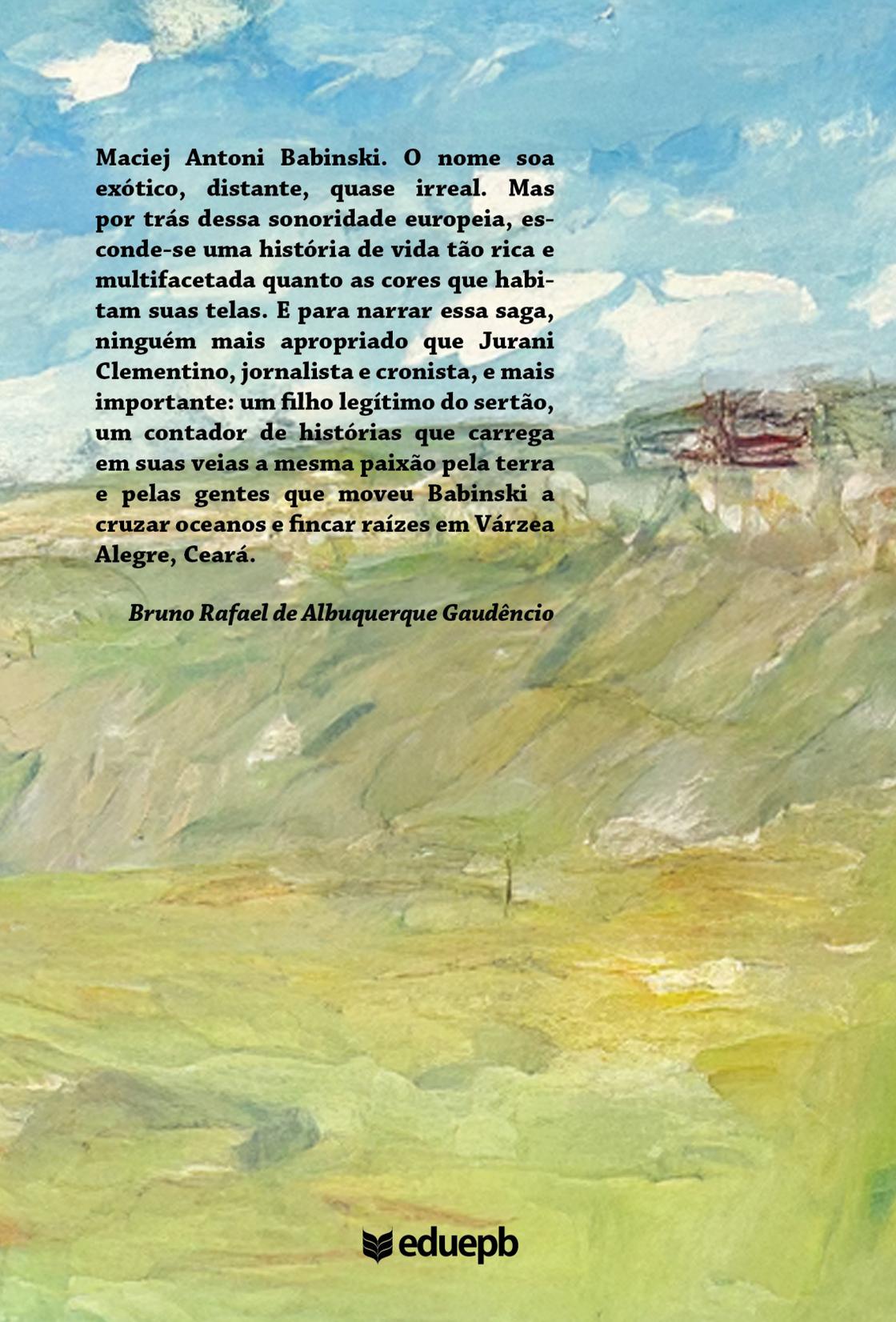
2023 – Sobral, CE. Cariri Contemporâneo: é o amor que faz tudo isso valer. Artista homenageado. Escola de Belas Artes Raimundo Cela.

Sobre o livro

Projeto gráfico, diagramação e capa Erick Ferreira Cabral

Mancha Gráfica 10,5 x 16,7 cm

Tipologias utilizadas Adobe Garamond Pro 11/13,2 pt

The background of the page is a textured, impressionistic painting. The top portion shows a bright blue sky with white, brushstreak-like clouds. Below the sky, the landscape consists of rolling hills and fields rendered in various shades of green, yellow, and brown, with visible, expressive brushwork. In the upper right quadrant, there is a small, dark, reddish-brown structure, possibly a building or a piece of machinery, partially obscured by the brushstrokes. The overall style is reminiscent of Impressionist or Post-Impressionist art, emphasizing light and color over fine detail.

Maciej Antoni Babinski. O nome soa exótico, distante, quase irreal. Mas por trás dessa sonoridade europeia, esconde-se uma história de vida tão rica e multifacetada quanto as cores que habitam suas telas. E para narrar essa saga, ninguém mais apropriado que Jurani Clementino, jornalista e cronista, e mais importante: um filho legítimo do sertão, um contador de histórias que carrega em suas veias a mesma paixão pela terra e pelas gentes que moveu Babinski a cruzar oceanos e fincar raízes em Várzea Alegre, Ceará.

Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio